

AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL

KEN FOLLETT



UMA TERRA CHAMADA
LIBERDADE

 EDITORIAL PRESENÇA



AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL

KEN
FOLLETT



EDITORIAL PRESENÇA

KEN FOLLETT

UMA TERRA CHAMADA
LIBERDADE

Tradução de
João Martins

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Place Called Freedom*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 1995 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *João Martins*

Imagem da capa: © *Mark Owen/Trevillion Images*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

3.^a edição em papel, Lisboa, março, 2016

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

À memória de John Smith

Fiz muita jardinagem quando fui morar para High Glen House, e foi assim que encontrei a argola de ferro.

A casa estava a cair aos bocados e o jardim crescia ao abandono. Tinha ali vivido durante vinte anos uma velhota maluca que nunca lhe tinha dado uma pincelada de tinta. A velhota morreu e eu comprei a casa ao filho, que é dono do *stand* da Toyota em Kirkburn, a cidade mais próxima, a cinquenta milhas.

Poderão perguntar o que leva alguém a comprar uma casa decrepita a cinquenta milhas de sítio nenhum. É que eu adoro este vale. Há veados assustadiços na floresta e um ninho de águia mesmo no alto da serra. No jardim, passava metade do tempo apoiado na pá a contemplar os flancos verde-azulados da montanha.

Mas também cavei um pouco. Decidi plantar uns arbustos à volta do anexo. O barracão não é bonito — paredes de ripas sem janelas — e eu queria tapá-lo com os arbustos. Ao abrir os caboucos, encontrei uma caixa.

Não era muito grande: teria mais ou menos o tamanho de uma daquelas caixas de doze garrafas de bom vinho. Também não era elegante: madeira simples, sem verniz, fixa por pregos ferrugentos. Abri-a partindo-a com a lâmina da pá.

Tinha lá dentro duas coisas.

Uma era um livro grande e antigo. Fiquei entusiasmado: talvez fosse a bíblia de alguma família, com uma história intrigante escrita na falsa folha de rosto: os nascimentos, casamentos e mortes de gente que tivesse morado na minha casa cem anos antes. Mas foi uma desilusão. Quando o abri, constatei que as páginas se tinham transformado numa papa indistinta. Não se lia uma palavra.

A outra coisa era um saco de oleado. Também este tinha apodrecido e, quando nele toquei com as luvas de jardinagem, desfez-se. Lá dentro encontrava-se um aro de ferro com umas seis

polegadas de diâmetro. Estava oxidado mas o saco evitara que a ferrugem o consumisse por completo.

Parecia ser de fabrico rústico, obra de algum ferreiro de aldeia, e, de início, pensei que fosse uma peça de alguma carroça ou charrua. Mas porque o teriam embrulhado cuidadosamente num saco para o preservar? Além disso, estava fendido e tinha sido dobrado. Comecei a pensar que fosse uma coleira que algum prisioneiro tivesse sido obrigado a usar. Tendo fugido o prisioneiro, tê-la-iam cortado com um alicate de ferreiro e em seguida dobrado para a retirar.

Levei a argola para casa e pus-me a limpá-la. Como era trabalho demorado, mergulhei-a em decapante e voltei a tentar na manhã seguinte. Ao esfregá-la com um pano, tornou-se visível uma inscrição.

A caligrafia era anelada e antiga, e levei algum tempo a decifrá-la, mas eis o que acabei por conseguir ler:

Pertence este homem a Sir George Jamisson de Fife, ano de 1767.

Tenho-a aqui sobre a minha secretária, ao lado do computador. Uso-a como pisa-papéis. Pego nela muitas vezes e revolvo-a nas mãos, relendo a inscrição. Se uma argola de ferro pudesse falar, penso então, que história ela contaria?

PARTE UM

ESCÓCIA

CAPÍTULO UM

A neve coroava os cumes de High Glen e acumulava-se nas encostas arborizadas em clareiras cor de pérola, como joias num busto cingido por um vestido de seda verde. No fundo do vale corria entre penedos gelados uma torrente veloz. O vento gélido que invadia a terra vindo do mar do Norte trazia rajadas de granizo e de saraiva.

A caminho da igreja, pela manhã, os gémeos McAsh, Malachi e Esther, seguiam um carreiro que serpenteava ao longo da vertente leste do *glen* — o estreito vale. Malachi, conhecido como Mack, vestia um capote de xadrez de lã e calções de *tweed*, mas tinha as pernas nuas do joelho para baixo e os pés, sem meias, gelados dentro das chancas de madeira. Porém, era novo e tinha o sangue quente, e mal dava pelo frio.

Aquele não era o caminho mais curto para a igreja, mas High Glen fascinava-o sempre. Os altos declives da serra, os bosques sossegados e misteriosos e o gargarhar da água compunham uma paisagem que a sua alma bem conhecia. Já vira um casal de águias criar ali três ninhadas. Como as águias, já roubara salmão ao *laird* — o senhor das terras — do ribeiro onde o salmão abundava. E, como o veado, já se escondera entre as árvores, imóvel e mudo, à chegada dos couteiros.

O senhor das terras, na verdade, era uma senhora: Lady Hallim, viúva com uma filha. As terras do outro lado da serra pertenciam a Sir George Jamisson e eram um mundo diferente. Engenheiros tinham escavado enormes buracos nas encostas; montes de escória acumulada pela mão do homem desfiguravam o vale; enormes carroças carregadas de carvão sulcavam a estrada lamacenta; e o ribeiro estava negro de poalha. Era aí que os gémeos viviam, numa aldeia chamada Heugh, longa fila de casas baixas de pedra estendidas pela encosta acima como degraus de uma escada.

Os irmãos eram as versões masculina e feminina da mesma imagem. Ambos tinham cabelo louro enfarruscado pelo pó de carvão e belos olhos verde-claros. Eram ambos baixos e entroncados, com fortes músculos nos braços e nas pernas. E eram ambos opiniosos e amigos de discutir.

Discutir era uma tradição familiar. O pai fora um rematado inconformista, sempre pronto a desafiar o governo, a igreja, ou qualquer outra autoridade. A mãe trabalhara para Lady Hallim antes de casar e, como tantos criados, identificava-se com as pessoas de condição. Certo inverno, particularmente rigoroso, tendo a mina encerrado durante um mês na sequência de uma explosão, o pai morrera com a tísica dos mineiros, doença pulmonar que tantos operários matava; e a mãe fora atacada de pneumonia e seguira-o no caminho da cova semanas depois. Mas as conversas continuaram, normalmente ao sábado à noite no lugar de Mrs. Wheighel, a coisa mais parecida com uma taberna que havia na aldeia de Heugh.

Os trabalhadores do senhorio e os rendeiros pensavam como a mãe dos gémeos. Diziam que o rei era escolhido por Deus e que era por isso que as pessoas lhe deviam obediência. Quanto aos mineiros, tinham ouvido ideias novas. John Locke e outros filósofos defendiam que a autoridade de um governo apenas podia provir do consentimento do povo. Esta teoria cativava Mack.

Em Heugh, poucos mineiros sabiam ler, mas a mãe de Mack sabia, e ele atenazara-a para que o ensinasse. A mãe então ensinara os dois filhos, surda às zombarias do marido, que dizia que ela estava a querer ser mais do que era. No lugar de Mrs. Wheighel, pediam a Mack que lesse em voz alta peças do *Times*, do *Edinburgh Advertiser* e de jornais políticos como o radical *North Briton*. Os periódicos chegavam sempre com semanas de atraso, ou mesmo meses, mas os homens e as mulheres da aldeia ouviam com avidez longos discursos textualmente reproduzidos, diatribes satíricas e notícias de greves, protestos e tumultos.

Fora após uma discussão de sábado à noite no lugar de Mrs. Wheighel que Mack escrevera a carta.

Nenhum dos mineiros escrevera jamais uma carta, e houve consultas infundáveis acerca da escolha de cada palavra. Era dirigida a Caspar Gordonson, advogado londrino que escrevia artigos nos jornais a ridicularizar o governo. Fora confiada a Davey Patch, o bufarinheiro zarolho, para que a fizesse chegar ao seu destino; e Mack não sabia se alguma vez lá chegaria.

A resposta viera na véspera e era a coisa mais extraordinária que algum dia acontecera a Mack. Ia mudar a sua vida de alto a baixo, pensava. Talvez fizesse dele um homem livre.

Tanto quanto a sua memória alcançava, sempre aspirara a ser livre. Em criança, tinha inveja de Davey Patch, que andava de aldeia em aldeia a vender facas e cordéis e canções. O que a vida do bufarinheiro tinha de tão maravilhoso, aos olhos infantis de Mack, era poder levantar-se ao nascer do sol e adormecer quando estivesse cansado. Mack tinha sete anos quando a mãe começara a acordá-lo, abanando-o na enxerga, minutos antes das duas da manhã, para trabalhar na mina quinze horas seguidas, largar às cinco da tarde, arrastar-se depois até casa, e adormecer as mais das vezes diante das papas da ceia.

Agora já não queria ser vendedor ambulante, mas continuava a ansiar por uma vida diferente. Sonhava construir uma casa para si, num vale como High Glen, num pedaço de terra a que pudesse chamar seu; trabalhar da madrugada até ao sol-posto mas repousar a noite inteira; ser livre para ir pescar num dia de sol, num lugar onde o salmão pertencesse não ao *laird* mas a quem o apanhasse. E a carta que tinha na mão significava que os seus sonhos podiam realizar-se.

— Continua-me a parecer que se calhar não a devias ler em voz alta na igreja — disse Esther enquanto palmilhavam a encosta gelada da serra.

Mack também tinha esse receio, mas ripostou:

— Ora, porquê?

— Vai dar sarilhos. O Ratchett fica furioso. — Harry Ratchett era o capataz, o homem que tomava conta da mina na ausência do dono. — Até é capaz de ir contar a Sir George e aí o que é que eles te vão fazer?

Mack sabia que a irmã tinha razão, e o temor roía-lhe o peito. Mas isso não o impedia de discutir com ela.

— Se guardar a carta só para mim, não vale de nada — disse.

— Bom, podias mostrá-la só ao Ratchett. Talvez te deixasse ir embora em paz, sem confusões.

Mack olhou-a pelo canto do olho. Bem via que não estava virada para teimar. Parecia mais aflita do que quezilenta. Sentiu um acesso de ternura por ela. O que quer que acontecesse, a irmã estaria do seu lado.

Ainda assim, Mack abanou a cabeça obstinadamente.

— A carta não me diz respeito só a mim. Há pelo menos cinco rapazes que haviam de querer sair de cá se soubessem que podiam. E as gerações do futuro?

Esther lançou-lhe um olhar arguto.

— És capaz de ter razão... mas não é esse o verdadeiro motivo. Queres é erguer-te na igreja e mostrar que o dono da mina está errado.

— Nada disso! — protestou Mack. Depois pensou um instante e sorriu. — Bom, é capaz de haver aí uma ponta de verdade. Já ouvimos tantos sermões para a gente respeitar a lei e os que estão acima de nós... E agora descobrimos que andam a mentir à gente, desde sempre, acerca da lei que mais nos interessa. Pois claro que quero erguer-me e dizer isto bem alto.

— Não lhes dês razões para te castigarem — disse Esther preocupada.

Mack tentou sossegá-la.

— Vou ser educado e humilde como ninguém — disse. — Nem me vais reconhecer.

— Humilde? — repetiu a irmã sem acreditar. — Gostava de ver isso.

— Só vou dizer como é a lei. O que é que isso pode ter de mal?

— Não é nada prudente.

— Pois não — admitiu Mack. — Mas é o que eu vou fazer.

Passaram o alto de um monte e começaram a descer do outro lado, de volta a Coalpit Glen. À medida que desciam, ia o ar ficando um pouco menos frio. Momentos depois, avistavam a igrejinha de pedra, ao lado de uma ponte sobre o rio sujo.

Junto do adro da igreja aglomeravam-se alguns casinhotos de rendeiros. Eram casebres redondos com o lume aceso no centro do chão de terra e um buraco no telhado para deixar sair o fumo, sendo esta divisão, a única da casa, partilhada o inverno inteiro entre as pessoas e o gado. As casas dos mineiros, mais acima na encosta, perto da mina, eram melhores: embora também tivessem chão de terra e telhado de erva, todas tinham lareira e chaminé a sério, e vidro na pequena janela ao lado da porta; além de que os mineiros não tinham de partilhar o espaço com as vacas. Não obstante, os rendeiros consideravam-se livres e independentes, e olhavam de cima os mineiros.

Não foram, porém, os casebres dos camponeses que chamaram a atenção de Mack e de Esther e que os fizeram estacar de repente. Parada junto do alpendre da igreja estava uma carruagem fechada, atrelada a uma parelha de belos cavalos cinzentos. Da carruagem, com a ajuda do pastor, saíam várias damas de saia armada e agasalho de peles, agarradas aos elegantes chapéus de renda.

Esther tocou no braço de Mack e fez sinal na direção da ponte. Montado num enorme cavalo de caça castanho, de cabeça baixa contra o vento frio, cruzava a ponte o dono da mina, o *laird* do *glen*, Sir George Jamisson.

Havia cinco anos que Jamisson ali não ia. Morava em Londres, que ficava a uma semana de viagem de barco e a duas de carruagem. Dizia-se que já fora um merceeiro pobre de Edimburgo, que vendia velas e genebra numa loja de gaveto sem mais honestidade do que a estritamente necessária. Então, morrera-lhe

novo e sem filhos um parente, e George herdara o castelo e as minas. Sobre tais alicerces erguera um império comercial que se estendia a recantos do mundo tão inimaginavelmente remotos como a ilha de Barbados ou a Virgínia. E agora gozava de uma respeitabilidade empertigada: era um baronete, um magistrado, e corregedor do bairro de Wapping, responsável pela manutenção da lei e da ordem na zona ribeirinha de Londres.

Vinha obviamente visitar a sua propriedade escocesa, acompanhado de familiares e amigos.

— Pronto, aí está — disse Esther com alívio.

— Aí está o quê? — perguntou Mack, se bem que adivinhasse.

— Agora já não podes ler a carta.

— Porquê?

— Malachi McAsh, não sejas parvo! — exclamou a irmã. — Não vais ler a carta à frente do *laird*!

— Pelo contrário! — teimou Mack. — Assim ainda é melhor.

CAPÍTULO DOIS

Lizzie Hallim recusou-se a ir de carruagem à missa. Era uma ideia absurda. A estrada entre Castle Jamisson e a igreja era um trilho esburacado e rasgado pelas rodas das carroças, com a crista dos sulcos lamacentos congelada, rija como pedra. A carruagem seria sacudida por solavancos tremendos, teria de avançar a passo, e os passageiros iriam chegar cheios de frio, amassados, e provavelmente tarde. Lizzie insistiu em ir a cavalo.

Aquele comportamento tão pouco próprio de uma dama era o desespero da mãe.

— Como arranjarás marido se te comportas sempre como um homem? — perguntou Lady Hallim.

— Arranjo marido assim que me apetecer — respondeu Lizzie. Era verdade: os homens estavam sempre a enamorar-se dela. — O problema é descobrir um que eu consiga aturar mais de meia hora.

— O problema é descobrir um que não se amedronte facilmente — resmoneou a mãe.

Lizzie riu-se. Tinham ambas razão. Os homens enamoravam-se dela à primeira vista, depois percebiam como ela era e recuavam a toda a pressa. Havia anos que os seus reparos vinham escandalizando a sociedade de Edimburgo. No seu primeiro baile, conversando com um trio de viúvas idosas, comentara que o juiz tinha o traseiro gordo, e a sua reputação não mais se redimira. No ano anterior, a mãe levara-a a Londres pela primavera para a apresentar na sociedade inglesa. Fora um desastre. Lizzie falara muito alto, rira demais e zombara abertamente dos modos refinados e da indumentária justa dos jovens ajanotados que tentavam cortejá-la.

— É por te teres criado sem um homem em casa — acrescentou a mãe. — Tornaste-te muito independente. — Dito isto, subiu para a carruagem.

Lizzie transpôs o portal de pedra de Castle Jamisson e dirigiu-se às cavalariças, a nascente do castelo. Morrera-lhe o pai quando tinha três anos, pelo que mal se lembrava dele. Quando perguntava de que morrera, a mãe respondia vagamente: do fígado. Deixara-as na penúria. Durante anos, a mãe fora subsistindo, hipotecando porções crescentes das terras da família, à espera de que Lizzie se fizesse moça para casar com um homem rico que resolvesse todos os seus problemas. Agora Lizzie tinha vinte anos e estava na altura de cumprir o seu destino.

Era sem dúvida por isso que a família Jamisson estava de visita à sua propriedade escocesa ao fim de tantos anos, e que os seus principais convidados eram as vizinhas, Lizzie e a mãe, que viviam a escassas dez milhas. O pretexto para a festa era o vigésimo primeiro aniversário do filho mais novo, Jay; mas a verdadeira razão era quererem que Lizzie casasse com o filho mais velho, Robert.

A mãe estava de acordo porquanto Robert era o herdeiro de uma grande fortuna. Sir George estava de acordo porque queria agregar a propriedade das Hallim às terras da família. Robert parecia estar de acordo, a julgar pela atenção que vinha dedicando a Lizzie desde que chegara — embora fosse sempre difícil saber o que ia no coração de Robert.

Lizzie viu-o de pé no pátio das cavalariças, à espera de que lhe selassem os cavalos. Tinha parecenças com o retrato da mãe dele que se achava no vestíbulo do castelo — uma senhora grave e séria de finos cabelos e olhos claros, com uma expressão determinada na boca. Robert não tinha nada de errado: não era especialmente feio, nem magro nem gordo, tão-pouco cheirava mal ou bebia demais ou vestia roupa efeminada. Era um excelente partido, dizia Lizzie para consigo, e, se a pedisse em casamento, ela provavelmente aceitaria. Não estava enamorada dele, mas sabia qual era o seu dever.

Resolveu gracejar um pouco com ele.

— É uma grande falta de consideração da sua parte morar em Londres — disse.

— Falta de consideração? — Robert franziu o sobrolho. — Porquê?

— Deixa-nos sem vizinhos. — Ele continuava com uma expressão desconcertada. Dir-se-ia que não tinha grande sentido de humor. Lizzie explicou-se: — Consigo em Londres, não há vivalma daqui até Edimburgo.

Uma voz por trás dela disse então:

— A não ser uma centena de famílias de mineiros e várias aldeias de camponeses.

— Sabe a que me refiro — disse Lizzie, voltando-se. O homem que falara era-lhe desconhecido. Com a sua franqueza habitual, perguntou: — Já agora, quem é o senhor?

— Jay Jamisson — respondeu o jovem fazendo uma vénia. — O irmão mais esperto de Robert. Como pôde esquecer-me?

— Oh! — Lizzie sabia que ele chegara à noite, já tarde, na véspera, mas não o reconhecera. Cinco anos antes, Jay era umas polegadas mais baixo, tinha borbulhas na testa e meia dúzia de pelinhos louros no queixo. Estava agora mais bonito. Mas na altura não era muito esperto e ela duvidava de que tivesse melhorado. — Eu lembro-me de si — disse. — Estou a reconhecer a vaidade.

Jay sorriu.

— Quem me dera ter o seu exemplo de humildade e modéstia para seguir, Miss Hallim.

Disse então Robert:

— Olá, Jay. Bem-vindo a Castle Jamisson.

Jay ficou de repente mal-humorado.

— Não te dês ares de proprietário, Robert. Podes ser o mais velho mas ainda não herdaste a casa.

Lizzie interveio, dizendo:

— Parabéns pelos seus vinte e um anos.

— Obrigado.

— É hoje?

— É.

Robert perguntou impaciente:

— Vens a cavalo connosco?

Lizzie viu ódio nos olhos de Jay, mas a voz dele manteve-se neutra.

— Vou. Disse para me selarem um cavalo.

— É melhor partirmos já. — Robert voltou-se para a cavaliça e elevou a voz. — Aviai-vos aí dentro!

— Tudo pronto, *sir* — respondeu da estrebaria um palafrenero e, passado um instante, três cavalos eram trazidos para a rua: um robusto pônei preto, uma égua baia clara e um cavalo castrado cinzento.

Jay disse:

— Calculo que estes animais tenham sido alugados em alguma cocheira de Edimburgo. — Era crítico o tom, mas logo ele se dirigiu ao cavalo cinzento e lhe afagou o pescoço, deixando-o afocinhar contra a sua jaqueta azul de montar. Lizzie percebeu que ele tinha à-vontade com cavalos e que gostava deles.

Lizzie montou o pônei preto, à amazona, e saiu do pátio a trote. Seguiram-na os dois irmãos, Jay no cavalo cinzento, Robert na égua. O vento atirava saraiva para os olhos de Lizzie. A neve tornava a estrada traiçoeira, porque escondia buracos com um pé de fundura ou mais, que faziam tropeçar os cavalos. Lizzie disse:

— Vamos pelos bosques. É mais abrigado. E não tem o chão tão irregular. — Sem esperar que concordassem, enfiou a sua montada através da velha floresta.

Sob os altos pinheiros, o chão da floresta não tinha arbustos. Arroios e pequenos charcos estavam gelados e o chão coberto de pó de neve. Lizzie pôs o cavalo a meio-galope. Instantes depois, ultrapassava-a o cavalo cinzento. Ergueu os olhos e viu um sorriso de desafio no rosto de Jay: queria uma corrida. Lizzie soltou um grito de incitamento e esporeou o cavalo, que se lançou para diante com ardor.

Precipitaram-se por entre as árvores, evitando ramos baixos, saltando sobre troncos caídos, e esparrinhando sem cautela pelos regatos. O cavalo de Jay era maior e a galope seria mais veloz,

mas as pernas curtas do pônei e a sua estatura ligeira adaptavam-se melhor àquele terreno e, pouco a pouco, Lizzie foi ganhando vantagem. Quando já não ouvia o cavalo de Jay, abrandou e acabou por parar numa clareira.

Jay chegou daí a pouco mas de Robert nem sinal. Lizzie supôs que ele fosse demasiado prudente para arriscar o pescoço numa corrida despropositada. Puseram-se ambos de novo a caminho, lado a lado, a recuperar o fôlego. Dos cavalos emanava calor, que aquecia os cavaleiros.

— Gostava de fazer uma corrida em campo aberto — disse Jay ofegante.

— A montar à homem ganhava eu — retorquiu Lizzie.

Jay pareceu um tanto chocado. Todas as damas bem-nascidas montavam à amazona. Uma mulher montar à homem era considerado indecente. Lizzie achava que era uma ideia tola e, quando estava sozinha, era à homem que montava.

Observou Jay pelo canto do olho. A mãe dele, Alicia, segunda mulher de Sir George, era uma beldade loura, e Jay herdara os seus olhos azuis e o seu sorriso cativante.

— O que faz em Londres? — perguntou-lhe Lizzie.

— Pertenço ao Terceiro Regimento da Real Infantaria. — Atravessou-lhe a voz uma nota de orgulho e acrescentou: — Acabo de ser promovido a capitão.

— Muito bem, capitão Jamisson, e o que é que vós, valentes soldados, tendes para fazer? — perguntou Lizzie trocista. — Há guerra em Londres? Inimigos para matar?

— Muito trabalho nos dá manter a turba controlada.

Lizzie lembrou-se de súbito de quando Jay era um menino ruim e brigão, e perguntou-se se ele gostaria do seu trabalho.

— E como fazeis para controlar a turba? — perguntou.

— Por exemplo, escoltando os criminosos até à forca, para garantir que os amigos os não soltam antes de o carrasco cumprir a sua missão.

— Então passais o tempo a matar ingleses, como um verdadeiro herói escocês.

Jay parecia não se importar com as provocações de Lizzie.

— Um dia gostava de apresentar a minha demissão e partir do país — disse.

— Oh? Porquê?

— Porque aqui ninguém quer saber de um filho mais novo. Até os criados param a pensar se devem obedecer quando lhes damos uma ordem.

— E crê que em outra parte será diferente?

— Nas colónias tudo é diferente. Li livros sobre o assunto. As gentes são mais livres e mais despreocupadas. Tomam uma pessoa por aquilo que ela é.

— E o que faria?

— A minha família possui uma plantação de açúcar na ilha de Barbados. Tenho esperança de que o meu pai me ofereça pelos meus vinte e um anos: a minha legítima, por assim dizer.

Lizzie sentiu uma inveja profunda.

— Que boa sorte a sua — disse. — Não há nada que eu mais queira do que partir para novas terras. Que emoção seria!

— Por lá é uma vida dura — contestou Jay. — Era capaz de sentir a falta dos confortos daqui: os armazéns, as óperas, as modas francesas, e por aí afora.

— Nada disso me interessa — respondeu Lizzie com despeito. — Destesto estas farpelas. — Envergava saia armada e corpete de cintura justa. — Gostaria de me vestir como um homem, de calções e camisa e botas de montar.

Jay riu-se.

— É capaz de ser um pouco de mais, mesmo para Barbados.

Lizzie pensou então: se Robert me levasse para Barbados, casava com ele num ápice.

— E temos escravos para fazer todo o trabalho — acrescentou Jay.

Saíram da floresta uns passos a montante da ponte. Na outra margem, os mineiros faziam fila para entrar na igreja.

Lizzie continuava a pensar em Barbados.

— Deve ser muito estranho ter escravos e poder fazer-lhes tudo o que se quiser, como se fossem animais — disse. — Não se sente mal com isso?

— Nem um pouco — respondeu Jay com um sorriso.

CAPÍTULO TRÊS

A igreja estava cheia. A família Jamisson e os seus convidados ocupavam boa parte da nave, as mulheres com as suas saias amplas e os homens com as suas espadas e os seus tricórnios. Os mineiros e os camponeses que compunham a habitual congregação de domingo deixavam um espaço em redor dos senhores, como temendo tocar nas ricas indumentárias e manchá-las de pó de carvão ou bosta de vaca.

Mack cantara de galo ao falar com Esther, mas roía-o a apreensão. Os senhores do carvão tinham o direito de açoitar os mineiros e, pior ainda, Sir George era um magistrado, o que significava que podia mandar enforcar alguém e não haveria quem o contradissesse. Era, com efeito, uma imprudência sujeitar-se à ira de homem tão poderoso.

Mas o devido era devido. Mack e os outros mineiros estavam a ser tratados injustamente, ilegalmente, e sempre que pensava nisso sentia-se tão zangado que lhe dava ganas de o gritar aos quatro ventos. Não podia espalhar a notícia sub-repticiamente, como se pudesse não ser bem verdade. Tinha de ser corajoso — ou então desistir.

Por um momento pensou em desistir. Para quê armar sarilhos? Entretanto começou um cântico e os mineiros cantaram em coro, enchendo a igreja com as suas vozes vibrantes. Atrás de si, Mack ouviu a voz majestática de tenor de Jimmy Lee, o melhor cantor da aldeia. O cântico fê-lo pensar em High Glen e no seu sonho de liberdade, fez então das tripas coração e resolveu-se a levar o seu plano por diante.

O pastor, o reverendo John York, era um homem de modos brandos, com quarenta anos e o cabelo a fazer-se ralo. Hesitava ao falar, perturbado pela magnificência dos visitantes. O seu sermão era sobre a Verdade. Como reagiria quando Mack lesse a carta em voz alta? O instinto dir-lhe-ia que tomasse o partido do dono da

mina. Provavelmente ia jantar ao castelo depois da missa. Mas era um religioso: seria obrigado a erguer-se em defesa da justiça, dissesse Sir George o que dissesse, não era isto verdade?

As paredes de pedra lisa da igreja eram despidas. Não havia lareira, naturalmente, e o bafo da respiração de Mack distinguia-se no ar frio. Observou a gente do castelo. Reconheceu a maior parte da família Jamisson. Quando Mack era criança, passavam ali muito tempo. Sir George era inconfundível, com o rosto vermelho e uma grande barriga. Ao seu lado estava a mulher, num vestido cor-de-rosa com pregas que teria assentado bem numa mulher mais nova. Estava também Robert, o filho mais velho, de olhos duros e desprovido de humor, que aos vinte seis anos já começava a criar a barriguinha redonda do pai. Ao lado de Robert via-se um jovem louro e bem-parecido mais ou menos da idade de Mack: só podia ser Jay, o filho mais novo. No verão em que Mack tinha seis anos, brincara com Jay todos os dias nos bosques em redor de Castle Jamisson, e ambos supunham então que seriam amigos para a vida inteira. No inverno seguinte, porém, Mack começara a trabalhar na mina e nunca mais houvera tempo para brincar.

Também reconheceu alguns dos convidados dos Jamisson. Lady Hallim e a filha, Lizzie, eram caras conhecidas. Havia muito que Lizzie Hallim era fonte de sensação e de escândalo no *glen*. Dizia-se que costumava deambular vestida de homem com uma arma ao ombro. Que dera as próprias botas a um menino descalço e a seguir repreendera a mãe da criança por não esfregar a soleira da porta. Havia anos que Mack não a via. A propriedade das Hallim tinha a sua própria igreja, pelo que elas não apareciam por ali todos os domingos, mas apenas quando os Jamisson vinham de Londres, e Mack recordava-se da última vez que isso acontecera, teria Lizzie cerca de quinze anos: vira-a vestida como uma senhora elegante mas a atirar pedras aos esquilos como um rapaz.

A mãe de Mack servira noutros tempos como criada em High Glen House, a mansão Hallim, e, depois de casar, voltara lá num ou noutro domingo, para ver as velhas amigas e mostrar os filhos.

Nessas visitas, Mack e Esther brincavam com Lizzie — provavelmente sem conhecimento de Lady Hallim. Lizzie era então uma serigaitazinha: mandona, egoísta e mimada. Mack beijara-a uma vez, e ela puxara-lhe os cabelos e fizera-o chorar. Dava a sensação de não ter mudado muito. Tinha um rosto pequeno e endiabrado, cabelo castanho aos caracóis e olhos escuros com uma expressão de malícia. A boca era como um arco rosado. Ao olhá-la, Mack pensou: «Gostava de a beijar agora.» No preciso instante em que lhe ocorreu tal desejo, Lizzie captou-lhe o olhar. Mack desviou os olhos, envergonhado, como se ela tivesse podido ler-lhe o pensamento.

O sermão chegou ao fim. Naquele dia, além da habitual missa presbiteriana, ia haver um batizado: Jen, uma prima de Mack, dera à luz o quarto filho. O mais velho, Wullie, já trabalhava na mina. Mack pensara que o momento mais oportuno para fazer o seu anúncio seria durante o batizado. À medida que a hora se aproximava, começou a assaltar-lhe o estômago uma sensação de aperto. Disse então a si mesmo para não ser tolo: todos os dias arriscava a vida na mina — porque haveria de ficar nervoso ao enfrentar um negociante gordo?

Jen estava de pé à frente, com um ar fatigado. Tinha apenas trinta anos mas parira quatro filhos e havia vinte e três anos que trabalhava na mina — e estava desgastada. Mr. York aspergiu com água a cabeça do bebé. Depois, Saul, o marido, repetiu a fórmula que submetia à escravatura qualquer filho de um mineiro escocês.

— Sujeito esta criança ao trabalho nas minas de Sir George Jamisson, em moço e em homem, enquanto for capaz, ou até que o leve a morte.

Era aquele o instante que Mack escolhera.

Pôs-se de pé.

Naquele momento da cerimónia, o capataz, Harry Ratchett, avançava normalmente até ao altar e entregava a Saul o «penhor», o pagamento tradicional pela sujeição da criança, uma bolsa com

dez libras. Contudo, para surpresa de Mack, Sir George levantou-se para cumprir o ritual em pessoa.

Ao levantar-se, viu Mack olhar para ele.

Os dois ficaram a fitar-se um instante.

Sir George começou então a dirigir-se para o altar.

Nesse momento, Mack saltou para o corredor central da pequena igreja e disse em voz alta:

— A entrega do penhor não significa nada.

Sir George estacou e todas as cabeças se voltaram para Mack. Fez-se um momento de silêncio atônito. Mack ouvia o bater do seu próprio coração.

— Esta cerimónia não é válida — declarou. — O rapaz não pode ser prometido à mina. Uma criança não pode ser escravizada.

Sir George respondeu:

— Senta-te e cala a boca, fedelho estúpido.

Aquela desvalorização paternalista enfureceu Mack de tal maneira que todas as suas dúvidas se desvaneceram.

— Sente-se Vossa Senhoria! — ripostou sem pensar, e os presentes sobressaltaram-se com a insolência. Mack apontou um dedo a Mr. York. — O senhor, reverendo, falou de verdade, na sua homilia. Não a vai defender agora?

O pastor olhou para ele com um ar preocupado.

— Qual é o problema, McAsh?

— A escravidão!

— Ora, tu conheces a lei escocesa — disse York num tom conciliatório. — Os homens do carvão pertencem ao dono da mina. Quando um mineiro trabalha um ano e um dia, perde a liberdade.

— Sim — disse Mack. — É uma vilania, mas é a lei. O que eu digo é que a lei *não* sujeita as crianças à mina, e tenho provas.

Saul interveio, protestando:

— A gente precisa do dinheiro, Mack!

— Então aceita-o — disse Mack. — O teu filho vai trabalhar para Sir George até fazer vinte e um anos, e isso por dez libras. Mas —

e Mack ergueu a voz —, quando ele chegar a essa idade, *vai ser um homem livre!*

— Aconselho-te a parar por aqui — ameaçou Sir George. — Isso é conversa perigosa.

— Mas é a verdade — teimou Mack.

Sir George fez-se escarlate: não estava acostumado a que o enfrentassem com tal persistência.

— Já trato de ti quando acabar a cerimónia — disse furioso. Entregou a bolsa a Saul e virou-se para o pastor. — Faça o favor de continuar, Mr. York.

Mack estava desconcertado. Não iam simplesmente prosseguir como se nada tivesse acontecido, pois não?

Mas o pastor prosseguiu:

— Cantemos o último hino.

Sir George voltou para o seu lugar. Mack continuava de pé, incapaz de acreditar que tivesse terminado.

Continuava o pastor:

— Salmo segundo: «Porquê a fúria dos gentios, os sonhos vão da população?»

Uma voz por trás de Mack elevou-se:

— Não, não, ainda não.

Mack voltou-se. Era Jimmy Lee, o jovem mineiro que tinha magnífica voz para cantar. Já tentara fugir uma vez e, como castigo, usava agora ao pescoço uma coleira de ferro com a inscrição «Pertence este homem a Sir George Jamisson de Fife, ano de 1767». Obrigado, meu Deus, pela intervenção de Jimmy, pensou Mack.

— Agora não podes calar-te — disse Jimmy. — Faço vinte e um anos para a semana. Se vou ser livre, quero saber como é.

Ma Lee, a mãe de Jimmy, apoiou-o:

— Queremos todos. — Era uma velha rija, sem dentes, muito respeitada na aldeia, e a sua opinião tinha peso. Outros homens e outras mulheres concordaram.

— Não vais ser livre — rugiu Sir George, levantando-se de novo.

Esther puxou o irmão pela manga.

— A carta! — soprou-lhe ansiosa ao ouvido. — Mostra a carta!

Com a excitação, Mack esquecera-se da carta.

— Não é o que diz a lei, Sir George — clamou, brandindo-a.

— Que papel é esse, McAsh? — perguntou York.

— É uma carta de um advogado de Londres que eu consultei.

Sir George estava tão escandalizado que parecia prestes a rebentar. Ainda bem que os separavam várias filas de bancos, pensou Mack, senão o *laird* era capaz de lhe saltar à garganta.

— *Tu* consultaste um *advogado*? — perguntou, cuspiendo as palavras. Aquilo parecia ofendê-lo mais do que tudo.

York perguntou:

— E o que diz a carta?

— Eu leio — disse Mack. — «A cerimónia do “penhor” não tem fundamento na lei inglesa nem na lei escocesa.» Ergueu-se da assembleia um burburinho de comentários surpresos: tal sentença contradizia tudo aquilo em que os tinham ensinado a crer. — «Os pais não podem vender o que não possuem, a saber, a liberdade de um homem adulto. Podem obrigar um filho a trabalhar na mina até ele atingir a idade de vinte e um anos, mas...» — Mack fez uma pausa teatral e leu a última parte muito devagar — «Mas nessa altura ele será livre para partir»!

De repente, todos queriam dizer alguma coisa. Gerou-se grande algazarra, com uma centena de pessoas a querer falar ao mesmo tempo, a gritar, a querer fazer uma pergunta ou a soltar uma exclamação. Provavelmente, metade dos homens presentes na igreja fora prometida em criança e sempre se considerara escrava em consequência disso. Agora, a esses homens, era-lhes dito que tinham sido enganados e queriam saber a verdade.

Mack levantou uma mão a pedir silêncio e logo eles se calaram. Por um instante, pasmou com o seu poder.

— Deixai-me ler mais uma coisa — disse. — «Quando o homem for adulto, a ele se aplica a lei como a outro qualquer na Escócia: tendo trabalhado um ano e um dia *como adulto*, perde a liberdade.»

Ouviram-se resmungos de raiva e desapontamento. Os homens perceberam que não era nenhuma revolução; a maioria não era mais livre do que alguma vez fora. Mas talvez se salvassem os filhos.

York disse então:

— Deixa-me ver a carta, McAsh.

Mack aproximou-se e entregou-lha.

Sir George, ainda roxo de fúria, perguntou:

— Quem é esse pretenso advogado?

— Chama-se Caspar Gordonson — respondeu Mack.

York disse:

— Oh, sim, já ouvi falar.

— Também eu — acrescentou Sir George com desprezo. — É um perfeito radical! Um comparsa de John Wilkes.

Toda a gente conhecia aquele nome: era um dirigente liberal famoso, que vivia exilado em Paris mas que ameaçava constantemente regressar para atacar o governo. Sir George continuou: — Se depender de mim, Gordonson vai pagar por isto na forca. Esta carta é alta traição.

O pastor indignou-se ao ouvir falar de forca.

— Não vejo que chegue a ser traição...

— Será melhor ficar-se pelo reino dos céus, reverendo — disse Sir George em tom cortante. — Deixe aos homens deste mundo julgar o que é traição e o que não é. — E, dito isto, arrebatou-lhe a carta da mão.

Os fiéis ficaram chocados com a rudeza da censura feita ao seu pastor e permaneceram em silêncio, à espera, para verem como reagiria. York sustentou o olhar de Jamisson e Mack teve a certeza de que o pastor ia fazer frente ao *laird*; mas York baixou os olhos e Jamisson mostrou-se triunfante. Tornou a sentar-se, como se tudo tivesse acabado.

Mack indignou-se com a cobardia de York. A Igreja devia ser a autoridade moral. Um pastor que acatava as ordens do *laird* era

completamente inútil. Mack dirigiu-lhe um olhar de franco desdém e perguntou numa voz irónica:

— Então vamos respeitar a lei, ou não?

Robert Jamisson levantou-se, vermelho de cólera como o pai, e disse:

— Ides respeitar a lei e é o vosso *laird* quem vos diz o que a lei é.

— Isso é o mesmo que não haver lei nenhuma — retorquiu Mack.

— O que, no teu caso, vem a ser o mesmo — tornou Robert. — És um mineiro. Que tens tu que saber da lei? E, quanto a escrever a advogados... — Robert tirou a carta da mão do pai. — Eis o que eu penso do teu advogado — disse, e rasgou a carta ao meio.

Os mineiros ficaram sem fôlego. Naquelas páginas, achava-se escrito o seu futuro, e Robert estava a rasgá-las.

Robert foi rasgando a carta em pedaços cada vez mais pequenos e depois atirou-os ao ar. Os pedaços esvoaçaram sobre Saul e Jen como papelinhos num casamento.

Mack sentiu-se tão desgostoso como se tivesse morrido alguém. Aquela carta era a coisa mais importante que lhe acontecera. Planeara mostrá-la a toda a gente da aldeia. Imaginara levá-la a outras minas, de outras aldeias, até a Escócia inteira ficar a saber. Contudo, Robert destruíra-a num segundo.

Deve ter-se-lhe notado a derrota no rosto, pois Robert exibiu um ar de triunfo. O que enfureceu Mack. Não ia deixar-se vencer tão facilmente. A raiva tornou-o provocador. Ainda não acabei, pensou. A carta estava perdida mas a lei continuava a ser a mesma.

— Vejo que Vossa Senhoria ficou com medo bastante para rasgar a carta — disse, surpreso com o tom de zombaria fulminante da sua própria voz. — Mas não pode rasgar a lei da nossa terra. Essa está escrita num papel que não se destrói com a mesma facilidade.

Robert estremeceu. Vacilava, sem saber que resposta dar a tal eloquência. Ao cabo de um momento, disse furioso:

— Rua!

Mack olhou para Mr. York, e o mesmo fizeram os Jamisson. Leigo nenhum tinha o direito de ordenar a um fiel que saísse da igreja. Iria o pastor vergar-se e permitir que o filho do *laird* expulsasse uma ovelha do seu rebanho?

— Estamos na casa de Deus, ou na de Sir George Jamisson? — perguntou Mack.

Era um momento decisivo, e York não estava à altura. Com um ar envergonhado, disse:

— É melhor saíres, McAsh.

Mack não resistiu a soltar uma réplica, mesmo sabendo que era imprudente.

— Obrigado pelo sermão sobre a verdade, reverendo — disse. — Jamais o esquecerei.

Virou as costas. Esther pôs-se ao seu lado. Quando se encaminharam para a saída, Jimmy Lee levantou-se e seguiu-os. Um ou dois outros mineiros levantaram-se, a seguir foi Ma Lee a pôr-se de pé e, de repente, a debandada era geral. Ouviu-se o arrastar sonoro das botas e o roçar dos vestidos à medida que os mineiros deixavam os seus lugares levando consigo as respectivas famílias. Ao chegar à porta, Mack percebeu que todos os mineiros presentes iam abandonar a igreja atrás dele, e foi assaltado por um sentimento de camaradagem e triunfo que lhe trouxe lágrimas aos olhos.

Juntaram-se à sua volta no adro. O vento caíra, mas agora nevava em grandes flocos que pousavam, indolentes, nas lápides tumulares.

— Não se faz, rasgar assim a carta! — disse Jimmy furibundo.

Muitos em volta concordaram.

— Escrevemos outra vez — sugeriu um.

Mack disse:

— Pode não ser muito fácil mandar outra carta. — Não era propriamente naqueles pormenores que estava a pensar. Arquejava e sentia-se animado, como se acabasse de subir a correr uma encosta de High Glen.

— A lei é a lei! — disse outro mineiro.

— Sim, mas o *laird* é o *laird* — retorquiu um mais cauteloso.

Quando se acalmou, Mack começou a perguntar-se o que conseguira realmente. Agitara toda a gente, claro, mas isso, por si só, nada iria mudar. Os Jamisson tinham-se recusado redondamente a aceitar a lei. Se pegassem nas suas armas, o que poderiam fazer os mineiros? Valeria a pena algum dia lutar pela justiça? Não seria melhor tirar o chapéu à passagem do *laird* e rezar para vir um dia a substituir Harry Ratchett como capataz?

Um vulto pequeno com um agasalho de pele preta saiu disparado do alpendre da igreja como um galgo a que tirassem a trela. Era Lizzie Hallim. Avançou direita a Mack. Os mineiros abriram alas com presteza.

Mack olhou para ela. Já em sossego era bela, mas agora, com as faces afogueadas de indignação, estava deslumbrante. Com os olhos negros a chisparem, disse:

— Quem julgas tu que és?

— Sou Malachi McAsh...

— O teu nome conheço eu — replicou Lizzie. — Como te atreves a falar ao *laird* e ao filho dele com esses modos?

— Como se atrevem eles a escravizar-nos quando a lei diz que não podem?

Os mineiros murmuraram concordando.

Lizzie olhou em redor, percorrendo-lhes os rostos. Às peles do seu casaco prendiam-se flocos de neve. Pousou-lhe um no nariz e ela sacudiu-o com um gesto impaciente.

— Tendes sorte por terdes trabalho pago — disse. — Devíeis todos dar graças a Sir George por fazer crescer as suas minas e dar às vossas famílias de que viver.

Respondeu Mack:

— Se temos tanta sorte, então para que precisam eles de leis a proibir a gente de sair da aldeia e de ir à procura de outro trabalho?

— Porque sois demasiado burros para perceber quando estais bem na vida.

Mack percebeu que estava a gostar daquela discussão, e não apenas porque implicava olhar para uma mulher bela e bem-nascida. Enquanto adversário, Lizzie Hallim era mais subtil do que Sir George e do que Robert.

Baixou a voz e adotou um tom de curiosidade.

— Miss Hallim, alguma vez desceu a uma mina de carvão?

Ma Lee rebentou a rir com a ideia.

Lizzie respondeu:

— Olha o disparate!

— Se um dia descer, garanto que nunca mais diz que temos sorte.

— Já te aturei insolência que chegue — tornou Lizzie. — Devias levar umas chicotadas.

— Provavelmente vou levar — disse Mack, mas sem acreditar no que dizia: desde que nascera, nenhum mineiro ali fora chicoteado, embora o seu pai ainda tivesse visto tal coisa.

O peito de Lizzie palpitava. Mack teve de fazer um esforço para não lhe olhar para os seios. Disse ela:

— Tens sempre resposta para tudo, sempre tiveste.

— Sim, mas Vossa Senhoria nunca deu ouvidos a nenhuma.

Sentiu nailharga a pressão dolorosa de um cotovelo: era Esther a dizer-lhe para ter cuidado, a recordar-lhe que jamais compensava levar a melhor sobre a fidalguia. Disse ela:

— Vamos pensar no que nos disse, Miss Hallim, e obrigado pelos seus conselhos.

Lizzie fez um aceno condescendente com a cabeça.

— És a Esther, não é verdade?

— Sim, *Miss*.

Lizzie voltou-se para Mack.

— Devias dar ouvidos à tua irmã. Tem mais juízo do que tu.

— É a primeira coisa acertada que Vossa Senhoria me diz hoje.

Esther soprou-lhe então:

— Mack: *fecha a matraca*.

Lizzie sorriu e, de repente, toda a sua arrogância se desvaneceu. O sorriso iluminou-lhe o rosto e fê-la parecer outra pessoa, afável e alegre.

— Há muito tempo que não ouvia essa expressão — riu-se. Mack não conseguiu deixar de rir também.

Lizzie afastou-se, ainda a rir.

Mack viu-a voltar para o alpendre da igreja e juntar-se aos Jamisson, que vinham a sair.

— Meu Deus — exclamou —, que mulher!

CAPÍTULO QUATRO

A discussão na igreja enfurecera Jay. Deixava-o doido ver gente a querer ser mais do que era. Era vontade de Deus e lei da terra que Malachi McAsh passasse a vida a desmontar carvão nas profundezas e que ele, Jay Jamisson, vivesse uma existência superior. Queixar-se da ordem natural era pernicioso. E McAsh tinha uma maneira de falar exasperante, como se fosse igual a qualquer pessoa, por mais bem-nascida que fosse.

Nas colónias, naquele momento, um escravo era um escravo, sem nada daqueles disparates de trabalhar um ano e um dia ou de receber salário. E assim é que se deviam fazer as coisas, na opinião de Jay. As pessoas não trabalhavam a não ser à força e, força por força, que fosse implacável — era mais eficiente.

Quando saiu da igreja, foram felicitá-lo pelos seus vinte e um anos alguns camponeses, mas nenhum dos mineiros lhe dirigiu a palavra. Formavam um magote num dos lados do cemitério, a discutir entre si em vozes baixas e zangadas. Jay sentiu-se ofendido com a nódoa que tinham deixado no seu dia festivo.

Apressou o passo através da neve até ao sítio onde um palafrenero segurava os cavalos. Robert já lá estava, mas Lizzie ainda não. Jay olhou em redor à procura dela. Esperara voltar para casa na sua companhia.

— Onde está Miss Elizabeth? — perguntou ao palafrenero.

— No alpendre, Mr. Jay.

Jay viu-a conversar animadamente com o pastor.

Robert espetou um dedo agressivo no peito do irmão.

— Ouve cá, Jay: vais deixar Elizabeth Hallim em paz, entendeste bem?

Tinha o rosto crispado num esgar belicoso. Era perigoso enfrentá-lo quando estava com aquela disposição. Mas a ira e a decepção deram coragem a Jay.

— De que raio estás para aí a falar? — perguntou.

— Não vais casar com ela. Eu é que vou.

— Eu não quero casar com ela.

— Então não andes a cortejá-la.

Jay sabia que Lizzie o achara atraente e, além disso, gostara de zombar com ela, mas não tinha a menor intenção de conquistar o seu afeto. Quando ele tinha catorze anos e ela treze, achara-a a rapariga mais bela do mundo, e deixara-o destroçado perceber que não se interessava por ele (nem por rapaz nenhum, para dizer a verdade), mas isso fora há muito tempo. Os planos do pai eram que fosse Robert a casar com Lizzie e nem Jay nem ninguém mais na família iria opor-se aos desejos de Sir George. Por isso, surpreendeu-o que Robert ficasse irritado a ponto de barafustar. Mostrava que se sentia inseguro — e Robert, tal como o pai, não era frequente sentir-se inseguro.

Jay saboreou o raro prazer de ver o irmão desassossegado.

— De que tens tu medo? — perguntou.

— Sabes perfeitamente de que estou a falar. Roubas o que é meu desde que éramos miúdos... os meus brinquedos, as minhas roupas, tudo.

Um velho ressentimento que muito bem conhecia impeliu Jay a dizer:

— Porque tu sempre tiveste tudo o que querias e eu nunca tive nada.

— Disparate.

— Seja como for, Miss Hallim é nossa hóspede — disse Jay, num tom mais razoável. — Não posso ignorá-la, pois não?

A boca de Robert assumiu uma expressão teimosa.

— Queres que vá falar nisto ao pai?

Eram as palavras mágicas que tinham posto fim a tantas discussões de infância. Os dois irmãos sabiam que o pai jamais deixaria de decidir a favor de Robert. Na garganta de Jay cresceu um azedume muito antigo.

— Está bem, Robert — concedeu. — Tentarei não interferir com o teu namoro.

Alçou-se para o cavalo e afastou-se a trote, deixando que fosse Robert a escoltar Lizzie até ao castelo.

Castle Jamisson era uma fortaleza de pedra cinzento-escura com torreões e ameias no telhado, que tinha o aspeto imponente e esmagador de tantas casas de campo escocesas. Fora construído setenta anos antes, quando a primeira mina de carvão do *glen* começara a enriquecer o *laird*.

Sir George herdara o castelo por via de um primo da primeira mulher. Ao longo de toda a infância de Jay, o pai vivera obcecado com o carvão. Despendera todo o seu tempo e dinheiro a abrir novos poços, sem fazer qualquer melhoramento no castelo.

Embora fosse a sua casa de infância, Jay não gostava dela. As enormes divisões ventosas do piso térreo — vestíbulo, sala de jantar, sala de visitas, cozinha e refeitório dos criados — dispunham-se em torno de um pátio central com uma fonte que gelava de outubro a maio. Era uma casa impossível de aquecer. Lareiras em todos os quartos de dormir, alimentadas pelo carvão abundante das minas Jamisson, pouco efeito tinham no ar gélido dos amplos aposentos lajeados, e os corredores eram tão frios que se tornava indispensável vestir uma capa para ir de uma divisão a outra.

Dez anos antes, a família mudara-se para Londres, deixando a criadagem reduzida ao mínimo a manter a casa e a vigiar a caça. Durante algum tempo, voltavam todos os anos, trazendo convidados e pessoal doméstico, alugando cavalos e uma carruagem em Edimburgo, contratando as mulheres dos camponeses para esfregarem os lajedos e manterem as lareiras acesas e despejarem os penicos. Mas o pai fora ganhando cada vez maior relutância em se afastar do negócio, e as visitas tinham acabado por findar. Agora, a recuperação do velho hábito não agradara a Jay. Contudo, encontrar Lizzie Hallim crescida fora uma boa surpresa, e não apenas por lhe proporcionar um meio de atormentar o irmão mais velho, que sempre fora favorecido.

Contornou as cavalariças e desmontou. Afagou o pescoço do seu cavalo cinzento.

— Não é um campeão, mas porta-se bem — disse ao palafrenero, entregando-lhe as rédeas. — Não me importava nada de o ter no meu regimento.

O palafrenero pareceu satisfeito.

— Obrigado, *sir* — disse.

Jay entrou no enorme vestíbulo. Era uma divisão ampla e sombria, com recantos escuros e indistintos onde mal penetrava a luz das velas. Sobre um velho tapete de pele diante do lume de carvão, estendia-se um galgo acabrunhado. Jay empurrou-o com a ponta da bota e obrigou-o a afastar-se para poder aquecer as mãos.

Sobre a lareira estava o retrato da primeira mulher do pai, a mãe de Robert, Olive. Jay odiava aquele quadro. Lá estava ela, solene e cheia de virtude, olhando do alto do seu nariz comprido todos os que vieram depois. Quando apanhara uma febre e morrera repentinamente, aos vinte e nove anos, o pai tornara a casar, mas jamais esquecera o seu primeiro amor. Tratava a mãe de Jay, Alicia, como uma amante, um brinquedo sem estatuto nem direitos; e fazia Jay sentir-se quase um filho ilegítimo. Robert era o primogénito, o herdeiro, o filho especial. Às vezes Jay tinha vontade de perguntar se o irmão nascera de mãe virgem, fruto de imaculada concepção.

Voltou as costas ao retrato. Um lacaios trouxe-lhe uma caneca de vinho quente com fruta e ele foi-o bebendo de bom grado. Talvez acalmasse a tensão que tinha no estômago. Era o dia em que o pai ia anunciar em que consistiria a sua legítima.

Sabia que não ia receber metade, nem um décimo, da fortuna do pai. Robert herdaria aquela propriedade, com toda a riqueza das minas, e a frota que já administrava. A mãe aconselhara Jay a não discutir essa decisão: sabia que o pai era implacável.

Robert não era apenas o filho único. Era o pai sem tirar nem pôr. Jay era diferente, e era por isso que o pai o desprezava. Como o pai, Robert era esperto, impiedoso e agarrado ao dinheiro. Jay era descontraído e perdulário. O pai detestava gente descuidada com o

dinheiro, principalmente com o seu. Por mais do que uma vez berrara com Jay:

— Mato-me a trabalhar para ganhar o dinheiro que tu deitas fora!

Jay agravara tudo, poucos meses antes, ao contrair uma dívida de jogo colossal, de novecentas libras. Conseguira que a mãe pedisse ao pai para a pagar. Era uma pequena fortuna, o bastante para comprar Castle Jamisson, mas Sir George tinha dinheiro para isso e para muito mais. Reagira, porém, como se estivesse a perder uma perna. Depois disso, Jay já perdera mais dinheiro, embora o pai ainda não soubesse.

— Não discutas com o teu pai — argumentava a mãe. — Pede qualquer coisa modesta. — Era frequente os filhos mais novos irem para as colónias: havia boas possibilidades de o pai lhe dar a plantação de açúcar de Barbados, com a casa e os escravos africanos. Tanto ele como a mãe já tinham falado com o pai a esse respeito. Sir George não dissera que sim, mas também não dissera que não, e Jay tinha grandes esperanças.

O pai entrou minutos depois, a bater com os pés para sacudir a neve das botas de montar. Um lacaio ajudou-o a despir o manto.

— Manda dizer ao Ratchett — ordenou ao lacaio — que quero dois homens a guardar a ponte vinte e quatro horas por dia. Se o McAsh tentar sair do *glen*, eles que o agarrem.

Só havia uma ponte para atravessar o rio, mas o *glen* tinha outra saída. Disse Jay:

— E se ele for pela serra?

— Com este tempo? Pode tentar. Mal saibamos que fugiu, podemos mandar um grupo de homens pela estrada para pôr o regedor e uma patrulha do outro lado quando ele lá chegar. Mas duvido de que lá chegue.

Jay não estava tão seguro disso — aqueles mineiros eram rijos que nem veados e McAsh era um patife obstinado — mas não contradisse o pai.

Lady Hallim foi quem chegou em seguida. Tinha o cabelo e os olhos escuros como a filha, mas faltava-lhe o fulgor e a garra de

Lizzie. Era corpulenta e tinha o rosto carnudo sulcado por rugas de reprovação.

— Deixe-me tirar-lhe o casaco — ofereceu-se Jay, e ajudou-a a despir as pesadas peles. — Venha para perto do lume, que tem as mãos frias. Quer vinho quente?

— É muito amável, Jay — respondeu Lady Hallim. — Quero, com todo o gosto.

O resto do grupo que fora à igreja entrou, a esfregar as mãos para as aquecer e a pingar neve derretida no chão de pedra. Robert fazia conversa com Lizzie, persistentemente, passando de um assunto banal para outro como se seguisse uma lista. O pai começou a falar de negócios com Henry Drome, um mercador de Glasgow que era da família de Olive, a sua primeira mulher; e a mãe de Jay conversava com Lady Hallim. O pastor e a mulher não tinham ido: talvez estivessem de mau humor por causa da querela havida na igreja. Estava presente mais uma mão-cheia de convidados, quase todos família: a irmã de Sir George com o marido, o irmão mais novo de Alicia com a mulher, e um ou outro vizinho. A maior parte das conversas tinha por assunto Malachi McAsh e a sua estúpida carta.

Pouco depois, a voz alterada de Lizzie fez-se ouvir sobre o burburinho das conversas e, um por um, todos se voltaram para a escutar.

— Mas porque não? — perguntava ela. — Quero ver com os meus olhos.

Robert respondeu solenemente:

— Uma mina não é lugar para uma dama, acredite.

— Que vem a ser isto? — perguntou Sir George. — Miss Hallim quer descer a um poço?

— Penso que devo saber como é — explicou Lizzie.

Robert ripostou:

— Além de quaisquer outras considerações, a indumentária feminina tornaria tal visita quase impossível.

— Então visto-me de homem — retrucou ela.

Sir George riu-se.

— Algumas raparigas que eu conheço talvez conseguissem — disse — mas a menina é demasiado bonita para enganar alguém. — Estava obviamente convencido de ter feito um elogio cheio de espírito, pelo que olhou em redor para colher a respetiva aprovação. Todos riram como era seu dever.

A mãe de Jay deu-lhe um toque com o cotovelo e disse qualquer coisa em voz baixa.

— Ah, sim — disse Sir George. — Tendes todos o copo cheio? — Sem esperar por resposta, prosseguiu: — Bebamos à saúde do meu filho mais novo, James Jamisson, que todos conhecemos por Jay e que hoje faz vinte e um anos. Ao Jay!

Fizeram o brinde e as mulheres retiraram-se para se prepararem para o jantar. Entre os homens, a conversa voltou-se para os negócios. Henry Drome disse:

— Não gosto das notícias que nos chegam da América. Pode custar-nos muito dinheiro.

Jay sabia de que falava o mercador. O governo inglês impusera taxas sobre vários bens importados para as colónias americanas — chá, papel, vidro, chumbo e pigmentos — e os colonos estavam furiosos.

Sir George declarou com indignação:

— Querem que o exército os proteja dos franceses e dos peles-vermelhas mas não querem pagar!

— Não querem nem vão pagar, se puderem — tornou Drome. — O conselho da cidade de Boston anunciou um boicote a todas as importações britânicas. Passam sem chá e até combinaram poupar em tecidos pretos cortando nas roupas de luto!

Robert disse:

— Se as outras colónias seguirem o exemplo de Massachusetts, metade da nossa frota vai ficar sem mercadoria.

Respondeu Sir George:

— Os colonos são um bando de malfeitores, é o que eles são... e os das destilarias de rum são os piores. — Jay admirou-se por ver o

pai tão abespinhado: a questão das colónias devia estar a custar-lhe dinheiro, para ele ficar daquela maneira. — A lei obriga-os a comprar melão às plantações britânicas, mas eles compram melão francês de contrabando e fazem baixar os preços.

— Os da Virgínia ainda são piores — disse Drome. — Os plantadores de tabaco nunca pagam o que devem.

— Eu que o diga — disse Sir George. — Ainda há pouco houve um que não me pagou, e deixou-me uma plantação falida nas mãos. Um sítio chamado Mockjack Hall.

Robert referiu:

— Graças a Deus não há taxas de importação sobre os deportados.

Ouviu-se um murmúrio generalizado de assentimento. A parte mais lucrativa do negócio de transporte marítimo dos Jamisson era o frete de criminosos deportados para a América. Todos os anos os tribunais condenavam centenas de pessoas ao degredo — era uma alternativa à forca, para crimes como o roubo — e o governo pagava cinco libras por cabeça ao armador. Nove em cada dez condenados cruzavam o Atlântico num navio dos Jamisson. Mas o pagamento do governo não era a única forma de fazer dinheiro com aquele negócio. Do outro lado do oceano, os deportados eram obrigados a trabalhar sete anos sem receber salário, o que significava que podiam ser vendidos como escravos por sete anos. Os homens rendiam dez a quinze libras, as mulheres oito ou nove, as crianças menos. Com 130 a 140 criminosos amontoados no porão como peixes na rede, Robert conseguia apresentar um lucro de umas duas mil libras — o custo de compra de um navio — numa única viagem. Era um negócio proveitoso.

— Pois é — concordou o pai, e esvaziou a taça. — Mas até isso ia acabar se os colonos conseguissem o que querem.

Os colonos queixavam-se constantemente. Embora continuassem a comprar deportados — tal a escassez de mão de obra barata por lá —, indignava-os que a metrópole despejasse a

escumalha nos seus quintais e culpava os condenados pelo aumento do crime.

— Ao menos as minas de carvão são seguras — disse Sir George. — São a única coisa com que se pode contar nos dias que correm. E é por isso que o McAsh tem de ser aniquilado.

Todos tinham opiniões a dar sobre McAsh, e vários focos de conversa estalaram ao mesmo tempo. Sir George, contudo, parecia estar farto do assunto. Virou-se para Robert. Adotando um tom chocarreiro, disse:

— Então e a jovem Hallim, hem? Uma perolazinha, se queres saber.

— Elizabeth tem grande vivacidade — respondeu Robert hesitante.

— É verdade — disse o pai com uma gargalhada. — Lembro-me de quando matámos o último lobo desta parte da Escócia, há uns oito ou dez anos, e ela insistiu em criar os filhotes. Andava por aí com dois lobos pequenos pela trela. Nunca se tinha visto coisa assim! Os couteiros andavam furiosos, diziam que as crias iam fugir e que iam ser um perigo... mas felizmente morreram.

— Pode vir a dar uma esposa difícil — disse Robert.

— Não há nada como uma égua impetuosa — retorquiu Sir George. — Além do mais, quem manda é sempre o marido, haja o que houver. Podia calhar-te muito pior. — Baixou então a voz. — Lady Hallim tem o usufruto das terras enquanto Elizabeth não casar. Como os bens de uma mulher pertencem ao marido, tudo que ela possui vai ser do noivo no dia do casamento.

— Eu sei — respondeu Robert.

Jay não sabia, mas não se admirava: poucos homens gostariam de deixar uma grande propriedade nas mãos de uma mulher.

Sir George prosseguiu:

— Deve haver um milhão de toneladas de carvão debaixo de High Glen: todos os veios correm naquela direção. A moça está sentada em cima de uma fortuna, perdoai a descortesia — e riu alto.

Robert, como era hábito, teimava, sombrio:

— Não sei se ela gosta muito de mim.

— De que é que havia de não gostar? És novo, vais ser rico e, quando eu morrer, serás baronete: que mais pode querer uma jovem?

— Romance? — perguntou Robert. Proferiu a palavra com aversão, como se fosse uma moeda estranha oferecida por um mercador estrangeiro.

— Miss Hallim não se pode dar ao luxo de querer romance.

— Não sei — insistiu Robert. — Lady Hallim vive com dívidas desde que eu me lembro. Porque não haveria de continuar a viver assim para sempre?

— Vou contar-te um segredo — disse Sir George. Olhou de soslaio para ter a certeza de que ninguém o ouvia. — Sabias que ela hipotecou as terras todas?

— Toda a gente sabe.

— Mas eu também sei que o credor não está disposto a renovar a hipoteca.

Robert retorquiu:

— Mas com certeza que ela consegue pedir dinheiro emprestado a outra pessoa para lhe pagar.

— Provavelmente — concordou Sir George. — Mas ela é que não sabe. E o conselheiro financeiro dela não lhe diz: tomei medidas para que assim fosse.

Jay perguntou-se a que suborno ou ameaça teria recorrido o pai para convencer o conselheiro de Lady Hallim.

Sir George soltou uma pequena risada.

— Portanto, como vês, Robert, a jovem Elizabeth não se pode dar ao luxo de te dizer não.

Nesse momento, Henry Drome afastou-se das pessoas com quem conversava e foi ter com os três Jamisson.

— Antes de irmos jantar, George, tenho de te perguntar uma coisa. Sei que posso falar com franqueza diante dos teus filhos.

— Naturalmente.

— Os problemas na América atingiram-me com grande força, plantadores que não pagam as dívidas, e tudo isso, e receio não conseguir cumprir as minhas obrigações para contigo este trimestre.

Era evidente que Sir George emprestara dinheiro a Henry. Normalmente, era de um pragmatismo brutal para com os devedores: ou pagavam, ou iam para a prisão. Desta vez, porém, disse:

— Compreendo, Henry. Os tempos são difíceis. Pagas quando puderes.

Jay ficou de queixo caído, mas logo entendeu por que razão o pai estava a mostrar-se tão compassivo. Drome era da família de Olive, a mãe de Robert, e era por causa dela que o pai tratava Henry com brandura. Jay sentiu-se tão indignado que se afastou.

Voltaram as senhoras. A mãe de Jay trazia um sorriso velado, como se soubesse algum segredo divertido. Antes que Jay pudesse perguntar-lhe o que era, chegou outro convidado, um desconhecido trajando cinzento-clerical. Alicia cumprimentou-o e levou-o a Sir George.

— É Mr. Cheshire — disse. — Veio no lugar do pastor.

O recém-chegado era um jovem com o rosto marcado pelas bexigas, que usava óculos e uma peruca encaracolada à moda antiga. Embora Sir George e os homens mais velhos ainda usassem peruca, era raro usarem-na os mais novos, e Jay já nunca usava.

— O reverendo Mr. York apresenta as suas desculpas — disse Mr. Cheshire.

— Ora essa, ora essa — retrucou Sir George, afastando-se: não estava interessado em jovens religiosos desconhecidos.

Foram jantar. O aroma da comida misturava-se com um cheiro húmido que vinha dos pesados reposteiros. A mesa comprida ostentava um banquete elaborado: nacos de veado, vitela e presunto; um salmão assado inteiro; e vários empadões diferentes. Mas Jay mal conseguia comer. O pai dar-lhe-ia a plantação de Barbados? Se não, o que lhe daria? Era difícil permanecer quieto na

sua cadeira a comer veado quando o seu futuro estava prestes a decidir-se.

Em certos aspetos, mal conhecia o pai. Se bem que morassem juntos, na residência da família, em Grosvenor Square, Sir George estava sempre no entreposto, na City, com Robert. Jay passava o dia com o seu regimento. Às vezes, cruzavam-se por breves momentos ao pequeno-almoço e, de vez em quando, ao jantar — mas Sir George jantava com frequência no seu gabinete, a passar os olhos por alguns documentos. Jay não conseguia prever o que o pai faria. Por isso, ia brincando com a comida e esperando.

Mr. Cheshire revelou-se um tanto embaraçoso. Arroto alto duas ou três vezes e entornou vinho, e Jay reparou que olhava de forma nada discreta para o decote da mulher sentada ao seu lado.

Tinham-se sentado à mesa pelas três da tarde e, quando as senhoras se retiraram, já a tarde de inverno se fazia noite. Mal elas saíram, Sir George agitou-se no assento e peidou-se vulcanicamente.

— Assim está melhor — disse.

Um criado trouxe uma garrafa de porto, um estojo de tabaco e uma caixa com cachimbos de barro. O jovem padre encheu um cachimbo e disse:

— Lady Jamisson é uma mulher de mão-cheia, Sir George, se me permite. De mão-cheia.

Parecia bêbado, mas, mesmo assim, semelhante comentário não podia passar impune. Jay saiu em defesa da mãe.

— Agradeço que não fale mais sobre Lady Jamisson, *sir* — avisou com frieza.

O pastor acendeu o cachimbo com uma vela, puxou o fumo e começou a tossir. Era óbvio que nunca antes fumara. Vieram-lhe lágrimas aos olhos, engasgou-se, arquejou e tornou a tossir. De tal modo o sacudiu a tosse que a peruca e os óculos lhe caíram — e Jay viu imediatamente que não era pastor nenhum.

Desatou então a rir. Os demais olharam-no com curiosidade. Ainda não tinham percebido.

— Vede! — disse Jay. — Não vedes quem é?

Robert foi o primeiro a compreender.

— Meu Deus, é Miss Hallim disfarçada! — exclamou.

Houve um momento de silêncio assombrado. Então Sir George começou a rir. Os outros, vendo que ele ia aceitar aquilo como uma brincadeira, também riram.

Lizzie bebeu um gole de água e tossiu um pouco mais. Quando recuperou, Jay admirou-lhe o disfarce. Os óculos tinham-lhe escondido os olhos escuros e vivos, e os caracóis da peruca ocultado em parte o seu belo perfil. Uma meia de linho branco fazia-lhe mais largo o pescoço e cobria-lhe a suavidade da pele feminina da garganta. Usara carvão, ou coisa assim, para dar a impressão das marcas de bexigas, e traçara no queixo uns fios delgados de cabelo como a barba de um jovem que ainda a não faz todos os dias. Nos aposentos sombrios do castelo, naquela tarde fechada de inverno escocês, ninguém se apercebera.

— Bom, a menina provou que consegue passar por homem — declarou Sir George quando ela parou de tossir — mas continua a não poder descer à mina. Vá chamar as outras senhoras, para darmos a Jay o seu presente de aniversário.

Por uns minutos, Jay esquecera a sua ansiedade, mas eis que ela voltava com um baque.

Foram ter com as damas ao vestíbulo. Lizzie e a mãe de Jay rebentavam a rir: era claro que Alicia estivera por dentro da marosca, o que explicava o seu riso velado antes do jantar. A mãe de Lizzie, que de nada soubera, trazia uma expressão gelada.

Sir George saiu pela porta principal à frente do cortejo. Anoitecia. Parara de nevar.

— Aí tens — disse. — É o teu presente de aniversário.

Diante da casa, um palafrenero segurava o mais belo cavalo que Jay algum dia vira. Era um garanhão branco de uns dois anos, com as linhas esguias de um puro-sangue árabe. A multidão deixava-o nervoso e ele dava saltos para o lado, obrigando o moço a puxar-

lhe o freio com força para o imobilizar. Tinha um olhar selvagem e Jay percebeu instantaneamente que seria veloz como o vento.

Jay estava extasiado de admiração, mas a voz da mãe cortou-lhe os pensamentos como uma faca.

— Mais nada? — perguntava a mãe.

O pai respondeu:

— Vamos lá, Alicia, espero que não vá ser desagradável...

— *Mais nada?* — repetiu a mulher, e Jay viu que tinha o rosto torcido numa máscara de raiva.

— Não — admitiu o pai.

Não ocorrera a Jay que aquele presente lhe estivesse a ser oferecido em vez da plantação de Barbados. Fitou os pais enquanto a realidade tomava forma no seu espírito. Sentia-se tão magoado que não conseguia falar.

Falou a mãe por ele. Nunca a vira tão zangada.

— É seu filho! — disse ela, com a voz a chiar de fúria. — Faz vinte e um anos: tem direito à sua legítima... e o senhor dá-lhe *um cavalo*?

Os convidados não despegavam o olhar, presos de fascínio e horror.

Sir George fez-se vermelho.

— A mim ninguém me deu nada quando eu fiz vinte e um anos! — disse irritado. — Nem um par de sapatos herdei...

— Oh, por amor de Deus — disse a mulher com desdém. — Já todos sabemos como o seu pai morreu quando o senhor tinha catorze anos e como trabalhou numa fábrica para sustentar as suas irmãs. Não é motivo para impor a pobreza ao seu próprio filho, pois não?

— Pobreza? — Sir George abriu os braços a abarcar o castelo, as terras, e a vida que aí tinham. — Qual pobreza?

— Ele precisa da sua independência. Por amor de Deus, dê-lhe a plantação de Barbados.

Robert protestou:

— Essa é minha!

Descerrou-se enfim o maxilar de Jay, que então recuperou a fala.

— A plantação nunca foi bem administrada — disse. — Pensei em governá-la mais como um regimento, pôr os pretos a trabalhar mais e tudo isso, e torná-la mais rendível.

— Pensas realmente que o conseguirias fazer? — perguntou o pai.

O coração de Jay deu um pulo: talvez o pai mudasse de ideias.

— Penso, sim! — respondeu com ardor.

— Pois eu penso que não — retorquiu com maus modos o pai.

Para Jay, foi como um murro no estômago.

— Não acredito que faças a mais pálida ideia de como governar uma plantação ou seja que negócio for — rosnou Sir George. — Acho que estás melhor no exército, onde fazes o que te mandam.

Jay estava estupefacto. Olhava para o belo cavalo branco.

— Nunca hei de montar esse animal — disse. — Pode ficar com ele.

Alicia declarou a Sir George.

— Robert fica com o castelo e com as minas e os navios e tudo o mais. Também tem de ficar com a plantação?

— É o filho mais velho.

— Jay é o mais novo, mas é *alguém*. Porque tem Robert de ficar com *tudo*?

— Por amor de sua mãe — respondeu Sir George.

Alicia cravou nele o olhar e Jay percebeu que ela o odiava. Também eu o odeio, pensou. Odeio o meu pai.

— Para o inferno, então — disse ela, para escândalo dos circunstantes. — Pode ir para o inferno! — Virou as costas e foi para casa.

CAPÍTULO CINCO

Os gémeos McAsh viviam num casinhoto de uma só divisão com três passos de lado, lareira numa parede e dois recantos a fazer de camas, fechados por cortinas, na parede oposta. A porta abria para um carreiro lamacento que descia a encosta desde a entrada da mina até ao fundo do *glen*, onde entroncava na estrada que ia dar à igreja, ao castelo e ao resto do mundo. A água de beber era um regato que vinha da serra e corria nas traseiras da fiada de casas.

Ao longo de todo o caminho de regresso a casa, Mack consumira-se por causa do que acontecera na igreja, mas nada dissera, e Esther tivera o tato de nada perguntar. De manhã, antes de saírem para a igreja, tinham deixado um naco de toucinho a cozer ao lume e, quando voltaram, o cheiro enchia a casa, fazendo crescer água na boca de Mack, deixando-o mais animado. Esther ripou uma couve para dentro da panela enquanto Mack atravessava o carreiro para ir ao lugar de Mrs. Wheighel buscar um jarro de cerveja. Comeram ambos com o apetite voraz dos trabalhadores braçais. Finda a comida e a bebida, Esther arrotou e perguntou:

— Bom, o que vais fazer?

Mack suspirou. Agora que a pergunta fora feita diretamente, sabia que só havia uma resposta.

— Tenho de me ir embora. Depois disto tudo, não posso aqui ficar. O meu orgulho não deixa. Ia ser uma lembrança constante para todos os moços do *glen* de que não é possível desafiar os Jamisson. Tenho de partir. — Tentava conservar-se calmo, mas tremia-lhe a voz com a emoção.

— Era o que eu pensava que ias dizer. — Marejaram-se de lágrimas os olhos de Esther. — Estás a fazer frente aos mais poderosos da nossa terra.

— Mas estou a fazer o que é certo.

— Sim. Mas certo ou errado não conta muito neste mundo: só no que vem a seguir.

— Se não me for agora, não irei nunca. E vou passar o resto da vida arrependido.

Esther acenou tristemente com a cabeça.

— Claro que sim. Mas como vai ser se eles tentarem impedir-te?

— Impedir-me como?

— Podem pôr um guarda na ponte.

A outra única saída do *glen* era pela montanha, e isso levava muito tempo: os Jamisson podiam estar à espera do outro lado quando ele lá chegasse.

— Se me fecharem a ponte, passo o rio a nado — disse Mack.

— Nesta altura do ano, morres enregelado.

— São só uns trinta passos até ao outro lado. Acho que consigo lá chegar num minuto, mais ou menos.

— Se te apanham, trazem-te de volta com uma coleira de ferro ao pescoço, como o Jimmy Lee.

Mack estremeceu. Ter coleira como um cão era uma humilhação que todos os mineiros temiam.

— Sou mais esperto do que o Jimmy — disse. — Ele ficou sem dinheiro e tentou arranjar trabalho numa mina de Clackmannan, e o dono da mina foi dar parte do nome dele.

— O problema é esse. Precisas de comer. E como é que vais ganhar o teu pão? Só sabes trabalhar no carvão.

Mack tinha um pequeno pé-de-meia, mas não iria durar muito. Ele, porém, pensara no problema.

— Vou para Edimburgo — disse. Podia conseguir que o levassem num dos pesados carros puxados por cavalos que transportavam o carvão, mas seria mais seguro ir a pé. — Depois meto-me num navio. Ouvi dizer que precisam sempre de homens fortes para trabalhar nos barcos carvoeiros. Em três dias deixarei a Escócia para trás. E lá fora já não me podem ir buscar, que a lei escocesa só vale cá dentro.

— Um barco — disse Esther pensativa. Nenhum dos dois alguma vez vira algum, embora já tivessem visto gravuras em livros. — E para onde irás?

— Para Londres, com certeza. — A maior parte dos barcos carvoeiros que levantavam ferro de Edimburgo rumavam a Londres. Mas alguns seguiam para Amesterdão, segundo lhe tinham dito. — Ou para a Holanda. Ou até para o Massachusetts.

— Isso são só nomes — disse Esther. — Nunca conhecemos ninguém que tivesse estado no Massachusetts.

— Calculo que as pessoas por lá comam pão e vivam em casas e durmam durante a noite, como em toda a parte.

— Sim, deve ser — respondeu a irmã, pouco convencida.

— De qualquer modo, tanto faz — continuou Mack. — Vou para qualquer sítio que não seja a Escócia: qualquer sítio onde um homem possa ser livre. Imagina só: viver onde quiseses e não onde te obrigarem a viver. Escolheres o teu ofício, podendo sair de onde estás para ires fazer um trabalho mais bem pago, ou mais seguro, ou mais limpo. Seres dono de ti mesmo e escravo de ninguém... Não era tão bom?

Pela face da irmã corriam lágrimas quentes.

— Quando vais?

— Fico mais um dia ou dois, pode ser que os Jamisson afrouxem um bocado a vigilância. Mas na terça faço vinte e dois. Se na quarta ainda estiver na mina, terei trabalhado um ano e um dia, e torno a ser escravo.

— Escravo é o que tu és de qualquer maneira, a carta pouco importa.

— Mas gosto da ideia de que a lei está do meu lado. Não sei porque é que isso tem importância para mim, mas tem. Faz dos Jamisson os criminosos, mesmo que eles não o reconheçam. Por isso, terça à noite já cá não estou.

Num fio de voz, ela perguntou:

— E eu?

— É melhor trabalhares para o Jimmy Lee. É um bom mineiro e anda desesperado por ter outro carregador. E a Annie...

Esther interrompeu-o.

— Quero ir contigo.

Mack não estava à espera.

— Nunca tinhas falado disso!

Esther declarou mais alto.

— Porque julgas tu que nunca casei? Porque, se caso e tenho um filho, nunca mais saio daqui.

De facto, era a solteira mais velha de Heugh. Mas Mack pensara que simplesmente não houvesse por ali ninguém à altura da irmã. Não lhe ocorrera que, em todos aqueles anos, ela tivesse secretamente querido ir-se embora.

— Nunca percebi!

— Tinha medo. E ainda tenho. Mas, se tu fores, vou contigo.

Mack via o desespero nos olhos da irmã, e muito lhe pesava dizer-lhe que não, mas tinha de ser.

— Uma mulher não pode ser marinheira. Não temos dinheiro para a tua passagem e não te iam deixar pagar com o teu trabalho. Teria de te deixar em Edimburgo.

— Se te fores, não fico aqui!

Mack adorava a irmã. Tinham tomado sempre o partido um do outro, desde as bulhas de miúdos, passando pelas discussões com os pais, até aos confrontos com os encarregados da mina. Mesmo quando tinha dúvidas sobre a sua sensatez, Esther era uma leoa a defendê-lo. Mack queria muito levá-la consigo, mas seria muito mais difícil fugirem dois do que um só.

— Fica só algum tempo, Esther — pediu. — Quando chegar lá aonde vou, escrevo-te. Assim que arranjar trabalho, ponho dinheiro de parte e chamo-te.

— Fazes isso?

— Pois claro que sim!

— Cospe e jura!

— Cuspo e juro? — Era uma coisa que faziam em garotos para selar uma promessa.

— Quero que o faças!

Mack notou que ela falava a sério. Cuspiu na palma da mão, estendeu-a por sobre a mesa de tábuas e tomou na sua a mão

calejada da irmã.

— Juro que te chamo.

— Obrigada — disse ela.

CAPÍTULO SEIS

Estava prevista para a manhã seguinte uma caçada ao veado, e Jay decidiu participar. Tinha vontade de matar qualquer coisa.

Não tomou pequeno-almoço, mas encheu um bolso com bolinhas de aveia embebidas em uísque, e saiu de casa para ver o tempo. Começava a nascer o dia. O céu estava cinzento mas com nuvens altas e sem chuva: iam conseguir ver a caça.

Sentou-se nos degraus em frente do castelo e ajustou ao cão da sua espingarda uma pederneira nova, em forma de cunha, fixando-a firmemente com um pedaço de couro macio. Talvez matar uns quantos machos servisse de escape para a sua raiva, mas quem lhe apetecia matar era o irmão, Robert.

Tinha orgulho na sua arma. Era uma espingarda de pederneira de carregar pelo cano, do armeiro Griffin, de Bond Street, com cano espanhol embutido em prata. Era muito superior à tosca *Brown Bess* distribuída aos seus homens. Armou o cão e apontou a uma árvore do outro lado do relvado. Na ponta do cano imaginou que via um grande macho com hastes frondosas. Fez coincidir a mira com o peito do animal, logo atrás da espádua, onde pulsava o seu enorme coração. Depois trocou a imagem, e foi Robert quem viu: severo e obstinado, ganancioso e insaciável, com o cabelo escuro e as faces nutridas. A pederneira percutiu o fuzil soltando uma chuva de faíscas aceitável, mas não havia pólvora na câmara nem bala no cano.

Carregou a arma com mão firme. Servindo-se do dispositivo de medida do bocal do seu polvorinho, verteu pelo cano precisamente dois dracmas e meio de pólvora negra. Em seguida, soltou a vareta do seu encaixe sob o cano e com ela introduziu a bala o mais fundo que era possível. A bala tinha meia polegada de diâmetro. Podia matar um macho adulto a cem passos: iria estilhaçar as costelas de Robert, furar-lhe um pulmão e rasgar-lhe o músculo cardíaco, matando-o em segundos.

Então ouviu a mãe:

— Olá, Jay.

Levantou-se e deu-lhe um beijo de bons-dias. Não a via desde a noite anterior, quando ela amaldiçoara o pai e saíra de rompante. Agora parecia abatida e triste.

— Dormiu mal, não foi? — perguntou Jay com simpatia.

A mãe confirmou com a cabeça.

— Já tive noites melhores.

— Pobre mãe.

— Não devia ter amaldiçoado o teu pai daquele modo.

Jay disse hesitante:

— Mas deve tê-lo amado... em tempos.

A mãe suspirou.

— Não sei. Ele era bem-parecido e rico e era baronete, e eu queria ser sua esposa.

— Mas agora odeia-o.

— Desde que ele começou a beneficiar o teu irmão em teu desfavor.

Jay sentiu-se indignado.

— Era de supor que Robert percebesse a injustiça!

— Tenho a certeza de que a percebe, no seu íntimo. Mas creio que é um jovem muito ambicioso. Quer tudo.

— Sempre quis. — Jay estava a lembrar-se de Robert em criança, quando nada o fazia mais feliz que se apoderar do seu quinhão dos soldadinhos de chumbo ou do pudim de ameixas. — Lembra-se do pónei de Robert, o *Rob Roy*?

— Lembro, porquê?

— Robert tinha treze anos, e eu oito, quando recebeu o pónei. Eu queria muito ter um pónei, e já nessa altura montava melhor do que ele. Mas nunca me deixou montá-lo. Quando não queria montar, mandava um rapaz exercitá-lo, em vez de me deixar a mim, e eu ficava a ver.

— Mas tu montavas os outros cavalos.

— Com dez anos, já tinha montado tudo o que havia na cavalaria, incluindo os cavalos de caça do pai. Tudo menos o *Rob Roy*.

— Vamos dar um passeio só até ao fundo da rampa. — Alicia envergava um casaco forrado de pele, com capuz, e Jay o seu capote de xadrez de lã. Atravessaram o relvado, fazendo estalar as ervas geladas.

— Porque é que o meu pai ficou assim? — perguntou Jay. — Porque me odeia?

A mãe tocou-lhe na face.

— Ele não te odeia — respondeu —, embora seja perdoável que assim penses.

— Então porque me trata tão mal?

— O teu pai era pobre quando casou com Olive Drome. Tudo o que tinha era uma mercearia de esquina num bairro pobre de Edimburgo. Esta casa, a que hoje chamamos Castle Jamisson, pertencia a um primo afastado de Olive, William Drome. William era solteiro e vivia só. Quando adoeceu, Olive veio para cá para cuidar dele. Ficou tão agradecido que alterou o testamento, para deixar tudo a Olive; e depois, apesar dos cuidados dela, morreu.

Jay acenou com a cabeça.

— Já ouvi essa história, mais do que uma vez.

— A questão é que o teu pai pensa que estas terras na verdade pertencem a Olive. E estas terras são os alicerces sobre os quais construiu todo o seu império. E, mais ainda, as minas continuam a ser o mais lucrativo dos seus negócios.

— É um negócio seguro, diz ele — concordou Jay, recordando a conversa da véspera. — O transporte marítimo é incerto e perigoso, mas o carvão nunca se esgota.

— O certo é que o teu pai pensa que deve tudo a Olive, e seria uma espécie de insulto à sua memória dar-te alguma coisa a ti.

Jay abanou a cabeça.

— Não pode ser só isso. Pressinto que não sabemos a história toda.

— Talvez tenhas razão. Disse-te tudo o que sei.

Chegaram ao fundo da rampa e regressaram em silêncio. Jay perguntava-se se os pais ainda passariam alguma noite juntos. Parecia-lhe provável que sim. O pai pensaria com certeza que, amasse-o ou não, Alicia era sua mulher, e que portanto tinha o direito de a usar para seu prazer. Ideia desagradável.

Chegados à entrada do castelo, a mãe disse:

— Passei a noite inteira à procura de uma forma de compor as coisas em teu benefício, e ainda não a encontrei. Mas não desesperes. Algo há de surgir.

Jay sempre contara com a força da mãe. Ela conseguia opor-se ao pai, levá-lo a fazer o que ela queria. Até o convencera a pagar as dívidas de jogo de Jay. Desta vez, porém, temia que a mãe fracassasse.

— O pai decidiu que eu não ia receber nada. Sabia, com certeza, como eu iria sentir-me. E, mesmo assim, tomou essa decisão. Não vale a pena argumentar com ele.

— Não tencionava argumentar — respondeu a mãe com secura.

— Então o quê?

— Não sei, mas não desisti. Bom dia, Miss Hallim.

Lizzie descia os degraus em frente do castelo, em traje de caça, lembrava uma bela fada com o seu gorro preto de pele e as suas pequenas botas de cabedal. Sorriu e parecia contente por vê-lo.

— Bom dia!

Ao vê-la, Jay animou-se.

— Vem connosco? — perguntou.

— Não perdia a caçada por nada neste mundo.

Era invulgar, embora perfeitamente aceitável, que uma mulher fosse caçar, e não surpreendeu Jay, conhecendo-a como conhecia, que ela tivesse querido acompanhar os homens.

— Esplêndido! — exclamou. — Vai acrescentar um toque raro de refinamento e de estilo ao que de outro modo bem poderia ser uma grosseira expedição masculina.

— Não conte muito com isso — retorquiu ela.

Alicia anunciou:

— Vou entrar. Boa caçada para os dois.

Quando Alicia os deixou sós, Lizzie comentou:

— Lamento muito que o seu aniversário tenha sido estragado. — Apertou-lhe o braço com simpatia. — Talvez possa esquecer os seus tormentos durante uma hora ou duas esta manhã.

Jay não conseguiu deixar de lhe retribuir o sorriso.

— Farei o meu melhor.

Lizzie farejou o ar como uma raposa.

— Belo vento. Rijo e de sudoeste — disse. — Não há melhor.

Havia cinco anos que Jay não caçava veados, mas não esquecera a arte. Os caçadores não gostavam de dias sem vento, quando qualquer brisa caprichosa podia levar o cheiro dos homens pelas vertentes da montanha e pôr em fuga os animais.

Um couteiro surgiu de uma esquina do castelo trazendo dois cães pela trela e Lizzie foi fazer-lhes festas. Jay seguiu-a, animado. Virando-se para trás, viu a mãe de relance à porta do castelo, a olhar fixamente para Lizzie com uma estranha expressão pensativa.

Os cães eram galgos escoceses, de longas patas e pelo cinzento, a que ora se chama *Highland deerhounds*, ora *Irish wolfhounds*. Lizzie agachou-se e falou com um de cada vez.

— Este é o *Bran*? — perguntou ao couteiro.

— É filho do *Bran*, Miss Elizabeth — respondeu o homem. — O *Bran* morreu há um ano. Este é o *Busker*.

Os cães iam ser mantidos na retaguarda, para os soltarem apenas depois dos primeiros tiros. O seu papel era perseguir e derrubar qualquer veado que os disparos tivessem ferido sem conseguir abater.

O resto do grupo saiu do castelo: Robert, Sir George e Henry. Jay fitou o irmão, mas este evitou-lhe o olhar. O pai fez um breve aceno, quase como se tivesse esquecido os acontecimentos da véspera.

Na ala oriental do castelo, os couteiros tinham montado um alvo, um veado tosco de madeira e lona. Todos os caçadores iam dar

alguns tiros para aquecer. Jay perguntou-se se Lizzie saberia disparar. Muitos homens diziam que as mulheres não disparavam bem por terem os braços demasiado fracos para o peso da arma, ou por lhes faltar o instinto matador, ou por outra razão qualquer. Ia ser interessante verificar se era verdade.

Começaram por disparar todos a cinquenta passos. Lizzie foi a primeira e fez um tiro perfeito, atingindo o alvo no ponto letal, logo atrás da omoplata. Jay e Sir George conseguiram o mesmo. Robert e Henry atingiram o alvo numa parte posterior do corpo, tiros que teriam ferido o animal mas que talvez lhe permitissem fugir para morrer de morte lenta e dolorosa.

Dispararam outra vez, agora a setenta e cinco passos. Surpreendentemente, Lizzie fez de novo um tiro perfeito. Jay também. Sir George atingiu a cabeça do alvo e Henry a garupa. Robert falhou por completo, com a sua bala a fazer faíscas no muro de pedra da horta.

Por fim, tentaram a cem passos, alcance máximo das armas. Para estupefação geral, Lizzie tornou a fazer um tiro perfeito. Robert, Sir George e Henry falharam o alvo. Jay, último a disparar, estava decidido a não se deixar vencer por uma jovem. Não se apressou, respirando regularmente e apontado com cuidado, depois susteve a respiração e premiu suavemente o gatilho — e partiu uma pata do veado de madeira e lona.

Quanto à incapacidade feminina para o tiro, estava tudo dito. Lizzie superara-os a todos. Jay transbordava de admiração.

— Por acaso não quer alistar-se no meu regimento? — gracejou. — Poucos dos meus homens atiram assim.

Os moços de estrebaria trouxeram os póneis. Os póneis escoceses eram mais estáveis em terreno irregular do que os cavalos. Montaram-nos e deixaram o pátio para trás.

Enquanto, aos solavancos, desciam o *glen*, Henry Drome encetou conversa com Lizzie. Sem nada que o distraísse, Jay deu por si a matutar uma vez mais na rejeição do seu pai. Queimava-lhe o estômago como uma úlcera. Disse para consigo que deveria ter

previsto aquela recusa, pois o pai sempre favorecera Robert. Mas alimentara o seu otimismo insensato recordando a si mesmo que não era filho bastardo, que a sua mãe era Lady Jamisson; e convencera-se de que desta vez o pai seria justo. O pai, contudo, nunca era justo.

Como gostaria de ser filho único! Como gostaria que Robert estivesse morto! Se houvesse um acidente durante a caçada e Robert morresse, seria o fim de todos os seus problemas.

Como gostaria de ter coragem para o matar! Tocou no cano da espingarda, que levava ao ombro. Podia fazer que parecesse um acidente. Com toda a gente a disparar ao mesmo tempo, poderia não ser fácil perceber quem desferira o tiro fatal. E, mesmo que adivinhassem a verdade, a família cobri-la-ia: ninguém queria um escândalo.

Percorreu-o um arrepio de horror por estar meramente a devanear acerca do assassinio de Robert. Mas nunca me teria ocorrido esta ideia se o pai me tivesse tratado com justiça, pensou.

As terras dos Jamisson eram como a maioria das propriedades escocesas. Tinham uma pequena extensão de courelas aráveis no fundo dos vales, que os camponeses cultivavam comunitariamente segundo o sistema medieval das leivas e pagando a renda ao *laird* em géneros. A maior parte das terras eram montanha e floresta, que apenas para caça e pesca serviam. Alguns proprietários tinham desbastado a floresta e experimentavam agora a criação de ovelhas. Era difícil enriquecer com terras na Escócia — a menos que se achasse carvão, claro.

Tinham percorrido umas três milhas quando os couteiros avistaram uma manada de vinte ou trinta fêmeas meia milha adiante, acima da linha das árvores numa encosta virada a sul. O grupo estacou e Jay pegou na luneta. O vento soprava do lado da manada e, como os veados pastam sempre contra o vento, tinham o focinho voltado para o outro lado, exibindo à luneta de Jay o lampejo branco dos quartos traseiros.

As fêmeas davam uma carne excelente mas era mais comum matar os grandes machos com as suas hastes espetaculares. Jay observou a encosta acima das fêmeas. Viu o que desejava e apontou.

— Vede! Dois machos... Não, três... Acima das fêmeas.

— Já os vi, logo acima do primeiro cabeça — disse Lizzie. — E lá está outro. Veem-se perfeitamente as hastes do quarto macho.

Tinha o rosto afogueado de excitação, o que a tornava ainda mais bela. Era exatamente o género de coisa de que gostava, naturalmente: estar ao ar livre, com cavalos e cães e armas, a fazer algo violentamente enérgico e um tanto perigoso. Jay não pôde deixar de sorrir ao olhá-la. Remexeu-se desconfortavelmente na sela. Vê-la era quanto bastava para pôr a ferver o sangue de um homem.

Olhou de relance para o irmão. Robert parecia pouco à vontade, montado num pônei com aquele tempo frio. Preferia estar num escritório, pensou Jay, a calcular os juros trimestrais de oitenta e nove guinéus a três e meio por cento ao ano. Que desperdício casar com Robert uma mulher como Lizzie!

Desviou deles a atenção e tentou concentrar-se nos veados. Examinou a vertente da serra com a luneta, em busca de um caminho para chegar junto dos machos. Os caçadores teriam de estar contra o vento para os animais não lhes sentirem o cheiro. De preferência, deveriam aproximar-se dos veados a partir do cimo da encosta. Como o treino de tiro confirmara, era quase impossível matar um veado a mais de cem passos, e cinquenta era o ideal; portanto, toda a arte estava em avançar furtivamente e chegar suficientemente perto para um tiro limpo.

Lizzie já avistara um caminho.

— Há um *corrie* que sobe o *glen* um quarto de milha atrás de nós — disse com entusiasmo. Um *corrie* era uma depressão no terreno aberta por uma torrente a correr pelo flanco da montanha, e iria esconder os caçadores enquanto subiam a encosta. — Podemos segui-lo até ao cimo do monte e depois avançar pelo cume.

Sir George concordou. Era raro permitir que alguém lhe dissesse o que fazer, mas, quando o permitia, tratava-se normalmente de uma rapariga bonita.

Regressaram ao *corrie*, desmontaram dos pôneis e subiram a vertente a pé. A encosta era íngreme e o terreno ao mesmo tempo pedregoso e lamacento, pelo que os pés ou se afundavam na lama, ou resvalavam nas pedras. Em breve Henry e Robert arfavam e bufavam, se bem que os couteiros e Lizzie, acostumados àquele terreno, não dessem mostras de esforço. Sir George estava vermelho e ofegante, mas revelou uma resistência surpreendente e não abrandou o passo. Jay achava-se bem preparado, graças ao seu quotidiano na guarda, mas mesmo assim sentiu a respiração alterada.

Transpuseram a crista do monte. Do outro lado, ocultos dos veados, foram avançando pelo lado oposto da encosta. O vento era glacial, com farrapos de neve e remoinhos de nevoeiro gélido. Sem o calor de um cavalo debaixo dele, Jay começou a sentir o frio. As suas belas luvas de pelica estavam ensopadas, e a humidade penetrava as suas botas de montar e as suas dispendiosas meias de lã de Shetland.

Iam à frente os couteiros, que conheciam o terreno. Quando lhes pareceu que estariam perto dos veados, franquearam de novo a crista e começaram a descer a encosta. De súbito, deixaram-se cair de joelhos, logo imitados pelos outros. Jay esqueceu-se de como estava molhado e frio e começou a vibrar de exaltação: era o entusiasmo da caçada e a perspectiva de abater a caça.

Resolveu arriscar uma mirada. Sempre a rastejar, subiu para trás de um rochedo e espreitou. Quando os seus olhos focaram a distância, viu os machos, quatro manchas castanhas sobre o verde dos montes, dispostas numa linha irregular. Era raro ver quatro machos juntos: deviam ter descoberto uma rica pastagem. Jay olhou pela luneta. O que estava mais longe tinha a melhor cabeça: não conseguia ver bem as hastes, mas eram suficientemente grandes para terem doze pontas. Ouviu crocitar um corvo e,

olhando para o céu, viu um par daquelas aves a voar em círculos sobre os caçadores. Pareciam saber que em breve teriam restos de carne à sua disposição.

Mais à frente alguém gritou e praguejou: era Robert, que caíra numa poça lamacenta.

— Grande palerma — disse Jay para si mesmo. Um dos cães rosnou baixinho. Um coiteiro ergueu uma mão e todos estacaram perante o aviso, à escuta, temendo ouvir o som de cascos em fuga. Mas os veados não fugiram e, instantes depois, o grupo retomou o seu lento avanço.

Em breve tiveram de se deitar de bruços e rastejar. Um coiteiro obrigou os cães a agacharem-se e cobriu-lhes os olhos com lenços, para os manter sossegados. Sir George e o coiteiro-mor deixaram-se escorregar até um montículo, levantaram a cabeça com cuidado e espreitaram. Quando voltaram para junto do grupo, Sir George deu as suas ordens.

Falou em voz baixa.

— São quatro machos e temos cinco armas, por isso desta vez eu não disparo, a menos que um de vós falhe o tiro — disse. Sabia ser o anfitrião perfeito, quando queria. — Henry, fica com o da direita. Robert, ficas com o outro a seguir: é o que está mais perto e que dá um tiro mais fácil. Jay, ficas com o seguinte. Miss Hallim, o seu é o que está mais longe mas que tem a melhor cabeça, e a menina é uma belíssima atiradora. Todos prontos? Vamos pôr-nos em posição. Deixamos Miss Hallim disparar primeiro, de acordo?

Os caçadores dispersaram-se, deslizando pela vertente do monte, procurando cada qual um bom lugar de onde fazer pontaria. Jay seguiu Lizzie. A rapariga vestia jaqueta de caça curta e saia larga sem armação, e ele sorriu ao ver menear-se à sua frente o traseiro dela provocante. Não haveria muitas jovens que rastejassem daquela maneira diante de um homem — mas Lizzie não era como as outras.

Subiu o monte até onde um arbusto raquítico rasgava o céu, proporcionando-lhe abrigo adicional. Erguendo a cabeça, perscrutou

a montanha abaixo de si. Viu o seu veado, um macho jovem de hastes curtas, a uns setenta passos; os outros três distribuíam-se pela encosta. Também viu os outros caçadores: Lizzie à sua esquerda, ainda a rastejar; Henry mais afastado à sua direita; Sir George e os couteiros com os cães — e Robert, mais abaixo, à sua direita, a vinte e cinco passos, um alvo fácil.

Foi como se o seu coração parasse quando, mais uma vez, o assaltou a ideia de matar o irmão. Veio-lhe ao espírito a história de Caim e Abel. Dissera Caim: *O meu castigo é mais severo do que posso suportar*. Mas eu já me sinto assim, pensou Jay. Não suporto ser o segundo filho que se pode pôr de parte, sempre desprezado, a errar pela vida sem o seu quinhão, filho pobre de um homem rico, um zé-ninguém — simplesmente não o posso suportar.

Tentou varrer do espírito aquele pensamento mau. Carregou a espingarda, deitando um pouco de pólvora na caçoleta junto da chaminé, e baixou a tampa da caçoleta. Por fim, armou o cão. Quando premisse o gatilho, a tampa elevar-se-ia automaticamente enquanto a pederneira soltava faíscas. A pólvora depositada na caçoleta inflamar-se-ia e a chama iria percorrer a chaminé e pegar fogo à pólvora calcada em maior quantidade atrás da bala.

Rolou de lado e observou a encosta. Os veados pastavam em tranquila ignorância. Todos os caçadores tinham tomado posição exceto Lizzie, que ainda avançava para a sua. Jay fez pontaria ao seu veado. Depois, desviou lentamente o cano da arma até o apontar às costas de Robert.

Podia dizer que o seu cotovelo resvalara numa placa de gelo no instante crucial, fazendo-o baixar a mira e, por uma coincidência trágica, atingir o irmão nas costas. O pai haveria de suspeitar — mas jamais teria a certeza e, restando-lhe um único filho, não iria sepultar as suas dúvidas e dar-lhe a ele tudo o que reservara para Robert?

O tiro de Lizzie seria o sinal para todos dispararem. Os veados, recordava Jay, eram surpreendentemente lentos a reagir. Após o primeiro disparo, todos paravam de pastar e erguiam a cabeça,

paralisados, com frequência durante o tempo que levava o coração a bater quatro ou cinco vezes; então um deles mexia-se e, um instante depois, todos se voltavam ao mesmo tempo, como um bando de pássaros ou um cardume de peixes, e fugiam, com os seus graciosos cascos a martelar o solo duro, deixando para trás os mortos caídos e os feridos a coxear.

Lentamente, Jay tornou a desviar a espingarda apontando-a de novo ao veado. Claro que não ia matar o irmão. Seria de uma perversidade inconcebível. Arriscava-se a ser perseguido por memórias culposas para o resto da vida.

Porém, se não o fizesse, não se arriscaria a lamentá-lo para sempre? Da próxima vez que o pai o humilhasse com novas provas de preferência por Robert, não iria ranger os dentes e arrepender-se do fundo da alma por não ter resolvido o problema quando pudera resolvê-lo, limpando o seu odioso irmão da face da Terra?

Voltou a arma para Robert outra vez.

O pai respeitava a força, a capacidade de decisão e a ausência de piedade. Mesmo que adivinhasse que o tiro fatal fora deliberado, seria obrigado a reconhecer que Jay era um homem, alguém que não se podia ignorar ou menosprezar sem terríveis consequências.

Tal pensamento fortaleceu a sua resolução. No seu íntimo, o pai iria aprovar, disse para consigo. Jamais Sir George deixaria que o tratassem mal: a sua resposta a qualquer ofensa era brutal e feroz. Enquanto magistrado em Londres, mandara dezenas de homens, mulheres e crianças para o Old Bailey, o mais importante tribunal criminal de Inglaterra e Gales. Se era possível enforcar uma criança por roubar pão, que mal haveria em matar Robert por roubar o seu património?

Lizzie não tinha pressa. Jay tentava acalmar a respiração, mas tinha o coração acelerado e ofegava incontrolavelmente. Era uma tentação olhar para Lizzie para ver que raio estava a demorá-la, mas temia que ela escolhesse esse instante para disparar e que ele então perdesse a sua oportunidade; por isso, mantinha os olhos e a mira da espingarda fixos nas costas de Robert. Tinha o corpo inteiro

tenso como a corda de uma harpa, e começavam a doer-lhe os músculos, mas não ousava mover-se.

Não, pensava, isto não pode estar a acontecer. Não vou matar o meu irmão. Ah, isso é que vou, meu Deus, juro que vou.

Rápido, Lizzie, por favor.

Pelo canto do olho, viu qualquer coisa mexer-se perto dele. Antes que pudesse olhar, ouviu o disparo da arma de Lizzie. Os veados imobilizaram-se. Mantendo a pontaria à coluna de Robert, precisamente a meio entre as omoplatas, premiu suavemente o gatilho. Um vulto ingente ergueu-se sobre ele e então ouviu o pai gritar. Soaram mais dois disparos, de Robert e Henry. No momento exato em que o seu tiro partiu, bateu-lhe uma bota no cano da espingarda. A arma fugiu para cima e a bala perdeu-se inofensiva no ar. O medo e a culpa apossaram-se do seu coração, e Jay ergueu o olhar para o rosto furibundo de Sir George.

— Tratante assassino — disse o pai.

CAPÍTULO SETE

O dia ao ar livre deixara Lizzie cheia de sono e, pouco depois do jantar, a rapariga anunciou que ia para a cama. Robert não estava na sala e logo Jay se pôs de pé, educadamente, para lhe alumiar o caminho escada acima com uma vela. Enquanto subiam os degraus de pedra, disse-lhe em voz baixa:

— Se quiser, levo-a à mina.

A sonolência de Lizzie desapareceu.

— Fala a sério?

— Claro que sim. Não falo senão a sério. — Sorriu-lhe. — Terá coragem para isso?

Lizzie estava encantada.

— Sim! — respondeu. Ali estava um homem à sua medida! — Quando? — perguntou ansiosa.

— Esta noite. Os talhadores pegam à meia-noite, os carregadores uma hora ou duas mais tarde.

— Deveras? — Lizzie não compreendia. — Porque trabalham à noite?

— Também trabalham o dia inteiro. Os carregadores largam ao fim da tarde.

— Mas mal têm tempo para dormir!

— Assim também não têm tempo para o que não devem.

Lizzie sentiu-se ridícula.

— Passei a maior parte da vida no *glen* aqui mesmo ao lado e não tinha a menor noção de que trabalhassem tantas horas. — Pensou se McAsh não teria afinal razão e se a visita à mina não mudaria radicalmente a sua visão dos mineiros.

— Esteja pronta à meia-noite — disse Jay. — Terá de se vestir novamente de homem. Ainda tem as roupas?

— Tenho.

— Saia pela porta da cozinha. Farei com que esteja aberta. Vá ter comigo ao pátio das cavalariças. Selarei dois cavalos.

— Que empolgante! — exclamou ela.

Jay entregou-lhe a vela.

— Até à meia-noite — sussurrou.

Lizzie entrou no seu quarto. Jay estava outra vez feliz, notou. Pela manhã, tivera outra discussão com o pai, no alto da serra. Ninguém vira ao certo o que ocorrera — estavam todos concentrados na caça — mas Jay falhara o seu veado e Sir George ficara branco de cólera. A zanga, fosse qual fosse o motivo, facilmente se diluíra na excitação do momento. Lizzie abatera o seu veado com um tiro limpo. Robert e Henry tinham ferido os seus. O de Robert correra uns passos e tombara; mas o de Henry escapara, e os cães tinham-no perseguido e derrubado ao fim de algum tempo. Contudo, toda a gente sabia que algo se passara, e Jay ficara mudo o resto do dia — até àquele momento, em que de novo se mostrara animado e encantador.

Tirou o vestido, os saiotes e os sapatos, enrolou-se numa manta e sentou-se diante do lume que ardia com vivacidade. Jay era tão divertido, pensou. Parecia buscar aventura, como ela. E também era bem-parecido: alto, bem vestido e atlético, com farto cabelo louro e ondulado. Lizzie mal podia esperar pela meia-noite.

Bateram à porta e a mãe entrou. Lizzie sentiu um acesso de culpa. Espero que a mãe não queira uma longa conversa, pensou com ansiedade. Mas ainda não eram onze horas: tinha muito tempo.

A mãe vinha embrulhada numa capa, como todos faziam para passar de um aposento para outro pelos corredores frios de Jamisson Castle. Despiu-a. Por baixo, trazia ainda um abafo sobre a camisa de noite. Soltou o cabelo de Lizzie e começou a escová-lo.

Lizzie fechou os olhos e relaxou. Aquilo levava-a sempre de volta à sua meninice.

— Promete que não tornas a vestir-te de homem — disse a mãe. Lizzie sobressaltou-se. Era quase como se a mãe tivesse ouvido a conversa com Jay. Teria de ter cautela: a mãe tinha uma intuição

incrível para adivinhar quando ela preparava alguma. — Já és muito crescida para essas brincadeiras — acrescentou.

— Sir George achou imensa graça! — protestou Lizzie.

— Talvez, mas não é assim que arranjas marido.

— Robert parece interessado.

— Sim. Mas tens de lhe dar uma oportunidade para te cortejar! Ontem, a caminho da igreja, partiste à desfilada com Jay e deixaste Robert para trás. E hoje, quiseste retirar-te quando Robert não estava na sala, e ele perdeu a oportunidade de te acompanhar nas escadas.

Lizzie observou a mãe no espelho. Os traços do seu rosto que tão bem conhecia mostravam determinação. Lizzie amava a mãe e gostaria de lhe fazer a vontade. Mas não podia ser a filha que a mãe queria: ia contra a sua natureza.

— Desculpe, mãe — disse. — É que eu não penso nessas coisas.

— E... gostas de Robert?

— Ficava com ele, se estivesse desesperada.

Lady Hallim pousou a escova e sentou-se de frente para a filha.

— Minha querida, nós estamos mesmo desesperadas.

— Mas sempre tivemos problemas de dinheiro, desde que eu me lembro.

— É verdade. E eu sempre consegui equilibrar as coisas pedindo empréstimos e hipotecando as terras, e ficando a maior parte do tempo a viver aqui, onde podemos comer a carne que caçamos e usar as mesmas roupas até terem buracos.

Uma vez mais Lizzie sentiu um acesso de culpa. Quando a mãe gastava dinheiro, era quase sempre com Lizzie, não consigo mesma.

— Continuemos então a viver da mesma maneira. Não me importo de ter o cozinheiro a servir-nos à mesa, nem de partilhar uma criada com a mãe. Gosto de morar aqui. Prefiro passar os meus dias a caminhar em High Glen a passá-los a fazer compras em Bond Street.

— Há um limite para os empréstimos, sabes? Já não nos vão dar mais.

— Viveremos das rendas que nos pagam os camponeses. Deixaremos de ir a Londres. Não iremos sequer aos bailes de Edimburgo. Ninguém virá jantar connosco senão o pastor. Viveremos como freiras, sem convívio desde o fim de um ano ao fim do seguinte.

— Receio bem que nem isso possamos fazer. Ameaçam tirar-nos Hallim House e as terras.

Lizzie estava chocada.

— Não podem!

— Podem. Uma hipoteca é isso mesmo.

— Mas *quem* fez essa ameaça?

A mãe fez um ar vago.

— Bom, quem me conseguiu os empréstimos foi o advogado do teu pai, mas não tenho a certeza de quem nos emprestou o dinheiro. Mas isso não interessa. A questão é que o credor quer o dinheiro de volta. Se não, executa a hipoteca.

— Mãe... está mesmo a dizer que vamos perder a nossa casa?

— Não, querida. Se casares com Robert, não.

— Compreendo — disse Lizzie com solenidade.

O relógio do pátio bateu as onze. A mãe levantou-se e deu-lhe um beijo.

— Boa noite, minha querida. Dorme bem.

— Boa noite, mãe.

Lizzie contemplou o lume, pensativa. Havia anos que sabia ser seu destino salvar a fortuna das duas casando com um homem rico, e Robert parecia-lhe tão bom como outro qualquer. Mas não pensara nisso seriamente até àquele momento: normalmente não pensava nas coisas antes do tempo — preferia deixar tudo para o último instante, hábito que enlouquecia a mãe. Agora, de repente, a perspetiva de casar com Robert aterrorizava-a. Sentia uma espécie de repulsa física, como se tivesse engolido qualquer coisa podre.

Mas o que poderia fazer? Não podia deixar que os credores da mãe as expulsassem de casa! O que fariam então? Para onde iriam? Como iriam subsistir? Sentiu um arrepio de medo ao imaginá-las a ambas em quartos frios, arrendados nalgum prédio de Edimburgo, a escreverem cartas suplicantes a parentes afastados e a fazerem trabalhos de costura para ganhar umas moedas. Mais valia casar com Robert. Conseguiria, porém, forçar-se a tanto? Sempre que se comprometia a fazer alguma coisa desagradável mas necessária, como abater um cão velho e doente ou comprar tecidos para roupa interior, acabava por mudar de ideias e por se furtar, arduamente, ao prometido.

Tornou a atar os seus cabelos rebeldes, e em seguida vestiu-se com o disfarce que usara na véspera: calções, botas de montar, camisa de linho e sobretudo, e um chapéu de homem, de três pontas, que prendeu com um alfinete próprio. Escureceu as faces com fuligem da lareira, mas desta vez resolveu não levar a peruca de caracóis. Contra o frio, calçou luvas de pele, que também ocultavam a delicadeza das suas mãos, e pôs um capote de lã escocesa que lhe fazia os ombros mais largos.

Quando ouviu bater a meia-noite, pegou numa vela e desceu as escadas.

Receava com nervosismo que Jay pudesse faltar à palavra. Alguma coisa poderia tê-lo impedido de cumprir o combinado, ou podia mesmo ter adormecido enquanto esperava. Que decepção seria! Mas achou destrancada a porta da cozinha, como ele prometera; e, quando ela chegou ao pátio das cavalariças, já ele lá estava, com dois póneis pela arreata, falando-lhes num murmúrio suave para os acalmar. Lizzie teve uma sensação ardente de prazer quando ele lhe sorriu sob o luar. Sem falar, Jay entregou-lhe as rédeas do animal mais pequeno, após o que saiu do pátio adiante dela pela vereda das traseiras, evitando a rampa da frente da casa, que se via dos quartos principais.

Quando chegaram à estrada, Jay desembulhou uma lanterna. Montaram os póneis e afastaram-se a trote.

— Estava com receio de que não viesse — disse Jay.

— E eu com receio de que adormecesse enquanto esperava — respondeu ela, e ambos riram.

Subiram o *glen* em direção aos poços da mina.

— Teve outra discussão com o seu pai? — perguntou Lizzie sem rodeios.

— Tive.

Jay não deu pormenores, mas a curiosidade de Lizzie não carecia de encorajamento.

— A respeito de quê? — perguntou.

Não lhe via o rosto mas pressentia que as suas perguntas não lhe agradavam. Jay, no entanto, respondeu com cordura bastante.

— Receio bem que a respeito do mesmo de sempre: do meu irmão.

— Eu penso que o seu pai o tratou com grande injustiça, se isso lhe serve de consolo.

— Serve, pois. Obrigado. — Pareceu relaxar um pouco.

À medida que se aproximavam dos poços, cresciam o desejo e a curiosidade de Lizzie, que começou a imaginar como seria a mina e por que razão McAsh dera a entender que era uma espécie de antecâmara do inferno. Faria lá em baixo um calor tórrido ou um frio de rachar? Seria que os homens rosnavam uns aos outros e lutavam como gatos-bravos enjaulados? Estariam os poços impregnados de um fedor nauseabundo ou infestados de ratazanas ou silenciosos e fantasmagóricos? Começou a sentir-se apreensiva. Mas, aconteça o que acontecer, pensou, ficarei a saber como as coisas são — e McAsh nunca mais poderá lançar-me à cara a minha ignorância.

Ao cabo de uma meia hora, passaram por um monte de carvão.

— Quem está aí? — bradou uma voz e, no círculo de luz da lanterna de Jay, penetrou um couteiro com um galgo a puxar pela trela. Tradicionalmente, os couteiros olhavam pela caça e procuravam apanhar caçadores furtivos, mas agora muitos aplicavam a

disciplina nas minas e guardavam-nas para evitar o roubo de carvão.

Jay ergueu a lanterna para mostrar o rosto.

— Queira perdoar, Mr. Jamisson, *sir* — respondeu o couteiro.

Prosseguiram. A assinalar a entrada do poço propriamente dita via-se apenas um cavalo a trotar em círculo, fazendo rodar um cilindro. Quando se aproximaram, Lizzie viu que o cilindro era uma nora tosca que enrolava uma corda que içava baldes de água do poço da mina.

— Numa mina há sempre água — explicou Jay. — Escorre da terra.

Os velhos baldes de madeira deixavam passar a água, transformando o chão à volta da entrada do poço numa mistura traiçoeira de lama e gelo.

Amarraram os cavalos e dirigiram-se à entrada da mina. Era um poço quadrado de uns seis palmos de lado, com uma escada íngreme de madeira que descia em caracol pelas suas quatro paredes. Lizzie não conseguiu ver o fundo.

Não tinha corrimão.

Lizzie passou por um momento de pânico.

— Qual é a fundura? — perguntou com uma voz trémula.

— Se bem me lembro, o poço tem duzentos e dez pés¹ — respondeu Jay.

Lizzie engoliu em seco. Se desistisse, Sir George e Robert podiam vir a saber, e então diriam: «Bem lhe disse que não era sítio para uma dama». Era coisa que não suportaria — antes descer uma escada de duzentos e dez pés sem corrimão.

Cerrando os dentes, perguntou:

— De que estamos à espera?

Se Jay se apercebeu do seu medo, não fez qualquer comentário. Desceu à frente, alumando-lhe os degraus, e ela seguiu-o com o coração na boca. Todavia, ao fim de alguns degraus, ele sugeriu:

— Porque não pousa as mãos nos meus ombros para se firmar?

Lizzie acatou a sugestão de bom grado.

Enquanto desciam, os baldes de madeira cheios de água bailavam no centro do poço no seu percurso ascendente e chocavam contra os baldes vazios que voltavam lá para baixo, salpicando Lizzie uma e outra vez de água gelada. Lizzie teve uma visão assustadora de si mesma a escorregar nos degraus e a despenhar-se loucamente no poço, a esbarrar nos baldes, a derrubar dezenas deles antes de embater no fundo e morrer.

Passado um pouco, Jay fez uma pausa para a deixar repousar uns momentos. Embora Lizzie se considerasse uma pessoa bem preparada e ativa, doíam-lhe as pernas e arquejava. Para dar a impressão de não estar cansada, encetou conversa.

— Parece saber muito sobre as minas: de onde vem a água, qual a fundura do poço e essas coisas.

— Na minha família, o carvão é assunto de conversa frequente. É do carvão que vem a maior parte do nosso dinheiro. Mas, além disso, passei um verão com Harry Ratchett, o nosso capataz, há uns seis anos. A minha mãe tinha decidido que eu devia aprender tudo sobre o negócio, na esperança de que um dia o meu pai quisesse que fosse eu a governá-lo. Que ilusão!

Lizzie teve pena dele.

Continuaram a descida. Minutos depois, a escada terminava numa plataforma que dava acesso a dois túneis. Abaixo do nível dos túneis, o poço achava-se inundado. Os baldes iam tirando a água, mas esta era constantemente repostada por valas de drenagem dos túneis. Lizzie perscrutou a escuridão dos túneis, com um misto de curiosidade e de medo no coração.

Jay penetrou num túnel, virou-se e ofereceu a mão a Lizzie. Ela sentiu-lhe o punho firme e seco. No instante em que ela entrou no túnel, ele levou-lhe a mão aos lábios e beijou-os. Lizzie gostou daquela galanteria.

Voltando-se para a frente para a conduzir túnel adentro, Jay continuou a segurar-lhe na mão. Lizzie não sabia muito bem o que fazer em relação àquilo mas também não tinha tempo para pensar no assunto. Tinha de se concentrar em não cair. Abria caminho por

entre espesso pó de carvão e sentia-o igualmente no ar. Aqui e ali o teto baixava e era obrigada a curvar-se boa parte do tempo. Compreendeu que tinha à sua frente uma noite muito desagradável.

Procurou ignorar o desconforto. Dos dois lados do túnel tremeluziam candelas, nos vãos entre grossas colunas, fazendo-lhe lembrar uma missa noturna numa enorme catedral. Jay explicou:

— Cada mineiro desmonta uma secção de doze pés² da face do carvão, chamada «câmara». Entre uma câmara e outra, deixa uma coluna de carvão, com dezasseis pés³ de lado, para suportar o teto.

Lizzie deu-se conta subitamente de que tinha sobre a cabeça duzentos e dez pés de terra e rocha que podiam cair-lhe em cima se os mineiros não tivessem feito bem o seu trabalho; e teve de se esforçar para reprimir uma sensação de pânico. Sem querer, apertou a mão de Jay, que apertou também a sua. A partir desse momento, teve plena consciência de que estavam de mãos dadas. E percebeu que estava a gostar.

As primeiras câmaras por que passaram estavam vazias, provavelmente esgotadas, mas, pouco depois, Jay deteve-se junto de uma câmara que um homem escavava. Para surpresa de Lizzie, o mineiro não se encontrava de pé: deitado de lado, perfurava a parede ao nível do chão. Uma vela num suporte de madeira junto da sua cabeça derramava uma luz inconstante sobre o seu trabalho. Apesar da posição incómoda, o homem brandia com ímpeto a sua picareta. A cada golpe, enterrava no carvão a ponta do instrumento e, usando-a como alavanca, fazia saltar pedaços. Ia abrindo um recorte com dois ou três palmos de fundo a toda a extensão da sua «câmara». Foi um choque para Lizzie ver que ele trabalhava deitado em água corrente, que ia brotando da parede, escorria pelo chão e se escoava pela vala que seguia ao longo do túnel. Mergulhou os dedos na vala. A água era gelada. Tremeu de frio. O mineiro, no entanto, despira o casaco e a camisa, e trabalhava apenas de calções, com os pés descalços; e Lizzie via-lhe o brilho do suor nos ombros enegrecidos.

O túnel não era plano, subia e descia — acompanhando o veio de carvão, calculou Lizzie. Naquele ponto, começava a subir com maior inclinação. Jay parou e apontou mais adiante, para onde outro mineiro fazia qualquer coisa com uma vela.

— Está a ver se não há grisú — disse Jay.

Lizzie largou-lhe a mão e sentou-se numa pedra, para endireitar um pouco as costas.

— Está bem? — perguntou Jay.

— Estou. O que é «grisú»?

— Um gás inflamável.

— Inflamável?

— Sim. É o que provoca a maior parte das explosões nas minas de carvão.

Parecia absurdo.

— Se é explosivo, porque é que ele usa a vela?

— É a única maneira de detetar o gás. Não se vê nem tem cheiro.

O mineiro erguia a vela devagar até ao teto e parecia observar a chama com toda a atenção.

— O gás é mais leve do que o ar, por isso concentra-se junto ao teto — prosseguiu Jay. — Se for pouco, a chama fica azulada.

— E se for muito?

— Manda-nos a todos para o outro mundo.

Para Lizzie, foi a gota de água. Estava imunda e exausta, tinha a boca cheia de pó de carvão, e agora estava em perigo de ir pelos ares. Disse a si mesma para manter a calma. Já sabia, antes de ali descer, que a extração do carvão era uma atividade perigosa, e que teria de ter coragem. Os mineiros desciam à mina todas as noites: ela teria estofo, com certeza, para lá ir uma vez.

Seria, contudo, a última: disso não tinha a menor dúvida.

Observou o mineiro mais uns instantes. Avançava pelo túnel poucos passos de cada vez, repetindo a sua verificação. Lizzie estava decidida a não mostrar o medo. Num esforço para que a sua voz soasse normal, perguntou:

— E, se ele encontrar grisú, o que acontece? Como se livram do gás?

— Deitamos-lhe fogo.

Lizzie engoliu em seco. Cada vez pior.

— Um dos mineiros é nomeado *fireman*⁴ — continuou Jay. — Neste poço, julgo que é o McAsh, o jovem desordeiro. Normalmente, a função passa de pai para filho. O *fireman* é o perito em gás em cada poço. Sabe o que há a fazer.

Lizzie teve vontade de correr pelo túnel de volta ao poço e subir pela escada até ao ar livre. Era o que teria feito não fosse a humilhação de Jay notar o seu pânico. Para se afastar daquela verificação estupidamente perigosa, apontou para um túnel lateral e perguntou:

— Ali o que há?

Jay pegou-lhe de novo na mão.

— Vamos ver.

Pairava na mina um estranho silêncio, pensou Lizzie enquanto avançavam. Ninguém falava muito: alguns homens tinham rapazes a ajudá-los mas a maioria trabalhava só, e os carregadores ainda não tinham chegado. O bater das picaretas na rocha e o resvalar do carvão ao soltar-se soavam abafados pelas paredes e pelo pó espesso que se acumulava no chão. De vez em quando, passavam por uma porta que um rapazito depois fechava: aquelas portas, explicou Jay, controlavam a circulação do ar nos túneis.

Acharam-se numa secção deserta. Jay parou.

— Esta parte parece esgotada — disse, descrevendo um arco com a lanterna erguida. O débil clarão refletiu-se nos pequenos olhos das ratazanas nos limites do círculo de luz. Alimentavam-se, sem dúvida, dos restos das marmitas dos mineiros.

Lizzie viu que Jay tinha o rosto enfarruscado, como os mineiros: o pó de carvão chegava a todo o lado. Dava-lhe um ar patusco, e ela sorriu.

— O que foi? — perguntou Jay.

— Tem a cara preta!

Jay retribuiu o sorriso e tocou-lhe numa bochecha com a ponta de um dedo.

— E como julga que tem a sua?

Lizzie percebeu que devia estar igual.

— Oh, não! — exclamou, rindo.

— Mas continua bonita — disse ele, e beijou-a.

Lizzie não estava à espera, mas não vacilou: soube-lhe bem. Os lábios dele eram firmes e secos, e ela sentiu-lhe a leve aspereza no sítio do bigode, que ele barbeara. Quando Jay afastou o rosto, Lizzie disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Foi para isto que me trouxe cá abaixo?

— Ofendi-a?

Claro que era contra as normas de educação um jovem cavalheiro beijar uma donzela que não fosse sua prometida. Lizzie deveria sentir-se ofendida, bem o sabia; mas tinha gostado. Começou a sentir-se envergonhada.

— Talvez seja melhor voltarmos para trás.

— Posso continuar a dar-lhe a mão?

— Pode.

Jay pareceu contente, e conduziu-a pelo caminho de regresso. Pouco depois, ela avistou a pedra em que se sentara. Pararam a ver um mineiro trabalhar. Lizzie pensou no beijo e sentiu um pequeno arrepio de excitação no ventre.

O mineiro esventrara a parte de baixo da sua câmara e cravava agora cunhas, com um martelo, na parte superior da face do carvão. Como a maioria dos homens, estava meio nu e os músculos maciços das suas costas realçavam-se e moviam-se quando ele brandia o martelo. O carvão, sem nada a suportá-lo, acabava por ruir com o próprio peso e caía no chão em pedaços. O mineiro recuava depressa enquanto a parede que ele acabava de expor abria brechas e assentava, expelindo minúsculos fragmentos ao ajustar-se à nova relação de forças.

Nesse momento, começaram a chegar os carregadores, com as suas velas e as suas pás de madeira, e Lizzie sofreu o choque mais

pavoroso da noite.

Eram quase todos mulheres e meninas.

Nunca perguntara o que faziam as mulheres e as filhas dos mineiros. Não lhe ocorrera que passassem os dias, e metade das noites, a trabalhar debaixo da terra.

Encheram-se os túneis com a sua tagarelice, e depressa o ar aqueceu, obrigando Lizzie a desabotoar o casaco. Na escuridão, a maioria das mulheres não deu pelos visitantes, e não refreou a linguagem. Mesmo à frente deles, um homem mais velho esbarrou numa mulher que parecia grávida.

— Sai-me da porra do caminho, Sal — disse o homem com brusquidão.

— Sai tu, vergalho cego — respondeu ela.

Outra disse:

— O vergalho não é cego, tem um olho! — e todos riram desabridamente.

Lizzie estava chocada. No seu mundo, nunca as mulheres diziam «porra» e, quanto a «vergalho», mal adivinhava o que podia significar. Também a espantava que as mulheres conseguissem rir fosse do que fosse, depois de se levantarem da cama às duas da manhã para trabalhar quinze horas no fundo da mina.

Sentia-se estranha. Tudo ali era físico, sensorial: a escuridão, a mão de Jay, os mineiros seminus a talharem o carvão, o beijo de Jay, e a hilaridade ordinária das mulheres — era irritante mas, ao mesmo tempo, estimulante. Corria-lhe o sangue mais depressa nas veias, abrasava-se-lhe a pele, disparava-lhe o coração.

A vozearia esmoreceu quando as carregadoras se puseram a trabalhar, enchendo grandes cestos com pazadas de carvão.

— Porque é que as mulheres fazem este trabalho? — perguntou incrédula.

— Os mineiros ganham pelo peso de carvão que entregam na boca da mina — respondeu Jay. — Se tiverem de pagar a um carregador, é dinheiro que sai da família. Por isso, põem as mulheres e as filhas a fazer esse trabalho e, assim, ficam com tudo.

Rapidamente se encheram os grandes cestos. Lizzie viu duas mulheres pegarem num e assentarem-no nas costas vergadas de uma terceira. Esta gemeu ao receber o peso. Firmaram-lhe o cesto com uma correia passada à volta da testa, após o que ela se afastou devagar, dobrada em dois. Lizzie não imaginava como conseguiria a mulher carregar aquele peso escada acima, duzentos pés.

— O cesto pesa tanto como parece? — perguntou.

Um dos mineiros ouviu-a.

— Chamamos-lhe um *corf* — respondeu. — Leva duzentas e cinquenta libras⁵ de carvão. Quer tomar-lhe o peso, jovem cavalheiro?

Jay antecipou-se a Lizzie.

— Claro que não — respondeu, protegendo-a.

O homem insistiu.

— Ou talvez meio *corf*, como o desta cachopa?

Aproximava-se deles uma rapariga de dez ou onze anos, com um vestido de lã sem forma definida e um lenço na cabeça. Caminhava descalça e trazia às costas meio cesto de carvão.

Lizzie viu Jay abrir a boca para recusar, mas adiantou-se:

— Sim — disse. — Deixe-me tomar-lhe o peso.

O mineiro mandou parar a rapariga e uma mulher tirou-lhe o cesto. A menina não disse nada mas pareceu satisfeita por poder descansar, arquejante.

— Dobre as costas, senhor — disse o mineiro. Lizzie obedeceu. A mulher balançou-lhe o cesto para as costas.

Embora se tivesse preparado, o peso era muito maior do que esperava e não conseguiu aguentá-lo nem um segundo. As suas pernas cederam e ela tombou. O mineiro, que parecia estar à espera daquilo, amparou-a, e Lizzie sentiu que lhe tiravam o peso das costas, no momento em que a mulher tornou a pegar no cesto. Todos sabiam o que iria acontecer, compreendeu Lizzie enquanto caía nos braços do mineiro.

As mulheres que assistiam à cena chiaram a rir da atrapalhão de quem supunham ser um jovem cavalheiro. O mineiro impediu-a de cair para a frente e facilmente a agarrou no seu robusto antebraço. Uma mão calejada, rija como o casco de um cavalo, esborrachou-lhe os seios por cima da camisa de linho. Ouviu o homem grunhir de surpresa. A mão apertou-a de novo, como que a confirmar; mas os seus seios eram grandes — incomodamente grandes, pensava ela amiúde — e logo a mão se retirou. O homem pô-la de pé. Agarrou-a pelos ombros, e foram uns olhos atónitos que num rosto encarvoado a fitaram.

— Miss Hallim! — sussurrou.

Lizzie percebeu que o mineiro era Malachi McAsh.

Entreolharam-se durante um momento mágico, com o riso das mulheres a encher-lhes os ouvidos. Lizzie achou duplamente excitante aquela intimidade repentina, depois de tudo o que ocorrera antes, e percebeu que ele sentia o mesmo. Por um instante, estava mais próxima de McAsh que de Jay, apesar de este a ter beijado e lhe ter dado a mão. Outra voz se elevou então acima da algazarra e uma mulher disse:

— Mack, vem ver isto!

Uma mulher de cara enfarruscada segurava numa vela junto ao teto. McAsh olhou para ela, olhou de novo para Lizzie e, parecendo contrariado por deixar qualquer coisa a meio, largou-a dirigiu-se à outra mulher.

Observou a chama da vela e disse:

— Tens razão, Esther. — Virou-se e falou para os outros mineiros, ignorando Lizzie e Jay. — Temos aqui um bocado de grisú. — Lizzie teve vontade de fazer meia-volta e fugir, mas McAsh parecia calmo. — Não é o suficiente para dar o alarme, pelo menos para já. Vamos fazer a verificação em sítios diferentes e ver até onde vai.

Lizzie achou incrível a sua serenidade. Que têmpera de gente eram aqueles mineiros? Se bem que tivessem vidas brutalmente duras, parecia inquebrantável o seu ânimo. Por comparação, a sua própria vida parecia mimada e sem sentido.

Jay pegou-lhe no braço.

— Parece-me que já vimos que chegue, não acha? — murmurou.

Lizzie não protestou. Havia muito que saciara a curiosidade. Doíam-lhe as costas de andar constantemente vergada. Estava cansada e suja e assustada e queria voltar para a superfície e sentir o vento na cara.

Percorreram o túnel ansiosamente de volta ao poço. A mina fervilhava agora de atividade e eles tinham carregadores atrás de si e à sua frente. As mulheres prendiam as saias acima do joelho, para maior liberdade de movimentos, e seguravam nas velas com os dentes. Avançavam devagar sob as suas cargas enormes. Lizzie viu um homem a aliviar-se para dentro da vala de drenagem bem à vista das mulheres e das meninas. Porque não arranja um sítio qualquer escondido para fazer aquilo?, pensou Lizzie, antes de se dar conta de que ali em baixo não havia sítio escondido nenhum.

Chegaram ao poço e começaram a subir as escadas. Os carregadores trepavam a quatro, como crianças pequenas: era o que dava mais jeito com a sua postura vergada. Subiam a um ritmo regular. Agora ninguém falava nem gracejava: mulheres e meninas arquejavam e gemiam sob o peso tremendo que levavam às costas. Passado algum tempo, Lizzie teve de descansar, mas os carregadores nunca paravam, e ela sentiu-se humilhada e cheia de culpa ao ver-se ultrapassada por catraias pequenas com as suas cargas, algumas a chorar de dor e de exaustão. De vez em quando, uma criança abrandava ou parava um instante, para logo a apressar uma praga ou uma bofetada brutal da mãe. Lizzie tinha vontade de as reconfortar. Todas as emoções da noite se misturaram e transformaram em raiva.

— Juro — disse com veemência — que, enquanto for viva, jamais consentirei que se extraia carvão nas minhas terras.

Antes de Jay poder responder, começou a tocar uma sineta.

— O alarme — disse Jay. — Devem ter dado com mais grisú.

Lizzie gemeu e pôs-se de pé. Doía-lhe a barriga das pernas como se nelas tivessem espetado facas. Nunca mais, pensou.

— Eu levo-a — disse Jay e, sem mais, pô-la sobre um ombro e começou a subir os degraus.

└ Cerca de 63 metros. (NT)

└ Cerca de 3,6 metros. (NT)

└ Cerca de 4,8 metros. (NT)

└ Não se conhece função correspondente nas minas de carvão portuguesas da altura. Entre nós, usavam-se sobretudo canários para detetar a presença do gás, ao qual eram mais sensíveis do que os seres humanos. E, para limpar as minas, a única solução de que há registo era a ventilação. (NT)

└ Cerca de 113 quilos. (NT)

CAPÍTULO OITO

O grisu espalhou-se com uma velocidade terrível. Ao princípio, a chama azulada apenas se via quando a vela estava ao nível do teto, mas, minutos depois, já era visível um bom palmo abaixo, e Mack teve de interromper a verificação por medo de inflamar o gás antes de a mina ser evacuada.

Arfava em curtas golfadas de pânico. Procurava manter-se calmo e pensar com clareza.

Normalmente, o gás infiltrava-se gradualmente, mas desta vez era diferente. Devia ter acontecido qualquer coisa invulgar. Muito provavelmente, o grisu acumulara-se numa área fechada, onde a exploração já se esgotara, depois abrira-se alguma fenda numa parede antiga, pela qual o temido gás passava rapidamente para os túneis ocupados.

E não havia ali homem, mulher ou criança que não andasse com uma vela acesa.

Um pequeno vestígio queimar-se-ia sem perigo; uma concentração moderada arderia numa súbita bola de fogo, chamuscando quem se achasse por perto; e uma grande quantidade explodiria, matando toda a gente e destruindo os túneis.

Inspirou fundo. A prioridade imediata era tirar toda a gente da mina o mais depressa possível. Fez soar vigorosamente a sineta, contando até doze. Quando parou, mineiros e carregadores corriam pelos túneis até ao poço, com as mães a apressarem as filhas.

Enquanto toda a gente fugia da mina, duas carregadoras ficavam: a irmã de Mack, Esther, calma e eficiente, e a prima, Annie, que era forte e rápida mas também impulsiva e desajeitada. Com as suas pás, começaram as duas a abrir furiosamente uma pequena cova, do tamanho de Mack, no chão do túnel. Ele, entretanto, foi buscar uma trouxa envolta em oleado, que estava pendurada no teto da sua câmara e correu para a entrada do túnel.

Após a morte dos pais, duvidara-se à boca pequena, entre os homens, de que Mack tivesse idade para herdar do pai as funções de *fireman*. A par da responsabilidade do ofício, o *fireman* era visto como um superior dentro da comunidade. Na verdade, ele mesmo partilhara dessas dúvidas. Mas mais ninguém queria aquelas funções — não eram pagas e eram perigosas. E, quando ele lidou bem com a primeira emergência, cessaram os murmúrios. Agora tinha orgulho por ver que os mais velhos confiavam nele, mas esse orgulho também o obrigava a mostrar calma e segurança mesmo quando sentia medo.

Chegou à entrada do túnel. Dirigiam-se para as escadas os últimos retardatários. Agora tinha de se ver livre do gás. Queimá-lo era a única solução. Tinha de lhe deitar fogo.

Era um azar tremendo que aquilo acontecesse precisamente naquele dia. Era o seu aniversário: estava de partida. Lamentou não ter sido menos cauteloso e não ter partido na noite de domingo. Dissera a si mesmo que esperar um dia ou dois levaria os Jamisson a supor que ia ficar, embalando-os numa ilusória sensação de segurança. Revolvia-lhe as entranhas pensar que, nas suas últimas horas como mineiro, tinha de arriscar a vida para salvar a mina que se preparava para abandonar para sempre.

Se não queimasse o grisú, a mina seria encerrada. E o encerramento de uma mina numa povoação mineira era como uma colheita perdida numa comunidade agrária: ia morrer-se de fome. Mack jamais esqueceria a última vez em que a mina encerrara, quatro invernos antes. Nas semanas aflitivas que se tinham seguido, os aldeãos mais novos e os mais velhos tinham morrido — fora o caso dos seus pais. No dia a seguir à morte da mãe, desenterrara uma lura de coelhos que hibernavam e partira-lhes o pescoço enquanto ainda estavam sonolentos; e fora essa carne que o salvara, a ele e a Esther.

Chegado à plataforma, rasgara os atilhos impermeáveis da sua trouxa. Continha esta um grande archote feito de paus secos e trapos, um barão de corda e uma versão maior do candelabro

hemisférico que os mineiros usavam, fixado a uma base lisa de madeira para não tombar. Mack enfiou o archote com firmeza no candelabro. Logo a chama se avivou. Ali, iria arder sem perigo, porque o gás, mais leve do que o ar, não podia acumular-se no fundo do poço. Mas a tarefa seguinte era penetrar com o archote aceso no túnel.

Demorou mais um instante a deitar-se no depósito de escoamento formado ao fundo do poço, a encharcar roupas e cabelos na água gelada para ter um pouco mais de proteção contra queimaduras. Apressou-se em seguida a regressar ao túnel, desenrolando a corda atrás de si, enquanto ia examinando o caminho, desviando pedras e outros objetos que pudessem impedir o movimento do archote quando o arrastasse pelo chão do túnel.

Chegado ao pé de Esther e de Annie, viu à luz da única vela acesa, pousada no chão, que tudo estava pronto. A cova fora aberta. Esther mergulhava uma manta na vala de drenagem e logo o embrulhou nela. A tiritar, Mack estendeu-se na cova, com a ponta da corda na mão. Annie ajoelhou-se ao seu lado e, sem que ele então o esperasse, beijou-o em cheio na boca. Depois, tapou a cova com uma tábua pesada, com ele lá dentro.

Ouviram-se um esparrinhar. Eram as duas moças a despejar mais água sobre a tábua, numa tentativa de lhe reforçar a proteção contra as chamas que ele se preparava para fazer brotar. Uma delas bateu então três vezes na tábua, sinal de que iam sair.

Mack contou até cem, para lhes dar tempo de fugir do túnel.

Depois, com o coração apertado de pavor, começou a puxar a corda, arrastando o archote aceso para as entranhas da mina, para onde ele se encontrava, um túnel meio cheio de gás explosivo.

Jay levou Lizzie ao ombro até ao cimo das escadas e pousou-a na lama gelada à entrada do poço.

— Está bem? — perguntou.

— Estou muito contente por estar outra vez cá em cima — respondeu ela com gratidão. — Não tenho palavras para lhe

agradecer ter-me trazido. Deve estar exausto.

— Pesa muito menos do que um *corf* cheio de carvão — disse ele com um sorriso.

Falava como se o peso dela não fosse nada, mas parecia ter as pernas bambas quando se afastaram da entrada do poço. Ao subir as escadas, no entanto, não fraquejara uma única vez.

Ainda a madrugada vinha longe e começara a nevar, não em leves flocos flutuantes mas em grãos gelados batidos pelo vento, que picavam os olhos de Lizzie. No instante em que os últimos mineiros e carregadores saíam da mina, Lizzie reparou na jovem cujo filho fora batizado no domingo — Jen, assim se chamava. Embora o bebé só tivesse uma semana de vida, pouco mais ou menos, já a pobre mulher carregava um cesto cheio. Não deveria ter ficado de repouso depois de dar à luz? Despejou o cesto para o depósito e entregou ao encarregado uma placa de madeira: Lizzie calculou que aquelas placas servissem para contabilizar o salário no fim da semana. Talvez Jen precisasse demasiado de dinheiro para poder folgar.

Como Jen parecia distraída, Lizzie continuou a observá-la. Com a sua vela erguida acima da cabeça, corria por entre o ajuntamento de uns setenta ou oitenta trabalhadores, a gritar «Wullie! Wullie!» Dir-se-ia que chamava por uma criança. Encontrou o marido e trocou com ele palavras breves e assustadas. De seguida, gritou «Não!», correu para a entrada da mina e recomeçou a descer as escadas.

O marido foi até à beira do poço, voltou para trás e pôs-se a procurar no meio da multidão, visivelmente aflito e desnortado. Lizzie perguntou-lhe:

— O que foi?

O homem respondeu com um tremor na voz.

— Não sabemos do nosso menino, e a Jen pensa que ainda está lá em baixo.

— Oh, não! — Lizzie espreitou para o fundo do poço. Viu brilhar uma espécie de archote. Mas logo a luz se deslocou e desapareceu

no túnel.

Mack já fizera aquilo em três ocasiões, mas desta vez era muito mais assustador. Das outras vezes, a concentração de grisu fora muito mais baixa, uma fuga lenta e não uma acumulação súbita. O pai tivera de lidar com grandes fugas, naturalmente — e o corpo dele, quando se lavava diante do lume nas noites de sábado, exibia incontáveis cicatrizes de antigas queimaduras.

Mack tiritava na sua manta ensopada em água gélida. À medida que enrolava a corda, arrastando o archote aceso para junto de si e do gás, tentava controlar o medo pensando em Annie. Tinham crescido juntos e sempre com grande afeto mútuo. Annie possuía um espírito bravio e um corpo musculoso. Nunca antes o beijara em público, mas muitas vezes o fizera em segredo. Tinham explorado o corpo um do outro e ensinado um ao outro a dar prazer. Tinham experimentado juntos todo o tipo de coisas, parando apenas no limiar daquilo a que Annie chamava «fazer bebés». E quase tinham chegado aí...

De nada lhe serviu: continuava apavorado. Para se acalmar, tentou pensar friamente no modo como o gás se movia e se acumulava. A sua cova ficava num ponto baixo do túnel, pelo que a concentração seria menor ali; mas não havia forma rigorosa de calcular essa concentração antes de o gás se inflamar. Tinha medo da dor, e sabia que as queimaduras eram um tormento. De morrer, realmente, não tinha medo. Não pensava muito em religião mas cria que Deus seria misericordioso. Contudo, não queria morrer naquele momento: nunca fizera nada, nunca vira nada, nunca estivera em lado nenhum. Toda a sua vida, até ao presente, a passara como escravo. Se sobreviver a esta noite, jurou, parto do *glen* hoje mesmo. Dou um beijo à Annie e despeço-me da Esther, e desobedeço aos Jamisson e desapareço daqui, se Deus quiser.

A extensão de corda que já tinha nas mãos dizia-lhe que o archote estaria mais ou menos a meio do caminho. Podia incendiar o grisu a qualquer momento. Todavia, também podia acontecer que

não chegasse a haver fogo: às vezes, contara-lhe o pai, o gás parecia sumir-se, ninguém sabia para onde.

Sentiu uma leve resistência na corda, e percebeu que o archote roçava na parede, no ponto onde o túnel fazia uma curva. Se espreitasse, conseguiria vê-lo. O gás estava decerto prestes a explodir.

Foi então que ouviu uma voz.

Tal foi o choque que, de repente, supôs estar a perante uma experiência sobrenatural, um encontro com alguma aparição ou demónio.

Percebeu depois que não era nada disso: o que ouvia era a voz de uma criança aterrorizada, que chorava e dizia:

— Onde estão todos?

O coração de Mack congelou.

Compreendeu imediatamente o que acontecera. Quando era rapazinho e já trabalhava na mina, muitas vezes adormecera durante o seu turno de quinze horas. Com esta criança passara-se o mesmo, e o alarme não a despertara. Depois, acordara, achara a mina vazia e entrara em pânico.

Mack levou uma fração de segundo a perceber o que tinha de fazer.

Afastou a tábua e saltou da cova. O archote iluminava a cena e ele pôde ver o rapazinho vir de um túnel lateral, a esfregar os olhos e a choramingar. Era Wullie, o filho de Jen, a sua prima.

— Tio Mack! — gritou contente o menino.

Mack correu para ele, pelo caminho desenrolando a manta encharcada. Na cova, tão estreita, não caberiam os dois: teriam de tentar chegar ao poço antes de o gás explodir. Mack embrulhou o rapaz na manta, dizendo:

— Há grisu, Wullie, temos de sair daqui!

Pegou nele, encaixado debaixo de um braço, e continuou a correr.

Ao aproximar-se do archote, desejou que não inflamasse o gás, e deu por si a bradar:

— Ainda não! Ainda não!

E deixaram o archote para trás.

O rapaz pouco pesava, mas era custoso correr dobrado, e o chão dificultava ainda mais o seu avanço: lamacento aqui, com pó espesso ali, e irregular em toda a parte, com pedras saídas nas quais, com a pressa, facilmente podia tropeçar. Continuou a correr indiferente a tudo, desequilibrando-se por vezes mas conseguindo não cair, à espera de ouvir a explosão, que bem podia ser o último som que ouviria na vida.

Passada a curva do túnel, a luz do archote era nula. Correu trevas adentro mas, instantes depois, foi de encontro à parede e caiu de cabeça, largando Wullie. Soltou uma praga e pôs-se a custo de pé.

O rapaz começou a chorar. Mack encontrou-o pelo som e tornou a pegar nele. Viu-se forçado a progredir mais devagar, tateando com a mão livre a parede do túnel, praguejando no escuro. Então, misericordiosa, surgiu adiante a chama de uma vela, à entrada do túnel, e Mack ouviu a voz de Jen chamar:

— Wullie! Wullie!

— Está comigo, Jen! — gritou Mack, largando a correr. — Vai já para a escada!

Jen ignorou a ordem e foi ter com ele.

Mack estava a poucos metros da entrada do túnel — e da salvação.

— Para trás! — gritou, mas ela continuava a aproximar-se.

Esbarrou nela e agarrou-a com o braço livre.

Então o gás explodiu.

Numa fração de segundo, ouviu-se um assobio estridente, e logo um estampido gigantesco, ensurdecedor, que fez tremer a terra. Uma força que lhe pareceu um punho maciço bateu-lhe nas costas e ergueu-o do chão, fazendo-o largar Wullie e Jen. Voou. Sentiu uma onda de calor ardente e teve a certeza de que ia morrer; caiu então de cabeça em água gelada e compreendeu que fora atirado para o lago de drenagem no fundo do poço da mina.

E estava vivo.

Veio à tona e limpou a água dos olhos.

A plataforma e as escadas, de madeira, ardiam aqui e ali, e as labaredas iluminavam a cena irregularmente. Mack viu Jen, a debater-se dentro de água e a perder o fôlego. Agarrou-a e tirou-a do lago.

Sufocada, berrou:

— O Wullie?

Podia ter perdido os sentidos, pensou Mack. Impeliu-se de um lado ao outro do pequeno lago, embatendo na corrente de baldes, que parara de funcionar. Por fim, achou um objeto a flutuar, e constatou que era Wullie. Içou o rapaz para cima da plataforma, para junto da mãe, e subiu por seu turno.

Wullie sentou-se e começou a expelir golfadas de água.

— Graças a Deus! — soluçava Jen. — Está vivo!

Mack olhou para o interior do túnel. Farripas de gás desgarradas ardiam de vez em quando como espíritos de fogo.

— É subir depressa — disse. — Pode haver outra explosão. — Pegou em Jen e em Wullie para os pôr de pé e empurrou-os para as escadas. Jen pegou em Wullie e pô-lo ao ombro: o peso do rapazinho não era nada para uma mulher capaz de carregar um cesto cheio de carvão por aquelas escadas acima vinte vezes num turno de quinze horas.

Mack hesitou, vendo as pequenas labaredas na base dos degraus. Se a escada ardesse toda, o poço podia ficar inutilizado durante semanas, enquanto a reconstruíssem. Levou mais uns instantes a apagar as chamas lançando sobre elas água do pequeno lago. Depois, seguiu atrás de Jen.

Chegado ao ar livre, sentia-se exausto, dorido e zozinho. Logo uma multidão o rodeou, a apertar-lhe a mão, a dar-lhe palmadas nos ombros e a felicitá-lo. As pessoas abriram alas para Jay Jamisson e para o seu acompanhante, em quem Mack reconheceu Lizzie Hallim vestida de homem.

— Bom trabalho, McAsh — disse Jay. — A minha família agradece a tua coragem.

Vaidoso da trampa, pensou Mack.

Lizzie perguntou:

— Não há mesmo outra maneira de acabar com o grisú?

— Não! — respondeu Jay.

— Claro que há — disse Mack ainda ofegante.

— Deveras? — tornou Lizzie. — Qual?

Mack acalmou a respiração.

— Abrir poços de ventilação, para o gás sair e não se acumular.

— Inspirou fundo outra vez. — Quantas vezes já dissemos isto aos Jamisson!

Dos mineiros em redor proveio um murmúrio de aprovação.

Lizzie voltou-se para Jay.

— Então porque não fazeis isso?

— A Lizzie não percebe nada de negócios! E porque haveria de perceber? — foi a resposta de Jay. — Ninguém que esteja no negócio pode pagar um processo caro se houver um mais barato que dê o mesmo resultado. A concorrência ia ter preços mais baixos. É economia política.

— Dê-lhe o nome bonito que quiser — tornou Mack, sem fôlego.

— A gente comum chama-lhe ganância da grossa.

Um ou dois mineiros gritaram:

— Sim! Isso mesmo!

— Vamos lá. McAsh — protestou Jay. — Não estragues tudo querendo outra vez ser mais do que és. Vais meter-te em grandes sarilhos.

— Eu não estou metido em sarilhos de tamanho nenhum — respondeu Mack. — Faço hoje vinte e dois anos. — Não queria ter dito aquilo, mas agora era tarde para se refrear. — Não cheguei a trabalhar cá um ano inteiro e mais um dia como adulto. Nem vou trabalhar. — A multidão ficou de súbito em silêncio, e Mack foi invadido por uma sensação extasiante de liberdade. — Vou-me

embora, Mr. Jamisson — disse. — Despeço-me. Adeus. — Voltou as costas a Jay e, num silêncio absoluto, afastou-se.

CAPÍTULO NOVE

Quando Jay e Lizzie chegaram ao castelo, já uns nove ou dez criados estavam a pé, a acender lareiras e a varrer o chão à luz de candeias. Lizzie, negra de pó de carvão e quase inerte de cansaço, agradeceu a Jay num sussurro e subiu as escadas a cambalear. Jay mandou que lhe levassem ao quarto uma selha e água quente e tomou banho, esfregando a pele com pedra-pomes para tirar o pó de carvão.

Nas quarenta e oito horas anteriores, tinham-se dado acontecimentos decisivos na sua vida: o pai doara-lhe um património ridículo, a mãe amaldiçoara o pai, e ele mesmo tentara matar o irmão — mas nada disso lhe ocupava agora o espírito. Ali estendido, era em Lizzie que pensava. O seu rosto endiabrado surgia-lhe à frente no vapor do banho, a sorrir, traquinas, a enrugar os cantos dos olhos, a zombar dele, a tentá-lo, a provocá-lo. Recordava a sensação de a ter nos braços quando a levara até ao cimo das escadas da mina: era macia e leve, e ele apertara o seu pequeno corpo de encontro ao seu ao subir os degraus. Perguntava-se se Lizzie estaria a pensar nele. Também ela teria pedido água quente: não podia meter-se na cama com a sujidade que tinha no corpo. Imaginou-a nua, de pé diante da lareira do quarto, a ensaboar-se. Quis poder estar com ela, e tirar-lhe a esponja da mão, e livrá-la delicadamente do pó de carvão acumulado na curvatura dos seios. A ideia excitou-o, fazendo-o saltar da selha e enxugar-se com uma toalha áspera.

Não tinha sono. Queria falar com alguém sobre a aventura daquela noite, mas provavelmente Lizzie ia dormir horas a fio. Pensou na mãe. Confiava nela. Às vezes forçava-o a fazer coisas contra a sua vontade, mas estava sempre do seu lado.

Barbeou-se e vestiu roupa lavada, e foi até ao quarto da mãe. Como previra, estava acordada, sentada ao toucador a beber chocolate, enquanto a criada a penteava. Sorriu-lhe ao vê-lo. Ele

deu-lhe um beijo e deixou-se cair numa cadeira. A mãe era bela, mesmo àquela hora da manhã, mas tinha um espírito inquebrantável.

Dispensou a criada.

— Porque estás a pé tão cedo? — perguntou a Jay.

— Não me deitei. Desci à mina.

— Com Lizzie Hallim?

Que esperta, pensou Jay com ternura. Percebia sempre o que ele andava a tramar. Mas Jay não se importava com isso, porque a mãe nunca o condenava.

— Como adivinhou?

— Não era difícil. Ela estava em pulgas para lá ir, e é o género de rapariga que não aceita um «não».

— Escolhemos um dia mau para descer. Houve uma explosão.

— Deus do céu! Estás bem?

— Estou...

— Mesmo assim, vou mandar chamar o doutor Stevenson...

— Pare de se preocupar, mãe! Já nem estava na mina quando se deu a explosão. Nem Lizzie. Só estou um pouco cansado das pernas por tê-la trazido ao ombro até ao cimo do poço.

A mãe acalmou-se.

— Qual foi a opinião dela?

— Jurou nunca autorizar a escavação de minas nas terras dos Hallim.

Alicia riu-se.

— E o teu pai tão sedento do carvão dela... Bem, vou gostar de assistir à batalha. Quando Robert a desposar, terá direito a ir contra a vontade da mulher... em teoria. Veremos. Mas como te parece que vai o namoro?

— Namorar não é o ponto forte de Robert, para não dizer mais — respondeu Jay com desdém.

— Mas é o teu, não é? — ripostou a mãe, indulgente.

Jay encolheu os ombros.

— Ele está a dar o seu melhor, à sua maneira trapalhona.

— Talvez Lizzie acabe por não casar com ele.

— Penso que terá de casar.

A mãe lançou-lhe um olhar perspicaz.

— Sabes alguma coisa que eu não saiba?

— Lady Hallim está a ter dificuldade em renovar as hipotecas. O meu pai tratou de que assim fosse.

— Ah, foi? Manhoso!

Jay suspirou.

— Lizzie é uma rapariga magnífica. Um desperdício ficar para Robert.

A mãe pousou-lhe uma mão no joelho.

— Jay, meu querido filho, ela ainda não é de Robert.

— Imagino que ela pudesse casar com outra pessoa.

— Contigo.

— Deus do céu, mãe! — Embora tivesse beijado Lizzie, não chegara a pensar em casamento.

— Estás enamorado dela, bem vejo.

— Enamorado? Será amor?

— Pois claro: os teus olhos iluminam-se ao ouvir-lhe o nome e quando ela está na sala não vês mais ninguém.

A mãe descrevera com exatidão os seus sentimentos. Jay não podia esconder-lhe nada.

— Mas casar com ela?

— Se estás enamorado dela, pede-a! Serias o *laird* de High Glen.

— Era para Robert aprender — disse Jay sorrindo. Batia-lhe mais depressa o coração ao pensar em ter Lizzie por mulher, mas procurou concentrar-se nos aspetos práticos.

— Não teria um cêntimo.

— Já agora não tens. Mas saberias governar a propriedade melhor do que Lady Hallim, que não é mulher de negócios. As terras são vastas: High Glen deve ter dez milhas de comprimento, e Craigie e Crook Glen também lhe pertencem. Havia de roçar terrenos para pastagem, vender mais carne de veado, construir

uma azenha... Podias tirar um rendimento razoável, mesmo sem extrair carvão.

— E as hipotecas?

— És pessoa a quem se empresta com muito mais vontade do que a Lady Hallim: és novo e vigoroso e vens de família abastada. Não terias dificuldade em renovar os empréstimos. E, um dia, a seu tempo...

— O quê?

— Bom, Lizzie é uma rapariga impulsiva. Hoje, faz voto de nunca permitir que se extraia carvão das suas terras. Amanhã, sabe Deus, pode chegar à conclusão de que os veados têm sentimentos e proibir a caça. Para a semana, talvez já tenha esquecido ambos os decretos. Se um dia autorizares a extração, poderás pagar todas as dívidas.

— Não me agrada a ideia de ir contra a vontade de Lizzie numa coisa dessas. — Jay pensava igualmente que queria ser dono de uma plantação de açúcar em Barbados e não de uma mina de carvão na Escócia. No entanto, também queria Lizzie.

Com uma rapidez desconcertante, a mãe mudou de assunto.

— O que se passou ontem na caçada?

Jay foi apanhado de surpresa, e percebeu que seria incapaz de contar uma mentira convincente. Corou e gaguejou, e acabou por responder:

— Tive outra briga com o pai.

— Isso já eu sei — disse a mãe. — Vi logo pelas vossas caras ao voltardes. Mas não foi uma simples discussão. Fizeste qualquer coisa que o transtornou. O que foi?

Jay nunca conseguira enganá-la.

— Tentei alvejar Robert — confessou muito infeliz.

— Oh, Jay, que horror — comentou a mãe.

Jay baixou a cabeça. E ainda era pior por ter falhado. Se tivesse matado o irmão, o sentimento de culpa seria pavoroso, mas decerto também teria uma sensação selvagem de triunfo. Assim, ficava apenas com a culpa.

A mãe parou de pé junto da cadeira de Jay e puxou-lhe a cabeça para o peito.

— Meu pobre menino — disse. — Não era preciso tanto. Havemos de arranjar outra maneira, não te preocupes. — E pôs-se a embalá-lo, afagando-lhe os cabelos e dizendo:

— Pronto, pronto...

— Como pudeste fazer uma coisa assim? — lamentava-se Lady Hallim esfregando as costas de Lizzie.

— Tinha de ver com os meus olhos — respondeu Lizzie. — Com menos força!

— Tem de ser com força. O pó de carvão não sai.

— Mack McAsh irritou-me ao dizer que eu não sabia de que estava a falar — continuou Lizzie.

— E porque haverias de saber? — retorquiu a mãe. — Para que haverá de perceber de minas de carvão uma jovem dama, posso saber?

— Detesto que tentem calar-me dizendo que as mulheres não percebem de política, ou de lavoura, ou de minas, ou de comércio: podem dizer impunemente as barbaridades que quiserem.

Lady Hallim rosnou.

— Espero que Robert não se importe com o facto de seres tão masculina.

— Terá de se contentar com a maneira como sou, ou ficar sem coisa nenhuma.

A mãe soltou um suspiro exasperado.

— Assim não pode ser, minha querida. Tens de o encorajar um pouco mais. É verdade que uma rapariga não deve parecer *desejosa*, mas tu exageras no sentido oposto. Promete que hoje vais ser simpática com Robert.

— Qual é a sua opinião sobre Jay, mãe?

A mãe sorriu.

— Claro que é um rapaz encantador... — Interrompeu-se de súbito e olhou-a fixamente. — Porque perguntas?

— Beijou-me, na mina.

— Não! — Lady Hallim endireitou-se e fez voar a pedra-pomes para o fundo do quarto. — Não, Elizabeth, não vou aturar isto! — Lizzie foi apanhada de surpresa pela fúria repentina da mãe. — Não vivi vinte anos na penúria para te ver crescer e casar com um indigente bem-parecido.

— Não é um indigente.

— Claro que é, bem viste aquela cena horrível com o pai dele. O património que tem é um cavalo. Não podes fazer isso, Lizzie!

A mãe estava possessa de raiva. Lizzie nunca a vira naquele estado e não conseguia entender.

— Mãe, acalme-se, por favor — suplicou. Levantou-se e saiu da selha. — Passe-me uma toalha, sim?

Para seu espanto, a mãe tapou a cara com as mãos e começou a chorar. Lizzie abraçou-a e perguntou:

— Mãe, querida mãe, o que foi?

— Tape-se, menina má — disse a mãe entre soluços.

Lizzie envolveu num cobertor o corpo molhado.

— Sente-se, mãe — disse, e conduziu-a até uma cadeira.

Passado um pouco, a mãe declarou.

— O teu pai era igual a Jay, igual — disse, com uma tensão amarga na linha dos lábios. — Alto, belo, encantador, e muito dado a roubar beijos em sítios escuros. E um fraco, completamente fraco. Cedi ao pior da minha natureza e casei com ele contra o que me ditava a razão, sabendo que não passava de um fogo-fátuo. Em três anos, já tinha delapidado a minha fortuna e, um ano depois caiu do cavalo, perdido de bêbado, partiu a sua linda cabeça e morreu.

— Oh, mãe... — Lizzie estava chocada com o ódio que lhe ouvia na voz. Normalmente, a mãe falava do pai num tom neutro: sempre lhe dissera que ele fora infeliz nos negócios, que morrera tragicamente jovem, e que os solicitadores tinham feito grande trapalhada com as finanças da propriedade. Lizzie mal se lembrava do pai, pois tinha três anos à data da sua morte.

— E desprezava-me por não lhe ter dado um filho varão — prosseguiu a mãe. — Um filho que teria sido como ele, ímpio e tíbio, e que teria destroçado o coração de uma rapariga qualquer. Mas isso soube eu evitar.

Lizzie ficou chocada outra vez. Sempre era verdade que as mulheres conseguiam evitar a gravidez? Seria verdade que a sua própria mãe tinha feito tal coisa contra a vontade do marido?

A mãe pegou-lhe na mão.

— Promete que não casas com ele, Lizzie. Promete!

Lizzie soltou a mão. Sentia-se desleal, mas tinha de dizer a verdade.

— Não posso — respondeu. — Eu amo-o.

Quando Jay saiu do quarto da mãe, os seus sentimentos de culpa e de vergonha pareceram dissipar-se, e de repente sentiu fome. Desceu à sala de jantar. O pai e Robert estavam lá, a comer grossas fatias de presunto grelhado e maçãs assadas com açúcar, à conversa com Harry Ratchett. Ratchett, na qualidade de capataz das minas, viera fazer o relato da explosão de gás. O pai olhou com severidade para Jay e disse:

— Ouvi dizer que desceste esta noite à mina de Heugh.

Jay começou a perder o apetite.

— Desci, sim — disse. — Houve uma explosão. — Pegou num jarro e encheu um copo com cerveja.

— Da explosão, já sei tudo — disse o pai. — Quem estava contigo?

Jay deu um gole na cerveja.

— Lizzie Hallim — confessou.

Robert fez-se escarlate.

— Diabos te levem — disse. — Sabias perfeitamente que o pai não queria que ela fosse lá abaixo.

Jay não resistiu a dar uma resposta provocatória.

— E então, pai, qual vai ser o meu castigo? Vai deixar-me sem um cêntimo? Isso já o pai fez.

O pai brandiu um dedo ameaçador.

— Tu obedeces às minhas ordens, estou-te a avisar!

— Devia preocupar-se com o McAsh, não comigo — disse Jay, tentando desviar a ira do pai para outro alvo. — Disse a quem quis ouvir que se ia embora hoje.

Robert bradou:

— Cão raivoso dos diabos! — Não era claro se falava de McAsh ou de Jay.

Harry Ratchett tossiu.

— Mais vale deixar o McAsh ir-se embora, Sir George — disse. — É um bom trabalhador, mas é um desordeiro e bem nos calha ver-se a gente livre dele.

— Não posso — respondeu Sir George. — O McAsh fez-me frente em público. Se o deixo escapar sem mais, não haverá mineiro jovem que não pense que também pode partir.

Robert acrescentou:

— E nem é só por nós. Esse advogado, esse Gordonson, podia escrever aos mineiros de toda a Escócia. Se os homens puderem deixar as minas aos vinte e um anos, toda a indústria pode desabar.

— Tal e qual — concordou o pai. — E depois como faria a nação britânica para arranjar carvão? Ouvi o que vos digo: se alguma vez apanhar esse Caspar Gordonson no banco dos réus acusado de traição, mando-o para a forca antes de alguém ter tempo para dizer «inconstitucional», queira Deus.

— Na verdade — disse Robert —, é nosso dever patriótico fazer qualquer coisa em relação ao McAsh.

Estava esquecida a ofensa de Jay, para seu alívio. Mantendo a conversa centrada no mineiro, perguntou:

— Mas o que podemos fazer?

— Podia prendê-lo — disse Sir George.

— Não — contestou Robert. — Quando saísse, podia continuar a dizer que era um homem livre.

Fez-se um silêncio pensativo.

— Podia-se açoitá-lo — sugeriu Robert.

— É capaz de ser a solução — concordou Sir George. — Pela lei, tenho o direito de os chicotear.

Ratchett pareceu pouco à vontade.

— Há muitos anos que nenhum patrão exerce esse direito, Sir George. E quem é que ia pegar no chicote?

Robert disse com impaciência:

— Bom, então o que é que fazemos aos desordeiros?

Sir George sorriu.

— Prendemo-los à nora — disse.

CAPÍTULO DEZ

Mack teria preferido pôr-se logo a caminho de Edimburgo, mas sabia que seria asneira. Mesmo não tendo trabalhado um turno inteiro, estava exausto, e a explosão deixara-o ligeiramente atordoado. Precisava de tempo para pensar no que os Jamisson poderiam fazer e em como poderia enganá-los.

Foi para casa, despiu as roupas molhadas, acendeu o lume e enfiou-se na cama. O mergulho no lago de drenagem deixara-o mais sujo do que de costume, porque a água estava saturada de pó de carvão, mas os lençóis estavam tão negros que mais um pouco não faria diferença. Como a maioria dos homens, tomava banho uma vez por semana, ao sábado à noite.

Os outros mineiros tinham voltado ao trabalho depois da explosão. Esther ficara na mina, com Annie, para ir buscar o carvão desmontado por Mack e para o trazer para a superfície: não ia desperdiçar trabalho duro.

Enquanto adormecia, perguntava-se porque se cansariam os homens mais depressa do que as mulheres. Os talhadores, todos homens, trabalhavam dez horas, da meia-noite às dez da manhã; os carregadores, quase todos mulheres, trabalhavam das duas da manhã às cinco da tarde — quinze horas. O trabalho das mulheres era mais pesado, subir e tornar a subir aquelas escadas com enormes cestos de carvão sobre as costas vergadas, mas continuavam a trabalhar muito depois de os seus homens voltarem para casa, cambaleantes, e caírem na cama. Acontecia uma mulher tornar-se talhadora, mas era raro: com uma picareta ou um martelo nas mãos, a maioria das mulheres não conseguia bater com força bastante, pelo que demorava demasiado a soltar o carvão da parede.

Os homens dormiam sempre uma sesta curta ao chegar a casa. Levantavam-se passada uma hora, mais ou menos. A maioria preparava o jantar para a mulher e para os filhos. Alguns passavam

a tarde a beber no lugar de Mrs. Wheighel: as mulheres destes inspiravam grande dó, porque era duro uma mulher chegar a casa, ao fim de quinze horas a carregar carvão, e achar o lume apagado, a comida por fazer e um marido bêbado. A vida era dura para os mineiros, mas mais ainda para as mulheres deles.

Quando acordou, Mack sabia que era um dia muito importante, mas não se lembrava do motivo. Depois lembrou-se: ia partir do *glen*.

Com o aspeto de um mineiro fugido, não iria longe. Por isso, a primeira coisa que tinha de fazer era lavar-se. Acendeu a lareira, depois fez várias idas ao córrego com a barrica da água. Aqueceu a água ao lume e levou para dentro a selha de lata que estava pendurada do lado de fora junto da porta das traseiras. A pequena divisão encheu-se de vapor. Encheu a selha e meteu-se lá dentro com um pedaço de sabão e uma escova rija para se esfregar.

Começou a sentir-se bem. Era a última vez que ia esfregar a pele para tirar pó de carvão: nunca mais teria de descer a uma mina. A escravidão ficara para trás. À sua frente, tinha Edimburgo, Londres, o mundo. Ia conhecer pessoas que nunca tinham ouvido falar da mina de Heugh. O seu destino era uma folha em branco onde podia escrever tudo o que quisesse.

Enquanto estava no banho, entrou Annie.

A prima hesitou assim que fechou a porta, com um ar perturbado e indeciso.

Mack sorriu, estendeu-lhe a escova e pediu:

— Lavas-me as costas?

Annie aproximou-se e pegou na escova, mas permaneceu de pé, a olhar para ele, com a mesma expressão triste.

— Vá lá — insistiu Mack.

Ela começou a esfregar-lhe as costas.

— Dizem que os mineiros não devem esfregar as costas — disse. — Diz que tira as forças.

— Já não sou mineiro.

Annie parou.

— Não te vás, Mack — implorou. — Não me deixes aqui.

Mack já temia qualquer coisa assim: aquele beijo nos lábios fora um aviso. Sentiu-se culpado. Gostava da prima e gostara das brincadeiras que tinham feito juntos no verão anterior, rebolando-se na urze nas tardes quentes de domingo; mas não queria passar a sua vida ao lado dela, principalmente se isso significasse ficar em Heugh. Conseguiria explicar-lhe isso sem a mortificar? Annie tinha lágrimas nos olhos, e Mack percebeu quanto ela desejava que ele promettesse ficar. Mas estava decidido a partir: queria-o mais do que alguma vez quisera fosse o que fosse.

— Tenho de ir — disse. — Vou ter saudades tuas, Annie, mas tenho de me ir embora.

— Achas que és melhor do que a gente, não é? — disse ela, ressentida. — A tua mãe queria ser mais do que era, e tu és igual. És bom demais para mim, é isso? Deves ir para Londres para casar com alguma donzela fina, com certeza!

Sim, a mãe quisera ser mais do que era, mas ele não ia para Londres para casar com donzela fina nenhuma. Seria ele melhor do que o resto dos mineiros? Pensaria ser bom demais para Annie? Havia uma ponta de verdade no que ela dissera, o que o embaraçou.

— Somos todos bons demais para sermos escravos — disse.

Annie ajoelhou-se ao lado da selha e pousou uma mão no joelho dele, fora de água.

— Tu amas-me, Mack?

Para sua vergonha, começou a sentir-se excitado. Desejou tomá-la nos braços e fazê-la sentir-se bem outra vez, mas robusteceu o coração.

— Quero-te bem, Annie, mas eu nunca disse «Eu amo-te», nem tu a mim, de resto.

Ela mergulhou a mão e enfiou-lha entre as pernas. Sorriu ao sentir como estava duro.

Mack perguntou:

— Onde está a Esther?

— A brincar com o bebé da Jen. Vai ficar por lá um bom bocado.

Annie pedira-lhe para ficar por lá, calculou Mack: se assim não fosse, Esther teria corrido para casa para conversar sobre os planos dele.

— Fica cá e casa comigo — disse Annie, acariciando-o. A sensação era deliciosa. Fora ele quem lho ensinara, no verão, e depois fizera-a mostrar-lhe como fazia para se satisfazer a si mesma. Ao recordar o episódio, inflamou-se mais ainda. — Podíamos fazer tudo o que nos apetecesse o tempo todo — disse ela.

— Se eu casar, fico aqui preso para sempre — respondeu Mack, mas sentia a sua resistência enfraquecer.

Annie levantou-se e tirou o vestido. Não trazia nada por baixo: a roupa interior estava reservada para os domingos. O seu corpo era magro e rijo, com seios pequenos e lisos e uma massa de espessos pelos negros no ventre. Como ele, tinha a pele inteira cinzenta de pó de carvão. Para espanto de Mack, meteu-se na selha, cavalgando-lhe as pernas.

— É a tua vez de me lavar — disse, entregando-lhe o sabão.

Ele esfregou o sabão devagar, fazendo espuma, e pousou as mãos nos seios dela. Tinha mamilos pequenos e rijos. Annie soltou um gemido do fundo da garganta, depois agarrou-lhe os pulsos e puxou-lhe as mãos para baixo, percorrendo todo o ventre, até ao sexo. Os dedos ensaboados de Mack esgueiraram-se por entre as coxas dela, e logo sentiu o emaranhado dos seus espessos pelos púbicos, a carne macia e firme por baixo.

— Diz que ficas — suplicou Annie. — Vamos a isto. Quero sentir-te dentro de mim.

Mack sabia que, se cedesse, tinha o destino selado. Havia naquela cena qualquer coisa de oniricamente irreal.

— Não — disse, mas a sua voz era um murmúrio.

Annie chegou-se mais a Mack, puxando-lhe a cara para os seus seios, e deixou-se então descair até ficar suspensa sobre ele, com

os lábios do sexo mal roçando a ponta intumescida do seu membro, que se destacava acima da água.

— Diz que sim — repetiu.

Mack gemeu e desistiu da luta.

— Sim — disse. — Por favor. Depressa.

Ouviu-se um estrondo terrível e a porta escancarou-se.

Annie gritou.

Quatro homens irromperam na exígua divisão, enchendo-a: Robert Jamisson, Harry Ratchett e dois couteiros dos Jamisson. Robert vinha armado com uma espada e um par de pistolas, e um dos couteiros trazia um mosquete.

Annie retirou-se de cima de Mack e saiu da selha. Aturdido e assustado, Mack levantou-se a tremer.

O couteiro do mosquete olhou para Annie.

— Quanto mais prima, mais se lhe arrima — disse com um olhar lúbrico. Mack conhecia-o: chamava-se McAlistair. Também reconheceu o outro, um rufia grandalhão chamado Tanner.

Robert riu-se asperamente.

— Ah, então é prima? Calculo que, para mineiros, o incesto não quer dizer nada.

O medo e a desorientação de Mack deram lugar à cólera por aquela invasão da sua casa. Conteve a raiva e procurou manter a calma. Corria um perigo sério e Annie podia acabar por também sofrer com a situação. Tinha de manter a cabeça fria, não se deixar levar pela indignação. Olhou para Robert.

— Sou um homem livre e não violei nenhuma lei — disse. — O que fazeis em minha casa?

McAlistair continuava a olhar para o corpo de Annie, molhado e fumegante.

— Que bela paisagem — disse com a voz empastada.

Mack virou-se para ele. Numa voz baixa e neutra, disse:

— Se tocas nela, arranco-te a cabeça com as mãos.

McAlistair olhou para os ombros nus de Mack e percebeu que era capaz de cumprir a ameaça. Empalideceu e deu um passo atrás,

mesmo tendo uma arma nas mãos.

Mas Tanner era maior e menos medroso, e estendeu a mão e agarrou um seio molhado de Annie.

Mack agiu sem pensar. Um instante depois, estava fora da selha a agarrar Tanner por um pulso. Sem dar tempo a ninguém para esboçar um gesto, enfiou a mão de Tanner no fogo.

Tanner gritou e contorceu-se, mas não conseguia escapar às garras de Mack.

— Larga-me! — guinchou. — Por favor, por favor!

Mack segurou a mão do homem no carvão em chamas e gritou:

— Foge, Annie!

Annie deitou a mão ao vestido e eclipsou-se pela porta das traseiras.

A coronha de um mosquete estalou então na nuca de Mack.

O golpe enfureceu-o e, tendo Annie saído, deixou-se de cautelas. Largou Tanner, agarrou McAlister pelo casaco e pregou-lhe uma cabeçada, esborrachando-lhe o nariz. O sangue esguichou e McAlister uivou de dor. Mack deu meia-volta e atingiu Harry Ratchett nos testículos com um pé rijo como pedra. Ratchett dobrou-se ao meio, a gemer.

Todas as brigas em que Mack se envolvera tinham acontecido na mina, por isso estava habituado a lutar num espaço exíguo; mas quatro adversários eram adversários a mais. McAlister tornou a bater-lhe com a coronha do mosquete e, por momentos, Mack vacilou, estonteado. Então, Ratchett agarrou-o por trás, prendendo-lhe os braços, e, antes que ele pudesse libertar-se, tinha na garganta a ponta da espada de Robert Jamison.

Passado um instante, Robert disse:

— Atai-o.

Atravessaram-no sobre o dorso de um cavalo e cobriram-lhe a nudez com uma manta, após o que o levaram para Castle Jamison e o fecharam na despensa, ainda nu e de mãos e pés atados. Ficou estendido no chão de pedra, a tiritar, rodeado pelas carcaças

gotejantes de veados, vacas e porcos. Tentou aquecer-se mexendo-se o mais que pôde mas, com as mãos e os pés atados, não era capaz de gerar grande calor. Acabou por conseguir sentar-se com as costas apoiadas na pele de um veado morto. Durante algum tempo, cantou para se animar — primeiro as baladas que entoavam ao sábado à noite no lugar de Mrs. Wheighel, depois alguns cânticos, e depois umas velhas cançonetas das revoltas jacobitas; mas, quando se lhe acabaram as canções, sentiu-se ainda pior do que antes.

Doía-lhe a cabeça das coronhadas, mas o que mais o afligia era a facilidade com que os Jamisson o tinham apanhado. Que burro fora em ter adiado a partida! Dera-lhes tempo de passar à ação. Enquanto planeavam a sua ruína, ele apalpava os seios da prima.

Não ajudava nada especular sobre o que estariam naquele momento a preparar-lhe. Se não morresse de frio ali na despensa, mandá-lo-iam provavelmente para Edimburgo para ser julgado por agressão aos couteiros. Como a maioria dos crimes, era punível com a forca.

A luz que entrava pelas frestas no contorno da porta foi diminuindo à medida que caía a noite. Foram buscá-lo no momento em que o relógio do pátio da cavalaria batia as onze horas.

Desta vez eram seis homens, e Mack não tentou lutar.

Davy Taggart, o ferreiro que forjava a ferramenta dos mineiros, pôs no pescoço de Mack uma coleira de ferro como a de Jimmy Lee. Era a humilhação suprema: um sinal, para o mundo inteiro ver, a dizer que ele pertencia a outro homem. Não chegava a ser humano, era sub-humano: era gado.

Desataram-no e atiraram-lhe roupa: um par de calções, uma camisa de flanela no fio e um colete rasgado. Apressou-se a vesti-los e mesmo assim continuou com frio. Os couteiros tornaram a atar-lhe as mãos e puseram-no sobre um pónei.

Dirigiram-se para a mina.

O turno de quarta-feira começava dali a uns minutos, à meia-noite. O moço de estrebaria estava a arrear um cavalo fresco para

fazer andar a tosca nora. Mack percebeu que o iam prender a ele.

Soltou um gemido sonoro. Era uma tortura arrasadora, humilhante. Teria dado a vida por uma tigela de papas quentes e uns minutos em frente de um lume forte. Em vez disso, estava condenado a passar a noite ao ar livre. Apeteceu-lhe ajoelhar-se e pedir piedade; mas a ideia de quanto isso agradaria aos Jamisson revigorou-lhe o orgulho e o que fez foi rugir:

— Não tendes direito de fazer isto! Nenhum!

Os couteiros riram-se dele.

Puseram-no de pé no rasto circular lamacento sobre o qual trotavam dia e noite os cavalos que faziam andar a nora. Endireitou os ombros e levantou bem alto a cabeça, embora estivesse à beira de romper a chorar. Amarraram-no aos arreios, de frente para o cavalo, de modo que não conseguisse sair da frente do animal. Então, o moço de estrebaria fez estalar o chicote e o cavalo lançou-se a trote.

Mack começou a correr às arrecuas.

Tropeçou quase imediatamente, e o cavalo parou. O moço tornou a chicoteá-lo, e Mack conseguiu pôr-se de pé mesmo a tempo. Começou a apanhar o jeito de correr para trás. Então, ganhou excesso de confiança e escorregou na lama gelada. Desta vez o cavalo continuou. Mack desviou-se, encolhendo-se e torcendo-se para evitar os cascos, e foi arrastado ao lado do cavalo durante um segundo ou dois, após o que perdeu o controlo e resvalou para debaixo das patas do animal. O cavalo pisou-lhe a barriga e bateu-lhe numa coxa, depois parou.

Obrigaram Mack a levantar-se e tornaram a chicotear o cavalo. O golpe na barriga deixara-o sem fôlego e a perna esquerda perdera a força, mas, mesmo a coxear, Mack teve de recomeçar a correr para trás.

Cerrou os dentes e tentou manter um ritmo certo. Já vira outros passar pelo mesmo castigo — Jimmy Lee, por exemplo. Tinham sobrevivido, se bem que tivessem ficado com marcas: Jimmy Lee tinha uma cicatriz sobre o olho esquerdo, no sítio onde o cavalo lhe

batera, e o rancor que lhe ardia nas entranhas era alimentado pela lembrança da humilhação. Também Mack iria sobreviver. Com o espírito embotado pela dor e pelo frio e pela derrota, só pensava em manter-se de pé e evitar aqueles cascos mortíferos.

Com o passar do tempo, começou a sentir certa afinidade com o cavalo. Estavam ambos presos aos arreios e obrigados a correr em círculos. Quando o moço de estrebaria fazia estalar o chicote, Mack acelerava um pouco; e, quando Mack cambaleava, o cavalo parecia abrandar o passo por um instante para lhe dar tempo de se recompor.

Mack ouviu chegar os talhadores à meia-noite para começarem o seu turno. Subiam a encosta entre conversas e berros, metendo-se uns com os outros e dizendo graçolas, como sempre; depois calaram-se, quando se aproximaram da entrada da mina e o viram. Os couteiros sopesavam os mosquetes ameaçadoramente mal um mineiro fazia menção de parar. Mack ouviu erguer-se indignada a voz de Jimmy Lee e viu, pelo canto do olho, rodearem-no três ou quatro mineiros, que o agarraram pelos braços e o empurraram e arrastaram para a entrada da mina para evitar que se metesse em sarilhos.

Pouco a pouco, Mack perdeu por completo a noção do tempo. Chegaram os carregadores, mulheres e crianças tagarelando colina acima e calando-se em seguida, como acontecera com os homens, ao passarem por ele. Ouviu Annie exclamar:

— Oh, meu Deus, prenderam Mack à nora! — Os homens dos Jamisson não a deixaram aproximar-se mas ela gritou-lhe: — A Esther anda à tua procura. Eu vou buscá-la.

Esther apareceu pouco depois e, sem dar tempo aos couteiros de a impedirem, fez parar o cavalo. Levou aos lábios do irmão uma caneca de leite quente com açúcar. Soube-lhe ao elixir da vida e tragou-o sofregamente, pouco faltando para se engasgar. Conseguiu esvaziar a caneca antes de arrancarem dali a irmã.

A noite prolongou-se, lenta como um ano. Os couteiros pousaram os mosquetes e sentaram-se à volta da fogueira do moço de

estrabaria. Na mina, continuava o trabalho. Os carregadores chegavam ao cimo do poço, despejavam os cestos para o depósito, e tornavam a descer, na sua faina interminável. Quando o moço mudou o cavalo, Mack teve uns minutos de descanso, mas o cavalo fresco trotava mais depressa.

A certa altura, viu que era dia outra vez. Faltaria uma hora ou duas até os talhadores largarem o trabalho, mas uma hora era tempo eterno.

Um pónei subiu a encosta. Pelo canto do olho, Mack viu o cavaleiro desmontar e ficar de pé a olhar para ele. Relanceando os olhos nessa direção, reconheceu Lizzie Hallim, com o mesmo agasalho de pele preta que vestira para ir à igreja. Estaria ali para zombar dele? Sentiu-se humilhado e desejou que ela se fosse embora. Mas, quando olhou de novo para o seu rosto de diabrete, não encontrou zombaria. Encontrou compaixão, raiva, e algo mais, que não soube interpretar.

Subiu a encosta outro cavalo e foi Robert quem desmontou. Falou em voz baixa a Lizzie num tom que não conseguia esconder a cólera. A resposta da jovem foi claramente audível:

— Isto é uma barbaridade!

Na sua agonia, Mack sentiu-se profundamente grato. A indignação de Lizzie reconfortava-o. Era um pequeno consolo saber que havia uma pessoa de brasão que pensava que um ser humano não devia ser tratado assim.

Robert ripostou indignado, mas Mack não distinguiu as suas palavras. Enquanto os dois discutiam, os talhadores começaram a sair da mina. Porém, não regressaram às suas casas. Deixaram-se ficar em redor da nora, a olhar em silêncio. Também as mulheres começaram a aparecer: esvaziados os cestos, não tornavam a descer, juntavam-se à multidão silenciosa.

Robert ordenou que o moço fizesse parar o cavalo.

Mack parou enfim de correr. Tentou manter-se dignamente de pé, mas as pernas não lhe obedeceram e caiu de joelhos. O moço ia desamarrá-lo, mas Robert fê-lo parar com um gesto.

O filho do *laird* falou alto para que todos o ouvissem.

— Muito bem, McAsh, disseste ontem que te faltava um dia para seres escravo. Esse dia, já hoje o trabalhaste. Mesmo segundo as tuas regras absurdas, és agora pertença do meu pai. — Dizendo isto, voltou-se para falar à multidão.

Todavia, antes que pudesse recomeçar a falar, Jimmy Lee pôs-se a cantar.

Jimmy tinha uma voz pura de tenor, e pelo *glen* ressoaram as notas de um cântico conhecido:

*Vede aquele que a angústia inclina
E que a dor reduz
Subir a agreste colina
Carregando a cruz*

Robert fez-se escarlate e bradou:

— Calado!

Jimmy ignorou-o e atacou a segunda estrofe. Juntaram-se-lhe os outros, alguns em segunda voz, e uma centena de gargantas engrossou a melodia.

*Trespassa-o hoje a agonia
Para o mundo ver
Ao raiar o novo dia
Há de ele renascer*

Robert virou as costas, impotente. Regressou para junto do seu cavalo pisando a lama furiosamente, deixando Lizzie sozinha de pé, pequena alegoria da desobediência. Montou e desceu a colina, com um ar furibundo, com as vozes dos mineiros a atroarem o ar da montanha como uma trovoadas:

*Guardai a vossa piedade
Vede-nos vencer
Logo toda a humanidade
Há de livre ser!*

CAPÍTULO ONZE

Jay acordou com a certeza de que ia pedir Lizzie em casamento.

A mãe apenas na véspera lhe pusera a ideia na cabeça, mas depressa ela ganhara raízes. Parecia natural, inevitável, até.

Agora receava que ela não o quisesse.

Lizzie gostava bastante dele, pensava Jay — como a maioria das raparigas. Mas precisava de dinheiro e ele não o tinha. Dizia a mãe que esses problemas se resolviam, mas Lizzie podia preferir a certeza que Robert representava. A ideia de ela casar com Robert era odiosa.

Para seu desapontamento, viu que ela saía cedo. Sentia-se tenso, demasiado tenso para ficar por casa à espera dela. Foi às cavaliças e olhou o garanhão branco que o pai lhe dera pelo aniversário. Chamava-se *Blizzard*⁶. Jay fizera o voto de nunca o montar, mas não resistiu à tentação. Levou-o até High Glen e pô-lo a galope sobre a erva fofa que ladeava o ribeiro. Valeu a pena quebrar o voto. Era como se cavalgasse uma águia, lançado pelos ares, levado pelo vento.

Era a galope que *Blizzard* estava no seu melhor. A passo ou a trote era rebelão, de equilíbrio instável, descontente e irritável. Mas tornava-se fácil perdoar a um cavalo ser mau trotador quando voava como uma bala.

Ao voltar para casa, Jay entregou-se ao prazer de pensar em Lizzie. Sempre fora excecional, mesmo em miúda: bonita e rebelde e sedutora. Agora não tinha igual. Atirava melhor do que qualquer um que ele conhecesse, vencera-o numa corrida a cavalo, não tinha medo de descer a uma mina de carvão, disfarçava-se e enganava toda a gente à mesa de um jantar — jamais conhecera uma mulher como ela.

Não tinha um feitio fácil, naturalmente: era obstinada, opiniosa e egoísta. Mais depressa do que a maioria das mulheres punha em causa o que um homem dizia. Mas Jay desculpava-a, como toda a

gente, porque era encantadora, com a maneira que tinha de inclinar constantemente o seu lindo rosto atrevido, de sorrir e franzir o sobrolho enquanto contradizia cada palavra que lhe era dirigida.

Chegou ao pátio das cavalariças ao mesmo tempo que o irmão. Robert vinha de mau humor. Zangado, parecia-se ainda mais com o pai, rubicundo e pomposo. Perguntou-lhe:

— Que diabo tens tu? — Mas Robert atirou as rédeas a um laçao e entrou em casa como um furacão, sem responder.

Enquanto Jay guardava *Blizzard*, apareceu Lizzie, no seu pônei. Também ela vinha transtornada, mas o rubor da ira nas suas faces e as chispas no seu olhar ainda a tornavam mais bela. Fitou-a, enlevado. Quero esta rapariga, pensou; quero-a para mim. Estava disposto a fazer-lhe a proposta ali mesmo, naquele momento. Mas ela, sem lhe dar tempo para falar, saltou do pônei e disse:

— Eu sei que as pessoas que se portam mal têm de ser castigadas, mas não acredito na tortura, e o senhor?

Jay não via problema nenhum em torturar criminosos, mas não lho ia dizer, agora que a via com aquela disposição.

— Claro que não — respondeu. — Vem da mina?

— Foi horrível. Disse a Robert que soltasse o homem, mas ele recusou.

Então ela discutira com Robert. Jay escondeu o seu contentamento.

— Nunca tinha visto prender um homem à nora? Não é assim tão raro.

— Não, não tinha. Não sei como pude manter-me tão deploravelmente ignorante acerca da vida dos mineiros. Calculo que me tenham protegido desta verdade imunda por ser rapariga.

— Robert parecia zangado com alguma coisa — tateou Jay.

— Os mineiros puseram-se todos a cantar um cântico e não se calaram quando ele os mandou calar.

Jay estava satisfeito. Dir-se-ia que Lizzie vira o pior de Robert. As minhas possibilidades de êxito crescem a cada momento, pensou exultante.

Um laçao levou o pônei, e Lizzie e Jay atravessaram o pátio e entraram no castelo. Robert conversava com Sir George no vestíbulo.

— Foi desobediência descarada — dizia Robert. — Dê por onde der, temos de fazer de maneira a que o McAsh não leve a sua avante.

Lizzie soltou um gemido de exasperação e Jay viu uma oportunidade de se engrandecer aos seus olhos.

— Penso que devíamos considerar a possibilidade de deixar o McAsh partir — disse ao pai.

Robert contestou:

— Que estupidez!

Jay lembrou-se do argumento de Harry Hatchett.

— O homem é um desordeiro. Ganhamos mais em não o ter cá.

— Ele desafiou-nos abertamente — protestou Robert. — Não podemos deixar que se safie impunemente.

— Ele não se safou impunemente! — interveio Lizzie. — Já sofreu um castigo que não podia ser mais cruel!

Sir George respondeu:

— Cruel, não, Elizabeth. Tem de compreender que esta gente não sente a dor como nós sentimos. — Sem lhe dar tempo de discordar, virou-se para Robert. — Mas é verdade que não se safou impunemente. Os mineiros já perceberam que não podem ir-se embora aos vinte e um anos: já marcámos a nossa posição. Pergunto-me se não deveríamos, discretamente, deixá-lo desaparecer.

Robert não estava convencido.

— O Jimmy Lee também é um desordeiro e nós trouxemo-lo de volta.

— É um caso diferente — argumentou o pai. — O Lee é só raiva; miolos, nenhuns. Nunca há de ser um condutor de homens. Dele, nada temos a recear. O McAsh é feito de material mais fino.

— Não tenho medo do McAsh — disse Robert.

— Pode ser perigoso — insistiu o pai. — Sabe ler e escrever. É o *fireman*, o que significa que é respeitado. E, a julgar pela cena que acabas de contar, já está a tornar-se um herói. Se o prendemos cá, vai arranjar-nos problemas por toda a sua maldita vida.

Relutantemente, Robert acenou com a cabeça.

— Ainda me parece má ideia — disse.

— Então faz que pareça melhor — contrapôs o pai. — Deixa o guarda na ponte. O McAsh provavelmente vai dar a volta pela montanha: e nós não vamos atrás dele. Não me importa que pensem que fugiu, desde que saibam que não tinha o direito de fugir.

— Está bem — disse Robert.

Lizzie dirigiu a Jay um olhar de triunfo. Por trás das costas de Robert, disse-lhe em surdina as palavras «Muito bem!».

— Tenho de lavar as mãos antes do jantar — disse Robert. Desapareceu nos fundos da casa, ainda com um ar rabugento.

O pai foi para o seu gabinete. Lizzie atirou os braços ao pescoço de Jay.

— Conseguiu! — disse. — Libertou-o! — E deu-lhe um beijo exuberante.

Aquilo era de um arrojo escandaloso, e Jay ficou chocado, mas não tardou a recompor-se. Passou-lhe os braços pela cintura e puxou-a para si. Inclinou-se sobre ela e tornaram a beijar-se. Foi um beijo diferente, lento e sensual, de descoberta. Jay fechou os olhos, a concentrar-se nas sensações. Esqueceu que se encontravam na mais pública das divisões do castelo do pai, onde a todo o momento passavam familiares e hóspedes, vizinhos e criados. Por sorte, ninguém entrou — e nada perturbou o beijo. Quando se separaram, sem fôlego, continuavam sós.

Com um arrepio de ansiedade, compreendeu que era o momento certo para a pedir em casamento.

— Lizzie... — Não sabia como abordar o assunto.

— Sim?

— O que eu quero dizer é que... agora não pode casar com Robert.

— Posso fazer o que eu quiser — retorquiu ela imediatamente.

Era a abordagem errada, claro, para se ter com Lizzie. Dizer-lhe o que podia ou não podia fazer, isso nunca!

— Eu não quis dizer que...

— Afinal de contas, Robert pode perfeitamente ser ainda melhor a beijar do que Vossa Senhoria — disse ela, e sorriu, traquinas.

Jay riu-se.

Lizzie encostou a cabeça ao peito dele.

— Claro que não posso casar com Robert, agora.

— Porque...

Ela olhou-o.

— Porque vou casar contigo, não vou?

Jay nem queria acreditar que ela dissera aquilo.

— Ora... claro!

— Não era isso que me ias perguntar?

— Por acaso, sim, era.

— Então, pronto, aí tens. Agora já me podes beijar outra vez.

Um pouco zozzo, Jay inclinou a cabeça para a dela. Mal os seus lábios se tocaram, Lizzie abriu a boca, e ele ficou chocado e deliciado ao sentir a ponta da língua dela abrir caminho, hesitante e provocadora. Levou-o a perguntar-se quantos rapazes já teria beijado, mas não era a altura indicada para fazer essa pergunta. Correspondeu, fazendo o mesmo que ela. Sentiu que endurecia por dentro dos calções, e teve vergonha por Lizzie poder dar por isso. Ela colou-se a ele, e Jay pensou que era impossível ela não dar por isso. Lizzie estacou por um instante, como se não soubesse o que fazer, mas logo tornou a escandalizá-lo, colando-se a ele com mais força, como ansiosa por sentir a sua dureza. Jay conhecera moças experientes, nas tabernas e bares de Londres, que, sem mais, beijavam e se esfregavam contra um homem daquela maneira; mas com Lizzie parecia-lhe diferente, como se ela fizesse aquilo pela primeira vez.

Não ouviu abrir-se a porta. De repente, tinha Robert a gritar-lhe ao ouvido:

— Que raio vem a ser isto?

Os amantes separaram-se.

— Acalma-te, Robert — disse Jay.

Robert estava furioso.

— Que diabo julgas tu que estás a fazer, raios? — perguntou de um jorro.

— Não há problema, irmão — respondeu Jay. — Estamos noivos e vamos casar, percebes?

— Pulha! — rugiu Robert, e lançou-lhe um soco.

Foi um golpe ao acaso e Jay esquivou-se com facilidade, mas Robert carregou sobre ele de punhos erguidos. Jay não lutava com o irmão desde a infância, mas lembrava-se de que Robert era forte, embora lento. Depois de evitar uma série de murros, atirou-se a ele. Para seu espanto, Lizzie saltou sobre as costas de Robert a bater-lhe na cabeça e a gritar:

— Deixe-o em paz! Deixe-o em paz!

Aquela visão fez Jay rir e deixou-o incapaz de continuar a lutar. Largou o irmão. Robert vibrou-lhe um soco que lhe acertou ao lado de um olho. Jay desequilibrou-se para trás e caiu no chão. Com o olho bom, viu Robert em apuros para tirar Lizzie das costas. Apesar da dor na cara, desatou a rir outra vez.

Entrou então na sala a mãe de Lizzie, logo seguida por Alicia e Sir George. Passado o primeiro choque, disse Lady Hallim:

— Elizabeth, saia de cima desse cavalheiro imediatamente!

Jay pôs-se de pé e Lizzie soltou Robert. Os três pais estavam demasiado perplexos para falar. Com uma mão sobre o olho magoado, Jay fez uma vénia à mãe de Lizzie e disse:

— Lady Hallim, tenho a honra de lhe pedir a mão da sua filha em casamento.

— Grande idiota, nada tereis de que viver — disse Sir George minutos depois.

Tinham-se separado as duas famílias para discutir em privado a chocante novidade. Lady Hallim e Lizzie tinham subido ao primeiro andar. Sir George, Jay e Alicia estavam de pé no gabinete. Robert desarvorara sozinho para parte incerta.

Jay engoliu uma resposta torta. Lembrando-se do que sugerira a mãe, respondeu:

— Tenho a certeza de que saberei governar High Glen melhor do que Lady Hallim. São mil acres, ou mais. Há de render que chegue para vivermos.

— Ó estúpido, não tereis High Glen, que está hipotecado.

Jay sentiu-se humilhado pelo desprezo com que o pai arrasara a ideia, e sentiu as bochechas a arder. A mãe interveio:

— Jay pode fazer novas hipotecas.

O pai pareceu apanhado de surpresa.

— Quer dizer que está do lado do rapaz nesta coisa?

— O senhor recusou dar-lhe fosse o que fosse. Quer que ele tenha de lutar para conquistar tudo, como o senhor fez. Pois bem, ele está a lutar, e a primeira coisa que conquistou foi Lizzie Hallim. Não pode censurá-lo.

— Foi ele quem a conquistou, ou foi a senhora por ele? — perguntou sagazmente Sir George.

— Não a levei ao fundo da mina — respondeu Alicia.

— Nem a beijou no vestíbulo. — O tom de voz de Sir George tornou-se resignado. — Pois bem, já tem vinte e um anos, não me parece que possamos proibi-lo. — O seu rosto assumiu um ar manhoso. — De qualquer modo, o carvão de High Glen passa para a nossa família.

— Não, não passa — disse Alicia.

Jay e Sir George olharam ambos para ela. Sir George perguntou:

— Que diabo quer dizer com isso?

— Não ides abrir buracos nas terras de Jay. Porque haveríeis de o fazer?

— Não seja idiota, Alicia. Há uma fortuna em carvão debaixo daqueles terrenos. Era uma pena deixá-lo lá ficar.

— Jay pode ceder os direitos da exploração a outra pessoa. Há várias companhias desejosas de abrir novos poços, foi da sua boca que ouvi isto.

— Não íeis fazer negócio com os meus rivais! — exclamou Sir George.

Tinha tanta força, a mãe! Jay estava cheio de admiração por ela. Mas a mãe parecia ter-se esquecido das objeções de Lizzie relativamente à exploração mineira. Começou ele:

— Mãe, mas lembre-se de que Lizzie...

A mãe deitou-lhe um olhar e cortou-lhe a palavra, dizendo ao pai:

— Jay pode preferir fazer negócio com os seus rivais. Depois da maneira como o insultou no dia em que fez vinte e um anos, o que pensa que ele lhe deve?

— Sou pai dele, que diabo!

— Então comece a agir como tal. Felicite-o pelo noivado. Receba a noiva como sua filha. Prepare uma boda em grande.

Sir George olhou-a um instante.

— É isso que quer?

— Mas não é tudo.

— Devia ter adivinhado. Que mais?

— O presente de casamento.

— A que é que quer deitar a unha, Alicia?

— Barbados.

Jay quase saltava da cadeira. Não estava à espera daquilo. Que esperta, a mãe!

— Fora de questão! — urrou o pai.

A mãe levantou-se.

— Pense nisso — disse, quase como se a decisão lhe fosse indiferente. — O açúcar é um problema, sempre o ouvi dizer. Os lucros são elevados, mas há sempre dificuldades: a chuva não vem, os escravos adoecem e morrem, os franceses fazem baixar os preços, perdem-se navios no mar. Ao passo que o carvão é fácil. Tira-se do chão e vende-se. É como achar dinheiro no quintal, foi o que uma vez me disse.

Jay estava encantado. Afinal, talvez ainda tivesse o que queria. Mas, então, e Lizzie?

O pai declarou:

— A plantação de Barbados está prometida a Robert.

— Pois falte ao prometido — contrapôs a mãe. — Deus sabe se já faltou a Jay!

— A plantação de açúcar é património de Robert.

A mãe dirigiu-se para a porta e Jay seguiu-a.

— Não é a primeira vez que falamos disto, George, e eu conheço todas as suas respostas — disse ela. — Mas agora a situação é diferente. Se quer o carvão de Jay, tem lhe dar alguma coisa em troca. E o que ele quer é a plantação. Se não lha der, fica sem o carvão. A escolha é simples, e o senhor tem muito tempo para pensar nela. — Dizendo isto, saiu.

Jay saiu com a mãe. No vestíbulo, sussurrou:

— Foi maravilhosa, mãe! Mas Lizzie não permite que se extraia carvão em High Glen.

— Bem sei, bem sei — disse a mãe com impaciência. — Isso é o que ela diz agora. Pode ser que mude de ideias.

— E se não mudar?

— Cada coisa a seu tempo — respondeu a mãe.

CAPÍTULO DOZE

Lizzie desceu as escadas embrulhada numa capa de peles tão grande que a envolvia duas vezes e ainda roçava no chão. Precisava de um pouco de ar livre.

Em casa, a tensão dominava: Robert e Jay odiavam-se, a mãe estava zangada com ela, Sir George furioso com Jay, e entre Sir George e Alicia também havia hostilidade. Ao jantar, o ambiente fora de cortar à faca.

Ao atravessar o vestíbulo, Robert saiu das sombras. Parou a olhar para ele.

— Sua cabra! — bradou Robert.

Era um insulto muito feio para uma dama, mas Lizzie não se ofendia facilmente com meras palavras e, de qualquer modo, Robert tinha motivos para estar zangado.

— Agora deve ser para mim como um irmão — retorquiu num tom conciliador.

Ele agarrou-lhe um braço, apertando-o com força.

— Como pôde preferir aquele biltre de segunda categoria?

— Enamorei-me dele — respondeu Lizzie. — Largue-me o braço.

Robert apertou-o com mais força, com o rosto negro de fúria.

— Vou dizer-lhe uma coisa: mesmo não podendo tê-la a si, High Glen será meu.

— Não, não será — ripostou Lizzie. — Quando eu casar com Jay, High Glen será propriedade do meu marido.

— Espere, que logo verá.

Estava a magoá-la.

— Largue-me o braço, senão grito — disse ela, agora numa voz perigosa.

Robert largou-a.

— Vai arrepender-se disto para o resto da vida — disse, e afastou-se.

Lizzie saiu do castelo e aconchegou-se mais nas suas peles. O céu desanuviara-se um pouco, e havia luar: Lizzie via o suficiente para descer a vereda e o relvado que ia dar ao rio.

Não sentia remorsos por romper com Robert. Ele nunca a amara. Se a amasse, teria ficado triste, contudo não ficara. Em vez de ficar destroçado por tê-la perdido, estava furioso porque o irmão levava a melhor.

Mesmo assim, aquele encontro abalara-a. Robert tinha a determinação implacável do pai. Claro que não podia tirar-lhe High Glen. Mas, em vez disso, o que poderia fazer?

Varreu-o da cabeça. Tinha o que queria: Jay em vez de Robert. Agora estava ansiosa por planejar o casamento e montar a casa. Mal podia esperar por viver com ele, dormir na mesma cama e acordar todas as manhãs com a cabeça dele na almofada ao seu lado.

Sentia-se radiante e assustada. Conhecia Jay desde sempre, mas, a partir da altura em que ele se fizera homem, poucos dias passara na sua companhia. Era um salto no escuro: não se podia conhecer bem uma pessoa antes de se viver com ela.

A mãe estava zangada. O seu sonho era que Lizzie casasse com um homem rico, para pôr fim a anos de penúria. Mas teria de aceitar que ela tinha os seus próprios sonhos.

Lizzie não estava preocupada com o dinheiro. Sir George acabaria provavelmente por dar qualquer coisa a Jay, mas, mesmo que não desse, podiam viver em High Glen House. Alguns proprietários escoceses andavam a desbravar as suas florestas de caça e a arrendar as terras a criadores de ovelhas: Jay e ela poderiam experimentar fazer o mesmo, ao princípio, para terem mais dinheiro.

O que quer que acontecesse, ia ser divertido. Aquilo que mais apreciava em Jay era o seu espírito aventureiro. Era um homem disposto a galopar através dos bosques e a mostrar-lhe a mina de carvão e a ir viver nas colónias.

Lizzie perguntava-se se alguma vez isso chegaria a acontecer. Jay continuava com esperança de receber a plantação de Barbados. A ideia de sair do país entusiasmava-a quase tanto como a perspectiva de casar. Constava que a vida por lá era descontraída, sem as rígidas formalidades que ela achava tão irritantes na sociedade britânica. Imaginava-se a deitar fora saíotes e saias armadas, a usar curto o cabelo, e a passar o dia inteiro a cavalo com um mosquete no braço.

Jay tinha defeitos? Dizia a mãe que ele era vaidoso e egoísta, mas Lizzie jamais conhecera um homem que o não fosse. De início, julgara-o fraco, por não se afirmar mais perante o irmão e o pai; mas agora pensava que se teria enganado, já que, ao pedi-la em casamento, fora contra a vontade dos dois.

Chegou à beira do rio. Não era um mero arroio de montanha a escorrer pelo *glen* abaixo. Com uns trinta passos de largura, era uma torrente profunda e rápida. O luar faiscava na superfície irrequieta em lampejos de prata, qual mosaico estilhaçado.

O ar estava tão frio que era doloroso inspirá-lo, mas as peles mantinham-lhe quente o corpo. Encostou-se ao tronco grosso de um velho pinheiro a ver as águas revoltas. Estendendo o olhar por sobre o rio, avistou movimento na outra margem.

Não era mesmo em frente do sítio onde se encontrava, era um pouco mais para montante. De início, pensou que fosse um veado: deslocavam-se muitas vezes durante a noite. Um homem não parecia, pois a cabeça era demasiado grande. Depois viu que era mesmo um homem, com uma trouxa atada à cabeça. Um instante depois, compreendeu. O homem desceu até à beira do rio, fendendo o gelo sob os seus pés, e enfiou-se na água.

A trouxa deviam ser as suas roupas. Mas quem se atiraria ao rio àquela hora da noite e em pleno inverno? Calculou que fosse McAsh, a evitar o guarda da ponte. Lizzie teve um arrepio, na sua capa de peles, ao pensar em como a água estaria gelada. Era difícil imaginar que um homem pudesse mergulhar ali e sobreviver.

Sabia que era melhor ir-se embora. Sarilhos eram o único resultado possível por ali permanecer, a ver um homem nu atravessar o rio. No entanto, a curiosidade foi mais forte, e ela deixou-se ficar, imóvel, a ver aquela cabeça cruzar obliquamente o rio a uma velocidade constante. A força da corrente obrigava-o a descrever uma diagonal em relação à margem, mas o ritmo não abrandava: o homem parecia ser forte. Ia tocar na margem uns vinte ou trinta passos a montante de Lizzie.

Contudo, a meio da travessia, teve azar. Lizzie viu uma forma escura avançar direita a ele à superfície e calculou que fosse uma árvore caída. O homem pareceu não a ver até estar mesmo em cima dele. Bateu-lhe na cabeça um tronco pesado e os seus braços enredaram-se na folhagem. Lizzie ficou sem fôlego ao vê-lo sumir-se na água. Perscrutou os ramos, à procura dele: continuava sem saber se seria McAsh. A árvore aproximou-se dela mas o homem não reapareceu. «Não te afogues, por favor», murmurou Lizzie. Passou por ela a árvore e, do homem, nem sinal. Pensou em correr a buscar ajuda, mas estava a um quarto de milha do castelo, ou mais: quando voltasse, já o homem, morto ou vivo, estaria muito para jusante. Ainda assim, pensou, talvez devesse tentar. Enquanto ali continuava, na agonia da indecisão, o homem veio à tona, um passo atrás da árvore caída.

Milagrosamente, ainda tinha a trouxa presa à cabeça. Porém, já não conseguia nadar com o mesmo ritmo constante: esbracejava e esperneava, inspirando em grandes golfadas irregulares, engasgando-se e tossindo. Lizzie desceu até à beira do rio. A água gélida atravessou-lhe os sapatos de seda e gelou-lhe os pés.

— Aqui! — chamou. — Eu puxo-o!

O homem pareceu não ouvir e continuou a debater-se como se, não se tendo afogado por pouco, não fosse capaz de pensar senão em respirar. Depois, pareceu conseguir acalmar-se, e olhou em redor para ver onde estava. Lizzie chamou outra vez.

— Aqui! Deixe-me ajudar!

O homem tossiu e engasgou-se mais, e a sua cabeça desapareceu, mas ressurgiu quase imediatamente, e ele começou a nadar direito a ela, debatendo-se e arquejando, mas avançando na direção certa.

Lizzie ajoelhou-se na lama congelada, sem pensar no seu vestido de seda nem nas suas peles. Tinha o coração na boca. Quando ele chegou mais perto, ela estendeu-lhe uma mão. As dele açoitavam o ar ao acaso. Ela agarrou-lhe num pulso e puxou-o para si. Agarrando-lhe o braço com as duas mãos, içou-o. Ele bateu na margem e perdeu os sentidos, meio fora, meio dentro. Lizzie mudou de posição, agarrando-o por baixo dos braços, depois enterrou na lama os seus delicados sapatos e tornou a içá-lo. Ele fez força com as mãos e os pés e, por fim, deixou-se cair na margem.

Lizzie fitou-o, ali estendido, nu e encharcado e meio morto, como um monstro marinho apanhado por um pescador gigantesco. Como calculara, o homem cuja vida salvara era Malachi McAsh.

Abanou a cabeça, assombrada. Que espécie de homem era aquele? Nos últimos dois dias, fora atingido por uma explosão de gás e sujeito a uma tortura medonha, mas tinha vigor e coragem para atravessar a nado o rio gelado para fugir dali. Nunca desistia.

McAsh ficou deitado de costas, a respirar em golfadas aflitas e a tiritar incontrolavelmente. A coleira de ferro desaparecera: Lizzie perguntou-se como a teria ele tirado. A sua pele molhada tinha reflexos de prata ao luar. Era a primeira vez que via um homem nu e, apesar da preocupação com a sua vida, fascinava-a ver-lhe o pénis, um tubo engelhado oculto numa massa de escuros pelos encaracolados na união das suas coxas musculosas.

Se ali continuasse estendido por muito tempo, podia morrer de frio. Lizzie ajoelhou-se ao seu lado e desatou a trouxa ensopada que ele trazia à cabeça. Em seguida, pousou-lhe uma mão num ombro. Estava frio como um túmulo.

— Levante-se! — instou-o, alarmada. McAsh não se mexeu. Ela sacudiu-o, sentindo-lhe os músculos maciços sob a pele. — Levante-se, senão morre! — Agarrou-o com as duas mãos mas,

sem a ajuda dele, não conseguiu movê-lo minimamente: parecia feito de pedra.

— Mack, por favor, não morra — disse, com um soluço na voz.

Ele moveu-se por fim. Lentamente, pôs-se de gatas, depois estendeu um braço e agarrou-lhe a mão. Com a ajuda dela, foi capaz de se levantar.

— Graças a Deus — murmurou Lizzie. Mack apoiou-se pesadamente nela, que mal conseguiu ampará-lo sem cair por seu turno.

Lizzie tinha de arranjar maneira de o aquecer. Abriu a capa e colou o corpo ao dele. Sentiu nos seios, através da seda do vestido, a frialdade terrível que lhe tomara a pele. Mack agarrou-se a Lizzie, com o seu corpo grande e rijo a sugar o calor do dela. Era a segunda vez que se abraçavam e, de novo, Lizzie teve uma sensação intensa de intimidade, quase como se fossem amantes.

Mack não conseguia aquecer-se estando molhado. Lizzie precisava de arranjar uma forma de o secar. Precisava de um pano, de qualquer coisa que pudesse usar como toalha. Trazia vestidos vários saíotes: podia dispensar um.

— Já se aguenta de pé sozinho? — perguntou. Numa pausa da tosse, ele foi capaz de acenar que sim. Ela largou-o e levantou a saia. Sentiu os olhos de Mack cravados em si, apesar do seu estado, no ápice em que despiu um saíote. Começou então a friccioná-lo todo com a peça de roupa.

Secou-lhe o rosto e esfregou-lhe o cabelo, depois pôs-se atrás dele e secou-lhe as largas costas e o rabo duro e compacto. Ajoelhou-se para passar às pernas. Levantou-se novamente e fê-lo virar-se para lhe secar o peito, e teve um choque ao ver-lhe o pénis ereto.

Deveria sentir repulsa e horror, mas não sentia. Só fascínio e perplexidade; um orgulho tolo por ter aquele efeito num homem; e outra coisa ainda, uma ânsia no mais fundo de si, que a fez engolir em seco. Não era a exaltação feliz que sentira ao beijar Jay: nada tinha que ver com sedução ou estimulação. De repente teve medo

de que McAsh a atirasse ao chão e lhe rasgasse as roupas e a violasse, e o mais assustador era que uma pequena parte de si queria que ele o fizesse.

Os seus receios eram infundados.

— Desculpe — balbuciou ele. Voltou-lhe as costas, agachou-se sobre a sua trouxa e pegou num par de calções de *tweed* encharcados. Espremeu-os como pôde e vestiu-os, e a pulsação de Lizzie começou a voltar ao normal.

Quando Mack se pôs a torcer uma camisa, Lizzie percebeu que, se ele vestisse roupa molhada, provavelmente teria morrido de pneumonia antes da alvorada. Mas também não podia continuar nu.

— Vou buscar roupa ao castelo — ofereceu-se.

— Não — disse ele. — Vão perguntar o que está a fazer.

— Entro e saio e ninguém dá por nada. E tenho as roupas de homem que usei para ir à mina.

Mack abanou a cabeça.

— Não vou tardar aqui. Quando começar a andar, aqueço. — Começou a espremer um capote de lã.

Num impulso, Lizzie despiu a capa de peles. Grande como era, iria servir a Mack. Era uma peça cara, e bem podia acontecer que jamais viesse a ter outra igual, mas ia salvar a vida a Mack. Recusou-se a pensar em como iria explicar à mãe o desaparecimento da capa.

— Então vista isto, e leve o capote na mão até poder secá-lo. — Sem esperar que ele dissesse que sim, passou-lhe a capa pelos ombros. Mack hesitou, depois aconchegou-se nela gratamente. Tinha tamanho para o cobrir completamente.

Lizzie pegou na trouxa dele e tirou as botas. Mack entregou-lhe o capote e ela enfiou-o na trouxa. Ao fazê-lo, sentiu a coleira de ferro. Tirou-a. A argola de ferro fora partida e a coleira dobrada para o libertarem.

— Como conseguiu? — perguntou.

Mack calçou as botas.

— Arrombei a oficina à entrada da mina e usei a ferramenta do Taggart.

Sozinho não teria conseguido, pensou Lizzie. A irmã tê-lo-ia ajudado.

— Porque a leva consigo?

Mack parou de tiritar e os olhos inflamaram-se-lhe de raiva.

— Para nunca me esquecer — respondeu com amargura na voz.

— Nunca.

Lizzie guardou-a de novo e sentiu um livro grande no fundo da trouxa.

— O que é? — perguntou.

— *Robinson Crusoe*.

— O meu favorito!

Mack pegou na trouxa. Estava pronto para partir.

Lizzie lembrou-se de que Jay convencera Sir George a deixá-lo ir-se embora.

— Os couteiros não vão atrás de si — disse.

Ele olhou-a fixamente. Na sua expressão havia esperança e ceticismo.

— Como sabe?

— Sir George chegou à conclusão de que é tão rebelde que ele prefere ver-se livre de si, McAsh. Deixou o guarda na ponte porque não quer que os mineiros saibam que o deixa ir; mas já está à espera de que vá fugir e não vai tentar apanhá-lo.

Pelo rosto cansado de Mack passou uma expressão de alívio.

— Então não preciso de me preocupar com os homens do regedor — disse. — Ainda bem.

Sem a capa, Lizzie tiritava, mas sentia-se quente por dentro.

— Vá a passo rápido e não pare a descansar — disse. — Se para antes de raiar o dia, morre. — Perguntou-se aonde iria ele e o que faria do resto da sua vida.

Mack assentiu, depois estendeu-lhe a mão. Ela apertou-lha, mas, para seu espanto, Mack levou a mão dela aos lábios pálidos e beijou-a. Em seguida partiu.

— Boa sorte — disse ela baixinho.

As botas de Mack quebravam o gelo nas poças da estrada enquanto descia o *glen* ao luar, mas depressa o seu corpo aqueceu, embrulhado na capa de peles de Lizzie Hallim. Além dos seus passos, o único som era o borbulhar do rio que corria paralelo ao caminho. Mas o seu espírito cantava a canção da liberdade.

Ao afastar-se mais do castelo, foi começando a ver o lado curioso e até cómico do seu encontro com Miss Hallim. Ela ali, de vestido bordado e sapatos de seda, com um penteado que duas criadas deviam ter demorado uma boa meia hora a compor, e eis que ele atravessa o rio a nado, nuzinho como no dia em viera ao mundo. Para ela, devia ter sido um choque!

No domingo anterior, na igreja, Miss Hallim agira com a arrogância de uma aristocrata escocesa típica, enfatuada e de vistas curtas. Mas tivera a coragem de aceitar o desafio de Mack para descer à mina. E esta noite salvara-lhe a vida duas vezes: uma ao tirá-lo da água, a outra ao dar-lhe a sua capa. Era uma mulher excecional. Colara o corpo ao dele para o aquecer, depois ajoelhara-se para o secar com o saíote: que outra dama escocesa teria feito o mesmo por um mineiro? Lembrou-se de quando ela lhe caíra nos braços, na mina, e da sensação de ter na mão o seu seio, denso e macio. Custava-lhe pensar que poderia não tornar a vê-la. Esperava que também ela achasse um meio de fugir daquele sítio acanhado. O seu espírito de aventura era digno de horizontes mais vastos.

Um grupo de veados que pastavam perto da estrada a coberto do escuro espantou-se e fugiu quando ele se aproximou, qual manada de fantasmas; Mack ficou só. Estava exausto. A nora esgotara-o mais do que imaginara. Dir-se-ia que um corpo humano era incapaz de se recompor de uma coisa assim em dois dias. Atravessar o rio a nado devia ter sido fácil, mas o choque com a árvore arrastada pela corrente tornara a esgotá-lo. Ainda lhe doía a cabeça no sítio onde o ramo lhe batera.

Felizmente, não precisava de caminhar muito naquela noite. Iria somente até Craigie, outra aldeia mineira do *glen*, a seis milhas dali. Lá chegando, refugiar-se-ia em casa do irmão da mãe, o tio Eb, para repousar até ao dia seguinte. Dormiria descansado sabendo que os Jamisson não tencionavam persegui-lo.

De manhã, encheria a barriga de papas de aveia e pôr-se-ia a caminho de Edimburgo. De lá, iria embarcar no primeiro navio que o quisesse recrutar, aonde quer que rumasse — qualquer destino serviria, de Newcastle a Pequim.

Sorriu da sua própria fanfarronice. Ele, que nunca se aventurara mais longe do que a vila de Coats, para ir ao mercado, a vinte milhas de Heugh, ele, que nem a Edimburgo fora, dizia agora a si mesmo que estava disposto a ir para destinos exóticos, como se soubesse como eram esses lugares.

Ao percorrer a vereda lamacenta sulcada pelas rodas das carroças, começou a encarar a viagem com outra solenidade. Deixava para trás a única casa que sempre tivera, o lugar onde nascera e onde tinham morrido os seus pais. Deixava Esther, sua amiga e aliada, embora tivesse esperança de voltar em breve a Heugh para de lá a resgatar. Deixava Annie, a prima que o ensinara a beijar e a tocar o corpo dela como se fosse um instrumento musical.

Mas sabia desde sempre que assim teria de ser. Tão longe quanto a sua memória alcançava, sempre quisera fugir. Invejara Davey Patch, o bufarinheiro, e ansiara por liberdade igual. Agora tinha-a.

Agora tinha-a. Transbordava de alegria ao pensar no que fizera. Conseguira fugir.

Não sabia o que lhe reservava o amanhã. Poderia ser pobreza, tormentos e perigos. Mas não seria mais um dia no fundo da mina, mais um dia de servidão, mais um dia como propriedade de Sir George Jamisson. Amanhã, estaria por sua conta.

Chegou a uma curva da estrada e olhou para trás. A custo, ainda conseguia distinguir o castelo, com o contorno das suas ameias

iluminado pela lua. Nunca mais hei de olhar para isto, pensou. Sentiu-se tão feliz que começou a dançar uma dança de roda, ali, no meio da estrada lamacenta, assobiando a melodia e bailando em círculo.

Depois parou, riu-se baixinho de si mesmo, e continuou a descer o *glen*.

² Quase dez quilómetros. (NT)

PARTE DOIS

LONDRES

CAPÍTULO TREZE

Shylock vestia calças largas, toga preta comprida e um tricórnio vermelho. O ator era feio de gelar o sangue, com um grande nariz, duplo queixo proeminente e a boca rasgada, numa careta permanente de um só lado. Entrou em palco em passos lentos, deliberados, imagem viva da maldade. Num ronco voluptuoso, disse:

— Três mil ducados.

Um arrepio percorreu o público.

Mack estava fascinado. Mesmo no fosso da orquestra, onde se encontrava, de pé, com Dermot Riley, a assistência permanecia imóvel e muda. Shylock proferia cada palavra numa voz rouca a meio caminho entre grunhir e rosar. Os olhos brilhavam intensamente sob as sobrancelhas hirsutas.

— Três mil ducados por três meses e António por fiador.

Dermot sussurrou ao ouvido de Mack:

— É Charles Macklin, um irlandês. Matou um homem e foi a tribunal por assassínio, mas alegou provocação e safou-se.

Mack mal o ouviu. Sabia que havia coisas chamadas teatros e peças, naturalmente, mas nunca imaginara que fossem assim: o calor, o fumo das lanternas de óleo de baleia, o guarda-roupa fantástico, as faces pintadas, e sobretudo as emoções: raiva, amor apaixonado, inveja e ódio, representadas com tal naturalidade que o seu coração batia como se fossem reais.

Quando Shylock descobriu que a sua filha fugira, desembestou no palco sem chapéu, cabelos desgrenhados, punhos cerrados, numa perfeita fúria de dor, gritando «Vós sabíeis!» como um homem nos tormentos do inferno. E, quando disse «Já que sou um cão, cuidado com os meus *dentes!*», lançou-se para a frente, como se fosse saltar sobre as luzes da ribalta, e o público inteiro teve um gesto de recuo.

Ao saírem do teatro, Mack perguntou a Dermot:

— Os judeus são assim? — Que ele soubesse, nunca vira um judeu, mas a maior parte das figuras bíblicas era judia e não era apresentada daquela maneira.

— Conheci alguns judeus, mas nenhum como Shylock, graças a Deus — respondeu Dermot. — Mas toda a gente odeia os prestamistas. Quando precisamos de um empréstimo, vêm a calhar, o problema é depois ter de pagar a dívida.

Londres não tinha muitos judeus, mas estava apinhada de estrangeiros. Havia marinheiros asiáticos de pele escura chamados lascarins; huguenotes franceses; milhares de africanos de esplêndida pele escura e espesso cabelo encaracolado; e incontáveis irlandeses, como Dermot. Para Mack, aquilo fazia parte da excitação formigante da cidade. Na Escócia, toda a gente tinha o mesmo aspeto.

Adorava Londres. Sentia uma emoção intensa todas as manhãs ao acordar e ao recordar-se de onde se encontrava. A cidade estava cheia de coisas para ver e de surpresas, de gente estranha e de novas experiências. Adorava o cheiro inebriante a café, vindo de dúzias de casas de café, embora não tivesse dinheiro para o provar. Ficava a olhar para cores magníficas das roupas — amarelo-vivo, púrpura, verde-esmeralda, escarlata, azul-celeste — que vestiam homens e mulheres. Ouvia os mugidos das manadas de vacas aterrorizadas a serem conduzidas pelas ruas estreitas para os matadouros da cidade, e esquivava-se por entre bandos de crianças quase nuas, que pediam e roubavam. Viu prostitutas e bispos, foi a touradas e a leilões, provou banana e gengibre e vinho tinto. Tudo era excitante. E o melhor era ser livre de ir aonde quisesse e de fazer o que lhe apetecesse.

Claro que tinha de ganhar o seu sustento. Não era fácil. Londres transbordava de famílias esfaimadas vindas de zonas rurais onde não havia comida, após dois anos de más colheitas. Também havia milhares de tecelões dos teares manuais de seda, que as novas fábricas têxteis do Norte tinham deixado sem trabalho, dizia Dermot. Para cada emprego havia cinco candidatos em desespero. Aqueles

a quem a sorte não sorria tinham de pedir, roubar, prostituírem-se, ou morrer de fome.

Dermot era ele mesmo um tecelão. Tinha mulher e cinco filhos a viver em duas divisões em Spitalfields. Para sobreviver, tinham de subalugar a oficina de Dermot, que era onde Mack dormia, no chão, junto do grande tear silencioso, que ali se erguia como monumento às tribulações da vida citadina.

Mack e Dermot procuravam trabalho juntos. Às vezes conseguiam-no como empregados em casas de café, mas só lá ficavam um ou dois dias: Mack era demasiado grande e desajeitado para levar bandejas e servir bebidas em chavenazinhas, e Dermot, orgulhoso e suscetível como era, mais cedo ou mais tarde acabava por insultar algum cliente. Certo dia, deram a Mack um lugar de lacaio numa mansão de Clerkenwell, mas ele despediu-se no dia seguinte, depois de o dono e a dona da casa lhe pedirem para se enfiar na cama com eles. Desta vez, tinham arranjado trabalho como carregadores, a acartar enormes cestas de peixe no mercado ribeirinho de Billingsgate. Ao fim do dia, Mack tivera relutância em gastar o dinheiro num bilhete de teatro, mas Dermot jurara que ele não se arrependeria. Tinha razão: valia o dobro ver aquele prodígio. Mas nem por isso Mack deixava de se preocupar com o tempo que levaria a poupar o suficiente para dizer a Esther que fosse ter com ele.

Andando para leste, à saída do teatro, a caminho de Spitalfields, passaram por Covent Garden, onde as pegas os abordavam dos portais. Havia quase um mês que Mack estava em Londres e já se ia habituando a que lhe oferecessem sexo a cada esquina. As mulheres eram de todas as formas e feitios, novas e velhas, feias e bonitas, umas vestidas como senhoras elegantes, outras de andrajos. Nenhuma o tentava, embora muitas fossem as noites em que pensava nostalgicamente na sua impetuosa prima, Annie.

Na Strand ficava o Bear, uma enorme taberna caiada, com uma sala para café e vários balcões dispostos em torno de um pátio. O calor do teatro dera-lhes sede, e entraram para beber qualquer

coisa. O ar estava quente e cheio de fumo. Pediram um quartilho de cerveja para cada um.

Dermot sugeriu:

— Vamos espreitar lá atrás.

O Bear era também uma casa de jogo. Mack já lá fora e sabia que no pátio das traseiras se açulavam cães contra ursos acorrentados, se faziam lutas de cães, duelos de espada entre mulheres, e diversões de todos os géneros. Quando não havia espetáculo organizado, o dono atirava um gato para o lago dos patos e lançava-lhe quatro cães, desporto que suscitava estrondosas gargalhadas entre a clientela que ali bebia.

Desta vez, tinham montado um ringue de boxe, iluminado por numerosas lanternas de óleo de baleia. Um anão, de fato de seda e sapatos de fivela, arengava a uma multidão.

— Uma libra a quem for capaz de vencer o Brutamontes de Bermondsey! Vamos lá, rapaziada, não há aí nenhum valente? — perguntou, e deu três cambalhotas.

Dermot disse a Mack:

— Tu eras capaz, acho eu.

O Brutamontes de Bermondsey era um homem cheio de cicatrizes, vestido apenas com uns calções e umas botas grossas. Tinha o crânio rapado, e tanto a cara como a cabeça ostentavam as marcas de muitos combates. Era alto e pesado, mas parecia estúpido e lento.

— Se calhar, era — respondeu Mack.

Dermot entusiasmou-se. Agarrou o anão por um braço e disse:

— Eh, meia-leca, tens aqui um cliente.

— Um candidato! — berrou o anão, e a multidão aplaudiu ruidosamente.

Uma libra era muito dinheiro, o salário de uma semana para muito boa gente. Mack sentiu-se tentado.

— Está bem — disse.

A clientela tornou a aplaudir.

— Põe-te a pau com os pés dele — disse Dermot. — As botas hão de ter biqueira de aço.

Mack fez que sim, despindo o casaco.

Dermot acrescentou:

— Atenção, que ele pode saltar-te em cima assim que entrares no ringue. Não vai estar à espera de um sinal, não te esqueças.

Era um truque habitual nas brigas entre mineiros lá em baixo. A maneira mais rápida de vencer era começar antes de o outro estar preparado. Um homem dizia «Anda ali para o túnel, que há mais espaço» e batia no adversário no instante em que este passava por cima da vala de drenagem.

O ringue era um círculo mal desenhado de corda, mais ou menos pela cintura, presa em velhas ripas de madeira espetadas na lama. Mack aproximou-se, sem esquecer os avisos de Dermot. Ao erguer o pé para saltar sobre a corda, o Brutamontes de Bermondsey atacou-o.

Mack já estava à espera. Desviou-se para trás, e o punho maciço do Brutamontes só lhe tocou na testa de raspão. Os espetadores emudeceram.

Mack agiu sem pensar, como uma máquina. Correu para o ringue e desferiu um pontapé na canela do homem por baixo da corda, fazendo-o cambalear. Da assistência ergueu-se um aplauso, e Mack ouviu a voz de Dermot gritar-lhe:

— Mata-o, Mack!

Sem dar tempo ao adversário de recuperar o equilíbrio, Mack atingiu-o dos dois lados da cabeça, primeiro o esquerdo, depois o direito, e logo em cheio no queixo com um murro de baixo para cima impelido por toda a força dos seus ombros. Vacilaram as pernas do Brutamontes, rolaram nas órbitas os seus olhos, o homem deu dois passos bamboleantes para trás e tombou de costas no chão.

A multidão exprimia em altos brados o seu entusiasmo.

Fim do combate.

Mack olhou para o homem estendido no chão e viu um destroço abandonado, sem préstimo. Lamentou ter-se batido com ele. Desanimado, virou as costas.

Dermot prendia o pequeno anão torcendo-lhe um braço.

— Este diabrete tentou fugir — explicou. — Queria ficar com o teu prémio. Toc’á pagar, ó perna-longa! Uma libra para cá!

Com a mão que tinha livre, o anão tirou um soberano de ouro de um bolso de dentro da camisa. Carrancudo, deu-o a Mack.

Mack recebeu-o, sentindo-se um ladrão.

Dermot largou o anão.

Ao lado de Mack apareceu um homem de rosto duro com roupas caras.

— Boa luta — disse. — Entraste em muitas?

— Algumas, de vez em quando, no fundo da mina.

— Bem me pareceu que eras capaz de ser mineiro. Ouve lá, vou organizar um combate no Pelican, em Shadwell, no próximo sábado. Se queres a oportunidade de ganhar vinte libras em poucos minutos, ponho-te a lutar contra o Rees Preece, o Montanha de Gales.

— Vinte libras! — disse Dermot.

— Não o deitas abaixo tão depressa como fizeste com este cepo, mas pode ser que consigas.

Mack olhou para o Brutamontes, estendido numa massa inerte.

— Não — disse.

Dermot perguntou:

— Não, porquê, diacho?

O empresário encolheu os ombros.

— Se não precisas do dinheiro...

Mack pensou na irmã, Esther, que continuava subir as escadas da mina de Heugh com cestos de carvão às costas quinze horas por dia, à espera da carta que haveria de a libertar de uma vida de servidão. Vinte libras chegavam para lhe pagar a viagem para Londres — e ele podia ter o dinheiro na mão no sábado à noite.

— Pensando melhor, sim — disse.

Dermot deu-lhe uma palmada nas costas.
— Assim é que é!

CAPÍTULO CATORZE

Lizzie Hallim e a mãe chocalhavam num coche, de sul para norte, através de Londres. Lizzie estava entusiasmada e feliz: iam ter com Jay para verem uma casa.

— Não há dúvida de que Sir George mudou de atitude — afirmou Lady Hallim. — Trouxe-nos para Londres, está a preparar um casamento de arromba, e agora oferece-se para pagar a renda de uma casa em Londres para viverdes os dois.

— Julgo que foi Lady Jamisson quem o convenceu — disse Lizzie. — Mas só em coisas pequenas. Sir George continua a não querer dar a Jay a propriedade de Barbados.

— Alicia é uma mulher esperta — refletiu Lady Hallim. — Mesmo assim, espanta-me que ainda o consiga convencer, depois daquela discussão terrível no aniversário de Jay.

— Talvez Sir George seja pessoa para esquecer uma zanga.

— Nunca o foi, a menos que tivesse alguma coisa a ganhar com isso. Quais serão os seus motivos? Não há nada que ele queira de ti, pois não?

Lizzie riu-se.

— O que teria eu para lhe dar? Talvez só queira que eu faça o filho feliz.

— Farás com certeza. Cá estamos.

O coche parou em Chapel Street, enfiada de casas de elegância discreta em Holborn — não tão finas como em Mayfair ou Westminster, mas menos dispendiosas. Lizzie apeou-se e olhou para o número doze. Agradou-lhe à primeira vista. Tinha quatro pisos mais uma cave, com janelas altas e graciosas. Todavia, duas das janelas tinham os vidros partidos e, sobre o negro reluzente da porta da entrada, alguém pintara em algarismos toscos o número «45». Lizzie preparava-se para comentar o facto quando chegou outra carruagem e Jay dela se apeou.

Trazia um fato azul-vivo com botões dourados, e um laço também azul a prender-lhe os cabelos louros: estava apetitoso. Beijou Lizzie nos lábios. Foi um beijo muito contido, pois achavam-se na rua, mas ela gostou, esperando que mais tarde houvesse mais. Jay deu a mão à mãe para ela descer da carruagem e em seguida bateu à porta da casa.

— O dono é um importador de brande que foi para França por um ano — disse enquanto esperavam.

Veio abrir a porta um porteiro idoso.

— Quem partiu os vidros? — perguntou Jay imediatamente.

— Os chapeleiros, ora aí está quem foi — respondeu o homem enquanto entravam. Lizzie lera no jornal que os fabricantes de chapéus estavam em greve, tal como os alfaiates e os amoladores.

Disse Jay:

— Não sei o que julgam que vão conseguir esses idiotas de um raio a dar cabo das janelas de gente honrada.

Lizzie perguntou:

— Porque estão em greve?

Respondeu o porteiro:

— Querem melhores salários, menina, e quem pode censurá-los, agora que um pão subiu de quatro cêntimos para oito e meio? Como é que um homem vai sustentar a família?

— A pintar «45» em todas as portas de Londres é que não é — retorquiu Jay com maus modos. — Mostra-nos a casa, homem.

Lizzie perguntou-se o que significaria o número «45», mas estava mais interessada na casa. Percorreu o edifício em grande excitação, correndo cortinas e abrindo janelas. A mobília era nova e cara, e a sala de visitas uma divisão espaçosa e clara, com três janelas em cada parede. Tinha o cheiro a mofo de uma casa fechada, mas só precisava de uma boa limpeza, uma camada de tinta e um enxoval para se tornar muitíssimo confortável.

Ela e Jay correram adiante das mães e do velho porteiro e, chegados ao sótão, acharam-se a sós. Entraram num dos muitos quatinhos destinados à criadagem. Lizzie passou os braços à volta

de Jay e beijou-o sofregamente. Só tinham um minuto, ou coisa assim. Lizzie pegou-lhe nas mãos e puxou-as para os seus seios. Jay acariciou-lhos suavemente.

— Com mais força — murmurou ela entre beijos. Queria que a pressão das mãos dele perdurasse ao separarem-se. Os seus mamilos endureceram e os dedos dele encontraram-nos através do pano do vestido. — Belisca-os — disse ela e, quando ele obedeceu, o súbito acesso de dor e prazer fê-la arquejar. Então ouviu passos no patamar e separaram-se, ofegantes.

Lizzie voltou-se e espreitou para fora por uma pequena lucerna, a acalmar a respiração. Viu um quintal comprido. O porteiro ia mostrando às mães todos os quatinhos.

— O que quer dizer o número 45? — perguntou.

— Tem que ver com esse traidor do John Wilkes — respondeu Jay. — Era diretor de um jornal, o *North Briton*, e o governo acusou-o de difamação sediciosa por causa do número 45 desse jornal, no qual praticamente chamava mentiroso ao rei. Fugiu para Paris, mas agora voltou, para arranjar mais sarilhos entre a plebe ignorante.

— É verdade que não têm dinheiro para comprar pão?

— Há falta de trigo em toda a Europa, por isso é inevitável o aumento do preço do pão. E o desemprego é causado pelo boicote americano aos bens britânicos.

Lizzie voltou-se para Jay:

— Calculo que isso não sirva de grande consolo aos chapeleiros e aos alfaiates.

Jay fez má cara: não parecia gostar da simpatia dela pelos descontentes.

— Não sei se percebes como é perigosa esta conversa sobre liberdade — disse.

— Se calhar, não percebo.

— Por exemplo, os produtores de rum de Boston queriam ser livres de comprar o melaço em qualquer parte. Mas a lei diz que têm de o comprar às plantações britânicas, como a nossa. Se lhes

dermos liberdade, vão comprá-lo mais barato, aos franceses. E, nessa altura, não vamos ter dinheiro para uma casa como esta.

— Estou a perceber.

Não era uma razão válida, pensou; mas decidiu não dizer nada.

— Toda a escumalha pode querer liberdade, dos mineiros da Escócia aos pretos de Barbados. Mas Deus deu autoridade sobre as gentes comuns a pessoas como eu.

Isso era verdade, claro.

— Mas nunca pensas porquê? — perguntou Lizzie.

— Porquê, como?

— Porque te deu Deus a ti autoridade sobre os mineiros e os pretos?

Jay abanou a cabeça irritado, e ela percebeu que passara das marcas outra vez.

— Acho que as mulheres não compreendem estas coisas — rematou ele.

Lizzie pegou-lhe no braço.

— Adoro esta casa, Jay — disse, procurando acalmá-lo. Ainda sentia nos mamilos o beliscão que ele lhes dera. Baixou a voz. — Mal posso esperar por nos mudarmos para cá e dormirmos juntos todas as noites.

Jay sorriu.

— Também eu.

Lady Hallim e Lady Jamisson entraram no quarto. O olhar da mãe de Lizzie pousou no peito da filha, que se deu conta de que se lhe notavam os mamilos, salientes no vestido. Lady Hallim compreendeu, obviamente, o que ali se passara. Fez uma careta de desagrado. Lizzie não se importou. Não tardaria a casar.

Alicia perguntou:

— Então, Lizzie, gosta da casa?

— Adoro!

— Nesse caso, será sua.

Lizzie sorriu radiante, e Jay apertou-lhe um braço.

A mãe de Lizzie declarou:

— É muito amável da parte de Sir George, nem sei como lhe agradecer.

— Agradeça antes à minha mãe — retorquiu Jay. — Foi ela quem o fez agir com decência.

Alicia lançou-lhe um olhar reprovador, mas Lizzie bem viu que na verdade não se importava. Mãe e filho estimavam-se muito, era evidente. Lizzie sentiu uma pontada de ciúme e disse para consigo que era um disparate: toda a gente gostava de Jay.

Saíram do quarto. O porteiro esperava do outro lado da porta. Jay disse-lhe:

— Amanhã vou ter com o solicitador do senhorio para se lavrar o contrato.

— Muito bem, *sir*.

Ao descerem as escadas, Lizzie lembrou-se de uma coisa.

— Oh, tens de ver isto! — disse a Jay. Apanhara um folheto na rua e guardara-o para lhe mostrar. Tirou-o de um bolso e deu-lho a ler. Dizia:

*Sob a tabuleta do Pelican
a Shad-well
Cavalheiros e Jogadores tomai nota
dia Aberto de jogos
um Touro enraivecido será largado com fogo preso no lombo, e
cães
a filá-lo
Uma Luta entre dois Galos de Westminster, e
outros dois de East Cheap, por Cinco Libras
Um Combate Aberto com Cacetes entre sete Mulheres
e
Uma Luta de Boxe — por Vinte Libras!
Rees Preece, o Montanha de Gales
contra
Mack McAsh, o Matador Mineiro
Sábado próximo*

com Início às Três Horas

— Que te parece? — perguntou Lizzie com impaciência. — Só pode ser o Malachi McAsh de Heugh, não é?

— Então foi isso que ele veio a ser — disse Jay. — Lutador de boxe. Estava melhor a trabalhar na mina do meu pai.

— Nunca vi um combate — disse Lizzie desejosa.

Jay riu-se.

— Acho muito bem! Não é lugar para uma dama.

— Também uma mina o não é, mas tu levaste-me lá.

— Pois levei, e ias morrendo na explosão.

— Pensei que ias agarrar a oportunidade de me levar a outra aventura.

A mãe ouviu-a e quis saber:

— O quê? Que aventura?

— Quero que Jay me leve a uma luta de boxe — respondeu Lizzie.

— Que disparate — disse a mãe.

Lizzie ficou descoroçoada. A audácia de Jay parecia tê-lo abandonado momentaneamente. No entanto, não ia deixar que isso fosse impedimento para si. Se ele não a levasse, iria sozinha.

Ajustou peruca e chapéu e olhou-se ao espelho. Foi um jovem cavalheiro que lhe devolveu o olhar. O segredo estava na leve camada de fuligem da lareira que lhe escurecia as faces, o pescoço, queixo e buço, a imitar o aspeto de um homem barbeado.

Quanto ao corpo, era fácil. Um colete grosso alisava-lhe o peito, as abas da casaca ocultavam as curvas do seu rabo feminino, e as botas até ao joelho escondiam-lhe a barriga das pernas. Chapéu e peruca de corte masculino completavam a ilusão.

Abriu a porta do quarto. Hospedara-se com a mãe numa casinha erguida nos terrenos da mansão de Sir George em Grosvenor Square. A mãe estava a fazer a sesta. Lizzie pôs-se à escuta, atenta aos passos de algum criado de Sir George que andasse pela casa, mas nada ouviu. Apressou-se a descer as escadas na ponta

dos pés e esgueirou-se para a vereda que passava atrás da propriedade.

Era um dia frio e soalheiro do final do inverno. Ao chegar à rua, lembrou-se de caminhar como um homem, com movimentos amplos, gingando os braços com ares de bazófia, como se o passeio fosse seu e ela estivesse disposta a prová-lo a quem se atrevesse a duvidar. Nem por isso podia, contudo, ir a pé até Shadwell, que ficava do outro lado da cidade, na zona oriental de Londres. Fez sinal a uma liteira, sem se esquecer de levantar bem o braço, imperativamente, em vez de agitar uma mãozinha implorante como uma mulher. Quando os carregadores pararam e pousaram a liteira, pigarreou, cuspiu para a valeta e ordenou em voz grave e rouca:

— Para o Pelican, e sem tardança!

Nunca em Londres estivera tão a leste como na zona para onde, por ruas cada vez mais estreitas e de casas cada vez mais pobres, os carregadores a levaram, um bairro de vielas húmidas e praias lodosas, cais vacilantes e decrépitos hangares para embarcações, depósitos de madeira de altas cercas e frágeis armazéns com os portões trancados por correntes. Deixaram-na à porta de uma grande taberna ribeirinha, com um pelicano toscamente pintado numa tabuleta de madeira. Enchia o pátio uma multidão ruidosa e excitada: trabalhadores de botas e cachecol, cavalheiros de colete, mulheres de baixa condição com xales e tamancos, e algumas de cara maquilhada e seios à mostra, as quais, calculou Lizzie, seriam prostitutas. Não havia uma mulher a quem a sua mãe pudesse definir como «senhora».

Lizzie pagou a entrada e abriu caminho rudemente pelo meio da multidão estridente e galhofeira. Pairava um odor intenso a gente suada e suja. Experimentou uma sensação excitante de transgressão. Ia a meio o combate das gladiadoras. Já várias se tinham retirado da luta: uma achava-se sentada num banco corrido com as mãos na cabeça, outra tentava estancar uma ferida na perna, uma terceira jazia de costas, inconsciente, apesar dos

esforços das amigas para a reanimar. As quatro restantes andavam em círculos num ringue de corda, atacando-se com clavas toscas de uns três palmos de comprimento. Todas estavam nuas da cintura para cima, descalças e com as saias rasgadas. Tinham feridas e cicatrizes na cara e no corpo. O magote de cem espetadores ou mais ia incitando as suas favoritas, e vários homens faziam apostas quanto ao resultado da luta. As mulheres brandiam as clavas com toda a sua força, trocando golpes capazes de esmagar ossos. Sempre que uma assentava uma cacetada certa, os homens rugiam de contentamento. Lizzie assistia àquilo com um fascínio horrorizado. Pouco depois outra mulher recebeu um golpe violento na cabeça e tombou sem sentidos. A visão daquele corpo seminu estendido inerte na lama nauseou Lizzie, que então se afastou.

Entrou na taberna, deu um murro no balcão e pediu ao empregado:

— Um quartilho de cerveja, Jack. — Era magnífico falar aos outros naquele tom arrogante. Se fizesse o mesmo vestida de mulher, todos os homens com quem falasse se sentiriam no direito de a censurar, mesmo taberneiros e carregadores de liteira. Mas um par de calções era um salvo-conduto para dar ordens.

O bar cheirava a cinza de tabaco e a cerveja derramada. Lizzie sentou-se a um canto a beber o seu quartilho, sem saber bem porque ali fora. Era um lugar de violência e crueldade, e ela estava a jogar um jogo perigoso. Que faria aquela gente brutal se descobrisse que era uma dama de condição vestida de homem?

Em parte, estava ali porque a sua curiosidade era um impulso irresistível. Sempre a fascinara tudo o que fosse proibido, mesmo em criança. A frase «Não é lugar para uma dama» era como a capa vermelha para o touro. Não conseguia evitar abrir uma porta onde dissesse «Proibido entrar». A sua curiosidade tinha a mesma urgência da sua sexualidade, e refreá-la era tão difícil como parar de beijar Jay.

Mas a principal razão era McAsh. Sempre fora interessante. Já em rapazinho era diferente: pensava pela sua cabeça, desobedecia,

punha sempre em causa o que lhe diziam. Em adulto, estava a cumprir o que então prometia. Desafiara os Jamisson, conseguira fugir da Escócia — feito ao alcance de poucos mineiros — e chegar a Londres. Agora era lutador de boxe. O que faria a seguir?

Sir George fora esperto em deixá-lo partir, pensou Lizzie. Como dizia Jay, era vontade de Deus que certos homens fossem senhores de outros, mas McAsh nunca aceitaria tal coisa e, ficando na aldeia, teria arranjado problemas durante anos. Tinha em si um magnetismo que levava as pessoas a segui-lo: o porte digno do corpo vigoroso, o erguer confiante da cabeça, o olhar intenso dos perturbadores olhos verdes. Mesmo Lizzie era sensível a essa atração: fora isso que ali a levava.

Uma das mulheres maquilhadas sentou-se ao seu lado e sorriu-lhe com intimidade. Apesar do *rouge*, tinha um ar velho e cansado. Que lisonjeiro seria para o seu disfarce se uma prostituta lhe fizesse propostas. Mas a mulher não se deixava enganar com essa facilidade.

— Eu sei o que tu és — disse.

As mulheres são mais perspicazes que os homens, refletiu Lizzie.

— Não digas a ninguém — pediu.

— Por um xelim, podes fazer de homem comigo — respondeu a mulher.

Lizzie não percebeu o que ela queria dizer.

— Já fiz isso com outras do teu género — continuou a prostituta.

— Meninas ricas que gostam de fazer de homem. Tenho lá em casa uma vela bem grossa que é mesmo à medida, ‘tás a ver?

Lizzie percebeu o que ela queria dizer.

— Não, obrigado — respondeu a sorrir. — Não é para isso que aqui estou. — Tirou uma moeda do bolso. — Mas dou-te o xelim para guardares o meu segredo.

— Deus abençoe Vossa Senhoria — disse a prostituta, e afastou-se.

Muito se podia aprender estando disfarçado, pensou Lizzie. Jamais lhe passaria pela cabeça que uma prostituta tivesse uma

vela especial para mulheres que gostavam de fazer de homem. Era o tipo de coisa que uma dama podia nunca descobrir se não fugisse aos ambientes respeitáveis e não fosse explorar o mundo além das cortinas da sua janela.

Do pátio ergueu-se um aplauso estrondoso, e Lizzie calculou que a luta de clavas já tivesse uma vencedora — presumivelmente a última mulher a ficar de pé. Lizzie saiu, cerveja na mão como um homem, com o braço pendente ao lado do corpo e o polegar enganchado no rebordo da caneca.

As gladiadoras iam-se afastando a coxear, ou alguém as levava, e o número principal estava prestes a começar. Lizzie viu McAsh imediatamente. Era inconfundível: provavam-no aqueles impressionantes olhos verdes. Já não estava negro de pó de carvão, e Lizzie constatou com surpresa que ele tinha o cabelo bastante louro. Estava de pé junto do ringue a falar com outro homem. Olhou várias vezes na direção dela mas não a reconheceu sob o disfarce. Parecia muito determinado.

O adversário, Rees Preece, bem merecia o nome de guerra de «Montanha de Gales». Lizzie nunca vira homem tão grande. Tinha pelo menos mais um palmo do que Mack, corpo maciço e cara vermelha, e um nariz torto que fora partido mais do que uma vez. Tinha uma cara cruel, e Lizzie pasmou ante a coragem — ou a imprudência — de alguém disposto a entrar para um ringue de boxe com tão terrível animal. Teve medo por McAsh. Deu-se conta, com um arrepio de pavor, de que podia sair de lá estropiado ou mesmo morto. Não queria assistir a isso. Teve vontade de se ir embora, mas não foi capaz.

O combate estava mesmo para começar quando o amigo de Mack se envolveu numa discussão violenta com os ajudantes de Preece. As vozes subiram de tom e ela conseguiu perceber que aquilo tinha que ver com as botas de Preece. O ajudante de Mack insistia, num sotaque irlandês, em que lutassem descalços. A assistência começou a bater palmas a compasso, lentamente, exprimindo a sua impaciência. Lizzie teve esperança de que o

combate fosse cancelado. Mas em vão. Ao fim de longa e veemente discussão, Preece descalçou-se.

Então, de repente, começou o combate. Lizzie não deu por nenhum sinal. Os dois homens tinham-se engalfinhado que nem gatos, trocando murros, pontapés e cabeçadas, furiosos, tão depressa que ela não conseguia distinguir quem fazia o quê. A multidão rugia e Lizzie deu por si a gritar. Tapou a boca com a mão.

A explosão inicial durou escassos segundos: consumia demasiada energia para durar mais. Os lutadores separaram-se e começaram a rodar em torno um do outro, de punhos erguidos à frente da cara, protegendo o corpo com os braços. Mack tinha os lábios inchados e Preece o nariz a sangrar. Lizzie mordeu um dedo, assustada.

Preece carregou de novo sobre Mack, mas desta vez este saltou para trás, esquivando-se, para logo avançar e atingir o adversário na cabeça, de lado, com toda a força. Lizzie estremeceu ao ouvir o baque: parecia um maço a bater numa pedra. Os espetadores aplaudiram delirantes. Preece pareceu hesitar, como espantado pelo golpe, e Lizzie calculou que o surpreendesse a força de Mack. Começou a ter esperança: talvez afinal Mack conseguisse derrotar aquele homenzarrão.

Mack tornou a recuar, gingando, para fora do alcance do adversário. Preece abanou-se como um cão, baixou a cabeça e investiu, desferindo socos desenfreados. Mack baixou-se e saiu do caminho, e atirou-lhe um rijo pontapé às pernas com o pé descalço, mas mesmo assim Preece conseguiu chegar-se a ele e assentar-lhe vários golpes poderosos. Mack acertou-lhe então novamente com força na cabeça, e mais uma vez Preece ficou sem reação.

Repetiu-se a dança, e Lizzie ouviu o irlandês gritar «Entra a matar, Mack, não lhe dê tempo de recuperar!» Lizzie percebeu que, depois de desferir um golpe demolidor, Mack recuava sempre, deixando o adversário recompor-se. Preece, pelo contrário, ia constantemente somando murros até Mack o repelir.

Passados dez minutos medonhos, alguém tocou uma sineta e os lutadores foram descansar. Lizzie sentiu um alívio enorme, como se ela mesma estivesse dentro do ringue. Deram cerveja aos dois pugilistas, sentados em bancos toscos em lados opostos do ringue. Um ajudante pegou numa vulgar agulha de costura e em linha e pôs-se a coser um rasgão numa orelha de Preece. Lizzie estremeceu de novo e desviou o olhar.

Procurou esquecer os danos que estava a sofrer o corpo esplêndido de Mack e pensar no combate como num mero confronto desportivo. Mack era mais ágil e tinha um murro mais potente, mas faltava-lhe a crueldade cega, o instinto assassino que leva um homem a querer destruir outro. Precisava de se zangar.

Quando recomeçaram, ambos se moviam mais devagar, mas o combate seguiu o mesmo padrão: Preece perseguia Mack, esquivava-se este, investia aquele, aproximava-se, acertava dois ou três golpes maciços, e detinha-o a direita tremenda de Mack.

Em breve Preece tinha um olho fechado e coxeava em resultado dos pontapés repetidos de Mack, mas este sangrava da boca e de um corte por cima de um olho. Ao abrandar o ritmo, tornou-se a luta mais brutal. Sem energia para se esquivarem agilmente, dir-se-ia que os dois homens aceitavam os golpes em mudo sofrimento. Quanto tempo mais aguentariam continuar a bater-se, a transformar em polpa as carnes um do outro? Lizzie perguntava-se porque lhe importaria tanto o corpo de Mack, e respondia a si mesma que sentiria o mesmo fosse por quem fosse.

Fez-se novo intervalo. O irlandês ajoelhou-se junto do banco de Mack e falou-lhe com ansiedade, sublinhando as palavras com gestos vigorosos do punho. Lizzie supôs que estivesse a dizer a Mack que entrasse a matar. Até ela conseguia perceber que, num confronto básico de força e pujança, Preece levaria a melhor, simplesmente porque era maior e mais endurecido. O próprio Mack não veria isso?

Recomeçou o combate. Enquanto os via demolirem-se um ao outro, Lizzie lembrou-se de quando Malachi McAsh tinha seis anos

e brincava no relvado de High Glen House. Nesse tempo, recordava-se, era ela o seu adversário: puxara-lhe os cabelos e fizera-o chorar. A recordação trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Que tristeza aquele rapazinho ter acabado ali!

No ringue, houve de repente grande agitação. Mack atingiu Preece uma vez, duas, logo uma terceira, e deu-lhe um pontapé na coxa, fazendo-o cambalear. Apoderou-se de Lizzie a esperança de que Preece tombasse e o combate chegasse ao fim. Mas Mack recuou, à espera de que o adversário caísse. Os incitamentos que lhe gritava o seu ajudante e os urros ávidos de sangue da assistência instavam-no a acabar com Preece, mas Mack não lhes dava ouvidos.

Para grande consternação de Lizzie, Preece recompôs-se uma vez mais, subitamente, e atingiu Mack com um soco baixo na boca do estômago. Mack dobrou-se involuntariamente para a frente tentando inspirar — e então, inesperadamente, Preece assentou-lhe uma cabeçada, com toda a força do seu largo dorso. As cabeças chocaram com um estalido pavoroso. Toda a assistência susteve a respiração.

Mack vacilou, a cair, e Preece deu-lhe um pontapé na cabeça. As pernas de Mack cederam e ele tombou no chão. Preece começou a pontapeá-lo sem parar, até que os ajudantes dos dois saltaram para o ringue e o afastaram.

Preece parecia confuso, como se não entendesse por que motivo as pessoas que o vinham incitando aos gritos por sangue queriam agora que parasse; depois caiu de novo em si e ergueu os braços em sinal de vitória, com o ar de um cão que agradou ao dono.

Lizzie teve medo de que Mack estivesse morto. Abriu caminho pelo meio da multidão e entrou no ringue. O ajudante de Mack estava ajoelhado junto do seu corpo caído de bruços. Lizzie inclinou-se sobre Mack, com o coração na boca. Mack tinha os olhos fechados, mas ela viu que respirava.

— Graças a Deus, está vivo — disse.

O irlandês olhou-a de relance mas não falou. Lizzie rezava para que Mack não estivesse irreversivelmente aleijado. Na meia hora anterior, recebera mais pancada na cabeça, e mais brutal, do que a maioria das pessoas recebe na vida inteira. Aterrorizava-a que, quando voltasse a si, Mack pudesse ter-se transformado num idiota.

Mack abriu os olhos.

— Como te sentes? — perguntou ela ansiosa.

Ele tornou a fechá-los sem responder.

O irlandês olhou-a e perguntou:

— Quem és tu, ó rapazinho soprano?

Lizzie compreendeu que se esquecera de fazer voz de homem.

— Uma amiga — respondeu. — Vamos levá-lo para dentro. Não pode ficar aqui deitado na lama.

Após um instante de hesitação, o homem disse:

— Está bem. — Pegou em Mack por baixo dos braços. Dois espetadores pegaram-lhe nas pernas e os três levantaram-no.

Lizzie entrou à frente na taberna. Na sua voz masculina mais arrogante, bradou:

— Taberneiro! O teu melhor quarto, e rápido!

De detrás do balcão saiu uma mulher.

— E quem paga? — perguntou cautelosa.

Lizzie deu-lhe um soberano.

— Por aqui — disse a mulher.

Conduziu-os escada acima até um quarto que dava para o pátio. O quarto estava limpo e a cama bem feita, com um simples cobertor grosseiro. Os homens deitaram Mack na cama. Lizzie falou para a mulher:

— Acende a lareira e traz-nos brande francês. Conheces algum médico aqui por perto, para tratar as feridas deste homem?

— Vou mandar chamar o doutor Samuels.

Lizzie sentou-se na beira da cama. Mack tinha a cara desfeita, inchada e cheia de sangue. Lizzie desabotoou-lhe a camisa e viu que ele tinha o peito coberto de pisaduras e escoriações. Os dois espetadores que tinham vindo ajudar saíram. Disse o irlandês:

— Sou Dermot Riley. O Mack vive em minha casa.

— Eu sou Elizabeth Hallim — apresentou-se Lizzie. — Conheço-o desde que éramos crianças. — Decidiu não explicar porque se vestira de homem: Riley que pensasse o que quisesse.

— Não me parece que seja grave — disse Riley.

— Devíamos lavar-lhe as feridas. Peça uma tigela de água quente, se não se importa.

— Está bem.

Riley saiu, deixando-a a sós com Mack, ainda sem sentidos.

Lizzie observou o corpo imóvel de Mack. Mal respirava. A medo, encostou a mão ao peito dele. A pele estava quente e a carne por baixo era rija. Fez força com os dedos e sentiu-lhe a pulsação, regular e forte.

Gostou de tocar nele. Pousou a outra mão no seu próprio peito, sentindo a diferença entre a macieza dos seus seios e a dureza dos músculos de Mack.

Ele abriu os olhos.

Lizzie tirou rapidamente a mão, num acesso de culpa. Que raio estou eu a fazer?, pensou.

Mack olhou-a inexpressivamente.

— Onde estou? Quem é o senhor?

— Esteve a lutar — respondeu ela. — Perdeu o combate.

Mack fitou-a por vários segundos e por fim sorriu.

— Lizzie Hallim, outra vez vestida de homem — disse num tom natural.

— Graças a Deus está bem!

Mack dirigiu-lhe um olhar singular.

— É muito... amável em se preocupar comigo.

Lizzie ficou embaraçada.

— Não sei porque me preocupo — disse, num fio de voz. — Não passa de um mineiro que quer ser mais do que é. — E então, para seu horror, sentiu que as lágrimas lhe corriam pelas faces. — Custa muito ver um amigo a ser moído de pancada — acrescentou, sem conseguir evitar que a voz lhe soasse embargada.

Mack viu-a chorar.

— Lizzie Hallim — disse desconcertado —, quem haverá que a entenda?

CAPÍTULO QUINZE

Com brande, aliviaram-se as dores de Mack nessa noite, mas, na manhã seguinte, acordou em agonia. Doía-lhe cada pedaço do corpo que conseguia identificar, dos dedos dos pés, magoados da força com que pontapeara Rees Preece, ao cimo da cabeça, onde uma dor parecia ter-se instalado para sempre. O rosto que via no estilhaço de espelho que usava para se barbear estava coberto de inchaços e feridas, e não podia tocar nele nem ao de leve, muito menos fazer a barba.

Mesmo assim, estava bem-disposto. Lizzie Hallim animava-o sempre. A sua indomável audácia fazia com que tudo parecesse possível. O que iria ela fazer a seguir? Ao reconhecê-la, sentada na beira da cama, tivera um impulso quase incontável para a tomar nos braços. Resistira à tentação recordando a si mesmo que semelhante gesto seria o fim daquela sua amizade tão peculiar. Uma coisa era ser ela a quebrar as regras: era uma senhora. Podia brincar à bruta com um cachorrinho, mas, à primeira mordidela, pô-lo-ia na rua.

Contara-lhe Lizzie que ia casar com Jay Jamisson, e ele calara-se para não lhe dizer que era uma grande parva. Não tinha nada com isso e não queria ofendê-la.

Bridget, a mulher de Dermot, fez um pequeno-almoço de papas de aveia com sal, e Mack comeu com as crianças. Era uma mulher de uns trinta anos, que já fora bonita e agora era só cansaço. Quando a comida acabou, Mack e Dermot foram procurar trabalho.

— Trazei dinheiro — disse Bridget quando saíram.

Nesse dia não tiveram sorte. Passaram por todos os mercados de Londres, oferecendo-se para carregar os cestos de peixe fresco, as pipas de vinho e os quartos de vitela a pingar sangue de que a cidade esfaimada precisava todos os dias; mas havia braços a mais e trabalho a menos. Ao meio-dia desistiram e foram até ao West End tentar as casas de café. Ao fim da tarde, estavam tão

cansados como se tivessem trabalhado o dia inteiro, mas sem o mínimo proveito.

Ao virarem para a Strand, saiu disparado de uma travessa um pequeno vulto, como um coelho em fuga, e foi esbarrar em Dermot. Era uma rapariguinha de uns treze anos, maltrapilha e magra e assustada. Dermot fez um barulho como uma bexiga furada. A garota guinchou de medo, cambaleou e recuperou o equilíbrio.

Atrás dela corria um jovem musculoso, com roupas caras mas em desalinho. Foi por uma unha negra que não a apanhou quando ela chocou com Dermot, mas a pequena esquivou-se e fugiu-lhe e continuou a correr. A seguir, escorregou e caiu, e o homem alcançou-a.

A miudita gritava apavorada. O homem estava louco de raiva. Pegou no seu corpo franzino e bateu-lhe na cabeça, deitando-a ao chão outra vez, para logo lhe dar um pontapé com uma bota pesada no peito débil.

Mack já se acostumara à violência das ruas de Londres. Homens, mulheres e crianças brigavam constantemente, esmurrando-se e arranhando-se, e a genebra barata que se vendia a cada esquina alimentava os confrontos. Mas nunca vira um homem forte espancar tão impiedosamente uma criança. Até podia matá-la. Mack ainda tinha dores do combate contra o Montanha de Gales, e a última coisa que queria era outra briga, mas não podia ficar parado a assistir àquilo. Quando o homem se preparava para dar outro pontapé à rapariga, Mack agarrou-o ríspidamente e puxou-o para trás com um sacão.

O homem voltou-se. Era bem mais alto do que Mack. Pôs-lhe a mão no centro do peito e empurrou-o com toda a força. Mack cambaleou para trás. O homem voltou-se de novo para a garota, que tentava pôr-se de pé. Deu-lhe uma bofetada violenta na cara, que a fez voar.

Mack viu tudo vermelho. Agarrou no homem pelo colarinho e pelo fundo dos calções e pegou nele em peso. O homem urrou de

surpresa e de fúria, e começou a escoicinhar violentamente, mas Mack ergueu-o acima da cabeça.

Dermot viu embasbacado a facilidade com que Mack pegava no homem.

— Caramba, Mack, és um tipo forte! — exclamou.

— Tira as patas de cima de mim — berrou o homem.

Mack pousou-o no chão, mas continuou a segurar-lhe num pulso.

— Deixa a miúda em paz.

Dermot ajudou a rapariga a levantar-se e agarrou-a delicadamente mas com firmeza.

— É uma ladra nojenta — disse o homem com agressividade; depois viu a cara desfeita de Mack e decidiu não fazer daquilo uma batalha.

— Só isso? — perguntou Mack. — Pelos pontapés que lhe davas, julguei que tivesse matado el-rei.

— Que tens tu que ver com o que ela fez? — O homem estava a acalmar-se e a recuperar o fôlego.

Mack largou-o.

— Fosse o que fosse, acho que já teve castigo que chegue.

O homem olhou para ele.

— Vê-se mesmo que és um campónio — disse. — És um tipo forte mas, mesmo assim, não duras muito aqui em Londres se confias em gente da laia dela. — E, dizendo isto, afastou-se.

A rapariga disse:

— Obrigado, Jock. Salvaste-me a vida.

As pessoas percebiam que era escocês assim que falava. Ele próprio não se dera conta de que tinha sotaque até ir para Londres. Em Heugh, toda a gente falava da mesma maneira: até os Jamisson tinham uma versão atenuada do dialeto escocês. Ali, em Londres, era como um emblema.

Mack olhou para a rapariga. Tinha o cabelo escuro cortado às três pancadas e uma cara bonita que a sova já fazia inchar. O seu corpo era de criança, mas o olhar era astuto, de adulto. Fitava-o

desconfiada, perguntando-se, era evidente, o que queria dela. Mack perguntou:

— Estás bem?

— Está-me a doer — respondeu ela. — Quem me dera que tivesses matado aquele desgraçado!

— O que foi que lhe fizeste?

— Tentei roubá-lo enquanto ele comia a Cora, mas o gajo deu por isso.

Mack acenou com a cabeça. Já ouvira dizer que as prostitutas às vezes tinham cúmplices que roubavam os clientes.

— Queres beber alguma coisa?

— ‘Tava capaz de beijar o cu ao papa por um copo de genebra.

Mack nunca ouvira ninguém falar assim, muito menos uma gaiata. Não sabia se havia de ficar escandalizado ou divertido.

Do outro lado da rua era o Bear, a taberna onde Mack vencera o Brutamontes de Bermondsey e ganhara uma libra a um anão. Atravessaram a rua e entraram. Mack pediu três canecas de cerveja e sentaram-se a um canto a bebê-las.

A rapariga emborcou a dela quase toda em meia dúzia de goles e disse:

— És bom tipo, Jock.

— Sou o Mack — disse ele. — E este é o Dermot.

— Eu sou a Peggy. Chamam-me Quick Peggy⁸.

— Deve ser pela maneira como bebes.

Ela sorriu.

— Nesta cidade, ou bebes depressa, ou roubam-te a bebida. De onde és tu, Jock?

— De uma aldeia chamada Heugh, a umas cinquenta milhas de Edimburgo.

— Edimburgo é onde?

— Na Escócia.

— Então qual é a distância a que isso fica?

— Levei uma semana a cá chegar, de barco, junto à costa. — Fora uma longa semana. O mar enervava-o. Ao fim de quinze anos

a trabalhar no fundo de uma mina, o oceano sem fim dava-lhe tonturas. Mas era obrigado a subir aos mastros para amarrar cabos estivesse o tempo como estivesse. Jamais seria marinheiro. — Acho que a diligência leva treze dias — acrescentou.

— Porque é que vieste embora?

— Para ser livre. Fugi. Na Escócia, os mineiros são escravos.

— Como os pretos na Jamaica, queres tu dizer?

— Parece que sabes mais sobre a Jamaica do que sobre a Escócia.

Peggy não gostou da censura velada.

— E qual é o problema?

— A Escócia fica mais perto, é só isso.

— Isso já eu sabia. — Mack percebeu que ela estava a mentir. Era só uma menina, apesar da bazófia, e ele comoveu-se.

Uma voz de mulher perguntou então ansiosa:

— Peggy, estás bem?

Mack ergueu os olhos e viu uma mulher nova com um vestido da cor de uma laranja.

Peg respondeu:

— Olá, Cora. Salvou-me um belo príncipe. Apresento-te o escocês Jock McKnock.

Cora sorriu a Mack e disse:

— Obrigado por ter ajudado Peg. Espero que não seja por isso que ficou com a cara assim.

Mack abanou a cabeça.

— Não, isto foi outro brutamontes.

— Posso pagar-lhe uma genebra?

Mack ia recusar — preferia cerveja — mas Dermot disse:

— Sim senhor, muito obrigado.

Mack observou-a enquanto ela se dirigia ao balcão. Teria uns vinte anos, com uma carinha de anjo e uma juba ruiva flamejante. Era terrível pensar que uma mulher tão nova e tão bonita pudesse ser uma prostituta. Perguntou a Peg:

— Então ela é que estava na cama com o tipo que vinha atrás de ti, hem?

— Normalmente não precisa de ir até ao fim — respondeu Peg, entendida. — A maior parte das vezes, deixa-os num beco qualquer com a gaita espetada e as calças para baixo.

— Enquanto tu foges com a bolsa dele — disse Dermot.

— Eu? Ora essa! Eu sou uma dama de companhia da rainha Carlota.

Cora sentou-se ao lado de Mack. Usava um perfume intenso e picante com sândalo e canela.

— Que fazes tu em Londres, Jock?

Mack olhou-a fixamente. Era muito atraente.

— Ando à procura de trabalho.

— E já arranjaste?

— Nem por isso.

Cora abanou a cabeça.

— Tem sido um inverno de cão, frio como tudo, e o preço do pão está uma vergonha. Há homens a mais como tu.

Peg acrescentou:

— Foi por isso que o meu pai começou a roubar, há dois anos, só que não tinha jeito.

Foi a custo que Mack desviou os olhos de Cora e os pousou em Peg.

— O que é que lhe aconteceu?

— Dançou c'a gola do regedor.

— O quê?

Dermot explicou:

— Foi enforcado.

Mack replicou:

— Oh, tenho muita pena.

— Não tenhas pena de mim, escocês malcheiroso, que me dá vômitos.

Peg não era nada fácil.

— Pronto, pronto, está bem — apazigou-a Mack.

Cora disse então:

— Se queres trabalhar, conheço uma pessoa que anda à procura de estivadores para descarregar os barcos carvoeiros. O trabalho é tão duro que só rapazes novos se aguentam, e eles preferem gente de fora, que se queixa menos.

— Eu faço qualquer coisa — respondeu Mack, a pensar em Esther.

— Os ranchos da estiva estão todos nas mãos dos patrões das tabernas de Wapping. Conheço um deles. É Sidney Lennox, do Sun.

— É bom homem?

Cora e Peg riram-se. Cora explicou:

— É um canalha mentiroso, um aldrabão, um desgraçado, um malcheiroso, um bêbado pestilento, mas isso são todos, o que se há de fazer?

— Levas-nos ao Sun?

— Por vossa conta e risco — respondeu Cora.

Uma névoa morna de suor e pó de carvão enchia o porão abafado do navio de madeira. Mack estava de pé sobre um monte de carvão, a trabalhar com uma pá larga, a um ritmo regular. O trabalho era duríssimo; doíam-lhe os braços e transpirava por todos os poros; mas sentia-se bem. Era novo e forte, estava a ganhar bom dinheiro e não era escravo de ninguém.

O rancho era composto por dezasseis estivadores, todos dobrados sobre as suas pás, a resmungar e a dizer palavrões e gracejos. Os outros eram quase todos camponeses novinhos vindos da Irlanda: o trabalho era demasiado duro para os homens atrofiados da cidade. Dermot tinha trinta anos e era o mais velho do rancho.

Mack tinha a sensação de que não conseguia escapar ao carvão. Mas era o carvão que fazia girar o mundo. Enquanto trabalhava, Mack ia pensando no destino daquele carvão: em todas as salas de visitas londrinas que ia aquecer, nos milhares de fogões de cozinha,

nos fornos de padarias e destilarias que ia alimentar. A cidade tinha uma fome de carvão que nunca se saciava.

Era sábado à tarde, e o rancho já quase esvaziara o navio, o *Black Swan*, de Newcastle. Mack tinha prazer em calcular quanto iria receber à noite. Era o segundo navio que esvaziavam naquela semana, e o rancho recebia 16 cêntimos, um para cada trabalhador, por vinte sacas de carvão. Um homem forte com uma pá grande conseguia encher uma saca em dois minutos. Calculou que cada homem tivesse ganhado umas seis libras, valor bruto.

Porque havia descontos a fazer. Sidney Lennox, o intermediário, ou engajador, mandava para bordo grandes quantidades de cerveja e genebra. Os homens tinham de beber muito para compensar os galões de líquidos que perdiam com o suor, mas Lennox dava-lhes mais do que o necessário e a maioria dos homens bebia tudo, incluindo a genebra. Consequentemente, dava-se em geral pelo menos um acidente antes de acabar cada dia. E as bebidas não eram de graça. Por conseguinte, Mack não tinha a certeza de quanto lhe iria tocar quando se pusesse na fila para receber, nessa noite, na taberna chamada Sun. No entanto, mesmo que metade do dinheiro fosse para os descontos — estimativa certamente muito alta —, o restante continuava a ser o dobro do que um mineiro ganhava em seis dias de trabalho.

E, fosse como fosse, poderia mandar chamar Esther daí a poucas semanas. E então também a irmã estaria livre da servidão. Batia-lhe mais forte o coração ao pensar nisso.

Escrevera a Esther assim que se alojara em casa de Dermot, e ela respondera-lhe. No *glen*, não se falava senão na fuga dele, contara-lhe a irmã. Alguns dos carregadores mais novos estavam a tentar levar uma petição ao parlamento inglês contra a servidão nas minas. E Annie casara com Jimmy Lee. Mack teve pena de perder Annie. Nunca mais iria rebolar na urze com ela. Mas Jimmy Lee era bom homem. Talvez a petição fosse o princípio de uma mudança; talvez os filhos de Jimmy e Annie já viessem a ser livres.

O que restava do carvão foi metido em sacas e estas empilhadas numa barca, para as levarem para terra e as armazenarem num depósito. Mack espreguiçou-se, arqueando as costas doridas, e pôs a pá ao ombro. No convés, o ar frio atingiu-o como uma rajada, e ele vestiu a camisa e a capa de peles que lhe dera Lizzie Hallim. Os estivadores foram para terra com as últimas sacas e dirigiram-se para o Sun para receber o pagamento.

O Sun era um sítio rude frequentado por marinheiros e estivadores. O chão de terra estava lamacento, as mesas e os compridos bancos estragados e cheios de manchas, e a lareira fumacenta pouco aquecia. O patrão, Sidney Lennox, era um jogador, e havia sempre um jogo qualquer em curso: de cartas, de dados, ou um jogo complicado com um tabuleiro e contadores. A única coisa boa que o sítio tinha era Black Mary, a cozinheira africana, que, com marisco e uns bocados de carne barata, fazia uns guisados suculentos e de forte sabor que a freguesia adorava.

Mack e Dermot foram os primeiros a chegar. Encontraram Peg sentada ao balcão com as pernas cruzadas debaixo do rabo, a fumar tabaco da Virgínia num cachimbo de barro. Era no Sun que morava: dormia no chão a um canto, do lado de dentro do balcão. Além de engajador, Lennox era recetador, e Peg vendia-lhe as coisas que roubava. Ao avistar Mack, a rapariga cuspiu para a lareira e disse animada:

— Ora viva, Jock! Já salvaste mais donzelas?

— Hoje ainda não — sorriu Mack.

A cara risonha de Black Mary apareceu à porta da cozinha.

— Sopa de rabo de boi, rapazes?

Tinha um sotaque dos Países Baixos: dizia-se que fora escrava de um capitão de marinha holandês.

— Para mim, só umas duas pipas dela, faz favor — respondeu Mack.

A cozinheira sorriu.

— Isso é que é fome, hem? Muito trabalhinho?

— Foi só um bocado de exercício para abrir o apetite — disse Dermot.

Mack não tinha com que pagar o jantar, mas Lennox fiava a todos os estivadores tendo em conta o que iam receber. Daquela noite em diante, decidiu Mack, ia pagar tudo de contado: não queria endividar-se.

Sentou-se ao lado de Peg.

— Que tal o negócio? — perguntou em tom de brincadeira.

Peg levou a pergunta a sério.

— A Cora e eu hoje à tarde limpámos um finório velho, por isso tirámos a noite.

Para Mack, era esquisito ser amigo de uma ladra. Sabia o que a levava a isso: a alternativa era morrer de fome. Mesmo assim, alguma coisa dentro de si, que lhe teria ficado das posições da mãe, o fazia desaprovar a coisa.

Peg era pequena e franzina, com uma complexão ossuda e lindos olhos azuis, mas tinha o ar duro de um criminoso calejado, e era em consonância que as pessoas a tratavam. Mack suspeitava de que aquela dureza exterior era uma camada protetora: por baixo da superfície estaria apenas, com certeza, uma rapariguinha assustada sem ninguém para tomar conta dela.

Black Mary trouxe-lhe sopa com ostras a boiar, um naco de pão e uma caneca de cerveja preta, e ele atirou-se a tudo que nem um lobo.

Os outros estivadores foram entrando. Lennox não se via em lado nenhum, o que era invulgar: normalmente, estaria a jogar às cartas ou aos dados com os fregueses. Mack queria que ele se despachasse. Ansiava por saber quanto ganhara naquela semana. Calculava que ele estivesse a fazer os homens esperar para gastarem mais dinheiro no bar.

Cora chegou passada cerca de uma hora. Vinha atraente como sempre, com um vestido cor de mostrada debruado a preto. Todos os homens a cumprimentaram, mas, para surpresa de Mack, ela foi sentar-se ao pé dele.

— Já sei que a tarde rendeu — disse Mack.

— Dinheiro fácil — respondeu Cora. — De um tipo que já tinha idade para não cair nessa.

— É melhor contares-me como isso é, para eu não cair no mesmo com alguém como tu.

Cora deitou-lhe um olhar sedutor.

— Tu nunca vais precisar de pagar, Mack, isso te garanto.

— Mesmo assim, conta lá. Estou curioso.

— O mais fácil é apanhar um bêbado endinheirado, deixá-lo pelo beicinho, levá-lo para um beco escuro e fugir-lhe com a massa.

— Foi o que fizestes hoje?

— Não, hoje foi melhor. Encontrámos uma casa vazia e besuntámos a porteira. Fiz de esposa aborrecida, e Peg era a minha criada. Levámos o homem para a tal casa, a fingir que morávamos lá. Tirei-lhe as roupas e meti-o na cama. E então Peg veio a correr, para dizer que o meu marido tinha voltado mais cedo.

Peg riu-se.

— Pobre velhote, devias ter visto a cara dele, ficou mesmo à rasca. Escondeu-se no guarda-fato!

— E a gente veio-se embora, com a carteira dele, mais o relógio e as roupas.

— A esta hora ainda deve estar no guarda-fato! — disse Peg, e desataram as duas a rir às gargalhadas.

Começaram então a chegar as mulheres dos estivadores, muitas com bebês ao colo e filhos pequenos agarrados às saias. Algumas tinham o espírito e a beleza da juventude, mas outras tinham um ar gasto e subalimentado, mulheres espancadas de maridos bêbados e violentos. Mack supôs que ali tivessem ido todas na esperança de salvar uma parte da paga antes que os maridos a bebessem inteira, a perdessem ao jogo ou a deixassem escapar nos roubos das prostitutas. Bridget Riley entrou com os cinco filhos e sentou-se com Dermot e Mack.

Lennox apareceu por fim, era meia-noite.

Trazia uma bolsa de cabedal cheia de moedas e um par de pistolas, presumivelmente para se defender contra assaltos. Os estivadores, a maioria dos quais já estavam bêbados, aplaudiram-no como a um herói das conquistas quando entrou, e Mack sentiu um desprezo momentâneo pelos seus camaradas: porque mostravam gratidão pelo que apenas lhes era devido?

Lennox era um homem sombrio dos seus trinta anos, com botas até aos joelhos e colete de flanela sem camisa. Era bem constituído e musculado, de carregar barris de cerveja e de outras bebidas. Tinha na boca um esgar cruel. Exalava um cheiro próprio, um odor adocicado como de fruta podre. Mack notou que Peg estremeceu involuntariamente quando Lennox passou: tinha medo do homem.

Lennox puxou uma mesa para um canto e pousou a bolsa, com as pistolas ao lado. Os homens e as mulheres amontoaram-se em redor, entre empurrões e cotoveladas, como temendo que Lennox esgotasse o dinheiro antes de chegar a vez deles. Mack deixou-se ficar para trás: a sua dignidade não lhe permitia disputar um salário que lhe era devido pelo seu trabalho.

Ouviu a voz áspera de Lennox elevar-se acima do rebuliço.

— Cada homem ganhou uma libra e onze cêntimos, menos a conta do bar.

Mack não teve a certeza de ter ouvido bem. Tinham descarregado o carvão de dois navios, umas trinta mil de sacas, ou seja, mil e quinhentas vintenas, o que dava uma paga bruta de cerca de seis libras para cada estivador. Como poderia ter baixado para pouco mais de uma libra?

Os homens soltaram um bramido de decepção mas nenhum questionou o número. Quando Lennox começou a contar o dinheiro para cada homem, Mack interrompeu-o:

— Só um instante. Como é que fez as contas?

Lennox ergueu um olhar zangado.

— Vós descarregastes mil quatrocentas e quarenta e cinco vintenas, o que dá seis libras e cinco cêntimos. É só tirar quinze xelins por dia pelas bebidas e...

— O quê? — tornou Mack a interrompê-lo. — Quinze xelins por dia? — Correspondia a três quartos do que tinham ganho!

Dermot Riley resmungou entredentes a sua concordância com Mack:

— É mas é roubar a gente, é o que é.

Não falou muito alto, mas ouviram-se murmúrios coniventes de alguns dos outros homens e mulheres.

— A minha comissão é de dezasseis cêntimos por homem e por navio — continuou Lennox. — Mais dezasseis de gorjeta para o capitão do navio, seis por dia pelo aluguer da pá...

— Aluguer da pá? — explodiu Mack.

— És novo por cá, ainda não sabes como isto funciona, McAsh — guinchou Lennox. — Porque não calas a boca e me deixas continuar? Assim, ninguém recebe.

Mack estava indignado, mas dizia-lhe a razão que Lennox não inventara o sistema naquela noite: era óbvio que estava bem estabelecido e que os homens o teriam aceitado. Peg puxou-lhe pela manga e disse baixinho:

— Não armes sarilho, Jock. O Lennox vai arranjar maneira de te fazer a vida negra.

Mack encolheu os ombros e calou-se. O seu protesto, contudo, ficara a ressoar entre os demais e, a seguir, foi Dermot Riley quem se insurgiu.

— Eu não bebi quinze xelins por dia — disse.

E a mulher secundou-o:

— Pois está claro que não!

— Nem eu — disse outro. — Ninguém conseguia beber tanto. Um homem até rebentava!

Lennox respondeu irritado:

— Foi a quantidade que eu mandei para bordo. Achais que consigo saber quanto bebe cada um por dia?

Mack tornou a falar:

— Então é o único taberneiro de Londres que não consegue!

Os homens riram-se.

Lennox ficou furioso com a troça de Mack e as gargalhadas dos homens. Com um olhar ameaçador, disse:

— O sistema é assim: pagais quinze xelins de bebidas, bebais ou não.

Mack aproximou-se da mesa.

— Pois eu também tenho um sistema — disse. — Não pago bebidas que não pedi nem bebi. Se não as contou, contei-as eu, e sei dizer-lhe exatamente quanto lhe devo.

— Também eu — disse outro homem. Era Charlie Smith, um negro nascido em Inglaterra com um sotaque inconfundível de Newcastle. — Bebi oitenta e três canecas das pequenas, daquelas que vende aqui a quatro cêntimos. Dá vinte e sete xelins e oito cêntimos pela semana inteira e não quinze por dia.

Lennox ripostou:

— Já tens sorte de receber qualquer coisa, preto dum raio, devias era ser escravo e andar de grilhões nas patas!

Ensombrou-se a expressão de Charlie.

— Sou inglês e sou cristão, e melhor homem que o senhor, porque sou honesto — disse, com uma fúria controlada.

Dermot Riley acrescentou:

— Também sei dizer exatamente quanto bebi.

Lennox estava a ficar furioso.

— Se não tendes tento, não recebeis coisa nenhuma, nem vós nem ninguém — disse.

Ocorreu a Mack que devia tentar acalmar os ânimos. Procurou qualquer coisa conciliatória para dizer. Mas o seu olhar pousou em Bridget Riley e nos filhos com fome e a sua revolta levou a melhor. Disse então a Lennox:

— Não sai dessa mesa sem pagar o que nos deve.

O olhar de Lennox desceu às pistolas.

Com um movimento rápido, Mack mandou-as para o chão.

— Também não se safa a matar-me, seu ladrão maldito — disse furibundo.

Lennox parecia um mastim encurralado. Mack receou ter ido longe demais: talvez devesse ter deixado em aberto um compromisso para o homem salvar a face. Mas agora era tarde. Lennox ia ter de ceder. Embebedara os estivadores e eles matá-lo-iam se não pagasse.

Lennox recostou-se na cadeira, semicerrou os olhos, lançou a Mack um olhar de ódio puro e disse:

— Vais pagar por isto, McAsh, juro por Deus.

Mack respondeu num tom ameno:

— Vamos lá, Lennox, os homens só querem receber o que lhes deve.

Estas palavras não aplacaram Lennox, mas ele cedeu.

Com uma expressão medonha no rosto, começou a contar o dinheiro. Pagou primeiro a Charlie Smith, depois a Dermot Riley, depois a Mack, aceitando a palavra de cada um relativamente à quantidade que bebera.

Mack afastou-se da mesa exultante. Tinha na mão três libras e nove xelins: se pusesse de lado metade para Esther, continuaria recheado.

Outros estivadores calcularam grosseiramente quanto tinham bebido, mas Lennox não os contestou, exceto no caso de Sam Potter, um gordalhufo de Cork, que alegava ter bebido apenas trinta quartilhos, o que arrancou estrondosas gargalhadas aos companheiros: acabou por concordar com um número três vezes superior àquele.

Um ar de júbilo alastrou entre os homens e as mulheres deles à medida que iam guardando os ganhos. Vários foram ter com Mack para lhe darem palmadas nas costas, e Bridget Riley deu-lhe um beijo. Mack compreendeu que fizera algo admirável, mas temia que a cena ainda não tivesse acabado. Lennox cedera com demasiada facilidade.

Enquanto o último estivador recebia, Mack apanhou as pistolas do chão. Com um sopro esvaziou de pólvora o mecanismo de disparo e pousou as armas na mesa.

Lennox pegou nas armas descarregadas e na bolsa de dinheiro quase vazia e levantou-se. A sala emudeceu. O taberneiro dirigiu-se para a porta da zona privada. Todos o seguiam fixamente com o olhar, como receando que ele ainda achasse uma maneira de lhes tirar o dinheiro. Chegando à porta, Lennox voltou-se.

— Ide para casa, todos — disse em tom malévolo. — E escusais de voltar na segunda-feira. Não haverá trabalho para vós. Estais despedidos.

Mack passou a noite quase toda sem dormir, inquieto. Alguns dos estivadores diziam que na segunda-feira de manhã já Lennox teria esquecido tudo, mas Mack não acreditava nisso. Lennox não parecia homem que engolisse uma derrota; e conseguiria facilmente recrutar mais dezasseis homens fortes para compor o seu rancho de estivadores.

A culpa era de Mack. Os estivadores eram como bois, fortes e estúpidos, e fáceis de manipular: não se teriam rebelado contra Lennox se Mack não os tivesse encorajado. Cabia-lhe agora a ele, concluíra, resolver o problema.

Levantou-se cedo no domingo e entrou na outra divisão. Dermot e a mulher estavam deitados numa esteira, e os cinco filhos dormiam juntos no canto oposto. Mack foi acordar Dermot.

— Temos de arranjar trabalho para a malta até amanhã — disse.

Dermot levantou-se. Bridget disse, ainda na cama, com a voz empastada:

— Veste qualquer coisa respeitável, se queres impressionar os empregadores.

Dermot vestiu um velho colete vermelho e emprestou a Mack o cachecol de seda azul que comprara para casar. Pelo caminho, foram chamar Charlie Smith. Havia cinco anos que Charlie era estivador, e conhecia toda a gente. Charlie vestiu o seu melhor casaco, azul, e foram juntos a Wapping.

As ruas lamacentas do bairro ribeirinho estavam quase desertas. Os sinos das centenas de igrejas de Londres convocavam os fiéis,

mas a maioria dos marinheiros e dos estivadores e dos trabalhadores dos armazéns estava a gozar o seu dia de folga e ficara em casa. Pardacento, o rio Tamisa lambia placidamente os embarcadouros, e as ratazanas passeavam afoitas nas margens descobertas pela maré baixa.

Os engajadores das descargas de carvão eram todos taberneiros. Os três homens dirigiram-se primeiro ao Frying Pan, a poucos passos do Sun. Foram dar com o patrão a cozer um pernil de porco no pátio. O cheiro fez crescer água na boca a Mack.

— Ora viva, Harry — cumprimentou Charlie jovialmente.

O patrão olhou-os de lado.

— A que vindes, se não é para beber cerveja?

— A procurar trabalho — respondeu Charlie. — Tem algum navio para descarregar amanhã?

— Tenho, e um rancho para o descarregar, mas obrigado na mesma.

Saíram. Dermot perguntou:

— O que se passou? Ele olhou para nós como se a gente tivesse lepra.

— Genebra a mais ontem à noite — especulou Charlie.

Mack temeu que fosse mais grave do que isso, mas decidiu guardar os receios para si, pelo menos por enquanto.

— Vamos ao King's Head — propôs.

Ao balcão, vários estivadores bebiam cerveja e cumprimentaram Charlie chamando-o pelo nome.

— Tendes trabalho? — perguntou Charlie. — Andamos à procura de um barco.

O patrão ouviu-o.

— Trabalhastes para Sidney Lennox, do Sun?

— Sim, mas ele não vai precisar de nós esta semana — respondeu Charlie.

— Nem eu — disse o taberneiro.

Quando saíram, Charlie disse:

— Vamos tentar Buck Delaney, no Swan. Ele tem dois ou três ranchos ao mesmo tempo.

O Swan era uma taberna muito frequentada, com estábulos, uma sala de café, um depósito de carvão e várias cocheiras. Acharam o patrão no seu gabinete, que dava para o pátio. Delaney fora ele mesmo estivador, em novo, apesar de agora usar peruca e peitilho de renda para tomar o seu pequeno-almoço de café e carne fria.

— Um conselho, rapaziada — disse. — Todos os engajadores de Londres sabem o que houve ontem à noite no Sun. Ninguém vos dará trabalho, que o Sidney Lennox tratou disso.

Mack ficou descoroçoado. Já receava uma coisa assim.

— No vosso lugar — prosseguiu Delaney —, embarcava e saía de Londres durante um ano ou dois. Quando voltardes, já ninguém se lembra.

Dermot disse, zangado:

— Quer dizer que os estivadores estão condenados a deixarem-se roubar por vós, engajadores?

Se Delaney se ofendeu, não o mostrou.

— Olha em redor, rapaz — disse afavelmente, indicando com um gesto vago o serviço de prata em que bebia o café, o gabinete atapetado e o negócio florescente que pagava tudo aquilo. — Não foi a ser justo que eu consegui tudo isto.

Mack perguntou:

— E o que nos impede de ir ter com os capitães dos navios e propor descarregar-lhes o carvão?

— Tudo — respondeu Delaney. — De vez em quando, aparece um estivador como tu, McAsh, com um pouco mais de garra que os outros, e quer trabalhar com um rancho seu, e passar por cima do engajador e livrar-se do pagamento das bebidas, e tal, e tal... Mas há demasiada gente a fazer bom dinheiro como as coisas estão. — Abanou a cabeça. — Não és o primeiro a protestar contra este sistema, McAsh, e não hás de ser o último.

Mack ficou enojado com o cinismo de Delaney, mas pareceu-lhe que o homem dizia a verdade. Não soube o que mais dizer ou fazer.

Com um sentimento de derrota, dirigiu-se para a porta, seguido por Dermot e Charlie.

— Ouve o que te digo, McAsh — disse ainda Delaney. — Faz como eu. Arranja uma pequena taberna e vende bebida aos estivadores. Para de tentar ajudá-los e pensa mas é em ajudares-te a ti. Podias sair-te bem. Tens em ti o que é preciso, bem vejo que tens.

— Fazer como o senhor? — disse Mack. — Enriquecer a enganar os meus irmãos? Valha-me Deus, não faria como o senhor por nada deste mundo.

Ao sair, teve a satisfação de ver enfim ensombrar-se de raiva a cara do taberneiro.

Mas o seu regozijo durou apenas até fechar a porta. Ganhara uma discussão e perdera tudo o resto. Se tivesse engolido o orgulho e aceitado as regras do engajador, ao menos teria trabalho na manhã seguinte. Agora não tinha nada — e deixara outros quinze homens, mais as suas famílias, na mesma situação desesperada. A perspectiva de levar Esther para Londres estava cada vez mais longe. Fizera tudo mal. Era um perfeito idiota.

Sentaram-se os três a um dos balcões e pediram cerveja e pão para o pequeno-almoço. Mack refletiu que fora arrogância sua olhar de cima os outros estivadores por aceitarem estupidamente a sua sorte. No seu espírito, chamara-lhes bois, mas o boi era ele.

Lembrou-se de Caspar Gordonson, o advogado radical que começara tudo aquilo ao explicar-lhe os seus direitos. Se o apanhasse, pensou, dizia-lhe o que valem os direitos.

Dir-se-ia que a lei só servia quem tinha o poder de a fazer respeitar. Mineiros e estivadores não tinham quem os defendesse em tribunal. Era tolice falarem dos seus direitos. Quem era esperto não queria saber de bem nem de mal e tratava era dos seus interesses, como Cora e Peg e Buck Delaney.

Pegou na caneca, mas imobilizou-se com ela a meio caminho da boca. Caspar Gordonson morava em Londres, naturalmente. Mack *podia* apanhá-lo. Podia dizer-lhe o que valiam os direitos — mas

talvez pudesse fazer melhor do que isso. Talvez Gordonson pudesse ser o defensor dos estivadores do carvão. Era advogado e passava a vida a escrever sobre a liberdade em Inglaterra: devia ajudá-los.

Valia a pena tentar.

A carta fatal que Mack recebera de Caspar Gordonson trazia uma morada de Fleet Street. Fleet era o nome de um ribeiro imundo que desaguava no Tamisa junto ao sopé do monte onde se erguia a catedral de St. Paul. Gordonson morava numa casa geminada de três pisos, de tijolo, ao lado de uma grande taberna.

— Deve ser solteiro — arriscou Dermot.

— Como sabes? — perguntou Charlie Smith.

— Janelas sujas, soleira sem lustro... Não tem mulher em casa.

Abriu-lhes a porta um criado, que não mostrou qualquer surpresa por lhe pedirem para falar com Mr. Gordonson. Quando entraram, iam a sair dois sujeitos bem-vestidos, que não interromperam uma discussão acalorada envolvendo William Pitt, Lorde Guardião do Selo, e o visconde Weymouth, um secretário de Estado. Não interromperam a discussão mas um deles acenou a Mack com uma polidez alheada, o que muito o surpreendeu, visto que os cavalheiros costumavam ignorar por completo a gente de baixa condição.

Imaginara Mack que a casa de um advogado fosse lugar de documentos poeirentos e sussurrados segredos, onde o som mais audível fosse o lento raspar das penas. A casa de Gordonson antes parecia uma oficina de tipógrafo. No vestíbulo, atados por cordéis, empilhavam-se maços de panfletos e jornais, cheirava a papel e a tinta, e o som de máquinas vindo de baixo sugeria a existência de uma prensa a trabalhar na cave.

O criado desapareceu numa divisão contígua. Mack perguntou-se se não estaria a perder tempo. Uma pessoa que escrevia artigos elegantes em jornais provavelmente não sujava as mãos envolvendo-se com trabalhadores. O interesse de Gordonson pela

liberdade podia ser estritamente teórico. Mas Mack tinha de tentar tudo. Levava os homens do seu rancho à revolta, e agora estavam todos sem trabalho: tinha de fazer alguma coisa.

De dentro veio uma voz sonora e aguda:

— McAsh? Nunca ouvi falar! Quem é ele? Não sabes? Então pergunta! Deixa lá...

Passado um instante, um homem já um pouco calvo mas sem peruca surgiu no vão da porta e olhou os três estivadores, detrás das lentes dos seus óculos.

— Acho que não conheço nenhum de vós — disse. — O que quereis de mim?

Era um começo desanimador, mas Mack não desanimava facilmente e disse, com humor:

— O senhor deu-me um péssimo conselho há pouco tempo, mas, apesar disso, venho pedir-lhe mais.

Houve um silêncio, e Mack julgou tê-lo ofendido; então Gordonson desatou a rir com vontade. Numa voz amigável, perguntou:

— Mas afinal quem é o senhor?

— Malachi McAsh, mas chamam-me Mack. Era mineiro em Heugh, perto de Edimburgo, até o senhor me escrever a dizer que eu era um homem livre.

A expressão de Gordonson iluminou-se.

— O mineiro que ama a liberdade! Aperte aqui, homem!

Mack apresentou Dermot e Charlie.

— Entrai, entrai. Um copo de vinho?

Entraram atrás do advogado numa sala desarrumada que tinha por mobília uma escrivaninha e estantes com livros. No chão, empilhavam-se mais publicações e, sobre a escrivaninha, achavam-se espalhadas provas tipográficas. Um cão velho e gordo dormia num tapete com nódoas diante do lume. Pairava um cheiro desagradável que devia vir do tapete, ou do cão, ou dos dois. Mack tirou um livro de leis que estava aberto em cima de uma cadeira e sentou-se.

— Não quero vinho, obrigado — disse. Queria conservar toda a sua lucidez.

— Talvez uma chávena de café? O vinho dá sono, mas o café acorda. — Sem esperar por resposta, disse ao criado: — Café para todos.

Virou-se de novo para Mack.

— Então conte lá, McAsh, porque é que o meu conselho foi assim tão mau?

Mack contou-lhe como saíra de Heugh. Dermot e Charlie escutaram com atenção: nunca tinham ouvido a história. Gordonson acendeu um cachimbo e começou a expelir nuvens de fumo, abanando a cabeça de vez em quando, indignado. O café chegou quando Mack terminava o seu relato.

— Conheço os Jamisson há muito tempo. São gente gananciosa, sem coração e violenta — disse Gordonson com emoção. — E o que é que fez quando chegou a Londres?

— Fui descarregar carvão. — Mack contou o que acontecera no Sun na noite anterior.

Gordonson disse:

— O pagamento das bebidas, na estiva, é um escândalo antigo.

Mack acenou com a cabeça.

— Disseram-me que não era o primeiro a protestar.

— Pois não é, não senhor. O parlamento até aprovou uma lei contra essa prática há dez anos.

Mack ficou perplexo.

— Então como é que a coisa continua?

— A lei nunca foi posta em prática.

— Porquê?

— O governo tem medo de que haja problemas com o abastecimento de carvão. Londres vive do carvão. Aqui, sem carvão, nada acontece: não se faz pão, não se fabrica cerveja, não se sopra vidro, não se funde o aço, não se ferram cavalos, não se moldam pregos...

— Já percebi — interrompeu Mack impaciente. — Não me devia espantar que a lei não faça nada por homens como nós.

— Nisso está enganado — disse Gordonson em tom pedante. — A lei não toma decisões. Não tem vontade própria. É como uma arma, ou uma ferramenta: serve a quem nela pega e a usa.

— Os ricos.

— Normalmente, sim — concedeu o advogado. — Mas pode servir-vos a vós.

— Como? — perguntou Mack ansioso.

— Imagine que inventava um sistema alternativo para formar os ranchos que descarregam o carvão.

Era o que Mack desejava ouvir.

— Não era difícil — respondeu. — Os homens podiam escolher um deles para fazer as vezes do engajador e falar com os capitães dos navios. O dinheiro dividia-se assim que o recebessem.

— Calculo que os estivadores preferissem trabalhar com o novo sistema e poder gastar o salário como quisessem.

— Sim — disse Mack, contendo o entusiasmo crescente. — Podiam pagar a cerveja à medida que a bebessem, como toda a gente. — Mas iria Gordonson pôr a sua influência ao serviço dos estivadores? Se isso acontecesse, tudo seria diferente.

Charlie Smith disse lugubrememente:

— Isso já se tentou. Não resulta.

Já havia muitos anos que Charlie andava na estiva, recordou-se Mack, que perguntou:

— Porque é que não resulta?

— Os engajadores untam os capitães dos navios para não contratarem os novos ranchos. Depois há problemas e brigas entre os ranchos, e os novos é que são punidos pela pancadaria, porque os magistrados também são engajadores, ou amigos deles... E, no fim, os estivadores voltam todos a trabalhar da maneira antiga.

— Idiotas dum raio — exclamou Mack.

Charlie melindrou-se.

— Calculo que, se fossem espertos, não andavam a acartar carvão.

Mack deu-se conta de que fora arrogante, mas enfurecia-o ver que os homens conseguiam ser os piores inimigos de si mesmos.

— Só precisam de um bocado de determinação e solidariedade — disse.

Gordonson interveio:

— Não é só isso. É uma questão política. Lembro-me da última revolta dos estivadores do carvão. Foram vencidos por não terem ninguém que os defendesse. Tinham os engajadores contra eles e, do seu lado, ninguém.

— E porque haveria de ser diferente desta vez? — perguntou Mack.

— Por causa de John Wilkes.

Wilkes era o paladino da liberdade, mas estava no exílio.

— Em Paris não pode fazer muito por nós.

— Ele não está em Paris. Voltou.

Era uma surpresa.

— E o que vai fazer?

— Candidatar-se ao parlamento.

Mack imaginava facilmente como isso ia agitar as águas dos círculos políticos londrinos.

— Mas continuo a não perceber em que é que isso nos ajuda.

— Wilkes vai tomar o partido dos estivadores, e o governo vai pôr-se do lado dos engajadores. Uma causa dessas, com os trabalhadores cheios de razão e, ainda por cima, com a lei do seu lado, só pode ser boa para Wilkes.

— Como sabe o que Wilkes vai fazer?

Gordonson sorriu.

— Sou seu mandatário eleitoral.

O advogado tinha mais poder do que Mack supusera. Era um rasgo de sorte.

Charlie Smith, ainda cético, disse:

— Então, o senhor tenciona usar os estivadores em benefício dos seus interesses políticos.

— Tem razão — assentiu Gordonson com brandura. Pousou o cachimbo. — Mas porque é que apoio Wilkes? Deixai-me explicar. Hoje viestes ter comigo com queixas de injustiça. É o género de coisa que acontece com demasiada frequência: homens e mulheres comuns que são cruelmente explorados por um qualquer rufião ganancioso, um George Jamisson ou um Sidney Lennox. É uma coisa que lesa o negócio, porque as empresas más minam as boas. E, mesmo que fosse bom para o negócio, continuava a ser imoral. Eu amo o meu país e detesto os rufiões que querem espezinhar o povo e arruinar a prosperidade. Por isso, consagro a vida à luta pela justiça. — Sorriu e tornou a pôr o cachimbo na boca. — Espero que isto não pareça muito pomposo.

— Nem por sombras — disse Mack. — Ainda bem que o temos do nosso lado.

3 Peggy Rápida. (NT)

CAPÍTULO DEZASSEIS

O dia do casamento de Jay Jamisson estava frio e húmido. Do seu quarto de Grosvenor Square, via Hyde Park, onde o seu regimento montara bivaque. Cobria o solo uma neblina baixa, e as tendas dos soldados lembravam velas de navios num mar pardo e crespo. Aqui e ali fumegavam fogueiras tristonhas, que enevoavam mais ainda o ar. Os homens estariam decerto infelizes, mas os soldados estavam-no sempre.

Afastou-se da janela. Chip Marlborough, o padrinho, segurava-lhe na casaca nova. Jay encolheu-se para a vestir, resmoneando um «obrigado». Chip tinha o posto de capitão no Terceiro Regimento da Real Infantaria, como Jay. Era filho de Lorde Arebury, que tinha negócios com George Jamisson. Jay sentia-se honrado por tão aristocrático rebento ter acedido a marcar presença ao seu lado no dia do seu casamento.

— Viste os cavalos? — perguntou Jay ansioso.

— Com certeza — respondeu Chip.

Embora o Terceiro Regimento pertencesse à infantaria, os oficiais andavam sempre a cavalo, e Jay era responsável pelos homens que tratavam dos animais. Tinha jeito para cavalos: compreendia-os instintivamente. Tinha dois dias de licença pelo casamento, mas não deixava de querer saber se os animais estavam a ser bem tratados.

A licença era curta porque o regimento estava em serviço ativo. Não havia guerra: a última que o exército britânico travara fora a Guerra dos Sete Anos, na América, contra os franceses, e terminara ainda Jay e Chip eram estudantes. Mas o povo de Londres andava tão irrequieto e turbulento que a tropa estava a postos para abafar motins. Poucos dias passavam sem que algum corpo profissional descontente entrasse em greve ou marchasse sobre o parlamento ou corresse as ruas a partir janelas. Ainda naquela semana, os tecelões de seda, indignados com a redução

dos seus salários, tinham destruído três dos novos teares mecânicos em Spitalfields.

— Espero que o regimento não seja chamado enquanto estou de licença — disse Jay. — Ia ser um grande azar perder a ação.

— Não te preocupes! — Chip pegou num decantador com brande e serviu dois copos. Era um grande bebedor de brande. — Ao amor! — brindou.

— Ao amor! — repetiu Jay.

De amor, não sabia muito, pensou. Perdera a virgindade cinco anos antes com Arabella, uma das criadas do pai. Na altura, julgara tê-la seduzido mas via agora, à distância, que fora ela a seduzi-lo. Depois de partilhar com ele a cama por três vezes, a criada dissera-lhe que estava grávida. Jay pagara-lhe trinta libras — obtidas num prestamista — para desaparecer. Jay suspeitava agora que ela nunca engravidara e que tudo aquilo fora uma aldrabice deliberada.

Depois disso, namoriscara dezenas de raparigas, beijara muitas e fora para a cama com algumas. Achava fácil seduzir uma rapariga: era sobretudo uma questão de se fingir interessado em tudo o que ela dissesse, se bem que ajudasse ser bem-parecido e ter boas maneiras. Deixava-as enamoradas sem grande esforço. Mas agora, pela primeira vez, era ele a sofrer o mesmo tratamento. Quando estava com Lizzie, ficava sempre com a respiração levemente acelerada, e sabia que olhava para ela como se fosse a única pessoa na sala, exatamente como as raparigas olhavam para ele quando as submergia com o seu encanto. Seria isso o amor? Pensava que devia ser.

O pai acabara por aceitar o casamento a pensar na possibilidade de se apoderar do carvão de Lizzie. Por isso convidara Lizzie e a mãe a hospedarem-se na casinha anexa, e por isso ia pagar a renda da casa de Chapel Street onde Jay e ela iam morar depois do casamento. Não tinham feito promessas firmes a Sir George, mas também não lhe tinham dito que Lizzie era radicalmente contra a mineração em High Glen. Jay esperava que tudo acabasse por correr bem.

A porta abriu-se e um lacaio disse:

— Quer receber Mr. Lennox, *sir*?

Jay ficou aflito. Devia dinheiro a Sidney Lennox: dívidas de jogo. Tinha vontade de mandar o homem embora — era só um taberneiro — mas Lennox poderia pôr as garras de fora a respeito da dívida.

— É melhor dizer-lhe que entre — disse. — Peço desculpa, Chip.

— Eu conheço esse Lennox — respondeu Chip. — Também já perdi dinheiro com ele.

Lennox entrou, e Jay reconheceu-lhe o cheiro agriçoce, como de alguma coisa a fermentar. Chip cumprimentou-o.

— Como vai, grande patife?

Lennox lançou-lhe um olhar frio.

— Quando ganha, não me chama grande patife, não é?

Jay olhou-o nervoso. Lennox trazia fato amarelo com meias de seda e sapatos de fivela, mas lembrava um chacal vestido de homem: tinha um ar de ameaça que as roupas finas não disfarçavam. No entanto, Jay não conseguia convencer-se a cortar relações com Lennox. Era um conhecimento muito útil: sabia sempre onde havia uma luta de galos, um combate de gladiadores ou uma corrida de cavalos, e, se tudo o resto falhasse, era o próprio a organizar um jogo de cartas ou de dados.

Além disso, Lennox estava sempre disposto a fiar a jovens oficiais que ficassem sem dinheiro mas quisessem continuar a jogar; e o problema era esse. Jay devia-lhe cento e cinquenta libras. Seria embaraçoso se o homem insistisse em cobrar a dívida naquele momento.

— Vou casar hoje, sabia? — disse Jay.

— Sim, estou a par — respondeu Lennox. — Vim fazer-lhe um brinde.

— Ora pois claro, pois claro. Chip, um copo para o nosso amigo. Chip serviu três medidas generosas de brande.

Lennox brindou:

— A Vossa Senhoria e à sua noiva!

— Obrigado — disse Jay, e beberam os três.

Lennox dirigiu-se a Chip.

— Amanhã à noite há uma grande partida de faraó no Lord Archer, capitão Marlborough.

— Parece-me bem — disse Chip.

— Espero vê-lo lá. Já o capitão Jamisson certamente estará demasiado ocupado.

— Espero que sim — respondeu Jay. De qualquer modo, também não tenho dinheiro para isso, pensou.

Lennox pousou o copo.

— Desejo-lhe um bom-dia e espero que levante o nevoeiro — disse, e saiu.

Jay escondeu o seu alívio. O homem nada dissera sobre o dinheiro. Sabia que Sir George pagara a sua última dívida e acreditava com certeza que faria o mesmo com aquela. Jay perguntava-se porque ali teria ido o taberneiro: decerto não fora apenas mamar-lhe um copo de brande. Ficava com a sensação desagradável de que Lennox fora marcar uma posição. Pairava no ar uma ameaça velada. Mas, vendo bem, o que poderia fazer um taberneiro contra o filho de um rico mercador?

Jay ouviu lá fora o som de carruagens que paravam diante da casa. Tirou Lennox da cabeça.

— Vamos descer — disse.

A sala de visitas era um espaço grandioso com mobília cara feita por Thomas Chippendale. Cheirava a cera. A mãe, o pai e o irmão de Jay já lá estavam, vestidos para a igreja. A mãe deu-lhe um beijo. Sir George e Robert felicitaram-no com algum embaraço: nunca tinham sido uma família afetuosa, e a zanga por ocasião do vigésimo primeiro aniversário de Jay ainda estava fresca na memória de todos.

Um lacaio servia café. Jay e Chip aceitaram cada um a sua chávena. Antes de levarem a chávena à boca, a porta escancarou-se e Lizzie entrou como um furacão.

— Como te atreves? — bramou. — Como te atreves?

O coração de Jay ia parando. O que se passava agora? Lizzie estava corada de indignação, com os olhos em chamas e o peito arquejante. Vinha vestida de noiva, com um vestido branco simples e uma touca branca, mas estava esplendorosa.

— O que é que eu fiz? — perguntou Jay em tom queixoso.

— Acabou-se o casamento! — respondeu ela.

— Não! — exclamou Jay. Não ia ficar sem ela no último momento... A ideia era insuportável.

Lady Hallim chegou a correr atrás da filha, com um ar perturbado.

— Lizzie, para com isso, por favor — disse.

Foi a mãe de Jay quem tentou esclarecer as coisas.

— Lizzie, minha querida, mas qual é o problema? Diga-nos, por favor, o que foi que a pôs neste estado.

— Isto! — respondeu Lizzie, agitando um molho de papéis.

Lady Hallim contorcia as mãos.

— É uma carta do meu coiteiro-mor — explicou.

Lizzie continuou:

— Diz que andaram prospectores ao serviço dos Jamisson a fazer furos nas nossas terras.

— Furos? — repetiu Jay, confuso. Olhou para Robert e viu-lhe uma expressão comprometida no rosto.

Lizzie disse sem paciência:

— Andam à procura de carvão, pois claro!

— Oh, não! — protestou Jay. Compreendeu o que se passara. O pai, sôfrego, precipitara-se. De tão ansioso por se apoderar do carvão de Lizzie, não conseguira esperar pelo casamento.

Mas a impaciência de Sir George podia custar a Jay a sua noiva. Tal ideia enfureceu-o o suficiente para gritar ao pai:

— Grande idiota! — disse irrefletidamente. — Veja o que fez!

Era uma coisa escandalosa para um filho dizer, e Sir George não estava habituado a que ninguém lhe fizesse frente. Fez-se escarlate e os seus olhos pareciam querer saltar.

— Então cancelai a porcaria do casamento! — urrou. — Quero lá saber!

Alicia interveio.

— Acalma-te, Jay, e a Lizzie também — disse, e pensava igualmente em Sir George, embora, por uma questão de tato, não o referisse. — É óbvio que houve um engano. Os prospetores de Sir George entenderam mal alguma instrução, com certeza. Lady Hallim, por favor, queira levar Lizzie para a casa de hóspedes, para que possamos perceber o que se passou. Estou certa de que não precisamos de fazer nada tão drástico como cancelar o casamento.

Chip Marlborough tossiu. Jay esquecera que ele ali estava.

— Se me dão licença... — disse Chip, e dirigiu-se para a porta.

— Não saias — pediu Jay. — Espera lá em cima.

— Com certeza — assentiu Chip, embora o seu rosto mostrasse que preferia estar em qualquer outro lugar do mundo.

Alicia conduziu Lady Hallim e Lizzie para a porta com brandura.

— Por favor, dai-me apenas uns momentos, que já irei ter convosco e tudo se há de compor.

Ao sair, Lizzie tinha um ar mais indeciso do que zangado, e Jay teve esperança de que ela compreendesse que ele nada soubera da prospeção. Alicia fechou a porta e voltou-se. Jay rezava para que ela conseguisse fazer alguma coisa para salvar o casamento. Teria um plano? A mãe era muito inteligente. Era a sua única esperança.

Alicia não protestou com Sir George. Apenas declarou:

— Se não houver casamento, não vai ter o seu carvão.

— High Glen está falido — retorquiu o marido.

— Mas Lady Hallim pode renovar as hipotecas com outro credor.

— Porém, não o sabe.

— Alguém lho dirá.

Fez-se silêncio, enquanto esta ameaça tomava forma. Jay temia que o pai explodisse. Mas a mãe sabia avaliar bem até que ponto podia pressioná-lo, e Sir George acabou por perguntar, resignado:

— O que pretende, Alicia?

Jay suspirou de alívio. Talvez afinal fosse possível salvar o seu casamento.

A mãe respondeu:

— Primeiro, Jay tem de falar com Lizzie e convencê-la de que nada sabia sobre a prospeção.

— E é verdade! — interpôs Jay.

— Cala-te e ouve — disse o pai com rudeza.

A mãe prosseguiu:

— Se ele conseguir convencê-la, podem casar como estava planeado.

— E depois?

— Depois, terá de ter paciência. A seu tempo, Jay e eu saberemos mover Lizzie. Ela opõe-se à mineração agora, mas há de mudar de ideias, ou, pelo menos, opor-se com menos ardor, especialmente quando tiver um lar e um filho e começar a perceber a importância do dinheiro.

Sir George abanou a cabeça.

— Isso não basta, Alicia. Não posso esperar.

— Ora, porque não?

Sir George calou-se e olhou para Robert, que encolheu os ombros.

— Creio que mais vale dizer-vos — disse então. — Também tenho as minhas dívidas. Sabeis que sempre vivemos de dinheiro emprestado, quase todo por Lorde Arebury. No passado, conseguimos lucros para nós e para ele. Mas os nossos negócios com a América caíram muito desde o início das desordens nas colónias. E tornou-se quase impossível receber pelo pouco que ainda por lá fazemos: o nosso maior devedor faliu, deixando-me com uma plantação de tabaco, na Virgínia, que não consigo vender.

Jay estava assombrado. Jamais lhe ocorrera que os negócios da família fossem arriscados, ou que a riqueza que sempre conhecera pudesse não durar para sempre. Começava a compreender a fúria do pai quando tivera de lhe pagar as dívidas de jogo.

Sir George continuou:

— O carvão tem-nos mantido à tona, mas não chega. Lorde Arebury quer o seu dinheiro. Por isso, preciso das terras de Lizzie Hallim. Sem elas, posso perder tudo.

Fez-se novo silêncio. Tanto Jay como a mãe estavam demasiado abalados para falar.

Alicia acabou por dizer:

— Então só há uma solução: explorar High Glen sem Lizzie saber.

Jay fez uma careta ansiosa. Aquela sugestão assustava-o. Mas resolveu não dizer nada, de momento.

— Como? — perguntou Sir George.

— Mande-a com Jay para outro país.

Jay teve um sobressalto. Que ideia brilhante!

— Mas Lady Hallim saberia — objetou. — E com certeza o diria a Lizzie.

Alicia abanou a cabeça.

— Não, não o dirá. Fará tudo para que este casamento aconteça. Se lhe dissermos que se cale, calar-se-á.

Jay perguntou então:

— Mas para onde iríamos? Para que país?

— Para Barbados — respondeu a mãe.

— Não! — atalhou Robert. — Jay não fica com a plantação de açúcar.

Alicia respondeu em voz baixa:

— Penso que o seu pai a cede se disso depender a sobrevivência de todos os negócios da família.

Robert exibiu um olhar de triunfo.

— O meu pai não pode cedê-la, mesmo que queira. A plantação já é minha.

Alicia olhou inquisitivamente para o marido.

— Isso é verdade? Já é de Robert?

Sir George confirmou com a cabeça.

— Passei-a para o nome dele.

— Quando?

— Há três anos.

Foi novo choque. Jay não fazia a menor ideia. Sentiu-se magoado.

— Por isso não me deu pelo meu aniversário — disse com tristeza. — Já a dera a Robert.

Alicia disse então:

— Mas Robert certamente que a devolverá para salvar todo o negócio, não é assim?

— Não! — protestou Robert exaltado. — Isto é só o princípio: a senhora começa por me roubar a plantação e acaba roubando tudo! Sempre quis tirar-me o negócio para o dar a esse biltre.

— Só quero que Jay tenha uma parte justa — retorquiu Alicia.

Sir George declarou:

— Robert, se não aceitares isto, pode ser a falência para todos nós.

— Para mim, não — respondeu Robert triunfante. — Eu ainda terei uma plantação.

— Mas podias ter muito mais — insistiu o pai.

Robert falou com um ar manhoso.

— Muito bem, eu aceito... com uma condição: o senhor passa o resto para o meu nome, tudo o resto. E retira-se.

— Não! — berrou Sir George. — Não me retiro. Ainda nem fiz cinquenta anos!

Olharam-se ferozmente, pai e filho, e Jay notou como eram parecidos. Sabia que nenhum dos dois iria ceder em tal matéria, e perdeu a esperança.

Era um impasse. Os dois casmurros tinham chegado a um beco sem saída e, entre ambos, iam destruir tudo: o casamento, o negócio e o futuro da família.

Mas Alicia não estava disposta a desistir.

— Que propriedade é essa da Virgínia, George?

— Mockjack Hall. É uma plantação de tabaco, com uns mil acres e uns cinquenta escravos... Em que está a pensar?

— Podia dá-la a Jay.

O coração de Jay disparou. Virgínia! Seria começar de raiz, como tanto desejava, longe do pai e do irmão, com um lugar só seu para governar e cultivar. E Lizzie agarraria essa oportunidade com ambas as mãos.

Semicerraram-se os olhos de Sir George.

— Não poderia dar-lhe dinheiro — disse. — Ele teria de pedir emprestado o que lhe fizesse falta para sustentar a plantação.

Jay apressou-se a dizer:

— Não faz mal.

Alicia acrescentou:

— Mas teria de pagar os juros das hipotecas de Lady Hallim, George, senão ela poderia perder High Glen.

— Isso posso eu fazer com o que rende o carvão — respondeu Sir George, matutando nos pormenores. — Têm de partir para a Virgínia imediatamente, dentro de semanas.

— Não podem — protestou Alicia. — Precisam de fazer os preparativos. Dê-lhes três meses, pelo menos.

O marido abanou a cabeça.

— Preciso do carvão antes disso.

— Não faz mal. Lizzie não vai querer voltar à Escócia antes de partir. Vai estar demasiado ocupada a preparar a nova vida.

Todos aqueles planos para enganar Lizzie deixavam Jay a tremer. Era sobre ele que se abateria a sua ira se ela descobrisse.

— E se alguém lhe escrever? — perguntou.

Alicia ficou a pensar.

— Temos de saber quais dos criados de High Glen poderiam fazer tal coisa. Consegues descobrir, Jay?

— Como evitaremos que o façam?

— Mandaremos lá alguém que os despeça.

Disse Sir George:

— Talvez resulte. Está bem: assim faremos.

Alicia virou-se para Jay e sorriu triunfante. Conseguira por fim que lhe tocasse algum património. Abraçou-o e deu-lhe um beijo.

— Deus te abençoe, meu querido filho — disse. — Agora vai ter com ela e diz-lhe que tu e a tua família estais desolados com este engano, e que o teu pai te deu Mockjack Hall como presente de casamento.

Jay abraçou-a e murmurou:

— Bom trabalho, mãe. Obrigado.

Jay saiu. Ao atravessar o jardim, ia exultante e apreensivo ao mesmo tempo. Tinha o que sempre quisera. Preferia que tivesse sido sem ludibriar a noiva — mas não havia alternativa. Se tivesse recusado fazê-lo, teria perdido a propriedade e talvez a própria noiva.

Dirigiu-se para a casa de hóspedes anexa às cavalariças. Lady Hallim e Lizzie estavam sentadas na modesta sala de visitas junto de um lume de carvão fumarento. Ambas tinham chorado.

Jay sentiu um impulso súbito e perigoso de contar a verdade a Lizzie. Se lhe revelasse o embuste planeado pelos seus pais e lhe pedisse que casassem e vivessem pobres, talvez ela aceitasse.

Porém, o risco assustava-o. E o sonho partilhado de irem para outra terra desvanecer-se-ia. Por vezes, disse a si mesmo, uma mentira era mais bondosa.

Mas iria Lizzie acreditar?

Ajoelhou-se aos pés dela. O vestido de noiva cheirava a lavanda.

— O meu pai pede muitas desculpas — disse. — Mandou os prospetores para me fazer uma surpresa. Pensou que gostaríamos de saber se houvesse carvão nas vossas terras. Não sabia que tinhas sentimentos tão fortes contra a extração.

Lizzie pareceu duvidar.

— Porque não lhe disseste?

Jay abriu as mãos num gesto de impotência.

— Nunca mo perguntou. — Lizzie continuava pouco convencida, mas Jay tinha outro trunfo na manga. — E há mais uma coisa: o nosso presente de casamento.

Lizzie franziu o sobrolho.

— O que é?

— Mockjack Hall. Uma plantação de tabaco na Virgínia. Podemos ir para lá quando quisermos.

Lizzie fitou-o surpreendida.

— É o que sempre quisemos, não é? — perguntou ele. — Começar de raiz noutra terra: uma aventura!

Lentamente, o rosto dela abriu-se num sorriso.

— Deveras? Na Virgínia? Será mesmo verdade?

Jay mal podia crer que ela ia aceitar.

— Então dizes que sim? — perguntou a medo.

Lizzie sorriu. Vieram-lhe lágrimas aos olhos e não conseguiu falar. Acenou com a cabeça em silêncio.

Jay compreendeu que a partida estava ganha. Obtivera tudo o que queria. Era como receber uma mão imbatível às cartas. Estava na hora de recolher os ganhos.

Pôs-se de pé. Fê-la levantar-se da cadeira e deu-lhe o braço.

— Então vem comigo — disse. — Vamos casar.

CAPÍTULO DEZASSETTE

À hora de almoço do terceiro dia, o porão do *Durham Primrose* estava vazio. Mack olhou em redor, mal podendo acreditar que assim era. Tinham feito tudo sem um engajador.

Tinham vigiado o rio e apanhado à chegada um navio carvoeiro que fundeara a meio do dia, quando já os outros ranchos trabalhavam. Enquanto os homens esperavam na margem, Mack e Charlie tinham ido a remos até ao navio, que ainda deitava âncora, e tinham oferecido os seus serviços, para começar logo em seguida. O capitão sabia que, se insistisse em contratar um dos outros ranchos, teria de esperar até ao dia seguinte, e, para o capitão de um navio, tempo era dinheiro, pelo que logo os contratou.

Dir-se-ia que os homens trabalhavam mais depressa por saberem que seriam pagos sem descontos. Foram bebendo cerveja ao longo do dia, como antes, mas, como a pagavam jarro por jarro, só pediam aquela de que precisavam. E descarregaram o carvão em quarenta e oito horas.

Mack pôs a pá ao ombro e subiu ao convés. O tempo estava frio e enevoadado, mas Mack vinha quente do porão. No momento em que a última saca de carvão foi atirada para a barçaça, elevou-se dos estivadores grande clamor de festejo.

Mack fez as contas com o primeiro-imediato. A barçaça levava quinhentas sacas e ambos tinham tomado nota do número de vezes que fora a terra. Agora contaram as sacas que sobravam para a última ida e conferiram juntos o total. Em seguida, bateram os dois à porta do camarote do capitão.

Mack esperava que, desta vez, não houvesse problemas de última hora. Tinham feito o trabalho, agora tinham de lhes pagar, não era verdade?

O capitão era um homem magro, de meia-idade, com um grande nariz vermelho. Cheirava a rum.

— Já está? — perguntou. — Sois mais rápidos do que os outros ranchos. Quantas sacas?

— Seiscentas vintenas, menos noventa e três sacas — respondeu o primeiro-imediato, e Mack confirmou com um aceno de cabeça. Contavam as sacas às vintenas, porque cada homem recebia um cêntimo por vintena.

O capitão fez-lhes sinal para entrarem e sentou-se com um ábaco.

— Seiscentas vintenas menos noventa e três sacas, a dezasseis cêntimos cada vintena... — Era uma conta complicada, mas Mack estava habituado a receber em função do peso de carvão que entregava e sabia fazer contas de cabeça quando disso dependia a sua paga.

O capitão tinha uma chave atada ao cinto. Com ela, abriu uma arca que estava a um canto. Mack seguiu-lhe os movimentos enquanto ele tirava da arca uma caixa mais pequena, a pousava sobre a mesa e a abria.

— Se arredondarmos para meia vintena as sete sacas que sobram, devo-lhe exatamente trinta e nove libras e catorze xelins. — E, dizendo isto, contou o dinheiro.

O capitão deu-lhe um saco de linho para levar o dinheiro, tendo o cuidado de incluir muitas moedas de cêntimo para ele o poder repartir pelos homens com rigor. Mack teve uma sensação tremenda de vitória ao segurar o dinheiro nas mãos. Cada homem recebera quase duas libras e dez xelins — mais, em dois dias, do que tinham ganho com Lennox por duas semanas. Mas, mais importante ainda, tinham provado que podiam defender os seus direitos e conquistar um tratamento justo.

Sentou-se de pernas cruzadas no convés do navio para pagar aos homens. O primeiro da fila, Amos Tipe, disse:

— Obrigado, Mack, e Deus te abençoe, rapaz.

— Não me agradeças, foste tu que o ganhaste — protestou Mack.

Apesar do seu protesto, o segundo da fila agradeceu-lhe nos mesmos termos, como se ele fosse um príncipe a dispensar favores.

— Não é só o dinheiro — disse Mack, quando o terceiro, Slash Harley, chegou à frente. — Também ganhámos a nossa dignidade.

— Fica lá com a dignidade, Mack — disse Slash. — Dá-me mas é o dinheiro. — Os outros riram-se.

Mack sentiu-se um tanto zangado com eles enquanto continuava a contar as moedas. Como podiam não entender que não era só uma questão da paga daquele dia? Se eram tão estúpidos em relação aos seus próprios interesses, achava que mereciam ser explorados pelos empregadores.

No entanto, nada conseguia estragar a sua vitória. Enquanto os levavam para terra, num barco a remos, os homens começaram a cantar vigorosamente uma cantiga muito obscena intitulada «O Mayor de Bayswater», e Mack juntou-se ao coro a plenos pulmões.

Ele e Demot foram para Spitalfields. Ia levantando a névoa da manhã. Mack levava música nos lábios e alegria nos pés. No seu quarto, esperava-o uma surpresa agradável. Sentada num banco de três pés, cheirando a sândalo e balançando uma perna bem-feita, estava a amiga ruiva de Peg, Cora, com um casaco castanho e um chapéu garrido.

Cora pegara na capa de peles de Mack, que normalmente cobria a enxerga de palha onde ele dormia, e acariciava-lhe o pelo.

— Onde arranjaste isto? — perguntou.

— Foi presente de uma dama distinta — respondeu ele sorrindo. — O que fazes aqui?

— Vim ver-te — disse Cora. — Se lavares a cara, podes sair comigo. Isto é, se não tiveres de ir beber chá com damas distintas.

Mack deve ter feito um ar indeciso, porque ela acrescentou:

— Não fiques tão aflito. Deves julgar que sou uma pega, mas não sou, só em último caso.

Mack pegou no seu pedaço de sabão e dirigiu-se para o reservatório que havia no pátio. Cora foi atrás dele e viu-o pôr-se

em tronco nu e lavar a pele e o cabelo do pó de carvão que os cobria. Mack vestiu uma camisa lavada de Dermot, enfiou o casaco e pôs o chapéu, e deu o braço a Cora.

Encaminharam-se para oeste, pelo centro da cidade. Em Londres, compreendera Mack, as pessoas passeavam pelas ruas por prazer, como na Escócia pelos montes. Sabia-lhe bem levar Cora pelo braço. Gostava do modo que ela tinha de gingar as ancas, que de vez em quando roçavam nele. Graças à cor dos seus cabelos e à elegância das suas roupas, Cora dava muito nas vistas, e Mack recebia olhares de inveja de outros homens.

Entraram numa taberna e pediram ostras, pão, e uma cerveja escura e forte chamada *porter*. Cora comeu com gosto, engolindo as ostras inteiras e regando-as com goladas de cerveja.

Quando saíram da taberna, o tempo mudara. Continuava fresco, mas brilhava um sol desmaiado. Foram até Mayfair, uma zona residencial abastada.

Nos primeiros vinte e dois anos da sua vida, Mack somente vira duas mansões apalaçadas: Jamisson Castle e High Glen House. Naquele bairro, havia duas casas assim em cada rua, bem como cinquenta pouco menos majestosas. A riqueza de Londres não cessava de o espantar.

À porta de uma das mais grandiosas, uma fila de carruagens ia deixando convidados, provavelmente para uma festa. Nos passeios dos dois lados da rua, aglomerava-se uma pequena multidão de passantes e criados das casas vizinhas, e as pessoas espreitavam das suas portas e janelas. A casa era uma chama de luz, embora ainda a tarde estivesse a meio, e a entrada achava-se engalanada com flores.

— Deve ser casamento — disse Cora.

Enquanto observavam a cena, parou outra carruagem e dela desceu uma figura conhecida. Mack sobressaltou-se ao reconhecer Jay Jamisson. Jay ajudou a noiva a descer, e os circunstantes deram vivas e bateram palmas.

— É bonita — disse Cora.

Lizzie sorriu e olhou em redor, a agradecer a aclamação. O seu olhar cruzou-se com o de Mack e, por um instante, ela ficou paralisada. Mack sorriu e acenou-lhe. Ela apressou-se a desviar os olhos e a entrar.

Tudo acontecera numa fração de segundo, mas não escapara a Cora, a quem nada escapava.

— Conheces a noiva?

— Foi quem me deu a capa — respondeu Mack.

— Espero que o marido não saiba que ela dá presentes a mineiros.

— É um desperdício casar com ele. Jay Jamisson é uma bela figura de espírito fraco.

— Deves achar que era mais bem aproveitada casando contigo — disse Cora com sarcasmo.

— É que era mesmo — respondeu Mack a sério. — Vamos ao teatro?

Ao fim do serão, Lizzie e Jay permaneciam sentados na cama, no aposento nupcial, de camisa de noite, cercados de parentes e amigos que não paravam de rir, todos mais ou menos bêbados. Havia muito que os mais velhos se haviam retirado, mas mandava a tradição que os convidados se eternizassem no quarto, atormentando o casal, que se presumia desesperado por consumir o casamento.

O dia passara num torvelinho. Lizzie mal pensara na traição de Jay, no seu pedido de desculpas, no perdão que ela lhe dera, ou no seu futuro a dois na Virgínia. Não tivera tempo para se perguntar se tomara a decisão acertada.

Chip Marlborough entrou com um jarro de *posset*. Presa ao chapéu por um alfinete, trazia uma jarreteira de Lizzie. Começou a encher os copos de toda a gente.

— Um brinde! — disse.

— Um último brinde — corrigiu Jay, mas todos se riram, zombando.

Lizzie levou aos lábios a sua bebida, uma mistura de vinho, leite e gema de ovo, com açúcar e canela. Estava exausta. Fora um longo dia, desde a terrível querela da manhã, com o seu final surpreendentemente feliz, passando pela sagração na igreja, pelo copo-d'água, com música e dança, até àquele ritual, cómico e tardio.

Katie Drome, uma jovem da família dos Jamisson, sentou-se aos pés da cama com uma das meias de seda branca de Jay na mão e atirou-a para trás por cima da cabeça. Se acertasse no noivo, rezava a superstição que quem a atirara não tardaria também a casar. A jovem atirou a meia à toa, mas Jay, com bom humor, estendeu um braço para a apanhar no ar e pô-la sobre a própria cabeça, como se ali tivesse caído, e todos aplaudiram.

Um homem bêbado chamado Peter McKay sentou-se na cama ao lado de Lizzie.

— Virgínia — disse. — Hamish Drome foi para a Virgínia, sabia? Depois de a mãe de Robert lhe ter roubado a herança.

Lizzie ficou assombrada. O que narrava a lenda familiar era que Olive, a mãe de Robert, cuidara de um primo solteiro que estava a morrer, e que este mudara o testamento a seu favor por gratidão.

Jay ouviu o reparo.

— Ter roubado? — repetiu.

— Olive falsificou o testamento, como é evidente — disse McKay.

— Mas Hamish não conseguiu prová-lo e teve de aceitar as coisas. Foi para a Virgínia e nunca mais se ouviu falar dele.

Jay riu-se.

— Ah! Olive, a santinha, uma falsária!

— Chiu! — disse McKay. — Sir George mata-nos a todos se nos ouve!

Lizzie ficara intrigada, mas já tinha que chegasse da família de Jay para um só dia.

— Corre-me com esta gente! — bichanou-lhe ao ouvido.

Todos os preceitos da tradição estavam cumpridos menos um.

— Pois bem — disse Jay. — Se não vos retirais por vossa vontade... — Atirou os cobertores do seu lado e saiu da cama. Invertendo contra os convidados, levantou a camisa de noite até aos joelhos. Todas as moças guincharam como que apavoradas — cabia-lhes fingir que a visão de um homem em camisa de dormir era mais do que uma donzela podia suportar — e desarvoraram do quarto num magote, perseguidas pelos homens.

Jay fechou a porta e trancou-a. Depois, arrastou uma cómoda pesada para barricar a porta e garantir que não os iriam interromper.

De repente, Lizzie sentiu a boca seca. Chegara o momento por que ansiava desde que Jay a beijara no vestíbulo de Jamisson Castle e lhe pedira que cassasse com ele. Daí em diante, os seus amplexos, furtados nos raros momentos em que os deixavam a sós, tinham-se tornado rapidamente mais ardentes. Dos beijos em que as línguas se tocavam, tinham passado para carícias cada vez mais íntimas. Tinha feito tudo o que duas pessoas podiam fazer numa divisão destrancada e com o risco de uma mãe ou duas entrar a qualquer momento. Agora, por fim, tinham permissão para trancar a porta.

Jay deu a volta ao quarto a apagar as velas. Chegado junto da última, disse Lizzie:

— Deixa essa acesa.

Jay pareceu surpreendido.

— Porquê?

— Quero olhar para ti. — Jay estava indeciso, e ela acrescentou: — Achas que há problema?

— Não, suponho que não — respondeu ele, e enfiou-se na cama.

Quando começou a beijá-la e a acariciá-la, Lizzie teve vontade de que estivessem ambos nus, mas resolveu não o sugerir. Deixá-lo-ia fazer à sua maneira, por aquela vez.

A excitação que já conhecia ateou-lhe um formigueiro nos membros enquanto as mãos de Jay lhe percorriam todo o corpo. Num instante, ele abriu-lhe as pernas e deitou-se sobre ela. Lizzie

ergueu a face para o beijar no momento em que ele a penetrou, mas Jay estava demasiado concentrado e não deu por isso. Lizzie sentiu uma dor súbita e aguda e quase gritou, mas logo a dor passara.

Jay moveu-se dentro dela, e Lizzie acompanhou-o. Não tinha a certeza de ser aquilo o que devia fazer, mas era agradável. Começava justamente a sentir prazer quando Jay parou, arfou, arremeteu mais uma vez, e tombou sobre ela, ofegante.

Lizzie franziu a testa.

— Estás bem? — perguntou.

— Estou — gemeu Jay.

Então é só isto?, pensou Lizzie, mas nada disse.

Jay saiu de cima dela e ficou deitado a olhá-la.

— Gostaste? — perguntou.

— Foi um bocadinho rápido — respondeu Lizzie. — Podemos repetir de manhã?

Só com a camisa vestida, Cora deitou-se de costas sobre a capa de peles e puxou Mack para junto de si. Quando ele lhe enfiou a língua na boca, sentiu que ela sabia a genebra. Levantou-lhe a camisa. Os belos pelos loiro-arruivados não lhe escondiam as pregas do sexo. Afagou-lhas, como fizera com Annie, e Cora, arfando, perguntou:

— Quem te ensinou a fazer isso, meu virgenzinho?

Mack baixou os calções. Cora estendeu a mão para sua bolsa e tirou uma caixinha. Lá dentro estava um tubo feito de qualquer coisa que parecia pergaminho. Pela extremidade aberta passava uma fita cor-de-rosa.

— O que é isso? — quis saber Mack.

— É uma camisinha — respondeu Cora.

— Para que raio é que isso serve?

Em jeito de explicação, ela aconchegou-lhe o objeto em torno do pénis ereto e apertou bem a fita.

Mack disse, desconcertado:

— Eu sei que o meu mangalho não é muito bem-parecido, mas nunca pensei que uma mulher quisesse escondê-lo.

Cora desatou a rir.

— Meu campónio ignorante, isto não é para decoração, é para eu não ficar prenha!

Mack deitou-se sobre ela e penetrou-a, e Cora parou de rir. Desde os catorze anos que Mack imaginava como seria, mas continuava a pensar que continuava a não saber, porque aquilo, assim, não era carne nem peixe. Parou e fitou o rosto angélico de Cora. Ela abriu os olhos.

— Não pares — disse.

— Depois disto, ainda vou ser virgem? — perguntou Mack.

— Tu virgem e eu freira — respondeu Cora. — Agora está caladinho. Poupa o fôlego que bem vais precisar.

Foi o que ele fez.

CAPÍTULO DEZOITO

Jay e Lizzie foram morar para a casa de Chapel Street no dia a seguir à boda. Pela primeira vez, jantaram a sós, sem ninguém presente senão os criados. Pela primeira vez, subiram as escadas de mãos dadas, despiram-se juntos e deitaram-se na cama que era a sua. E, pela primeira vez, acordaram juntos na casa que era a sua.

Estavam nus: Lizzie convencera Jay a despir a camisa na noite anterior. Colara-se agora a ele e afagava-lhe o corpo, excitando-o; depois, subiu para cima dele.

Viu que ele ficara surpreendido.

— Importas-te? — perguntou.

Jay não respondeu, mas começou a mover-se dentro dela.

No fim, ela perguntou:

— Ficas chocado comigo, não ficas?

Após uma pausa, Jay disse:

— Sim, é verdade.

— Porquê?

— Não é... normal uma mulher ficar por cima.

— Não faço a menor ideia do que as pessoas pensam que é normal: nunca tinha ido para a cama com um homem.

— Pois espero bem que não!

— Mas como sabes *tu* o que é normal?

— Deixa lá.

Provavelmente seduzira algumas costureiras e empregadinhas de loja que o seu estatuto subjugara. Lizzie não tinha experiência, mas sabia o que queria e acreditava que podia obtê-lo. Não ia mudar o seu modo de agir. Estava a gostar demasiado. E Jay também estava, ainda que ficasse chocado: Lizzie bem o percebia, pelos seus vigorosos movimentos e pelo seu ar satisfeito em seguida.

Levantou-se e foi nua até à janela. O dia estava frio mas soalheiro. Tangiam em surdina os sinos da igreja porque era dia de

enforcamento: um ou mais criminosos iam ser executados nessa manhã. Metade dos trabalhadores da cidade faria folga por sua conta e muitos acorreriam a Tyburn, o cruzamento no Noroeste de Londres onde se erguia o patíbulo, para assistir ao espetáculo. Era o género de ocasião em que podiam estalar motins, pelo que o regimento de Jay estaria em alerta o dia inteiro. Jay, contudo, ainda tinha um dia de licença.

Lizzie virou-se para ele e disse:

— Leva-me a ver o enforcamento.

Jay lançou-lhe um olhar pouco satisfeito.

— Pedido medonho, esse.

— Não me digas que não é lugar para uma senhora.

Jay sorriu.

— Não me atrevera.

— Eu sei que lá vão ricos e pobres, homens e mulheres.

— Mas porque queres ir?

Era uma boa pergunta. Lizzie tinha sentimentos contraditórios a esse respeito. Era infame fazer da morte um espetáculo, e ela sabia que depois ficaria descontente consigo mesma. Mas a sua curiosidade mandava mais.

— Quero saber como é — disse. — Como reagem os condenados? Choram, rezam, falam à toa com o medo? E os que os veem? Como é ver acabar-se uma vida humana?

Lizzie sempre fora assim. Da primeira vez que vira caçar um veado, não teria mais que nove ou dez anos, assistira enfeitçada enquanto o couteiro o eviscerava. Ficara fascinada com os múltiplos estômagos e insistira em tocar na carne do animal para sentir como era. Era morna e viscosa. O bicho era uma fêmea que estava prenha de dois ou três meses, e o couteiro mostrara-lhe o pequeno feto na sua bolsa transparente. Nada daquilo lhe causara repugnância: era demasiado interessante.

Compreendia perfeitamente porque acorriam as pessoas em massa para ver o espetáculo. Também compreendia que outros

sentissem repugnância com a ideia de a ele assistir. Mas ela pertencia ao grupo dos curiosos.

Jay disse:

— Talvez possamos alugar um quarto com vista para o cadafalso. É o que faz muita gente.

Mas Lizzie achava que isso iria embaciar a experiência.

— Oh, não. Quero estar no meio das pessoas! — protestou.

— As mulheres da nossa condição não fazem isso.

— Então visto-me de homem.

Jay não parecia convencido.

— Não me faças essas caretas, Jay! Tu até gostaste bastante de me levar vestida de homem à mina.

— Para uma mulher casada, não é bem a mesma coisa.

— Se vais dizer-me que as aventuras acabaram só porque casámos, fujo para o mar.

— Olha o disparate.

Ela sorriu-lhe e saltou para cima da cama.

— Não sejas um velho rabugento. — Pôs-se a saltitar na cama.

— Vamos ao enforcamento.

Jay não pôde deixar de se rir.

— Está bem — disse.

— Bravo!

Lizzie executou rapidamente as suas tarefas diárias: disse ao cozinheiro o que comprar para o jantar; decidiu que quartos haveriam as criadas de limpar; disse ao palafrenero que naquele dia não ia montar; aceitou um convite em nome dos dois para jantar com o capitão Marlborough e a mulher na quarta-feira seguinte; adiou uma prova com uma chapeleira e recebeu a entrega de doze baús chapeados a bronze para a viagem para a Virgínia.

A seguir, vestiu o seu disfarce.

A rua conhecida como Tyburn Street ou Oxford Street abarrotava de gente. O patíbulo erguia-se no extremo da rua, junto de Hyde Park. As casas com vista para o cadafalso estavam cheias de

espetadores abastados que tinham alugado quartos para aquele dia. Sobre o muro de pedra do parque, apinhava-se gente ombro com ombro. Por entre a multidão andavam bufarinheiros a vender salsichas quentes e copinhos de genebra e cópias impressas do que diziam ser os derradeiros discursos dos condenados.

Mack pegou na mão de Cora e furou através da multidão. Não tinha a menor vontade de ver gente a ser morta, mas Cora insistia em ir. Mack queria apenas passar todo o seu tempo livre com ela. Gostava de lhe dar a mão, de a beijar nos lábios quando bem lhe apetecesse, e de lhe tocar no corpo de vez em quando. Gostava simplesmente de olhar para ela. Agradava-lhe a sua atitude de quem não se preocupa com nada e a sua linguagem grosseira e o seu olhar maroto. Por isso foi com ela ao enforcamento.

Uma amiga dela ia ser enforcada. Chamava-se Dolly Macaroni e era patroa de bordel, mas o seu crime era falsificação.

— O que é que ela falsificou, afinal? — perguntou Mack ao aproximarem-se do patíbulo.

— Um cheque. Mudou a quantia de onze para oitenta libras.

— E onde é que ela foi arranjar um cheque de onze libras?

— Passou-lho Lorde Massey. E ela diz que ele lhe devia mais.

— Deviam degredá-la, não era enforcá-la.

— Para os falsificadores, é quase sempre a força.

Tinham chegado tão perto quanto era possível: estavam a uns vinte passos do local da execução. O patíbulo era uma estrutura tosca de madeira, três simples postes unidos por traves. Das traves pendiam cinco cordas, que terminavam em laços prontos para os condenados. Ao lado via-se um capelão, com um punhado de homens de ar oficial, provavelmente funcionários da Justiça. Soldados com mosquetes mantinham a turba à distância.

Pouco a pouco, Mack deu-se conta de um som atroador que vinha do fundo de Tyburn Street.

— Que barulho é este? — perguntou a Cora.

— Já lá vêm.

À frente vinha uma esquadra de guardas a cavalo, conduzidos por uma personagem que seria decerto o regedor-mor. Vinham em seguida os polícias, a pé e armados de bastões. Depois, era a vez da carroça com os condenados, de quatro rodas, puxada por dois cavalos de tiro. Uma companhia de lanceiros fechava a retaguarda, com as lanças erguidas a prumo.

Na carroça, sentadas no que pareciam ser caixões, de mãos e braços amarrados com cordas, vinham cinco pessoas: três homens, um rapaz de uns quinze anos e uma mulher.

— É Dolly — disse Cora, e começou a chorar.

Mack olhou num fascínio horrorizado para os cinco que iam morrer. Um dos homens estava bêbado. Os outros dois ostentavam um ar de desafio. Dolly rezava em voz alta e o rapaz chorava.

A carroça foi conduzida até debaixo do cadafalso. O bêbado acenou a uns amigos, sujeitos de má catadura, que se achavam entre os primeiros da multidão. Os amigos gritaram-lhe gracejos e comentários grosseiros:

— O regedor foi simpático em te ter convidado!

— Espero que tenhas aprendido a dançar!

— Experimenta o laço a ver se te serve!

Dolly pedia perdão a Deus em voz alta e nítida. O rapaz continuava a chorar:

— Salva-me, mãe, salva-me, por favor!

Os dois homens sóbrios foram cumprimentados por um grupo que também estava na primeira linha da assistência. Pouco depois, Mack distinguia o seu sotaque como sendo irlandês. Um dos condenados bradou:

— Não deixeis que os cirurgiões me agarrem, rapazes!

Entre os amigos ergueu-se um clamor de assentimento.

— De que é que eles estão a falar? — perguntou Mack a Cora.

— Deve ser um assassino. Os corpos dos assassinos pertencem à Companhia dos Cirurgiões, que os abrem para ver o que está lá dentro.

Mack estremeceu.

O carrasco subiu para a carroça. Um por um, passou os laços no pescoço dos condenados e ajustou-os bem. Ninguém protestou nem tentou fugir. Não teriam conseguido, rodeados de guardas como estavam, mas Mack pensou que, se fosse ele, mesmo assim tentaria.

O padre, um homem calvo com nódoas na batina, subiu para a carroça e falou, um a um, com os condenados: uns curtos instantes com o bêbado, quatro ou cinco minutos com os dois outros homens, e mais tempo com Dolly e com o rapaz.

Mack ouvira dizer que às vezes as execuções corriam mal, e começou a ter esperança de que isso acontecesse daquela vez. Podiam partir-se cordas; já acontecera a multidão invadir o patíbulo e libertar os prisioneiros; o carrasco podia cortar as cordas antes de eles terem morrido. Era horrroso pensar que aqueles cinco seres humanos, que agora respiravam, daí a pouco estariam mortos.

O capelão terminou a sua parte. O carrasco vendou os cinco condenados com faixas de trapo e desceu da carroça, deixando-os sós lá em cima. O bêbado desequilibrou-se, vacilou e caiu — e o laço começou a estrangulá-lo. Dolly continuava a rezar em voz alta.

O carrasco chicoteou os cavalos.

Lizzie ouviu-se gritar:

— Não!

Com um sacão, a carroça moveu-se.

O carrasco tornou a chicotear os cavalos, que se puseram a trote. A carroça retirou-se de debaixo dos condenados, que, um por um, caíram até esticar as cordas: primeiro o bêbado, já meio morto; depois os dois irlandeses; depois o rapaz que chorava; e por fim a mulher, cuja reza foi cortada a meio de uma frase.

Contemplando os cinco corpos que baloiçavam nas cordas, Lizzie encheu-se de aversão por si mesma e por quantos a rodeavam.

Ainda não estavam todos mortos. O rapaz, por felicidade, parecia ter partido o pescoço instantaneamente, tal como os dois irlandeses; mas o bêbado ainda se mexia, e a mulher, cuja venda

caíra, abria muito os olhos aterrorizados enquanto, lentamente, ia sufocando.

Lizzie afundou o rosto no ombro de Jay.

Desejava ir-se embora, mas obrigou-se a ficar. Quisera ver aquilo e agora ia aguentar até ao fim.

Reabriu os olhos.

O bêbado expirara, mas a cara da mulher revolvía-se na agonia. A assistência, antes barulhenta, calara-se, emudecida pelo horror que tinha à frente. Passaram minutos.

Por fim, os olhos da mulher fecharam-se.

O regedor avançou para cortar as cordas, e foi então que a desordem começou.

O grupo irlandês arremeteu tentando passar pelos guardas que defendiam o patíbulo. Contra-atacaram os polícias e os lanceiros vieram secundá-los, de lanças em riste contra os irlandeses. Começou o sangue a jorrar.

— Tinha medo de que isto acontecesse — disse Jay. — Querem impedir que os cirurgiões fiquem com os corpos dos amigos. Vamos embora depressa.

À sua volta, muitos pensaram o mesmo, mas os da retaguarda tentavam aproximar-se para ver o que se passava. Como uns avançavam numa direção e outros na contrária, armou-se zaragata. Jay tentou abrir caminho à força. Lizzie agarrou-se bem a ele. Deram por si a remar contra uma onda compacta de gente que se movia em sentido oposto. Todos gritavam ou gemiam. Lizzie e Jay foram arrastados de novo para junto do patíbulo. Estava agora cheio de irlandeses, alguns dos quais agrediam os guardas e procuravam esquivar-se às lanças dos lanceiros, enquanto outros tentavam cortar as cordas das quais pendiam os corpos dos amigos.

Sem causa aparente, abrandou de súbito o aperto em torno de Lizzie e de Jay. Ela voltou-se e avistou uma brecha entre dois homenzarrões de aspeto violento.

— Anda, Jay! — gritou Lizzie, e esgueirou-se entre eles. Virou-se para trás, para ter a certeza de que Jay a seguia. Então a brecha fechou-se. Jay avançou para furar pelo mesmo sítio, mas um dos homens ergueu um punho ameaçador. Jay vacilou e deu um passo atrás, momentaneamente assustado. A hesitação foi fatal: ficaram separados. Lizzie viu o seu cabelo louro acima da multidão e fez tudo para voltar para junto dele, mas deteve-a um muro de gente.

— Jay! — gritou. — Jay!

Ele respondeu-lhe mas a multidão afastou-os mais. A ele, empurrou-o na direção de Tyburn Street e, a ela, em sentido contrário, na do parque. Um instante depois, Lizzie já não o via.

Lizzie ficou por sua conta. Cerrou os dentes e voltou as costas ao patíbulo. Tinha por diante uma densa massa de gente. Tentou escapar entre um homem baixo e uma matrona de grandes peitos.

— Tirar as mãozinhas, ó jovem! — disse a mulher. Lizzie insistiu e conseguiu espremer-se entre os dois. Repetiu o processo. Pisou um homem de mau aspeto e ele deu-lhe um soco nas costelas. Lizzie arfou de dor e continuou a empurrar.

Viu então uma cara familiar e reconheceu Mack McAsh. Também ele procurava abrir caminho pelo meio do turbilhão de gente.

— Mack! — gritou Lizzie com alívio. Mack estava com a ruiva que se achava ao seu lado em Grosvenor Square. — Aqui! — gritou Lizzie de novo. — Ajude-me!

Mack viu-a e reconheceu-a. Um homem alto enfiou então um cotovelo num olho de Lizzie, que, por instantes, quase deixou de ver. Quando a sua visão voltou ao normal, Mack e a mulher tinham desaparecido.

De coração carregado, continuou a fazer força. Pouco a pouco, ia-se afastando do tumulto do patíbulo. A cada passo, tornava-se um pouco mais fácil mover-se. Ao fim de cinco minutos, já não estava esmagada entre camadas compactas de gente, já se esgueirava por brechas com vários dedos de largura. Acabou por ir dar à fachada de uma casa. Conseguiu dobrar a esquina e penetrou numa travessa com uns três ou quatro palmos de largura.

Encostou-se à parede da casa, a recuperar o fôlego. A viela era imunda e cheirava a dejetos humanos. Doíam-lhe as costelas no sítio onde recebera o soco. Levou a mão à cara com cuidado e sentiu que tinha um inchaço à volta do olho.

Esperava que Jay estivesse bem. Voltou-se para tentar avistá-lo, e teve um sobressalto ao ver dois homens a fitá-la.

Um era um sujeito de meia-idade, com a barba por fazer e bar-riga proeminente; o outro um jovem dos seus dezoito anos. Qualquer coisa no olhar dos dois a assustou, mas, antes de poder fazer um gesto, eles saltaram sobre ela. Agarraram-na pelos braços e atiraram-na ao chão. Tiraram-lhe o chapéu, a peruca de homem e os sapatos de fivela de prata, revistaram-lhe os bolsos com uma rapidez desconcertante, e roubaram-lhe a bolsa, o relógio de bolso e um lenço.

O mais velho enfiou o espólio num saco, olhou-a um momento e disse:

— Belo casaco. Quase novo.

Inclinaram-se outra vez os dois sobre ela e começaram a puxar-lhe o casaco e o colete, que faziam conjunto. Lizzie deu luta, mas apenas conseguiu rasgar a camisa. Os homens meteram o casaco e o colete num saco. Lizzie percebeu então que tinha os seios à mostra. Tapou-os à pressa com os farrapos da camisa mas era tarde demais.

— Eh, é uma rapariga! — gritou o mais novo.

Lizzie pôs-se de pé a custo, mas ele agarrou-a e não a deixou fugir.

O gordo olhou para ela.

— E feitosa, valha-me Deus! — Lambeu os beiços. — Vou fodê-la — disse decidido.

Tomada de pavor, Lizzie debateu-se violentamente, mas não conseguiu libertar-se do mais novo.

Este olhou para trás, pela entrada da viela, para a multidão que passava na rua.

— O quê? Aqui?

— Ninguém olha para cá, idiota. — Acariciou-se entre as pernas.
— Tira-lhe os calções para a gente ver.

O rapaz atirou-a ao chão, sentou-se pesadamente sobre ela e começou a puxar-lhe os calções, enquanto o outro assistia. O medo apoderou-se de Lizzie, que gritou a plenos pulmões, mas havia tanto barulho na rua que ela duvidou de que alguém a pudesse ouvir.

Então, de repente, apareceu Mack McAsh.

Lizzie viu-lhe a cara e um punho erguido, e logo ele atingiu o mais velho numa têmpora. O ladrão balançou de lado e cambaleou. Mack tornou a bater-lhe. Os olhos do homem reviraram-se. Mack assentou-lhe terceiro murro. Ele tombou e não se mexeu mais.

O rapaz saiu atrapalhadamente de cima de Lizzie e tentou fugir, mas ela agarrou-lhe um tornozelo e fê-lo tropeçar. O jovem caiu ao comprido no chão. Mack pegou nele e atirou-o contra a parede da casa, depois acertou-lhe no queixo com um soco vindo de baixo com toda a sua força. O rapaz aterrou sem sentidos em cima do comparsa.

Lizzie pôs-se de pé.

— Graças a Deus que aqui estava, Mack! — disse com fervor. Encheram-lhe os olhos lágrimas de alívio. Abraçou-se a ele e disse: — Salvou-me! Obrigado, obrigado!

Mack apertou-a contra si.

— Também uma vez me salvou a mim: quando me tirou do rio.

Lizzie apertou-o com força e tentou parar de tremer. Sentiu a mão dele na nuca, afagando-lhe o cabelo. De calções e camisa, sem saíotes de permeio, sentia o corpo dele inteiro contra o seu. Era completamente diferente do marido. Jay era alto e maleável, Mack baixo e maciço e robusto.

Mack desviou-se e olhou para ela. Os seus olhos verdes enfeitiçavam. O resto da face parecia apagar-se.

— Salvou-me a mim e eu a si — disse ele com um sorriso forçado. — Sou o seu anjo da guarda e a Lizzie é o meu.

Lizzie começou a serenar. Lembrou-se de que tinha a camisa rasgada e os seios nus.

— Se eu fosse um anjo, não estava nos seus braços — disse ela, e começou a desprender-se do abraço de Mack.

Ele olhou-a nos olhos por um instante, teve de novo um sorriso forçado e acenou com a cabeça, como a concordar. E então desviou o olhar.

Inclinou-se e tirou o saco da mão inerte do ladrão mais velho. Lá de dentro tirou o colete e Lizzie vestiu-o, abotoando-o à pressa para cobrir a sua nudez. Assim que se sentiu novamente segura, ficou preocupada com Jay.

— Tenho de ir à procura do meu marido — disse, enquanto Mack a ajudava a vestir o casaco. — Ajuda-me?

— Claro.

Mack entregou-lhe a peruca e o chapéu, a bolsa, o relógio e o lenço.

— E a sua amiga ruiva? — perguntou Lizzie.

— Cora. Deixei-a em segurança antes de vir à sua procura.

— Ah, sim? — Lizzie sentiu-se absurdamente irritada. — Estais namorados? — quis saber, com maus modos.

Mack sorriu.

— Sim — respondeu. — Desde anteontem.

— Foi quando eu casei.

— Estou a passar muito bons momentos. E a Lizzie?

Aos lábios de Lizzie subiu uma resposta torta, mas então, a contragosto, ela riu-se.

— Obrigada por me salvar — disse, inclinando-se para a frente e dando-lhe um beijo rápido na boca.

— Por um beijo desses, fazia tudo outra vez.

Ela sorriu-lhe e voltou-se na direção da rua.

Aí, de pé, Jay assistia a tudo.

Lizzie sentiu-se terrivelmente culpada. Tê-la-ia visto beijar McAsh? Calculou que sim, a julgar pelo seu ar ameaçador.

— Oh, Jay! — disse. — Graças a Deus estás bem!

— O que se passou aqui? — perguntou ele.

— Estes homens assaltaram-me.

— Eu sabia que não devíamos ter vindo. — Pegou-lhe num braço para a conduzir para fora da viela.

— McAsh venceu-os e salvou-me — disse Lizzie.

— Não é razão para o beijar — respondeu o marido.

CAPÍTULO DEZANOVE

O regimento de Jay estava de serviço em Palace Yard no dia do julgamento de John Wilkes.

O herói liberal fora condenado por difamação sediciosa anos antes e fugira para Paris. Agora, ao regressar, fora acusado de ter fugido. Porém, enquanto o processo se arrastava, ganhara as eleições no Middlesex com grande margem. Ainda não ocupara, no entanto, o seu lugar no parlamento, e o governo queria impedi-lo de o fazer, condenando-o em tribunal.

Jay acalmou o seu cavalo e olhou nervoso por sobre a multidão de várias centenas de apoiantes de Wilkes que rondavam Westminster Hall, onde decorria o julgamento. Muitos usavam presa ao chapéu a roseta azul que os identificava como wilkesitas. Os conservadores, ou *Tories*, como o pai de Jay, queriam calar Wilkes, mas toda a gente receava o que os seus seguidores pudessem fazer.

Se houvesse violência, o regimento de Jay devia manter a ordem. Era um pequeno destacamento de guardas — demasiado pequeno, na opinião de Jay: apenas quarenta praças e alguns oficiais, sob as ordens do coronel Cranbrough, o comandante de Jay. Formavam uma linha fina, vermelha e branca, entre o edifício do tribunal e a multidão.

Cranbrough recebia ordens dos magistrados de Westminster, representados por Sir John Fielding. Fielding era cego, mas isso parecia não o perturbar no seu trabalho. Era um juiz reformista famoso, embora Jay o considerasse demasiado brando. Destacara-se por defender que a causa do crime era a pobreza. O que era o mesmo que dizer que a causa do adultério era o casamento.

Os jovens oficiais tinham sempre o desejo de entrar em ação, e Jay dizia o mesmo, mas também tinha medo. Na verdade, nunca usara a espada nem a pistola num combate a sério.

O dia era longo e os capitães revezavam-se nas pausas que faziam para irem beber um copo de vinho. Pelo fim da tarde, enquanto Jay dava uma maçã ao seu cavalo, abordou-o Sidney Lennox.

Ficou com o coração apertado. Lennox havia de querer o seu dinheiro. Com certeza que fora sua intenção pedi-lo na visita a Grosvenor Square, mas adiara o pedido por causa do casamento.

Jay não tinha esse dinheiro. Mas apavorava-o que Lennox pudesse ir falar com o pai.

Fez ar de bazófia.

— Por aqui, Lennox? Não o sabia wilkesita.

— John Wilkes que vá para o diabo — respondeu Lennox. — Venho pelas cento e cinquenta libras que perdeu ao faraó no Lord Archer.

Jay empalideceu ao ouvir a quantia. O pai dava-lhe trinta libras por mês, mas nunca chegava, e ele não fazia ideia de quando lhe passariam pelas mãos cento e cinquenta. A ideia de o pai descobrir que ele perdera mais dinheiro ao jogo deixava-lhe as pernas fracas. Faria tudo para o evitar.

— Poderei ter de lhe pedir que espere um pouco mais — disse, numa tentativa pouco convicta de aparentar uma superioridade indiferente.

Lennox não respondeu diretamente.

— Conhece um homem chamado Mack McAsh, não é verdade?

— Infelizmente, sim.

— Formou um rancho independente de estivadores, com a ajuda de Caspar Gordonson. Andam os dois a dar muitos problemas.

— Não me espanta. Já era um belo empecilho na mina do meu pai.

— O problema não é só o McAsh — continuou Lennox. — Os dois amigos dele, Dermot Riley e Charlie Smith, também formaram ranchos, e para o fim da semana vai haver mais.

— A vós, engajadores, vai custar-vos uma fortuna.

— Vai dar cabo do negócio, se não se acabar com isso.

— Bom, não é problema meu.

— Mas podia ajudar-me.

— Duvido. — Jay não queria envolver-se nos assuntos de Lennox.

— Para mim, valia dinheiro.

— Quanto? — perguntou Jay circunspecto.

— Cento e cinquenta libras.

O coração de Jay deu um salto. A perspectiva de ficar com a dívida saldada era uma bênção que lhe caía do céu. Mas Lennox não estaria disposto a abrir mão de tal soma facilmente. Devia querer um favor dos grandes.

— O que teria eu de fazer? — perguntou Jay desconfiado.

— Quero que os armadores se recusem a contratar os ranchos independentes. Ora, alguns armadores também são engajadores, por isso vão cooperar. Mas a maioria não é. Em Londres, o mais importante é o seu pai. Se ele desse o exemplo, os outros iam atrás.

— Mas porque o faria ele? Pouco se rala com engajadores e estivadores.

— É o corregedor de Wapping, e os engajadores representam muitos votos. Tem a obrigação de defender os nossos interesses. Além disso, os estivadores são malta desordeira, e a gente mantém-nos na linha.

Jay fez uma careta. Era tarefa difícil. Ele não tinha o menor ascendente sobre o pai. Poucas pessoas tinham: não haveria quem o convencesse a resguardar-se da chuva. Mas Jay tinha de tentar.

Um rugido da multidão indicou que Wilkes is sair. Jay montou imediatamente.

— Vou ver o que se arranja — disse a Lennox afastando-se a trote.

Encontrou Chip Marlborough e perguntou:

— O que é?

— Recusaram fiança ao Wilkes e vão mandá-lo para a prisão de King's Bench.

O coronel reuniu os oficiais. Disse a Jay:

— Passa a palavra: ninguém dispara sem ordem de Sir John. Diz aos teus homens.

Jay conteve um protesto ansioso. Como podiam os soldados controlar as massas se tinham as mãos atadas? Mas deu uma volta, a cavalo, a transmitir as instruções.

Pelo portão saiu uma carruagem. O rugido da multidão foi de gelar o sangue, e Jay foi tomado por uma onda de medo. A soldadesca abriu caminho para a carruagem à coronhada. Os sequazes de Wilkes correram pela ponte de Westminster, e Jay deu-se conta de que a carruagem teria de atravessar o rio até Surrey para chegar à prisão. Jay esporeou o cavalo direito à ponte, mas o coronel fez-lhe sinal para parar.

— Não atravesse a ponte — ordenou. — As nossas instruções são para manter a ordem aqui, à saída do tribunal.

Jay refreou a sua montada. Surrey era outra jurisdição e os magistrados de Surrey não tinham pedido a ajuda do exército. Era ridículo. Jay viu, impotente, a carruagem atravessar o Tamisa. Antes de chegar a Surrey, a multidão deteve-a e soltou os cavalos.

Sir John Fielding estava no meio da turba, seguia a carruagem com dois ajudantes a guiá-lo e a contarem-lhe o que se ia passando. Jay viu então uma dúzia de homens robustos meter-se entre os tirantes e começar a puxar a carruagem. Fizeram-na dar meia-volta e dirigir-se de novo para Westminster, sob a aclamação estrondosa da multidão.

O coração de Jay começou a bater mais depressa. O que aconteceria quando chegassem a Palace Yard? O coronel Cranbrough erguia uma mão admonitória a indicar que não deviam fazer nada.

Jay perguntou a Chip:

— Achas que conseguíamos libertar a carruagem da gentalha?

— Os magistrados não querem que corra sangue — respondeu Chip.

Um dos oficiais de justiça de Sir John correu pelo meio da multidão para falar com Cranbrough.

À saída da ponte, o povo virou a carruagem para leste. Cranbrough gritou aos seus homens:

— Seguir à distância! Não tomar a iniciativa!

O destacamento de guardas alinhou atrás da turba. Jay rangia os dentes. Era humilhante. Uns quantos tiros de mosquete dispersariam o povo num ápice. Compreendia que Wilkes iria capitalizar politicamente o facto de a tropa ter disparado, mas qual era o problema?

A carruagem foi levada ao longo da Strand até ao coração da cidade. A multidão cantava e dançava e gritava «Wilkes e liberdade» e «Número quarenta e cinco». Só pararam em Spitalfields. Aí, a carruagem encostou à porta da igreja. Wilkes desceu e entrou numa taberna chamada Three Tuns, seguido à pressa por Sir John Fielding.

Também o seguiram alguns apoiantes, mas não cabiam todos. Mantiveram-se por ali, na rua, algum tempo, até que Wilkes apareceu a uma janela do primeiro andar, gerando aclamação tumultuosa. Começou então a falar. Jay estava demasiado longe para ouvir tudo, mas apanhou o sentido geral: Wilkes apelava à ordem.

Durante o discurso, saiu o oficial de justiça de Fielding para de novo falar com o coronel Cranbrough. Este comunicou em voz baixa a notícia aos seus capitães. Chegara-se a um acordo: Wilkes esgueirar-se-ia por uma porta das traseiras e iria entregar-se, à noite, à prisão de King's Bench.

Wilkes terminou o discurso, acenou e fez uma vénia, e desapareceu. Quando se tornou evidente que não iria reaparecer, a multidão começou a enfastiar-se e a dispersar. Sir John saiu do Three Tuns e apertou a mão ao coronel Cranbrough.

— Excelente trabalho, coronel, e transmita o meu agradecimento aos seus homens. Evitou-se derramamento de sangue e cumpriu-se a lei.

Estava a fazer cara alegre, pensou Jay, mas a verdade é que a gentilha pusera a lei a ridículo.

Enquanto a guarda marchava de regresso a Hyde Park, Jay sentiu-se abatido. Preparara-se para o combate o dia inteiro, e era difícil suportar a decepção. Mas o governo não podia continuar a aplacar as massas eternamente. Mais cedo ou mais tarde, ia tentar pô-las na linha. Nessa altura haveria ação.

Depois de mandar destroçar os seus homens e de verificar que tratavam dos cavalos, Jay lembrou-se da proposta de Lennox. Sentia relutância em apresentar ao pai o plano do engajador, mas sempre era mais fácil do que pedir-lhe cento e cinquenta libras para pagar outra dívida de jogo. Assim sendo, resolveu passar por Grosvenor Square a caminho de casa.

Era tarde. Já tinham jantado, informou o laçao, e Sir George encontrava-se no pequeno gabinete das traseiras. Jay hesitou, no vestíbulo frio de chão de mármore. Detestava pedir ao pai fosse o que fosse. Ou ele o ridicularizava por querer algo que não considerava bom, ou o censurava pedir mais do que lhe era devido. Mas tinha de ser. Bateu à porta e entrou.

Sir George bebia vinho e bocejava diante de uma lista de preços de melaço. Jay sentou-se e disse:

— Recusaram a fiança ao Wilkes.

— Já sabia.

Talvez o pai gostasse de saber como o regimento de Jay mantivera a ordem.

— O povo levou a carruagem para Spitalfields e nós fomos atrás, mas ele prometeu entregar-se logo à noite.

— Ótimo. O que te traz cá tão tarde?

Jay desistiu de tentar interessá-lo no que fizera naquele dia.

— Sabia que Malachi McAsh deu à costa aqui em Londres?

O pai abanou a cabeça.

— Não estou a ver o interesse — disse com desprezo.

— Anda a armar confusão entre os estivadores.

— Não precisa de muito: são uma corja de desordeiros.

— Pediram-me que falasse consigo em nome dos engajadores.

Sir Goerge ergueu o sobrolho.

— A ti, porquê? — perguntou, num tom que deixava entender que ninguém no seu perfeito juízo escolheria Jay como emissário.

Jay encolheu os ombros.

— Por acaso, conheço um dos engajadores, e foi ele quem me pediu para lhe falar a si.

— Os taberneiros são um grupo de votantes poderoso — disse Sir George pensativo. — O que é que eles querem?

— O McAsh e os amigos dele formaram ranchos independentes que trabalham sem passar pelos engajadores. Os engajadores estão a pedir fidelidade aos armadores, para eles não contratarem os novos ranchos. Açam que, se o senhor der o exemplo, os outros vão atrás de si.

— Não sei se devo interferir. Não é a nossa guerra.

Jay estava desiludido. Julgava ter apresentado bem a proposta. Fingiu-se indiferente.

— A mim, tanto se me dá, mas estou surpreendido. O senhor está sempre a dizer que temos de dar rédea curta aos trabalhadores rebeldes que querem ser mais do que são.

Nesse momento, bateram com toda a força à porta da frente. Sir George franziu o sobrolho e Jay saiu para o vestíbulo para ir ver o que era. Um lacaio foi abrir a porta a toda a velocidade. Era um trabalhador de grande estatura com tamancos nos pés e roseta azul no boné sebento.

— Dar luz! — ordenou ao lacaio. — Alumiar em honra de Wilkes!

Sir George saiu do gabinete e postou-se ao lado de Jay, a assistir. Jay explicou:

— Eles fazem isto: obrigam as pessoas a acender velas nas janelas todas para apoiar o Wilkes.

Sir George perguntou:

— E aquilo na porta, o que é?

Aproximaram-se. Escrito a giz na porta via-se o número 45. Na praça, um magote de gente ia de casa em casa.

Sir George enfrentou o homem que estava à porta.

— Sabes o que fizeste? — perguntou. — Esse número tem um significado. Quer dizer: «El-rei é um mentiroso.» O vosso querido Wilkes foi para a cadeia por isso, e é o que te pode acontecer também a ti.

— Vais alumiar em honra de Wilkes, ou não vais? — disse o homem, ignorando as palavras de Sir George.

Sir George fez-se vermelho. Enfurecia-o que a ralé não o tratasse com deferência.

— Para o diabo! — disse, e bateu com a porta na cara do homem.

Voltou para o gabinete e Jay seguiu-o.

Quando se sentaram, ouviram partir-se um vidro. Tornaram logo a levantar-se e correram à sala de jantar, na frente da casa. Numa das duas janelas via-se uma vidraça partida e, no chão de madeira encerada, uma pedra.

— Isto é vidro de primeira! — disse Sir George furioso. — Dois xelins um pé quadrado! — Enquanto assim estavam, outra pedra despedaçou um vidro da outra janela.

Sir George foi ao vestíbulo e ordenou ao lacaio:

— Manda toda a gente para as traseiras, que lá estão seguros.

O lacaio, amedrontado, sugeriu:

— Não seria melhor pôr velas à janela como eles disseram, *sir*?

— Cala a boca e faz o que te mandam — respondeu Sir George.

Algures no andar de cima estilhaçou-se terceiro vidro, e Jay ouviu a mãe gritar com o susto. Correu lá a cima, com o coração acelerado, e deu com ela a sair da sala de visitas.

— Está bem, mãe?

Estava pálida mas serena.

— Estou. O que se passa?

Sir George subiu as escadas dizendo, com raiva contida:

— Não há razão para alarme, é só a porca da escumalha wilkesita. Vamos pôr-nos em segurança até se irem embora.

Quando outras janelas foram atingidas, correram a abrigar-se na saleta das traseiras. Jay via que o pai estava a ferver de raiva. Ser obrigado a recuar era a melhor maneira de o deixar furibundo. Talvez fosse uma boa ocasião para voltar à carga com o pedido de Lennox. Atento à reação do pai, disse:

— Sabe que mais, pai? Temos mesmo de começar a lidar com mais firmeza com estes desordeiros.

— De que raio estás para aí a falar?

— Estava a pensar no McAsh e nos estivadores. Se os deixamos pôr em causa a autoridade uma vez, eles repetem a brincadeira. — Não era habitual falar assim, e viu que a mãe lhe lançara um olhar curioso. Insistiu. — O melhor é esmagar a serpente no ovo. Ensinar-lhes qual é o lugar deles.

Sir George pareceu prestes a dar outra resposta irritada; depois hesitou, carregou o semblante e disse:

— Tens toda a razão. Tratamos disso amanhã.

Jay sorriu.

CAPÍTULO VINTE

Ao descer a rua lamacenta conhecida como Wapping High Street, Mack julgou saber como seria ser rei. Da porta de todas as tabernas, das janelas e dos pátios e do alto dos telhados, havia homens que lhe acenavam, que gritavam o seu nome e o apontavam aos amigos. Toda a gente queria apertar-lhe a mão. Mas o apreço dos homens não era nada comparado com o das mulheres deles. Não só os homens estavam a levar para casa três ou quatro vezes mais dinheiro como chegavam ao fim do dia muito mais sóbrios. As mulheres abraçavam-se a ele na rua e beijavam-lhe as mãos e chamavam as vizinhas dizendo: «É Mack McAsh, o homem que fez frente aos engajadores, vinde ver, depressa!»

Chegou ao cais e olhou por sobre o largo rio pardacento. Era maré alta e tinham atracado vários navios. Procurou um barqueiro que o levasse a bordo de um. Os engajadores tradicionais esperavam nas suas tabernas que os capitães lhes fossem pedir um rancho para descarregar o carvão: no caso de Mack e dos seus homens, eram eles que iam ter com os capitães, poupando-lhes tempo e assegurando o trabalho.

Dirigiu-se ao *Prince of Denmark* e subiu a bordo. A tripulação fora a terra, deixando um marinheiro velho a cachimbar no convés. O marinheiro levou Mack ao camarote do capitão. O capitão estava sentado à mesa, a escrever laboriosamente no diário de bordo com uma pena.

— O que é? — perguntou com maus modos. Não disse a Mack para se sentar.

Mack ignorou a má-criação: os capitães nunca eram muito educados.

— Quer ter o seu navio descarregado depressa e bem amanhã?
— ofereceu jovialmente.

— Não.

Mack ficou surpreendido. Teria chegado alguém primeiro?

— Quem é que vai fazer o trabalho?

— Mete-te na tua vida.

— A minha vida é esta, mas, se não me quer dizer, não faz mal, alguém dirá.

— Então passe bem.

Mack franziu a testa. Custava-lhe sair sem descobrir o que se passava.

— Mas que raio se passa consigo, capitão? Fiz alguma coisa que o ofendesse?

— Não tenho mais nada para lhe dizer, jovem, e agora fará o favor de se retirar.

Mack teve um mau pressentimento, mas não lhe ocorreu mais nada para dizer, pelo que saiu. Os capitães de navios eram conhecidos pelo seu mau génio — talvez por passarem tanto tempo longe das suas mulheres.

Jay passou os olhos pelo rio. Ao lado do *Prince* ancorara outro navio, o *Whitehaven Jack*. A tripulação ainda estava a dobrar velas e a enrolar cordas em rolos bem compostos no convés. Mack resolveu ir lá e pediu ao barqueiro que o levasse.

Achou o capitão no convés da popa a falar com um jovem cavalheiro de espada e peruca. Cumprimentou-os com a cortesia descontraída que, descobrira, era a maneira mais rápida de conquistar a confiança das pessoas.

— Capitão, *sir*, bom dia aos dois.

Este capitão foi educado.

— Bom dia para si. Apresento-lhe Mr. Tallow, filho do armador. E a que vem vossemecê?

— Quer um rancho rápido e sóbrio para lhe descarregar amanhã o carvão?

O capitão e o cavalheiro responderam ao mesmo tempo.

— Sim — disse o capitão.

— Não — disse Tallow.

Surpreendido, o capitão olhou inquisitivamente para Tallow. O jovem falou para Mack:

— És o McAsh, não és?

— Sou. Creio que os armadores começam a conhecer o meu nome como garantia de trabalho bem feito...

— Não o queremos — disse Tallow.

Aquela segunda recusa irritou Mack.

— Porquê? — perguntou em tom de desafio.

— Há anos que tratamos com Harry Nipper, do Frying Pan, e nunca houve problemas.

O capitão interveio:

— Não diria propriamente que nunca tivemos problemas.

Tallow fulminou-o com o olhar.

— E não é justo que os homens sejam obrigados a beber a paga, pois não? — disse Mack.

Tallow pareceu despeitado.

— Não vou discutir com gente da tua laia. Não há aqui trabalho para ti, por isso desanda.

Mack insistiu.

— Mas porque é que prefere que um rancho bêbado e bulhento lhe descarregue o carvão em três dias quando os meus homens podiam fazer o trabalho mais depressa?

O capitão, que obviamente não tinha um respeito cego pelo filho do armador, acrescentou:

— Sim, gostava de saber porquê.

— Não ouseis questionar-me, nenhum de vós — disse Tallow. Procurava fazer valer a sua dignidade mas era um pouco novo demais para isso.

Pelo espírito de Mack passou uma suspeita.

— Alguém lhe disse para não contratar o meu rancho?

A expressão de Tallow respondeu-lhe que acertara.

— Verás que ninguém vai contratar o teu rancho, nem o do Riley, nem o do Smith — disse Tallow petulante. — Já toda a gente sabe que és um desordeiro.

Mack percebeu que o problema era grave, e gelou-se-lhe o coração. Já calculava que Lennox e os outros engajadores iriam

atacá-lo mais tarde ou mais cedo, mas não esperava que os armadores os apoiassem.

Era um pouco esquisito. O antigo sistema não era particularmente bom para os armadores. Contudo, havia anos que trabalhavam com eles, e talvez fosse por puro conservadorismo que alinhavam ao lado de gente que já conheciam, independentemente do que era mais justo.

Não ganharia nada em mostrar-se irritado, pelo que foi com bons modos que Mack falou a Tallow:

— Lamento que tenhais tomado essa decisão. É mau para os estivadores e mau para os armadores. Espero que reconsideréis, e desejo-vos um bom-dia.

Tallow não respondeu, e Mack pediu ao barqueiro que o levasse para terra. Sentia-se arrasado. Pousou a cabeça entre as mãos e olhou a água parda e imunda do Tamisa. O que o levava a supor que poderia vencer um grupo de homens tão ricos e implacáveis como os engajadores? Eles tinham conhecimentos e apoio. E ele quem era? Mack McAsh, de Heugh.

Devia ter previsto aquilo.

Saltou para terra e dirigiu-se para o St. Luke's, a casa de café que se transformara na sua sede oficiosa. Havia agora pelo menos cinco ranchos a trabalhar pelo novo sistema. No sábado seguinte, à noite, quando os últimos ranchos da velha guarda recebessem dos vorazes taberneiros a sua paga dizimada, a maioria teria mudado de campo. Agora, porém, o boicote dos armadores tornava isso impossível.

A casa de café era ao lado da igreja de St. Luke. Além de café, servia cerveja e outras bebidas alcoólicas, e também comida, mas os fregueses sentavam-se para comer e beber, ao passo que numa taberna a maioria ficava de pé.

Cora estava lá, a comer pão com manteiga. Embora a tarde já fosse a meio, aquilo era o seu pequeno-almoço: ficava muitas vezes a pé até altas horas. Mack pediu um prato de borrego picado e uma caneca de cerveja, e sentou-se junto dela. Logo ela lhe perguntou:

— O que foi?

Contou-lhe. Enquanto falava, observou-lhe o rosto inocente. Estava pronta para o trabalho, com o vestido cor de laranja que trazia da primeira vez que a vira e com o seu perfume picante. Lembrava uma estampa da Virgem Maria mas cheirava ao harém de um sultão. Não admirava que bêbados com dinheiro nos bolsos quisessem ir atrás dela para becos escuros, pensou Mack.

Passara com Cora três das seis últimas noites. Ela queria comprar-lhe um casaco novo. Ele queria que ela deixasse aquela vida. Era a sua primeira namorada a sério.

Enquanto terminava o seu relato, entraram Dermot e Charlie. Acalentara uma vaga esperança de que tivessem tido melhor sorte, mas a expressão que traziam desenganou-o. O rosto negro de Charlie era a imagem do desalento, e Dermot disse, no seu sotaque irlandês:

— Os armadores conspiraram contra nós. Não há um capitão que nos dê trabalho.

— O diabo que os carregue — disse Mack. O boicote estava a funcionar, e ele estava em apuros.

Teve um momento de justa indignação. Só queria trabalhar no duro e ganhar o suficiente para comprar a liberdade da irmã, mas esbarrava constantemente em gente que tinha dinheiro às pazadas.

Dermot disse:

— Estamos arrumados, Mack.

A rapidez com que desistia enfureceu Mack mais do que o próprio boicote.

— Arrumados? — repetiu com escárnio. — És um homem, ou és o quê?

— Mas o que podemos fazer? — perguntou Dermot. — Se os armadores não contratam os nossos ranchos, os homens voltam para o sistema antigo. Têm de viver.

Sem pensar, Mack respondeu:

— Podíamos organizar uma greve.

Os outros ficaram em silêncio.

— Uma greve? — repetiu Cora.

Mack dissera a primeira coisa que lhe viera à cabeça, mas agora, ao pensar melhor no assunto, parecia-lhe a única saída.

— Os estivadores do carvão querem passar todos para o nosso sistema — disse. — Podíamos convencê-los a deixar de trabalhar para os velhos empregadores. Nessa altura, os armadores teriam de contratar os ranchos novos.

Dermot duvidava.

— E se, mesmo assim, eles não quiserem contratar-nos?

Este pessimismo irritou Mack. Porque seria que os homens esperavam sempre o pior?

— Nesse caso, não vem carvão nenhum para terra.

— De que é que os homens vão viver?

— Podem tirar uns dias sem receber. Acontece constantemente: quando não há carvoeiros ancorados, nenhum de nós trabalha.

— É verdade, mas não nos aguentávamos para sempre.

Mack tinha ganas de gritar de frustração.

— Nem os armadores! Londres precisa de carvão!

Dermot ainda não estava convencido. Cora interveio:

— Mas que mais podeis fazer, Dermot?

Dermot enrugou a testa e ficou uns momentos a pensar. Depois, a sua expressão desanuviou-se.

— Eu detestava voltar ao mesmo. Quero tentar, que diabo!

— Ótimo! — exclamou Mack, aliviado.

— Já fiz greve uma vez — disse Charlie lugubrememente. — As nossas mulheres é que sofrem.

— Quando foi isso? — perguntou Mack. Não tinha a menor experiência: só tinha lido nos jornais a esse respeito.

— Há três anos, em Tyneside. Numa mina de carvão.

— Não sabia que tinhas sido mineiro. — Nunca ocorrera a Mack, nem a ninguém em Heugh, que os mineiros pudessem fazer greve.

— Como é que acabou?

— Os donos da mina cederam — admitiu Charlie.

— Ora aí tens! — disse Mack triunfante.

Cora disse então, preocupada:

— Aqui não tens pela frente donos de terras do Norte, Mack. Estás a falar dos taberneiros de Londres, a pior escumalha da Terra. São muito capazes de mandar alguém para te cortar a garganta enquanto dormes.

Mack olhou-a nos olhos e viu-a genuinamente assustada por ele.

— Vou tomar precauções — afirmou.

Cora lançou-lhe um olhar cético mas não disse mais nada.

Foi Dermot quem falou:

— Vamos ter é de convencer os homens.

— Pois é — disse Mack decidido. — Não vale a pena estarmos aqui os quatro a discutir como se tivéssemos o poder de tomar essa decisão. Vamos marcar uma reunião. Que horas são?

Todos olharam para fora. Anoitecia. Disse Cora:

— Devem ser umas seis horas.

Mack prosseguiu:

— Os ranchos que estão a trabalhar largam assim que escurecer. Vós dois, ide a todas as tabernas de High Street passar a palavra.

Concordaram ambos. Charlie disse:

— Não podemos encontrar-nos aqui: é muito apertado. Ao todo, são uns cinquenta ranchos.

— O Jolly Sailor tem um pátio grande — disse Dermot. — E o dono não é engajador.

— Muito bem — concordou Mack. — Dizei-lhes para lá estar uma hora depois do sol-pôr.

— Não vão aparecer todos — referiu Charlie.

— Vai a maioria.

Dermot declarou:

— Vamos apanhar todos os que pudermos.

Dermot e Charlie saíram.

Mack olhou para Cora.

— Vais tirar a noite? — perguntou esperançado.

Cora abanou a cabeça.

— Estou à espera da minha cúmplice.

Mack não gostava de que Peg fosse uma ladra e Cora responsável por isso.

— Quem me dera que a gente arranjasse uma maneira de essa gaiata viver sem ser a roubar — disse.

— Porquê?

A pergunta desconcertou-o.

— Bom, é evidente...

— O que é que é evidente?

— Que era melhor que ela crescesse honesta.

— Melhor em quê?

Mack captou um tom velado de irritação nas perguntas de Cora, mas já não podia recuar.

— O que ela faz agora é perigoso. Pode acabar na ponta de uma corda em Tyburn.

— Achas que estava melhor a esfregar o chão da cozinha numa casa rica, espancada pela cozinheira e violada pelo patrão?

— Não me parece que todas as criaditas sejam violadas...

— As bonitas, sim. E eu, como é que ia sustentar-me sem ela?

— Podias fazer qualquer coisa. És esperta e bonita...

— Eu não quero fazer *qualquer coisa*, Mack, quero fazer isto.

— Porquê?

— Porque gosto. Gosto de me vestir bem e de beber genebra e de seduzir os homens. Roubo homens estúpidos que têm mais dinheiro do que merecem. É emocionante e é fácil, e ganho dez vezes mais do que ia ganhar como modista ou com uma loja minha ou a servir à mesa numa casa de café.

Mack estava chocado. Imaginara que ela fosse responder que roubava por não ter outro remédio. A ideia de que ela gostava era um golpe nas suas expectativas.

— Afinal não te conheço — disse.

— Tu és esperto, Mack, mas não percebes nada.

Peg chegou. Pálida e franzina e cansada, como sempre. Mack perguntou-lhe:

— Comeste alguma coisa ao pequeno-almoço?

— Não — respondeu ela, sentando-se. — Um copo de genebra ia a matar.

Mack fez sinal a um empregado.

— Uma tigela de papas, faz favor, com natas.

Peg fez uma careta, mas, quando veio a comida, atacou-a com gosto.

Enquanto ela comia, entrou Caspar Gordonson. Mack ficou contente por vê-lo: tencionava ir procurá-lo a Fleet Street para lhe falar no boicote dos armadores e na ideia da greve. Contou-lhe rapidamente os acontecimentos do dia enquanto o mal-arranjado advogado beberricava brande.

À medida que Mack falava, Gordonson ia parecendo cada vez mais preocupado. No fim do relato, o advogado começou a falar na sua voz aguda:

— Tendes de compreender que os nossos poderosos andam com medo. Não é só a corte e o governo: duques, regedores, juízes, mercadores, donos de terras. Toda esta conversa sobre liberdade os enerva, e os motins da fome, no ano passado e há dois anos, mostraram-lhes do que o povo é capaz quando se zanga.

— Tanto melhor! — disse Mack. — Eles que nos deem o que queremos.

— Não necessariamente. Eles têm medo de que, se fizerem isso, nós só vamos exigir mais. O que eles querem mesmo é um pretexto para chamar a tropa e matar gente.

Mack percebeu que, sob a análise fria de Gordonson, havia verdadeiro medo.

— Mas precisam de um pretexto?

— Oh, sim. Por causa de John Wilkes. Para eles, é um verdadeiro espinho cravado na carne. Wilkes acusa o governo de ser despótico. E, assim que usarem tropas contra os cidadãos, vai haver milhares de remediados a dizer: «Ora vedes? Wilkes tem razão. Este governo é uma tirania.» E os donos de lojas, os artesãos da prata, os padeiros, toda essa gente vota.

— Então de que tipo de pretexto é que o governo precisa?

— Querem que sejais vós a assustar os remediados com violência e revoltas. Assim, as pessoas vão ficar pensar na necessidade de manter a ordem e parar de pensar na liberdade de expressão. Então, quando o exército avançar, vai ouvir-se um suspiro de alívio coletivo em vez de um clamor de indignação.

Mack estava fascinado e desanimado. Nunca pensara na política naqueles termos. Já discutira grandes teorias tiradas de livros e já fora vítima impotente de leis injustas, mas aquilo era qualquer coisa a meio caminho entre as duas coisas. Era a zona onde se confrontavam e vacilavam as forças contrárias, e onde a tática podia alterar o resultado. Aquilo, sim, sentia-o, era a sério — e era perigoso.

Gordonson não sentia esse fascínio: parecia apenas preocupado.

— Fui eu quem te meteu nisto, Mack, e, se te matarem, é na minha consciência que isso vai pesar.

O medo de Gordonson começou a contagiar Mack. Há quatro meses, eu era só um mineiro, pensou; agora sou um inimigo do governo, alguém que eles querem matar. Terei desejado isto? Mas movia-o uma obrigação poderosa. Tal como Gordonson se sentia responsável por ele, Mack era responsável pelos estivadores. Não podia virar as costas e esconder-se. Seria indigno e cobarde. Metera os homens em sarilhos e agora tinha de os livrar.

— O que acha que devemos fazer? — perguntou.

— Se os homens concordarem com a greve, a sua missão vai ser controlá-los. Vai ter de os impedir de incendiar navios e de assassinar fura-greves e de cercar tabernas de engajadores. Os estivadores não são nenhuns santinhos, como bem sabe: são jovens e fortes e estão zangados, e, se partem para a violência, Londres fica em chamas.

— Talvez eu consiga — disse Mack. — Eles dão-me ouvidos. Acho que me respeitam.

— Eles veneram-no — disse Gordonson. — O que o expõe a um perigo ainda maior. O Mack é um chefe, e o governo pode acabar

com a greve enforcando-o. A partir do momento em que os homens disserem «Sim», corre um perigo terrível.

Mack começava a arrepender-se de ter proferido a palavra «greve». Perguntou:

— O que devo fazer?

— Abandonar o sítio onde se tem hospedado e ir para outro lado. Não dizer a ninguém onde mora a não ser a duas ou três pessoas da máxima confiança.

Cora sugeriu:

— Vem viver comigo.

Mack conseguiu sorrir. Essa parte não seria difícil.

Gordonson continuou:

— Não ande na rua à luz do dia. Aparece nas reuniões e depois desaparece. Torna-se um fantasma.

Chegava a ser ridículo, pensou Mack, mas o medo levava-o a aceitar.

— Está bem.

Cora levantou-se para sair. Para surpresa de Mack, Peg abraçou-o pela cintura.

— Tem cuidado, Jock Escocês — disse. — Não leves uma facada.

Mack estava espantado e comovido pelo carinho que todos lhe tinham. Três meses antes, ainda não conhecia Peg nem Cora nem Gordonson.

Cora beijou-o nos lábios e saiu, em passo lento, já a gingar as ancas provocante. Peg seguiu-a.

Pouco depois, Mack e Gordonson saíam e dirigiam-se para o Jolly Sailor. Era noite, mas Wapping High Street estava cheia de gente e bruxuleavam velas à porta das tabernas, nas janelas das casas e nas candeias que as pessoas levavam na mão. Baixara a maré e, das margens descobertas, elevava-se um cheiro forte a podridão.

Mack admirou-se por ver o pátio da taberna apinhado de gente. Havia em Londres cerca de oitocentos estivadores da descarga do

carvão, e pelo menos metade estava ali. Alguém erguera à pressa um estrado tosco e acendera quatro tochas em redor para o iluminar.

Mack abriu caminho pela multidão. Todos o reconheciam e lhe dirigiam a palavra ou lhe davam uma palmada nas costas. A notícia de que chegara espalhou-se depressa e começaram a aplaudi-lo. Quando chegou ao estrado, já o clamor era um rugido. Subiu e olhou-os. Devolveram-lhe o olhar, à luz das tochas, centenas de caras enfarruscadas de carvão. Teve de reprimir lágrimas de gratidão pela confiança que nele depositavam. Não conseguia falar: os homens urravam demais. Ergueu as mãos a pedir silêncio, mas de nada serviu. Gritavam-lhe alguns o nome, outros bradavam: «Wilkes e liberdade!» e outras palavras de ordem. Pouco a pouco, elevou-se um cântico, que veio a dominar os demais, até todos clamarem a uma só voz:

— Greve! Greve! Greve!

Mack olhava-os, de pé, pensando: Que fiz eu?

CAPÍTULO VINTE E UM

Jay Jamisson recebeu um bilhete do pai ao pequeno-almoço: curto, como era habitual.

Grosvenor Square
8 da manhã

Vai ter comigo ao meu escritório ao meio-dia.

G. J.

O seu primeiro pensamento, alimentado pela culpa, foi que o pai tivesse sabido do acordo que ele fizera com Lennox.

Correra na perfeição. Os armadores tinham boicotado os novos ranchos de estivadores, como Lennox queria; e Lennox tinha-lhe devolvido a nota de dívida, como combinado. Mas agora os estivadores estavam em greve e havia uma semana que não entrava carvão em Londres. Teria o pai descoberto que tudo isso poderia não ter acontecido se não fosse pelas suas dívidas de jogo? A ideia era medonha.

Foi até ao acampamento de Hyde Park, como habitualmente, e conseguiu que o coronel Cranbrough lhe desse licença para se ausentar a meio do dia. Passou a manhã preocupado. O seu mau humor deixou os homens carrancudos e os cavalos irrequietos.

Soavam as doze nos sinos da igreja quando entrou no armazém que os Jamisson tinham no cais. No ar poeirento impunham-se odores intensos — café e canela, rum e porto, pimenta e laranja. Recordavam-lhe sempre a sua meninice, quando os barris e os caixotes pareciam muito maiores. Naquele momento, sentia-se como quando, em rapaz, fizera alguma asneira e se preparava para ser chamado à pedra. Atravessou o piso térreo, correspondendo brevemente aos cumprimentos respeitosos dos homens, e subiu uma escada de madeira instável até à contadoria. Passou por um vestíbulo ocupado por guarda-livros e entrou no gabinete do pai, um recanto cheio de mapas e contas e estampas de navios.

— Bom dia, pai — disse. — Onde está Robert? — O irmão estava quase sempre ao lado do pai.

— Teve de ir a Rochester. Mas isto é mais contigo do que com ele. Sir Phillip Armstrong quer falar comigo.

Armstrong era o braço direito do visconde Weymouth, secretário de Estado. Jay ficou ainda mais nervoso. Ter-se-ia metido em sarilhos também com o governo e não apenas com o pai?

— O que quer Armstrong?

— Quer que acabe esta greve do carvão e sabe que fomos nós que a começámos.

Aquilo não teria nada que ver com dívidas de jogo, calculou Jay. Mesmo assim, continuava inquieto.

— Vai chegar a qualquer momento — acrescentou o pai.

— Porque é que é ele a vir cá? Tão alta pessoa, o normal seria convocar os outros para se apresentarem no seu gabinete de Whitehall.

— Por uma questão de sigilo, suponho.

Antes que pudesse perguntar mais, abriu-se a porta e Armstrong entrou. Jay e Sir George puseram-se de pé. Armstrong era um homem de meia-idade, vestido com formalidade, com peruca e espada. Entrou com o nariz algo levantado, como a mostrar que não costumava descer ao lodaçal da atividade económica. Sir George não gostava dele — compreendeu Jay pela expressão do pai quando lhe apertou a mão e o convidou a sentar-se.

Armstrong recusou um copo de vinho.

— Esta greve tem de acabar — disse. — Os estivadores fecharam metade da indústria de Londres.

Sir George respondeu:

— Tentámos pôr os marinheiros a descarregar o carvão. Durante um dia ou dois, resultou.

— O que falhou?

— Dissuadiram-nos, ou intimidaram-nos, ou as duas coisas, e agora também estão em greve.

— Tal como os barqueiros — disse Armstrong com impaciência.
— E já antes de começar este conflito do carvão havia problemas com os alfaiates, os tecelões da seda, os chapeleiros, os serradores... Isto não pode continuar.

— Mas porque veio falar comigo, Sir Phillip?

— Porque me constou que teve papel influente no boicote dos armadores que irritou os estivadores.

— É verdade.

— Posso perguntar porquê?

Sir George olhou para Jay, que engoliu em seco e respondeu:

— Vieram ter comigo os engajadores que organizam os ranchos de descarga do carvão. O meu pai e eu não queríamos perturbações na ordem estabelecida nos cais.

— Muito bem, naturalmente — disse Armstrong, e Jay pensou: «Vai mas é ao que interessa.» — Sabe quem são os cabecilhas?

— Com certeza que sim — respondeu Jay. — O principal é um homem chamado Malachi McAsh, conhecido por Mack. Por acaso, dantes trabalhava nas minas do meu pai.

— Gostaria de ver esse McAsh preso e condenado à morte, ao abrigo do *Riot Act*⁹. Mas teria de ser credível: sem acusações forjadas nem subornos de testemunhas. Teria de haver um verdadeiro motim, inquestionavelmente encabeçado por grevistas, com armas de fogo usadas contra representantes da coroa, e um número elevado de mortos e feridos.

Jay estava confuso. Armstrong estava a dizer-lhes que organizassem tal motim?

O pai não dava mostras de desconcerto.

— Foi claríssimo, Sir Phillip. — Olhou para Jay. — Sabes onde encontrar o McAsh?

— Não — respondeu Jay. Vendo, porém, a expressão de desprezo do pai, logo acrescentou: — Mas posso descobrir, com certeza.

Ao raiar o dia, Mack acordou Cora e fez amor com ela. Cora deitara-se já pela madrugada, a cheirar a fumo de tabaco, e ele dera-lhe um beijo e adormecera de novo. Agora Mack estava bem desperto e era ela a ensonada. Tinha o corpo morno e descontraído, a pele macia, os cabelos ruivos emaranhados. Abraçou-o lassamente e gemeu baixinho, e no fim soltou um pequeno grito de prazer. Depois voltou a adormecer.

Mack ficou algum tempo a observá-la. O rosto era perfeito, pequeno e rosado e regular. Mas o modo de vida de Cora incomodava-o cada vez mais. Parecia-lhe insensibilidade servir-se de uma criança como cúmplice. Se lhe falava no assunto, ela zangava-se, e respondia que também ele era culpado, pois que ali vivia sem pagar renda e comendo a comida que ela levava para casa com o que ganhava mal ganho.

Suspirou e levantou-se.

Cora morava no piso de cima de uma casa decrépita num depósito de carvão. Morara ali o dono do depósito, mas mudara-se depois de enriquecer. Fazia agora do piso térreo o seu escritório e alugava a Cora o primeiro andar.

Tinha duas divisões, com uma cama grande numa e uma mesa com cadeiras na outra. Abundava sobre a cama aquilo em que Cora gastava quanto ganhava: roupa. Tanto Esther como Annie tinham dois vestidos, um para trabalhar e outro para os domingos, mas Cora tinha nove ou dez diferentes, todos em cores garridas: amarelo, vermelho, verde-alface e castanho-forte. Tinha sapatos a condizer com cada vestido, e tantas meias, luvas e lenços como uma dama.

Mack lavou a cara, vestiu-se depressa e saiu. Pouco depois, estava em casa de Dermot. A família comia as papas de aveia da manhã. Sorriu às crianças. Sempre que usava a «camisinha» de Cora, perguntava-se se algum dia teria filhos. Por vezes, pensava que gostaria de ter um filho de Cora; depois lembrava-se de como ela vivia e mudava de ideias.

Recusou uma tigela de papas, porque sabia como lhes faria falta. Dermot, tal como ele, estava a viver à custa de uma mulher: a dele lavava copos numa casa de café, ao serão, enquanto ele tomava conta dos filhos.

— Recebeste uma carta — disse Dermot, e entregou-lhe um papel lacrado.

Mack reconheceu a letra. Era quase igual à sua. A carta era de Esther. Sentiu uma alfinetada de culpa. Devia estar a poupar dinheiro para ela, mas estava em greve e não tinha um cêntimo.

— Hoje onde vai ser? — perguntou Dermot. Todos os dias Mack se encontrava com os seus lugares-tenentes num sítio diferente.

— Nas traseiras do Queen's Head — respondeu Mack.

— Vou passar a palavra. — Dermot pôs o chapéu e saiu.

Mack abriu a carta e começou a ler.

Trazia muitas novidades. Annie estava grávida e, se fosse um rapaz, iam chamar-he Mack. Sem saber porquê, aquilo trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Os Jamisson estavam a abrir um poço novo em High Glen, nas terras dos Hallim: tinham escavado depressa e Esther começaria a trabalhar lá como carregadora dali a poucos dias. Esta notícia era surpreendente: Mack ouvira Lizzie dizer que jamais permitiria que extraíssem carvão em High Glen. A mulher de Mr. York, o pastor, apanhara uma febre e morrera: nisso não havia admiração, pois sempre tivera fraca saúde. E Esther continuava decidida a deixar Heugh assim que Mack arranjasse o dinheiro.

Dobrou a carta e guardou-a no bolso. Não podia deixar que nada lhe roesse a determinação. Ia ganhar a greve e depois poderia poupar.

Beijou os filhos de Dermot e foi para o Queen's Head.

Os seus homens já estavam a chegar, e Mack foi direito ao assunto.

Wilson Zarolho, um estivador que fora saber de novos navios que tivessem ancorado, anunciou a chegada de dois carvoeiros com a maré da manhã.

— Vêm os dois de Sunderland — disse. — Falei com um marinheiro que veio a terra comprar pão.

Mack voltou-se para Charlie Smith.

— Vai a bordo falar com os capitães, Charlie. Explica porque estamos em greve e pede que esperem com paciência. Diz que temos esperança de que os armadores não tardem a ceder e a deixar que os novos ranchos descarreguem o carvão.

O Zanolho contrapôs:

— Porque é que vai um preto? Eram capazes de dar mais ouvidos a um inglês.

— Eu sou inglês — disse Charlie indignado.

Mack respondeu:

— Estes capitães nasceram quase todos no Nordeste, que é zona de carvão, e Charlie fala com o sotaque deles. De qualquer modo, ele já fez destas coisas e provou que é um bom emissário.

— Não leves a mal, Charlie — disse o Zanolho.

Charlie encolheu os ombros e saiu para cumprir a sua missão. Nesse momento chegou a correr uma mulher, empurrando-o ao entrar, e dirigiu-se à mesa de Mack, arquejante e afogueada. Mack reconheceu Sairey, mulher de um estivador belicoso chamado Buster McBride.

— Mack, eles apanharam um marinheiro a trazer para terra uma saca de carvão e tenho medo de que Buster o mate.

— Onde estão?

— Meteram o marinheiro no anexo do Swan e deixaram-no lá trancado, mas Buster está a beber e quer pendurá-lo de cabeça para baixo na torre do relógio, e há alguns que o apoiam.

Aquele género de coisa estava constantemente a acontecer. Os estivadores estavam sempre no limiar da violência. Até ali, Mack conseguira sempre refreá-los. Escolheu um rapagão simpático a quem chamavam Pollard Pele-de-porco.

— Vai lá acalmar a rapaziada, Pele-de-porco. Se há coisa de que não precisamos, é de um assassinio.

— Estou a ir — disse o rapaz.

Caspar Gordonson chegou, com gema de ovo na camisa e um bilhete na mão.

— Vem a caminho de Londres um comboio de barças com carvão, pelo rio Lea. Deve chegar a Enfield Lock hoje à tarde.

— Enfield — repetiu Mack. — A que distância fica?

— A doze milhas¹⁰ — respondeu Gordonson. — Conseguimos chegar lá a meio do dia, mesmo a pé.

— Ótimo. Temos de controlar a eclusa para não deixar passar as barças. Gostava de ir eu. Levo doze homens fixes.

Entrou então outro estivador.

— Sam Barrows, o *Gordo*, que é dono do Green Man, anda a tentar recrutar um rancho para descarregar o *Spirit of Jarrow* — informou.

— Deve ter muita sorte — comentou Mack. — Ninguém gosta do *Gordo*: nunca deu uma paga decente na vida. Mesmo assim, é melhor ficarmos de olho na taberna, nunca se sabe. Will Trimble, vai lá farejar. Se houver algum perigo de ele arranjar dezasseis homens, vem-me dizer.

— Escondeu-se — disse Sidney Lennox. — Saiu de onde estava alojado e ninguém sabe dele.

Jay sentiu-se pessimamente. Dissera ao pai, diante de Sir Phillip Armstrong, que conseguiria encontrar McAsh. Lamentou ter falado. Se não cumprisse a promessa, o escárnio do pai seria cáustico.

Contava com Lennox para lhe dizer onde encontrar McAsh.

— Mas, se anda escondido, como faz para conduzir a greve? — perguntou.

— Todas as manhãs aparece numa casa de café diferente. Os homens de confiança dele lá se arranjam para saber onde é. Dá as suas ordens e desaparece até ao dia seguinte.

— Alguém há de saber onde ele se deita — disse Jay queixoso. — Se o descobirmos, podemos esmagar esta greve.

Lennox concordou. Mais do que ninguém, queria a derrota dos estivadores.

- Bem, Caspar Gordonson deve saber.
- Jay abanou a cabeça.
- Isso não nos serve. O McAsh tem mulher?
- Tem: Cora. Mas é rija que nem um calo. Não vai falar.
- Deve haver mais alguém.
- Há uma miúda — disse Lennox pensativo.
- Uma miúda?
- Quick Peggy. Anda a gamar com a Cora. Não sei se...

À meia-noite, o Lord Archer abarrotava de oficiais, cavalheiros e pegas. Enchiam o ar fumo de tabaco e cheiro a vinho entornado. A um canto, tocava um violinista, mas mal se ouvia sobre o clamor de uma centena de conversas aos berros.

Estavam em curso vários jogos de cartas, mas Jay não jogava. Bebia. A ideia era fingir-se bêbado e, de início, derramara a maior parte do brande no colete; mas, à medida que a noite avançava, foi bebendo mais, até já não ter de fazer grande esforço para simular dificuldades de equilíbrio. Chip Marlborough bebia em grande desde o princípio da noite, mas parecia nunca ficar tocado.

Jay estava excessivamente preocupado para se divertir. O pai jamais daria ouvidos a desculpas. Jay tinha mesmo de lhe entregar a morada de McAsh. Pensara mesmo em inventar uma e dizer, depois, que McAsh deveria ter-se mudado outra vez; mas achava que o pai ia perceber que ele estava a mentir.

Por isso, ia bebendo no Lord Archer, com esperança de encontrar Cora. Durante o serão, várias moças o tinham abordado, mas nenhuma correspondia à descrição de Cora: cara bonita, cabelo ruivo de fogo, de uns dezanove ou vinte anos. De todas as vezes, ele e Chip davam-lhes conversa, até elas se aperceberem de que eles não estavam realmente interessados e se irem embora. Sidney Lennox era uma presença atenta no outro extremo da sala, a fumar cachimbo e a jogar faraó com apostas baixas.

Jay começava a pensar que não iam ter sorte. Havia uma centena de moças como Cora em Covent Garden. Podia ter de

repetir a encenação na noite seguinte, ou mesmo depois, até dar com ela. E tinha em casa uma mulher que não entendia porque precisava ele de passar o serão num lugar onde não se avistava uma dama honrada.

Quando já pensava, suspirando, em se enfiar na cama quente onde acharia Lizzie, desejosa, à sua espera, Cora entrou.

Teve a certeza de que era ela. Era de longe a moça mais bonita da sala, e os seus cabelos tinham de facto a cor das chamas da lareira. Trazia a indumentária de uma pega, um vestido de seda vermelha com amplo decote e botins vermelhos de laçarotes, e avaliou a sala com um olhar profissional.

Jay olhou para Lennox e viu-o acenar lentamente duas vezes.

Ainda bem, pensou.

Desviou o olhar de Lennox, cruzou-o com o de Cora e sorriu-lhe.

Captou-lhe um breve brilho na expressão, como se soubesse quem ele era; depois devolveu-lhe o sorriso e aproximou-se.

Jay sentiu-se nervoso e disse para consigo que lhe bastava ser sedutor. Seduzira centenas de mulheres. Beijou-lhe a mão. Cora usava um perfume inebriante com laivos de sândalo.

— Julgava que já conhecia todas as mulheres bonitas de Londres, mas enganei-me — disse Jay galante. — Sou o capitão Jonathan, e este é o capitão Chip. — Resolvera não usar o seu nome verdadeiro, para o caso de Mack ter falado nele a Cora. Se ela soubesse quem ele era, decerto lhe iria cheirar a esturro.

— Eu sou a Cora — disse ela, medindo-o de alto a baixo num breve olhar aprovador. — Que belo duo. Não sei qual dos capitães me agrada mais.

Chip declarou:

— A minha família é mais nobre que a de Jonathan.

— Mas a minha é mais rica — contrapôs Jay e, fosse porque fosse, ambos se riram.

— Se é assim tão rico, pague-me um copo de brande — retorquiu ela.

Jay fez sinal a um empregado e convidou-a a sentar-se.

Cora apertou-se entre ele e Chip no banco corrido. Jay tinha um hálito a genebra. Ele observou-lhe os ombros e o redondo dos seios. Não pôde deixar de a comparar com a sua mulher. Lizzie era baixa mas voluptuosa, de ancas largas e peito generoso. Cora era mais alta e delgada, e os seus seios pareceram-lhe duas maçãs pousadas lado a lado numa fruteira.

Dirigindo-lhe um olhar inquiridor, ele perguntou-lhe:

— Eu conheço-o?

Jay teve uma pontada de ansiedade. Nunca se tinham visto, pois não?

— Julgo que não — respondeu. Se ela o reconhecesse, seria o fim da partida.

— Conheço a sua cara. Sei que nunca nos falámos, mas já o vi.

— Esta é a nossa oportunidade para nos conhecermos — disse Jay com um sorriso desesperado. Passou um braço sobre o espaldar do banco e acariciou-lhe o pescoço. Ela fechou os olhos como quem está a gostar, e ele começou a descontrair.

Cora era tão convincente que ele quase esqueceu que ela estava a fingir. Cora pousou-lhe uma mão na coxa, perto do sexo. Jay disse a si mesmo para não apreciar demasiado aquilo; tinha um papel a desempenhar. Lamentou ter bebido tanto. Era bem capaz de precisar de toda a sua presença de espírito.

Chegou o brande de Cora e ela emborcou-o de um só trago.

— Vamos lá, grandalhão — disse. — É melhor irmos apanhar ar antes que rompamos esses calções.

Jay deu-se conta de que a sua ereção era visível, e corou.

Cora levantou-se e dirigiu-se para a porta, e Jay seguiu-a.

Lá fora, ela passou-lhe um braço pela cintura e conduziu-o ao longo da colunata da praça de Covent Garden. Ele abraçou-a pelo ombro, deixando em seguida escorregar a mão por fora do vestido dela e pondo-se a brincar com um mamilo. Ela deu uma gargalhada e meteu por um beco.

Abraçaram-se e beijaram-se, e ele apertou-lhe os dois seios. Esqueceu-se completamente de Lennox e do seu ardil: Cora era

quente e oferecia-se, e ele desejava-a. As mãos dela exploravam-no todo, desabotoando-lhe o colete, esfregando-lhe o peito, mergulhando-lhe nos calções. Ele enfiou-lhe a língua na boca e tentou levantar-lhe a saia ao mesmo tempo. Sentiu ar frio na barriga.

Atrás de si, ouviu um guincho infantil. Cora deu um salto e afastou-o. Olhou por sobre o ombro e virou-se como se quisesse fugir, mas apareceu Chip Marlborough e agarrou-a antes de ela poder dar um passo.

Jay voltou-se e viu Lennox aflito para segurar numa criança que guinchava e arranhava e esperneava. No meio da luta, a rapariguinha deixou cair vários objetos. À luz das estrelas, Jay reconheceu a sua bolsa e o seu relógio de bolso, o seu lenço de seda e o seu sinete de prata. A miúda limpava-lhe os bolsos enquanto ele beijava Cora. Mesmo de sobreaviso, não dera por nada. Mas era verdade que se entregara de corpo e alma ao seu papel.

A rapariga parou de se debater e Lennox declarou:

— Vamos levar-vos às duas ao regedor. Roubar dá força.

Jay olhou em redor, como temendo que os amigos de Cora aparecessem em sua defesa; mas ninguém dera pelo bulício havido no beco.

Chip olhou de relance para o membro de Jay e proferiu:

— Já pode guardar a arma, capitão Jamisson: acabou a batalha.

A maior parte dos homens ricos e poderosos tinha um cargo de magistrado, e Sir George Jamisson não era exceção. Embora nunca julgasse em tribunal, tinha o direito de julgar em sua casa. Podia ordenar que açoitassem, marcassem a fogo ou encarcerassem meliantes, e tinha o poder de enviar acusados de crimes mais graves para o Old Bailey, para lá serem julgados.

Como esperava o regresso de Jay, não se fora deitar, mas não deixava de estar irritável por ter de ficar a pé até tão tarde.

— Pensei que chegasses por volta das dez — disse rabugento quando o grupo entrou na sala de visitas da casa de Grosvenor

Square.

Cora, arrastada por Chip Marlborough, com as mãos amarradas, disse:

— Então estava à nossa espera! Foi tudo planeado. Porcos do demónio!

Sir George respondeu:

— Cala a boca, senão mando-te açoitar à volta da praça antes de começarmos.

Cora deve ter acreditado, pois não tornou a falar.

Sir George puxou papel para junto de si e molhou uma pena num tinteiro.

— O Excelentíssimo Senhor Jay Jamisson é o queixoso. Declara que foi roubado por...

Lennox completou:

— Quick Peggy, *sir*, é como lhe chamam.

— Não posso escrever isso — disparou Sir George. — Qual é o teu verdadeiro nome, rapariga?

— Peggy Knapp, *sir*.

— E o nome da mulher?

— Cora Higgins — respondeu a própria.

— Roubado por Peggy Knapp, foi cúmplice Cora Higgins. Testemunhas do crime...

— Sudney Lennox, proprietário da taberna Sun, em Wapping.

— E o capitão Marlborough?

Chip ergueu as mãos num gesto defensivo.

— Preferia não me envolver, se o depoimento de Mr. Lennox for suficiente.

— É suficiente, sim — respondeu Sir George. Era sempre amável para com Chip porque devia dinheiro ao pai dele. — Muito obrigado pelo vosso auxílio na captura destas ladras. Bom, e as acusadas têm algo a dizer?

Cora declarou:

— Não sou cúmplice dela. Nunca a tinha visto.

Peg teve um sobressalto e fitou-a sem querer acreditar, mas Cora continuou:

— Só fui dar um passeio com um jovem garboso, mais nada. Não percebi que ela o estava a roubar.

Lennox interveio:

— É sabido que são comparsas, Sir George. Já as vi juntas muitas vezes.

— Já ouvi quanto basta — disse Sir George. — Ides ambas para a prisão de Newgate acusadas de furto.

Peg começou a chorar. Cora estava pálida de medo.

— Porque estais a fazer isto? — perguntou. Apontou um dedo acusador a Jay. — O senhor estava à minha espera no Archer. — Apontou depois para Lennox. — O senhor saiu atrás de nós. E o senhor, Sir George Jamisson, ficou acordado, quando já devia estar na cama, para nos mandar prender. Para quê tudo isto? Alguma vez Peg ou eu vos fizemos mal?

Sir George ignorou-a.

— Capitão Marlborough, faça-me o obséquio de levar a mulher lá para fora e de a guardar por uns instantes. — Todos esperaram enquanto Chip conduzia Cora e fechava a porta. Sir George virou-se então para Peg: — Diz lá, rapariga, qual é a pena para furto, sabes?

Peg estava pálida e tremia.

— A gola do regedor — murmurou.

— Se te referes à forca, tens toda a razão. Mas algumas pessoas não são enforcadas. Em vez disso, mandam-nas para a América, sabias?

A rapariga acenou com a cabeça.

— São pessoas que têm amigos influentes para pedir clemência ao juiz a seu favor. Tens amigos influentes?

Peg abanou a cabeça.

— Pois bem, e se eu te disser que serei o teu amigo influente e vou interceder por ti?

Peg ergueu para ele os olhos, com a esperança a luzir-lhe no pequeno rosto.

— Mas tens de me fazer uma coisa.

— O quê? — perguntou ela.

— Salvo-te da forca se me disseres onde está a morar Mack McAsh.

A sala ficou muito tempo em silêncio.

— No sótão por cima do depósito de carvão de Wapping High Street — disse Peg, e desatou a chorar.

[2](#) *The Riot Act*: lei antimotim que entrou em vigor em Inglaterra em 1715. (NT)

[10](#) Pouco mais de 18 quilómetros. (NT)

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Mack admirou-se por acordar sozinho.

Cora nunca passara a noite fora até ser dia. Havia duas semanas que morava com ela e ainda não lhe conhecia todos os hábitos, mas, ainda assim, ficou preocupado.

Levantou-se e seguiu a sua rotina. Passou a manhã na casa de café St. Luke, a enviar mensagens e a receber relatórios. Perguntou a todos se tinham visto Cora ou sabiam dela, mas ninguém tinha nem sabia. Mandou uma pessoa ao Sun para falar com Quick Peggy, mas também ela passara a noite fora e não regressara.

À tarde, foi até Covent Garden e entrou em todas as tabernas e casas de café, a fazer perguntas às pegas e aos empregados. Várias pessoas tinham visto Cora na noite anterior. Um empregado do Lord Archer vira-a sair com um jovem rico e bêbado. Depois disso, nem vestígio.

Foi a casa de Dermot, em Spitalfields, na esperança de ter notícias. Dermot estava a dar o jantar aos filhos, um caldo de carne feito só de ossos. Perguntara por Cora o dia inteiro e nada soubera.

Mack voltou para casa já de noite, esperando que, ao chegar a casa de Cora, sobre o depósito de carvão, ela já lá estivesse, deitada na cama, em roupa interior, à espera dele. Mas a casa estava fria e escura e deserta.

Acendeu uma vela e sentou-se a pensar, inquieto. Lá fora, em Wapping High Street, iam-se enchendo as tabernas. Embora estivessem em greve, os estivadores ainda arranjavam dinheiro para cerveja. Mack gostaria de se juntar a eles mas, à cautela, não aparecia em tabernas à noite.

Comeu pão com queijo e pôs-se a ler um livro que Gordonson lhe emprestara, um romance intitulado *Tristram Shandy*, mas não conseguia concentrar-se. Mais tarde, quando já começava a temer que Cora estivesse morta, houve rebuliço na rua.

Ouviu homens a gritar, correrias, e o que lhe pareceu serem cavalos e carroças. Receando que os estivadores pudessem armar desordem, foi à janela.

O céu estava limpo e brilhava meia-lua, pelo que Mack distinguia o que se passava em High Street. Umas dez a doze carroças puxadas por cavalos desciam lentamente a rua irregular, de terra batida, sob a luz da Lua, a caminho, evidentemente, do depósito de carvão. Seguia-as um bando de homens, soltando gritos e insultos, e outros se lhes juntavam a cada esquina, saídos das tabernas.

A cena tinha tudo para acabar em motim.

Mack praguejou. Era a última coisa que queria.

Afastou-se da janela e correu para o piso térreo. Se conseguisse falar com os homens das carroças e convencê-los a não descarregar o carvão, poderia evitar a violência. Quando chegou à rua, entrava no depósito a primeira carroça. No momento em que correu para eles, os homens saltaram das carroças e, sem aviso, começaram a atirar pedaços de carvão aos que os seguiam. Alguns estivadores foram atingidos; outros apanharam os pedaços de carvão e atiraram-nos por seu turno. Mack ouviu gritar uma mulher e viu que mandava os filhos para casa.

— Parai! — bradou. Meteu-se entre os estivadores e as carroças com as mãos erguidas. — Parai! — Os homens reconheceram-no e, por um momento, fez-se sossego. Foi um alívio para Mack ver a cara de Charlie Smith entre os estivadores. — Tenta controlar as coisas, Charlie, por amor de Deus — pediu. — Eu falo com eles.

— Manter a calma, toda a gente — ordenou Charlie. — Deixai o Mack resolver o assunto!

Mack voltou as costas aos estivadores. Dos dois lados da estreita rua, havia gente no vão das portas, curiosa com o que estaria a passar-se mas pronta para se fechar rapidamente em casa. Eram pelo menos cinco homens em cada carroça. Naquele silêncio pouco natural, Mack aproximou-se da carroça da frente.

— Quem é o responsável? — perguntou.

Um vulto avançou sob o luar.

— Sou eu.

Mack reconheceu Sidney Lennox.

Ficou chocado e perplexo. O que se passava ali? Porque tentava Lennox despejar carvão num depósito? Teve um pressentimento gélido de catástrofe.

Avistou o dono do depósito, Jack Cooper, a quem chamavam Black Jack¹¹ por estar sempre coberto de pó preto, como um mineiro.

— Jack, feche os portões do depósito, por amor de Deus — suplicou. — Se deixar que isto continue, ainda há sangue.

Cooper fez uma expressão amarga.

— Tenho de ganhar a vida.

— E vai ganhar a vida, assim que acabar a greve. Não quer uma chacina em Wapping Street, pois não?

— Deitei a mão ao arado e já não olho para trás.

Mack olhou-o fixamente.

— Quem lhe pediu para fazer isto, Jack? Há mais alguém metido no assunto?

— O meu patrão sou eu: não recebo ordens de ninguém.

Mack começou a entender o que se passava, e ficou furioso. Virou-se para Lennox.

— Subornou-o, não foi?

Foram interrompidos pelo toque sonoro de uma sineta. Mack voltou-se e viu três pessoas à janela do primeiro andar da taberna Frying Pan. Uma tocava a sineta, outra empunhava uma lanterna. O terceiro homem, ao meio, usava a peruca e a espada que o distinguiam como pessoa de importância. Quando a sineta parou de tocar, o terceiro homem apresentou-se.

— O meu nome é Roland MacPherson, juiz de paz de Wapping, e declaro por este meio que estamos perante um motim. — E prosseguiu a leitura da secção fundamental do *Riot Act*.

Uma vez declarado um motim, toda a gente era obrigada a dispersar no prazo de uma hora. O desrespeito desta obrigação era punível com a morte.

O magistrado chegara ali depressa, pensou Mack. Era óbvio que já estava à espera daquilo, e que aguardava na taberna pela sua deixa. Toda a cena fora cuidadosamente planeada.

Mas com que intenção? Parecia-lhe que tinham querido provocar um motim que desacreditasse os estivadores e lhes desse um pretexto para enforcar os dirigentes. Ou seja, para o enforcarem a ele.

A sua primeira reação foi agressiva. Teve vontade de berrar: «Ah, querem motim? Pois vamos dar-lhes um que não hão de esquecer: antes de acabarmos, Londres vai estar em chamas!» Teve vontade de pôr as mãos no pescoço de Lennox. Mas obrigou-se a ter calma e pensar friamente. De que modo poderia frustrar os planos de Lennox?

A sua única esperança era ceder e deixar que descarregassem o carvão.

Voltou-se para os estivadores, aglomerados numa massa enraivecida diante dos portões abertos do depósito.

— Ouvi-me — começou. — Isto é uma tramoia para nos provocar, para nos levar à revolta. Se formos para casa pacificamente, vencemos os nossos inimigos. Se ficarmos e lutarmos, estamos perdidos.

Correu um clamor de descontentamento.

Meu Deus, pensou Mack, estes homens são estúpidos.

— Não compreendeis? — disse. — Querem uma desculpa para enforcar alguns de nós. Para quê dar-lhes o que eles querem? Hoje voltamos para casa, amanhã lutamos!

— Ele tem razão — apoiou Charlie. — Vede quem aqui está: Sidney Lennox. Coisa boa não quer, disso podemos ter a certeza.

Alguns estivadores acenaram agora com a cabeça, concordando, e Mack começou a pensar que talvez conseguisse convencê-los. Ouviu então a voz de Lennox gritar:

— Apanhem-no!

Logo vários homens avançaram contra Mack. Este virou-se para fugir, mas um agarrou-o e ele caiu na lama. Enquanto se debatia,

ouviu rugir os estivadores, e percebeu que estava a desencadear-se aquilo que receara: uma batalha campal.

Deram-lhe pontapés e murros, mas mal os sentia, tentando pôr-se de pé. Então os homens que o atacavam foram desbaratados pelos estivadores e ele conseguiu levantar-se.

Olhou rapidamente em redor. Lennox desaparecera. Os bandos rivais enchiam a ruela. Por todo o lado viu ferozes combates corpo a corpo. Os cavalos empinavam-se e puxavam os tirantes, relinchando aterrorizados. O instinto impelia-o a juntar-se à luta e a começar a bater nos inimigos, mas conteve-se. Qual era a maneira mais rápida de acabar com aquilo? Tentou pensar depressa. Os estivadores não iam recuar: iria contra a sua natureza. A melhor aposta seria levá-los a assumir uma posição defensiva e esperar que assim ficasse.

Agarrou Charlie.

— Vamos tentar meter-nos no pátio do depósito e fechar os portões — declarou. — Diz aos homens!

Charlie correu de um para outro a transmitir as instruções, gritando a plenos pulmões para se fazer ouvir sobre o barulho da refrega:

— Para o depósito! Depois fechar os portões! Não os deixem entrar!

Então, para seu horror, Mack ouviu o disparo de um mosquete.

— Que raio se passa aqui? — disse, embora ninguém o ouvisse. Desde quando é que os estivadores andavam com armas de fogo? Quem era aquela gente?

De repente, viu um bacamarte, um mosquete de cano mais curto, apontado a ele. Antes que pudesse mexer-se, Charlie agarrou na arma, virou-a para o homem que antes a empunhava e disparou à queima-roupa. O homem caiu morto.

Mack soltou uma praga. Charlie podia ser enforcado por aquilo.

Alguém se lançou sobre ele. Mack esquivou-se e respondeu com um murro. Acertou em cheio no queixo e o homem tombou. Mack afastou-se um pouco e tentou pensar. Tudo aquilo estava a

acontecer mesmo debaixo da sua janela. Só podia ser intencional. Não sabia como, mas tinham descoberto o seu esconderijo. Quem o traíra?

Aos primeiros tiros seguira-se uma descarga irregular de armas de fogo. Clarões iluminavam a noite e o cheiro a pólvora misturava-se com o pó de carvão suspenso no ar. Mack gritou revoltado ao ver caírem mortos ou feridos vários estivadores — as mulheres deles iam culpá-lo, e teriam razão: criara uma coisa que não conseguia controlar.

A maioria dos estivadores entrou no depósito, onde havia uma reserva de carvão para atirar. Lutavam furiosamente para não deixar entrar os das carroças. Os muros do depósito protegiam-nos do fogo dos mosquetes que estralejava intermitentemente.

Os combates corpo a corpo eram mais ferozes à entrada do depósito, e Mack viu que, se conseguisse fechar os altos portões de madeira, a batalha poderia extinguir-se por completo. Abriu caminho à força através da zaragata, pôs-se atrás de um dos pesados portões, e começou a empurrá-lo. Alguns estivadores viram o que tentava fazer e ajudaram-no. O enorme portão varreu à sua frente vários homens que lutavam, e Mack pensou que iam conseguir fechá-lo num instante; mas, então, uma carroça bloqueou-o.

Arquejante, Mack bradou:

— A carroça! Tirem a carroça!

Constatou, num acesso de esperança, que o seu plano já estava a dar algum resultado. O portão meio fechado constituía uma barreira parcial entre os dois campos. Além disso, esgotara-se a exaltação inicial da batalha, e o entusiasmo na luta fora moderado por lanhos e contusões e pela visão de camaradas mortos ou feridos. O instinto de sobrevivência reconquistava os seus direitos, e os homens procuravam maneiras de abandonar a luta com dignidade.

Mack começava a pensar que conseguiria acabar com a violência em breve. Se fosse possível estancar os confrontos antes de alguém chamar o exército, talvez tudo pudesse ser visto como uma

escaramuça sem importância e a greve como um protesto essencialmente pacífico.

Uma dúzia de estivadores começou a arrastar a carroça para fora do depósito enquanto outros empurravam os portões. Alguém cortou os tirantes, e os cavalos puseram-se a correr em pânico de um lado para o outro, relinchando e escoicinhando.

— Continuai a empurrar, não pareis! — gritava Mack, enquanto choviam sobre eles enormes blocos de carvão. A carroça ia saindo pouco a pouco, e a brecha entre os portões ia-se fechando com uma lentidão exasperante.

Foi então que Mack ouviu um som que deitou por terra todas as suas esperanças: som de passos a marchar.

A guarda descia Wapping High Street, com as fardas vermelhas e brancas a reluzir ao luar. Jay encabeçava a coluna, trazendo o cavalo com rédea curta, a passo vivo. Estava prestes a ter o que dissera querer: ação.

Conservava o rosto inexpressivo, mas tinha o coração acelerado. Ouvia o clamor da batalha que Lennox iniciara: gritos, relinchos, tiros. Jay nunca usara a sério uma espada nem uma arma de fogo: seria naquela noite o seu primeiro confronto. Dizia para consigo que uma chusma de estivadores ficaria aterrorizada diante de um corpo de guardas treinado e disciplinado, mas custava-lhe manter essa confiança.

O coronel Cranbrough atribuíra-lhe aquela missão e mandara-o para a rua sem um oficial superior. Normalmente, seria o próprio Cranbrough a comandar o destacamento, mas sabia que se tratava de uma situação especial, com pesada interferência política, e queria manter-se à margem. Jay, ao princípio, ficara contente, mas agora gostaria de ter ali a ajuda de um oficial mais experiente.

O plano de Lennox parecera-lhe infalível em teoria, mas, já a caminho da batalha, achava-o cheio de brechas. E se McAsh ali não estivesse naquela noite? E se fugisse antes de ele o prender?

À medida que se aproximavam do depósito, parecia abrandar o ritmo da marcha, até lhe parecer que avançavam um passo de cada vez. Ao ver os soldados, muitos amotinados fugiram, enquanto outros buscavam refúgio; mas outros atiraram-lhes carvão, e sobre Jay e os seus homens abateu-se uma chuva de negros projéteis. Sem vacilar, foram marchando até aos portões do depósito e, como definido, assumiram as suas posições de fogo.

Fariam uma única descarga. Achavam-se tão perto do inimigo que não teriam tempo para recarregar as armas.

Jay ergueu a espada. Os estivadores estavam encurralados no depósito. Tinham tentado fechar os portões mas haviam desistido, e os portões tinham-se aberto por completo. Uns escalavam os muros a custo, outros procuravam pateticamente abrigar-se entre montes de carvão ou atrás das rodas de uma carroça. Era como caçar galinhas num galinheiro.

De súbito, McAsh apareceu em cima do muro, vulto maciço, rosto iluminado pelo luar.

— Parai! — bradou. — Não dispareis!

Para o diabo, pensou Jay.

Baixou a espada e berrou:

— Fogo!

Trovejaram os mosquetes. Ergueu-se um manto de fumo que ocultou os soldados momentaneamente. Tombou uma dúzia de estivadores, alguns gritando de dor, outros na mudez da morte. McAsh saltou do muro e ajoelhou-se junto do corpo de um negro, inerte e ensopado em sangue. Levantou o olhar, os seus olhos encontraram os de Jay, e a raiva que tinha no rosto gelou o sangue do capitão.

Jay gritou:

— À carga!

Os estivadores atacaram os guardas agressivamente, surpreendendo Jay. Julgara que fossem fugir, mas eles esquivavam-se a espadas e a mosquetes para lutar corpo a corpo, com paus e

blocos de carvão, com os punhos e os pés. Jay viu com consternação caírem várias fardas.

Olhou em redor à procura de McAsh mas não o viu.

Praguejou. O objetivo de tudo aquilo era prender McAsh. Fora o que pedira Sir Phillip, e que ele prometera fazer. McAsh não podia ter-se eclipsado!

Então, de repente, McAsh estava à sua frente.

Em vez de fugir, fora atrás dele.

McAsh agarrou-lhe as rédeas. Jay ergueu a espada, e McAsh fugiu para a sua esquerda. Jay desferiu o golpe desajeitadamente e falhou. Com um salto, McAsh agarrou-lhe a manga e puxou-o. Jay tentou soltar o braço, mas McAsh não o largou. Com uma inevitabilidade medonha, Jay inclinou-se de lado na sela. McAsh deu-lhe um puxão vigoroso e fê-lo desmontar.

Subitamente, Jay temeu pela sua vida.

Conseguira cair de pé. Num ápice as mãos de McAsh se enclavinaram no seu pescoço. Ergueu a espada mas, sem lhe dar tempo de o atingir, McAsh aplicou-lhe na cara uma cabeçada brutal. Jay ficou cego por instantes e sentiu sangue na cara. Vibrou a espada ao acaso. Sentiu que atingira qualquer coisa e pensou ter ferido McAsh, mas o garrote na sua garganta não afrouxou. Recuperou a visão, olhou para os olhos de McAsh e viu neles um furor assassino. Estava apavorado e, se conseguisse falar, teria implorado misericórdia.

Um dos seus homens viu-o em apuros e desferiu uma coronhada em McAsh. O golpe atingiu-o numa orelha. Por um momento, abrandou o aperto na garganta de Jay, mas logo se fez mais forte do que nunca. O soldado voltou à carga. McAsh tentou esquivar-se mas não foi suficientemente rápido, e a pesada coronha de madeira atingiu-o com um baque que se ouviu sobre o clamor da batalha. Por uma fração de segundo, aumentou ainda mais a pressão no pescoço de Jay, que desesperava por ar como um afogado; depois os olhos de McAsh rolaram nas órbitas, as suas mãos escorregaram do pescoço de Jay, e caiu inconsciente no chão.

Jay inspirou irregularmente e apoiou-se na sua espada. Pouco a pouco, acalmou-se o seu terror. Doía-lhe a cara como fogo: devia ter o nariz partido. Todavia, ao olhar para o homem tombado aos seus pés, apenas sentia satisfação.

[1](#) Jack Preto. (NT)

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Lizzie não dormiu nessa noite. Jay dissera-lhe que podia haver problemas, e ela ficara sentada no quarto à espera dele, com um romance aberto nos joelhos, sem ler. Jay chegou de madrugada coberto de sangue e de terra, e com uma ligadura no nariz. Lizzie ficou tão feliz ao vê-lo vivo que lançou os braços à volta dele e o abraçou, sujando o seu vestido de seda branca.

Acordou as criadas e pediu água quente, e Jay contou-lhe em pormenor a história do motim, enquanto ela o ajudava a despir a farda imunda e lhe lavava o corpo pisado e lhe dava uma camisa de dormir lavada.

Mais tarde, deitados lado a lado na enorme cama de dossel, perguntou-lhe a medo:

— Achas que vão enforcar McAsh?

— Espero bem que sim — respondeu Jay, levando um dedo à ligadura com cuidado. — Temos testemunhas que dizem que ele incitou a multidão a amotinar-se e que atacou pessoalmente representantes da coroa. Não imagino um juiz a dar-lhe uma pena leve nas circunstâncias atuais. Se tivesse amigos influentes que intercedessem por ele, já era outra coisa.

Lizzie franziu a testa.

— Nunca me pareceu um homem particularmente violento. Insubordinado, desobediente, insolente, arrogante... mas violento não.

Jay fez um ar vaidoso.

— Talvez tenhas razão. Mas as coisas foram preparadas de tal maneira que ele não tinha escolha.

— Como?

— Sir Phillip Armstrong foi em segredo falar comigo e com o meu pai ao armazém. Disse-nos que queria o McAsh preso por incitamento ao motim. Pediu praticamente que planeássemos as coisas. Então Lennox e eu preparámos um motim.

Lizzie estava chocada. Sentia-se ainda pior por saber que McAsh fora deliberadamente provocado.

— E Sir Phillip ficou contente com o que fizestes?

— Ficou. E o coronel Cranbrough ficou impressionado com a maneira como lidei com o motim. Já posso demitir-me e deixar o exército com uma reputação irrepreensível.

Em seguida, Jay fez amor com ela, mas Lizzie estava demasiado perturbada para apreciar as suas carícias. Normalmente, fazia da cama um recreio, às vezes voltava-o de costas e cavalgava-o ela, mudava de posições, beijava-o, falava e ria; naturalmente, Jay notou a diferença. No fim, disse:

— Estiveste muito quietinha.

Lizzie pensou numa desculpa.

— Tive medo de te magoar.

Jay contentou-se com a resposta e, instantes depois, adormecera. Lizzie não. Era a segunda vez que a chocava a atitude do marido em questões de justiça — e em ambas estava Lennox envolvido. Jay não era mau, disso tinha a certeza; mas podia ser desviado para o mal por terceiros, em especial por homens decididos como Lennox. Ainda bem que iam deixar a Inglaterra daí a um mês. Largadas as amarras, nunca mais veriam Lennox.

Mesmo assim, não conseguia dormir. Tinha na boca do estômago um peso de chumbo frio. Mack McAsh ia ser enforcado. Repugnara-lhe ver o enforcamento de perfeitos desconhecidos, na manhã em que fora a Tyburn Cross disfarçada. A ideia de que o mesmo acontecesse ao seu amigo de infância era insuportável.

O problema de Mack, dizia para consigo, não era da sua conta. Mack fugira, violara a lei, organizara uma greve e participara num motim. Fizera tudo para arranjar sarilhos: não era responsabilidade dela salvá-lo agora. O seu dever era para com o marido com quem casara.

Tudo isso era verdade, mas, mesmo assim, não conseguia dormir.

Quando a luz da alvorada começou a infiltrar-se pelo rebordo das cortinas, levantou-se. Resolveu começar a emalar os seus pertences para a viagem e, quando apareceram as criadas, disse-lhes que comesçassem a encher com os presentes de casamento os baús estanques que comprara: roupa de mesa, talheres, louças e vidros, tachos e facas de cozinha.

Jay acordou com dores e de mau humor. Bebeu de um trago um copo de brande e saiu para o regimento. A mãe de Lizzie, que ainda estava hospedada em casa dos Jamisson, bateu à porta pouco depois de Jay sair, e foram as duas para o quarto dobrar as meias e os saíotes e os lenços de Lizzie.

— Em que navio ireis? — perguntou a mãe.

— No *Rosebud*. É da frota dos Jamisson.

— E, quando desembarcardes na Virgínia, como fareis para chegar à plantação?

— Os navios que vão de cá sobem o Rappahannock até Fredericksburg, que fica só a dez milhas de Mockjack Hall. — Lizzie percebia que a mãe estava inquieta por ela ir fazer uma viagem tão longa por mar. — Não se preocupe, mãe, já não há piratas.

— Tereis de levar água doce e guardar o barril no vosso camarote. Não podeis partilhá-lo com a tripulação. Vou preparar uma caixa com medicamentos, para o caso de adoecerdes.

— Obrigada, mãe.

Com a exiguidade do espaço a bordo, a comida estragada e a água rançosa, era muito mais provável que Lizzie morresse com alguma doença do mar do que às mãos de piratas.

— Quanto tempo demora a travessia?

— Seis ou sete semanas.

Lizzie sabia que isso era o mínimo: se os ventos desviassem o navio da sua rota, a viagem podia prolongar-se até três meses. Nesse caso, a possibilidade de doenças era muito maior. Contudo, ela e Jay eram jovens, fortes e saudáveis, e haveriam de sobreviver. E seria uma aventura!

Mal podia esperar para ver a América. Era um continente novo e tudo seria diferente: as aves, as árvores, a comida, o ar, as gentes. Vibrava de emoção quando pensava nisso.

Havia quatro meses que vivia em Londres, e a cada dia gostava menos da cidade. A sociedade elegante enfadava-a de morte. Ela e Jay jantavam frequentemente com outros oficiais e com as respectivas esposas, mas os oficiais falavam de jogos de cartas e de generais incompetentes, e as esposas só se interessavam por chapéus e criadas. Lizzie era incapaz de fazer conversa de circunstância e, se dizia o que pensava, escandalizava-as sempre.

Uma ou duas vezes por semana, jantavam em Grosvenor Square. Ali, ao menos, a conversa era sobre alguma coisa real: negócios, política, ou a onda de greves e tumultos que varrera Londres naquela primavera. Mas a visão que os Jamisson tinham sobre os acontecimentos era completamente parcial. Sir George dizia cobras e lagartos dos trabalhadores, Robert previa um desastre, e Jay propunha repressão militar. Ninguém, nem mesmo Alicia, tinha imaginação para ver o conflito do outro ponto de vista. Lizzie não pensava que os trabalhadores fizessem bem em entrar em greve, naturalmente, mas cria que tinham razões que, a eles, lhes pareciam fortes. Nunca essa possibilidade era admitida em redor da polidíssima mesa de jantar de Grosvenor Square.

— Calculo que lhe saiba bem voltar para High Glen — disse Lizzie à mãe.

A mãe acenou afirmativamente.

— Os Jamisson são muito amáveis, mas tenho saudades da minha casa, por muito humilde que seja.

Lizzie guardava os seus livros favoritos numa arca: *Robinson Crusoe*, *Tom Jones*, *Roderick Random*¹² — todos histórias de aventuras — quando um laçao bateu à porta e disse que Caspar Gordonson se anunciara e rogava ser recebido.

Pediu ao homem que repetisse o nome da visita porque não queria acreditar que Gordonson se atrevesse a bater à porta de qualquer membro da família Jamisson. Deveria, bem o sabia,

recusar-se a recebê-lo: Gordonson encorajava e apoiava a greve que estava a lesar os negócios do seu sogro. Mas a sua curiosidade levou a melhor, como sempre, e ela disse ao laçao que o conduzisse à sala de visitas.

Não tinha, porém, a menor intenção de o receber bem.

— O senhor causou muitos problemas — disse ao entrar na sala.

Para sua surpresa, o advogado não era o sabichão agressivo e fanfarrão que ela imaginara; era, sim, um homem míope e pouco cuidado, de voz aguda e modos de professor distraído.

— Creia que não era essa a minha intenção — respondeu Gordonson. — Quer dizer... era, claro... mas não a Vossa Excelência pessoalmente.

— O que vem cá fazer? Se o meu marido estivesse, punha-o na rua ao pontapé.

— McAsh foi acusado ao abrigo do *Riot Act* e encarcerado na prisão de Newgate. Vai ser julgado no Old Bailey daqui a três semanas. É crime que leva à forca.

Estas palavras atingiram-na como um soco, mas Lizzie escondeu as suas emoções.

— Bem sei — disse com frieza. — É uma tragédia. Um jovem tão vigoroso, com a vida toda pela frente...

— Imagino que sinta remorsos — disse Gordonson.

— Louco insolente! — inflamou-se Lizzie. — Quem é que levou McAsh a pensar que era um homem livre? Quem lhe disse que tinha direitos? Foi o senhor! O senhor é que deve sentir remorsos!

— E sinto — respondeu Gordonson baixinho.

Lizzie admirou-se: estava à espera de uma negação acalorada. A humildade do homem acalmou-a. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos mas reprimiu-as.

— Ele devia ter ficado na Escócia.

— Sabe que muitas pessoas acusadas de delitos capitais acabam por não ser enforcadas, não sabe?

— Sei. — Claro que ainda havia esperança. O ânimo de Lizzie melhorou um pouco. — Acha que McAsh vai obter o perdão real?

— Depende de quem estiver disposto a interceder por ele. No nosso sistema legal, tudo vai de ter amigos influentes. Eu irei pedir clemência por ele, mas o meu rogo de pouco há de valer. A maioria dos juízes detesta-me. Todavia, se fosse *Vossa Excelência* a pedir...

— Não posso fazer tal coisa! — protestou Lizzie. — Foi o meu marido quem apresentou queixa. Seria uma deslealdade horrível da minha parte.

— Podia salvar-lhe a vida.

— Mas Jay faria figura de tolo!

— Não lhe parece que ele podia compreen...

— Não! Sei que não compreenderia. Nenhum marido compreenderia.

— Pense nisso...

— Não pensarei! Farei outra coisa. Irei... — Lizzie procurou desesperadamente outras ideias. — Irei escrever a Mr. York, o pastor de Heugh. Pedir-lhe-ei que venha a Londres pedir clemência durante o julgamento.

— O vigário de uma paróquia escocesa perdida na província? — retorquiu Gordonson. — Não creio que tenha grande influência. O único modo seguro é ser *Vossa Excelência* a fazê-lo em pessoa.

— Está fora de questão.

— Não vou insistir. Só estaria a alimentar a sua determinação — disse Gordonson astutamente. Encaminhou-se para a porta. — Pode mudar de ideias a qualquer momento. Basta aparecer no Old Bailey de amanhã a três semanas. Lembre-se de que a vida dele pode pender da sua decisão.

O advogado saiu, e Lizzie pôde chorar à vontade.

Mack encontrava-se numa das alas de delito comum da prisão de Newgate.

Não conseguia lembrar-se de tudo o que lhe acontecera na noite anterior. Recordava-se confusamente de ter sido amarrado e atirado para o dorso de um cavalo e transportado pelas ruas de Londres. Revia um edifício alto com grades nas janelas, um pátio calcetado,

umas escadas e uma porta com cavilhas de ferro. Depois tinham-no levado para ali. Estava escuro e não conseguira ver grande coisa. Sovado e exausto, adormecera.

Ao acordar, achou-se numa cela do tamanho aproximado da casa de Cora. Estava frio: não havia vidros nas janelas nem lume na lareira. Cheirava mal. Ali apinhadas com ele estavam pelo menos umas trinta pessoas: homens, mulheres e crianças, e ainda um cão e um porco. Toda a gente dormia no chão e partilhava um enorme penico.

Havia sempre alguém a entrar ou a sair. Algumas mulheres foram-se embora pela manhã, e alguém explicou a Mack que não eram prisioneiras mas sim mulheres de prisioneiros, que subornavam os guardas e passavam ali a noite. Os carcereiros traziam comida, cerveja, genebra e jornais para quem pudesse pagar os seus preços grandemente inflacionados. Havia quem fosse visitar amigos a outras celas. Um prisioneiro recebeu a visita de um padre, outro de um barbeiro. Dir-se-ia que tudo era permitido, mas tudo tinha um preço.

Os prisioneiros riam-se da sua sorte e gracejavam a respeito dos seus crimes. Pairava um ar de brincadeira que incomodou Mack. Ainda mal acordara e já alguém lhe oferecia um trago de genebra de uma garrafa e uma fumaça de um cachimbo, como se todos fossem convidados de algum casamento.

Mack tinha dores por todo o corpo, mas o pior era a cabeça. Tinha na nuca um inchaço com uma crosta de sangue. Sentia uma tristeza sem remédio. Fracassara em tudo. Fugira de Heugh para ser livre, mas estava na prisão. Lutara pelos direitos dos estivadores, e alguns tinham morrido. Perdera Cora. Ia ser acusado de traição, ou de incitamento ao motim, ou de assassínio. E provavelmente acabaria na forca. Muitos dos que o rodeavam tinham tão boas razões de queixa como ele, mas talvez fossem demasiado estúpidos para perceber o seu destino.

Agora a pobre Esther jamais sairia da aldeia. Lamentou não a ter levado consigo. Poderia ter-se vestido de homem, como Lizzie

Hallim. Ter-se-ia desenvencilhado com as lides de marinheiro melhor até do que ele, porque era mais ágil. E talvez o bom senso da irmã o tivesse impedido de se meter em sarilhos.

Esperava que o filho de Annie fosse um rapaz. Ao menos continuaria a haver um Mack. Talvez Mack Lee tivesse uma vida mais feliz, e mais longa, do que Mack McAsh.

Afundara-se em sombrios pensamentos quando um carcereiro abriu a porta e Cora entrou.

Tinha a cara suja e o vestido vermelho rasgado mas continuava lindíssima, e todos se voltaram para a ver.

Mach pôs-se de pé de um salto e abraçou-a, para aclamação geral.

— O que te aconteceu? — perguntou Mack.

— Fui apanhada por deitar a unha. Mas foi tudo por tua causa — explicou ela.

— Por minha causa?

— Foi uma armadilha. Parecia um bêbado rico e novinho como outro qualquer, mas era Jay Jamisson. Apanharam a gente e levaram-nos ao pai dele. Roubar dá força. Mas ofereceram perdão a Peg... se ela lhes dissesse onde tu estavas a viver.

Mack teve um momento de raiva contra Peg por tê-lo traído; mas era uma criança, não podia culpá-la.

— Então foi assim que eles descobriram.

— E a ti, o que te aconteceu?

Mack relatou-lhe o motim.

No fim, Cora exclamou:

— Jesus Cristo, McAsh, não nasceste para ter sorte!

Mack pensou que era verdade. Todas as pessoas com quem se dava acabavam por ter problemas.

— Charlie Smith morreu — disse.

— Tens de falar com Peg — sugeriu Cora. — Acha que a deves odiar.

— Odeio-me a mim mesmo por tê-la metido nisto.

Cora encolheu os ombros.

— Não lhe disseste que fosse roubar. Anda.

Bateu com força na porta e um carcereiro abriu-a. Cora deu-lhe uma moeda, apontou um polegar para Mack e disse:

— Ele está comigo.

O carcereiro acenou com a cabeça e deixou-os passar.

Cora conduziu-o por um corredor até outra porta, por onde entraram noutra cela muito parecida com aquela de onde tinham saído. Peg estava sentada no chão a um canto. Ao ver Mack, pôs-se de pé, com um ar assustado.

— Desculpa — disse. — Eles obrigaram-me a dizer. Desculpa!

— Não foi culpa tua — respondeu Mack.

Os olhos de Peg encheram-se de lágrimas.

— Traí-te — murmurou.

— Disparate.

Mack abraçou-a, e o seu corpinho franzino tremia, enquanto ela chorava.

Caspar Gordonson trouxe um banquete: sopa de peixe numa enorme terrina, um naco de carne, pão fresco, vários jarros de cerveja, e leite-creme. Pagou ao guarda para terem um cela privada com uma mesa e cadeiras. Foram buscar Mack, Cora e Peg à sua cela e sentaram-se os quatro a comer.

Mack tinha fome, mas descobriu que não conseguia comer. Estava demasiado inquieto. Queria saber o que pensava Gordonson acerca das suas possibilidades em tribunal. Obrigou-se a ter paciência e bebeu cerveja.

Quando acabaram de comer, o criado de Gordonson levantou a mesa e trouxe cachimbos e tabaco. O advogado pegou num cachimbo, e o mesmo fez Peg, que estava viciada naquele hábito adulto.

Gordonson começou por falar no caso de Cora e Peg.

— Falei com o advogado dos Jamisson sobre a acusação de roubo. Sir George vai cumprir a promessa de pedir clemência para Peg.

— Muito me espanta — disse Mack. — Não é nada deles cumprirem com a palavra dada.

— Ah, bem, eles também querem uma coisa — disse Gordonson. — É que, para eles, é embaraçoso Jay contar em tribunal que estava com Cora por julgar que era uma prostituta. Por isso, querem fingir que ela se meteu com ele na rua e que o entreteve com conversas enquanto Peg lhe limpava os bolsos.

Peg proferiu com escárnio:

— E nós temos de alinhar nesse conto de fadas, para proteger a honra de Jay?

— Se quiser que Sir George interceda por si, sim.

Cora declarou:

— Não temos escolha. Claro que alinhamos.

— Ótimo. — Gordonson voltou-se então para Mack. — Quem me dera que o seu caso fosse assim tão fácil.

Mack protestou:

— Mas eu não incitei ninguém à revolta!

— Não abandonou o local depois ser lido o *Riot Act*.

— Por amor de Deus! Eu tentei que toda a gente se fosse embora, mas os rufiões de Lennox atacaram-me.

— Vamos analisar uma coisa de cada vez.

Mack respirou fundo e conteve a exasperação.

— Está bem.

— O procurador vai dizer simplesmente que leram o *Riot Act* e que Mack não se retirou, pelo que é culpado e merece a forca.

— Sim, mas toda a gente sabe que não foi bem assim!

— Ora aí está a sua defesa. Deve dizer que o procurador só contou metade da história. Consegue arranjar testemunhas que digam que insistiu com os homens para dispersarem?

— Com certeza que sim. Dermot Riley arranja os estivadores que forem precisos para depor. Mas também devíamos perguntar aos Jamisson por que razão estavam a levar o carvão precisamente para aquele depósito e àquela hora da noite!

— Bom...

Mack deu um murro impaciente na mesa.

— O motim foi todo planeado, temos de dizer isso.

— Seria difícil prová-lo.

Mack estava furioso com a atitude depreciativa de Gordonson.

— O motim foi provocado, foi uma conspiração! Não vai deixar de falar nisso, pois não? Se não expusermos os factos no tribunal, onde o faremos?

Peg interveio:

— O senhor vai lá estar, Mr. Gordonson?

— Vou. Mas o juiz pode não me deixar falar.

— Porquê, caramba? — perguntou Mack indignado.

— A teoria é que, se Mack estiver inocente, não precisa de um homem de leis que o prove. Mas às vezes os juízes abrem exceções.

— Espero que nos calhe um juiz tolerante — disse Mack com ansiedade.

— O juiz tem o dever de ajudar o acusado. Deve garantir que os argumentos da defesa fiquem claros para o júri. Mas não conte com isso. Confie apenas na verdade pura e simples. É a única coisa que pode salvá-lo da forca.

¹² Além do bem conhecido *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, os outros livros são de Henry Fielding (*Tom Jones*) e de Tobias Smollett (*Roderick Random*). (NT)

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

No dia do julgamento, os prisioneiros foram acordados às cinco da manhã. Dermot Riley chegou passado um momento, com um fato para Mack vestir: era o fato com que casara, e Mack comoveu-se. Dermot também levava uma lâmina de barbear e um bocado de sabão. Meia hora mais tarde, Mack tinha um ar respeitável e sentia-se pronto para enfrentar o juiz.

Juntamente com Cora e Peg e mais quinze a vinte prisioneiros, amarraram-no e escoltaram-no até à rua, ao longo de Newgate Street, por uma transversal chamada Old Bailey e logo por uma travessa que desembocava no tribunal.

Caspar Gordonson esperava-o aí e explicou-lhe quem era quem. O pátio diante do edifício já estava cheio de gente: procuradores, testemunhas, membros do júri, advogados, amigos e familiares, basbaques e, provavelmente, pegas e ladrões à procura de oportunidades de trabalho. Os prisioneiros foram levados pelo pátio, passaram por um portão e entraram numa pequena sala separada do edifício principal conhecida como Bail Dock. A sala já estava meio cheia de réus, provavelmente de outras prisões: as de Fleet, de Bridewell e de Ludgate. Dali, Mack via o imponente edifício do tribunal. Degraus de pedra davam acesso ao piso térreo, que era aberto de um dos lados, apenas com uma fila de colunas. Lá dentro, erguia-se a tribuna dos juízes, sobre um estrado alto. Dos dois lados da tribuna, ficavam espaços vedados para o júri e camarotes para funcionários do tribunal e espetadores privilegiados.

A Mack, lembrou-lhe um teatro — mas o mau da história era ele.

Assistiu com um fascínio mórbido ao início do longo dia de julgamentos. O primeiro réu era uma mulher acusada de roubar de uma loja catorze metros de seriguilha, um tecido barato feito de uma mistura de linho e lã. O queixoso era o dono da loja, que avaliava o furto em quinze xelins. A testemunha, um empregado, garantia que a mulher pegara na medida de tecido e se dirigira para

a porta, e que, sentindo-se observada, largara o tecido e desatara a correr. A mulher alegava que apenas estivera a ver o tecido e que nunca tencionara fugir com ele. Os membros do júri formaram um cacho compacto. Provinham de uma classe de gente conhecida como «os remediados»: eram pequenos comerciantes, artesãos bem-sucedidos e donos de lojas. Detestavam a desordem e os roubos mas desconfiavam do governo e defendiam ciosamente a liberdade — pelo menos a sua.

Consideraram-na culpada mas avaliaram a medida de seriguiha em quatro xelins, muito menos do que na verdade valia. Gordonson explicou que podiam enforcá-la por roubar numa loja bens de valor superior a cinco xelins. O veredicto pretendia, portanto, impedir o juiz de a condenar à morte.

A sentença, porém, não foi conhecida imediatamente: só ao fim do dia seriam lidas todas as sentenças.

Tudo demorara menos de um quarto de hora. Os casos seguintes foram despachados com a mesma rapidez, sendo poucos os que demoraram mais de meia hora. Cora e Peg foram julgadas em conjunto a meio da tarde. Mack sabia que o resultado estava definido à partida mas, mesmo assim, fez figas para que corresse como planeado.

Jay Jamisson declarou que Cora metera conversa com ele na rua enquanto Peg lhe esvaziava os bolsos. Chamou a depor Sidney Lennox, aquele que alegadamente vira o que estava a acontecer e o avisara. Nem Cora nem Peg puseram em causa esta versão dos acontecimentos.

A recompensa foi o aparecimento de Sir George, que declarou que elas tinham colaborado na detenção de outro criminoso e pediu ao juiz que as condenasse ao degredo e não à forca.

O juiz esboçou um gesto compreensivo com a cabeça, mas a sentença só ao fim do dia seria pronunciada.

O caso de Mack foi anunciado minutos depois.

Lizzie não conseguia parar de pensar no julgamento.

Jantou às três da tarde e, como Jay ia estar no tribunal o dia inteiro, a mãe foi jantar com ela e fazer-lhe companhia.

— Estás muito gordinha, minha querida — disse Lady Hallim. — Tens comido muito?

— Pelo contrário — respondeu Lizzie. — Às vezes, fico enjoada só de olhar para a comida. Deve ser desta excitação toda de irmos para a Virgínia. E agora este julgamento horrível.

— Nada que te diga respeito — retorquiu a mãe com brusquidão. — Todos os dias são enforcadas dúzias de pessoas por crimes muito menos horríveis. Não se pode perdoá-lo só porque o conhecestes em criança.

— Como sabe que ele cometeu um crime?

— Se não cometeu, vão considerá-lo inocente. Tenho a certeza de que está a ser tratado exatamente como qualquer outra pessoa suficientemente tola para se envolver num motim.

— O problema é que não está — protestou Lizzie. — Jay e Sir George é que provocaram o motim, de propósito para poderem prendê-lo e acabar com a greve dos estivadores. Disse-me Jay.

— Então é porque tinham boas razões para isso.

Os olhos de Lizzie molharam-se.

— Mãe, não acha que é *mal feito*?

— Tenho a certeza de que não é coisa que nos diga respeito, nem a mim nem a ti, Lizzie — respondeu a mãe com firmeza.

Para esconder da mãe a sua angústia, comeu uma colher da sobremesa — puré de maçã com açúcar — mas sentiu-se nauseada e pousou a colher.

— Caspar Gordonson disse que eu podia salvar a vida a Mack se intercedesse por ele em tribunal.

— Deus te livre! — Lady Hallim estava chocada. — Falares em público, num tribunal, contra o teu marido... Nem quero ouvir falar disso!

— Mas é a vida de um homem! Pense na irmã dele, coitada, na dor que terá quando souber que ele foi enforcado.

— São mineiros, minha querida, não são como nós. Para eles, a vida pouco vale, não sentem a dor que nós sentimos. A irmã embebedada-se com genebra e depois volta para a mina.

— A mãe não acredita nisso, que eu sei.

— Talvez esteja a exagerar, mas tenho a certeza absoluta de que não vale a pena preocuparmo-nos com essas coisas.

— Não consigo evitar. Mack é um rapaz às direitas que só quis ser livre, e não suporto a ideia de ele acabar numa forca.

— Podes rezar por ele.

— E rezo — disse Lizzie. — E rezo.

O procurador era advogado, Augustus Pym.

— Trabalha muito para o governo — sussurrou Gordonson a Mack. — Devem estar a pagar-lhe para conduzir a acusação neste caso.

Então o governo queria-o enforcado. A ideia fê-lo sentir-se desprezível.

Gordonson dirigiu-se à tribuna e falou ao juiz.

— Meritíssimo, tendo em conta que a acusação vai estar a cargo de um advogado profissional, autoriza que eu fale em defesa de McAsh?

— Claro que não — respondeu o juiz. — Se McAsh não conseguir convencer o júri sem ajuda, grande razão não terá.

Mack tinha a garganta seca e ouvia bater o seu próprio coração. Ia ter de lutar pela sua vida sozinho. Pois bem, disputaria cada palmo de terreno.

Pym começou.

— No dia em causa, estava em curso uma descarga de carvão no depósito de Mr. John Cooper, conhecido como Black Jack, em Wapping High Street.

Mack interrompeu-o:

— Não era dia, era noite.

O juiz advertiu-o:

— Não faça comentários idiotas.

— Não é idiota — contrapôs Mack. — Onde se ouviu falar de uma descarga de carvão feita às onze da noite?

— Silêncio. Prossiga, Mr. Pym.

— Os trabalhadores foram atacados por um grupo de estivadores em greve, e os magistrados de Wapping foram alertados.

— Por quem? — perguntou Mack.

Pym respondeu:

— Pelo proprietário do Frying Pan, Mr. Harold Nipper.

— Engajador — referiu Mack.

O juiz acrescentou:

— E comerciante honrado, tanto quanto sei.

Pym continuou:

— Mr. Roland MacPherson, juiz de paz, chegou e declarou a existência de um motim. Os estivadores recusaram-se a dispersar.

— Fomos atacados! — explicou Mack.

Ignoraram-no.

— Mr. MacPherson chamou então o exército, como era seu direito e dever. Chegou ao local um destacamento do Terceiro Regimento da Real Infantaria, sob o comando do capitão Jamisson. O prisioneiro encontrava-se entre os detidos. A primeira testemunha da coroa é John Cooper.

Black Jack declarou ter ido a Rochester, a jusante de Londres, comprar carvão que ali fora descarregado. Mandara depois que o transportassem para a capital em carroças.

Mack perguntou:

— A quem pertencia o navio?

— Não sei. Foi com o capitão que falei.

— De onde vinha o navio?

— De Edimburgo.

— Acaso pertenceria a Sir George Jamisson?

— Não sei.

— Quem lhe disse que poderia comprar carvão em Rochester?

— Sidney Lennox.

— Amigo dos Jamisson.

— Sobre isso nada sei.

A testemunha seguinte de Pym era Roland MacPherson, que jurou ter lido o *Riot Act* às onze e um quarto da noite, e que a multidão se recusara a dispersar.

Mack disse então:

— Vossa Excelência chegou lá muito depressa.

— Sim.

— Quem o chamou?

— Harold Nipper.

— Dono do Frying Pan.

— Sim.

— Para o chamar, teve de fazer longo caminho?

— Não compreendo a pergunta.

— Onde estava Vossa Excelência quando ele o chamou?

— Na sala das traseiras da taberna dele.

— Mesmo à mão! Foi planeado?

— Eu sabia que ia haver uma descarga de carvão e receava que houvesse problemas.

— Quem o avisou?

— Sidney Lennox.

Um dos membros do júri exclamou:

— Ena!

Mack olhou para ele. Era um homem novo com uma expressão cética, Mack registou-o na cabeça como um possível aliado dentro do júri.

Finalmente, Pym chamou Jay Jamisson. Jay falava com desenvoltura, e o juiz pareceu vagamente enfadado, como se fossem amigos a discutir um assunto sem importância. Mack teve vontade de gritar:

— Menos indiferença! É a minha vida que está em jogo!

Jay disse que estava a comandar um destacamento da guarda na Torre de Londres.

O cético interrompeu-o:

— O que fazia lá?

Jay pareceu apanhado de surpresa pela pergunta. Não respondeu.

— Responda à minha pergunta — disse o membro do júri.

Jay olhou para o juiz, que parecia irritado com o membro do júri e advertiu com óbvia relutância:

— Tem de responder às perguntas do júri, capitão.

— Estávamos de prevenção — disse Jay.

— Para quê? — insistiu o membro do júri.

— Para o caso de haver mister da nossa assistência para manter a ordem na parte oriental da cidade.

— É aí que montais bivaque habitualmente? — continuou o homem.

— Não.

— Onde é, então?

— Presentemente, em Hyde Park.

— Do outro lado de Londres.

— Sim.

— Quantas vezes fizestes esta deslocação especial para a Torre?

— Uma só.

— Porque foi que vos mudastes para lá nessa noite?

— Calculo que os meus superiores receassem a ocorrência de tumultos.

— Talvez os tenha avisado Sidney Lennox — disse o membro do júri, e espalhou-se uma onda de risos.

Pym continuou a interrogar Jay, que declarou que, quando ele e os seus homens chegaram ao depósito de carvão, depararam com um motim plenamente desencadeado, o que era verdade. Contou como Mack o atacara, o que também era verdade, e como outro soldado o neutralizara.

Mack perguntou-lhe:

— O que pensa de estivadores que se revoltam?

— Estão a violar a lei e têm de ser punidos.

— Crê que a grande maioria das pessoas concorda com o senhor?

— Sim.

— Parece-lhe que o motim pode voltar o povo contra os estivadores?

— Decerto que sim.

— Então o motim faz que seja mais provável que as autoridades tomem medidas drásticas para acabar com a greve?

— Espero bem que sim.

Ao lado de Mack, Caspar Gordonson murmurava:

— Brilhante, brilhante, Mack, ele caiu em cheio na sua armadilha.

— E, quando a greve acabar, os navios carvoeiros da família Jamisson voltarão a ser descarregados e podereis tornar a vender o vosso carvão.

Jay começou então a perceber para onde estava a ser levado, mas já era tarde.

— Sim.

— O fim da greve vale muito dinheiro para vós.

— Sim.

— Então o motim dos estivadores vai render-vos dinheiro.

— Pode fazer que a minha família pare de perder dinheiro.

— Foi por isso que colaborou com Sidney Lennox para provocar o motim? — perguntou Mack, e voltou-lhe as costas.

— Não fiz tal coisa! — disse Jay, mas já foi para a nuca de Mack que falou.

Gordonson disse:

— Devia ser advogado, Mack. Onde aprendeu a argumentar dessa maneira?

— No lugar de Mrs. Wheighel — respondeu Mack.

Gordonson estava boquiaberto.

Pym não tinha mais testemunhas. O cético perguntou:

— Então não vamos ouvir essa figura chamada Mr. Lennox?

— A Coroa não tem mais testemunhas — repetiu Pym.

— Pois a mim parece-me que devíamos ouvi-lo. Esse cavalheiro parece estar por trás de tudo.

— O júri não pode convocar testemunhas — rematou o juiz.

Mack chamou então a sua primeira testemunha, um estivador irlandês conhecido como Red Michael¹³, por causa da cor do seu cabelo. Red contou como Mack estava quase a convencer os estivadores a voltarem para casa quando fora atacado.

Quando terminou o seu depoimento, o juiz perguntou:

— E que ofício é o seu, jovem?

— Sou estivador, *sir* — respondeu Red.

O juiz acrescentou:

— O júri há de tomar em consideração este facto quando tiver de decidir se deve acreditar em si ou não.

Mack sentiu um baque no peito. O juiz estava a fazer tudo para voltar o júri contra ele. Chamou a testemunha seguinte, mas era outro estivador e teve a mesma sorte. A terceira e última também era um estivador. Devia-se isso a serem os estivadores quem estivera no âmago dos acontecimentos e vira exatamente o que se passara.

As testemunhas de Mack tinham sido desacreditizadas. Agora restava ele, sozinho com o seu carácter e a sua eloquência.

— Descarregar carvão é um trabalho duro, de uma dureza cruel — começou. — Só homens fortes e jovens podem fazê-lo. Mas é trabalho bem pago: na minha primeira semana na estiva, trabalhei o equivalente a seis libras. Trabalhei mas não as recebi: a maior fatia, roubou-ma o engajador.

O juiz interrompeu-o:

— Isso nada tem que ver com o caso. A acusação é de incitamento ao motim.

— Não incitei ninguém ao motim — retorquiu Mack. Inspirou fundo, aclarou as ideias e prosseguiu: — Só não deixei que fossem os engajadores a ficar com a minha paga. Foi esse o meu crime. Os engajadores enriquecem a roubar os estivadores. E, quando os estivadores resolveram ser os seus próprios engajadores, o que

aconteceu? Boicotaram-nos os armadores. E os armadores quem são, meus senhores? A família Jamisson, que tão enredada está neste julgamento.

O juiz perguntou irritado:

— Pode provar que não incitou ao motim?

O cético interveio:

— A questão é que a violência foi instigada por outros.

A interrupção não desconcentrou Mack, que continuou simplesmente a dizer o que queria:

— Excelentíssimos membros do júri, faizei a vós mesmos algumas perguntas. — Desviou o olhar do júri e olhou a direito para Jay. — Quem ordenou que as carroças com o carvão descessem Wapping High Street a uma hora em que as tabernas estão cheias de estivadores? Quem as mandou descarregar precisamente no depósito de carvão onde eu estou a morar? Quem pagou aos homens que escoltavam as carroças? — O juiz tentava interrompê-lo, mas Mack ergueu mais a voz e continuou: — Quem lhes deu mosquetes e munições? Quem teve o cuidado de fazer que a tropa estivesse bem perto? Quem orquestrou todo o motim? — Mack deu meia-volta rápida e encarou o júri. — Conheceis a resposta, não é verdade? — Manteve o olhar no dos membros do júri mais uns instantes e, depois, desviou-o.

Sentia-se trémulo. Dera o seu melhor, e agora tinha a vida nas mãos de outrem.

Gordonson levantou-se.

— Estamos à espera de uma testemunha abonatória, o reverendo Mr. York, pastor da igreja da aldeia onde Mack nasceu, mas ainda não chegou.

Mack não estava muito dececionado com a ausência de York, pois não esperava, tal como Gordonson, que o depoimento do pastor tivesse grande efeito.

O juiz disse:

— Se chegar, poderá falar antes de lida a sentença. — Gordonson ergueu o sobrolho e o juiz acrescentou: — Isto é, a

menos que o júri considere o réu inocente, caso em que, escusado será dizer, seria dispensável mais qualquer depoimento. Excelentíssimos membros do júri, considerai o vosso veredicto.

Mack observou receoso os membros do júri enquanto conferenciavam. Pareceram-lhe, para sua consternação, pouco compassivos. Talvez tivesse exagerado.

— O que lhe parece? — perguntou a Gordonson

O advogado abanou a cabeça.

— Vai-lhes custar engolir que a família Jamisson tenha entrado numa conspiração vil com Sidney Lennox. Teria sido melhor apresentar os estivadores como bem intencionados mas mal orientados.

— Eu disse a verdade — disse Mack. — Não consigo fazer outra coisa.

Gordonson sorriu com tristeza.

— Se não fosse essa a sua natureza, talvez não se visse nestes apuros.

Os membros do júri discutiam.

— De que raio estarão a falar? — perguntou Mack. — Quem me dera ouvi-los. — Viu o céptico defender acaloradamente um argumento, de dedo em riste. Estariam os outros a ouvi-lo com atenção, ou unidos contra ele?

— Dê-se por feliz — disse Gordonson. — Quanto mais falarem, melhor para si.

— Porquê?

— Se estão a discutir, é porque há dúvidas; e, se houver dúvidas, têm de o considerar inocente.

Mack olhava com receio. O céptico encolheu os ombros e fez menção de virar as costas, e Mack temeu que tivesse perdido a discussão. O presidente do júri disse-lhe qualquer coisa, e ele acenou em assentimento.

O presidente aproximou-se da tribuna.

O juiz perguntou:

— Tendes um veredicto?

— Temos.

Mack suspendeu a respiração.

— E como considerais o réu?

— Consideramo-lo culpado.

Lady Hallim disse:

— Os teus sentimentos por esse mineiro são muito estranhos, minha querida. Um marido poderia mesmo considerá-los ofensivos.

— Oh, mãe, que disparate!

Bateram à porta da sala de jantar e entrou um lacaio.

— O reverendo Mr. York, *madam* — anunciou.

— Que bela surpresa! — exclamou a mãe. Sempre gostara de York. Em voz baixa, acrescentou: — Morreu-lhe a mulher, Lizzie. Não te tinha contado? Deixou-o com três filhos.

— Mas o que faz ele aqui? — perguntou Lizzie ansiosa. — Devia estar no Old Bailey. Mande-o entrar, rápido.

O pastor entrou, com a aparência de quem se tivesse vestido à pressa. Sem dar tempo a Lizzie de lhe perguntar porque não estava no julgamento, disse algo que por momentos a fez esquecer-se de Mack.

— Lady Hallim, Mrs. Jamisson, cheguei a Londres há poucas horas e vim assim que pude, para vos exprimir a ambas quanto lastimo o sucedido. Que coisa pavoro...

— Não... — interrompeu-o Lady Hallim, para logo se calar.

— ... pavorosa para vós.

Lizzie dirigiu à mãe um olhar desconcertado e perguntou:

— De que está a falar, Mr. York?

— Do desastre na mina, naturalmente.

— Não estou de todo a par... embora veja que o está a minha mãe.

— Deus Nosso Senhor, lamento muito causar-lhe este choque. O teto da vossa mina abateu, e morreram vinte pessoas.

Lizzie ficou sem fôlego.

— Que horror! — No seu espírito, viu vinte campas novas no pequeno cemitério ao lado da ponte. Quanta dor! Toda a gente nas redondezas teria alguém para chorar. Mas outra coisa a incomodava:

— A que se refere quando fala na «nossa» mina, reverendo?

— A mina de High Glen.

Lizzie gelou. «Em High Glen não há minas.»

— Na nova, naturalmente. Na que foi aberta quando a senhora casou com Mr. Jamisson.

A raiva gelou-a mais. Voltou-se para a mãe.

— A senhora sabia disto, não é verdade?

Lady Hallim teve o bom gosto de expressar vagonha:

— Não havia alternativa, minha querida. Foi por isso que Sir George vos deu a propriedade da Virgínia...

— A senhora traiu-me! — exclamou Lizzie. — Traístes-me todos! Até o meu marido. Como pudestes? Como pudestes mentir-me?

A mãe começou a chorar.

— Pensámos que nunca saberias. Como ides para a América...

As lágrimas da mãe em nada aplacaram a revolta de Lizzie.

— Pensastes que nunca saberia? Nem acredito no que oiço!

— Não faças nada precipitado, suplico-te.

Ocorreu a Lizzie um receio sinistro. Dirigiu-se ao pastor:

— A irmã gémea de Mack...

— Lamento, mas Esther McAsh foi uma das vítimas — respondeu ele.

— Oh, não!

Mack e Esther eram os primeiros gémeos que Lizzie vira, e sempre a tinham fascinado. Em crianças, era difícil distingui-los antes de os conhecer bem. Mais tarde, Esther parecia uma versão feminina de Mack, com os mesmos olhos verdes deslumbrantes e a mesma musculatura robusta dos mineiros. Recordava-os meses antes, lado a lado à porta da igreja. Esther dissera a Mack para fechar a matraca, o que a fizera rir. Agora Esther estava morta e Mack prestes a ser condenado à forca...

Lembrando-se de Mack, disse:

— O julgamento é hoje!

York exclamou:

— Oh, meu Deus, não tinha percebido que era hoje! Chego tarde?

— Talvez não, se sair já.

— Sairei. É longe?

— Quinze minutos a pé, cinco num cabriolé. Vou consigo.

Disse a mãe:

— Não, por favor...

Lizzie falou com uma voz dura:

— Não tente deter-me, mãe. Vou eu mesma pedir clemência para Mack. Matámos a irmã. Talvez possamos salvar o irmão.

— Vou convosco — decidiu Lady Hallim.

O pátio do tribunal estava apinhado. Lizzie sentiu-se confusa e perdida, e nem York nem a mãe sabiam ajudá-la. Abriu caminho por entre a multidão, à procura de Gordonson ou de Mack. Foi dar a um muro baixo que rodeava um pátio interior e, por fim, avistou Mack e Caspar Gordonson através da vedação. Quando os chamou, Gordonson saiu por um portão.

Sir George e Jay apareceram ao mesmo tempo.

Jay falou num tom reprovador:

— Lizzie, o que fazes aqui?

Ela ignorou-o e dirigiu-se a Gordonson:

— Apresento-lhe o reverendo Mr. York, da nossa aldeia na Escócia. Vem pedir clemência para Mack.

Sir George ameaçou o pastor com um dedo erguido:

— Se for esperto, vai por onde veio e volta direitinho para a Escócia.

Lizzie continuou:

— E eu também vou interceder por ele.

— Obrigado — disse Gordonson com fervor. — Não poderia fazer melhor.

Lady Hallim explicou:

— Eu tentei impedi-la, Sir George.

Jay ficou vermelho de raiva e agarrou Lizzie por um braço, apertando-o com força.

— Como te atreves a humilhar-me desta maneira? — disparou.
— Proíbo-te de falar!

— Está a intimidar esta testemunha? — perguntou Gordonson.

Jay pareceu amedrontado e largou-a. Um advogado com um maço de papéis na mão abriu caminho pelo meio daquele pequeno grupo. Jay perguntou:

— Temos mesmo de ter esta conversa aqui, à frente de toda a gente?

— Sim — respondeu Gordonson. — Não podemos abandonar o tribunal.

Sir George perguntou a Lizzie:

— Mas que diabo vem a ser isto, minha menina?

O tom arrogante do sogro enfureceu-a.

— Sabe muito bem que diabo isto vem a ser — respondeu. Os homens espantaram-se ao ouvi-la blasfemar, e duas ou três pessoas que estavam perto voltaram-se a olhar para ela. Lizzie ignorou as reações. — Vós todos planeastes este motim para apanhar McAsh. Não vou ficar de braços cruzados a ver-vos enforcá-lo.

Sir George fez-se escarlate.

— Lembre-se de que é minha nora...

— Cale-se — interrompeu-o ela. — Não vou deixar que me intimide.

Sir George ficou fulminado. Lizzie tinha a certeza de que nunca ninguém o mandara calar.

Jay saiu em defesa do pai:

— Não podes falar contra o teu marido — bradou. — É deslealdade!

— Deslealdade? — repetiu Lizzie com escárnio. — Quem és tu para me falares em deslealdade? Juraste-me que não haverias de

extrair carvão nas minhas terras: pois foi exatamente o que fizeste. Traíste-me no dia em que casámos!

Todos emudeceram e, por um instante, Lizzie conseguiu ouvir uma testemunha a depor do outro lado do muro.

— Quer dizer que já sabes do acidente — disse Jay.

Lizzie respirou fundo.

— Melhor será dizer já que Jay e eu vamos viver separados a partir de hoje. Só no nome continuaremos casados. Voltarei para a minha casa na Escócia, onde nenhum membro da família Jamisson será bem-vindo. Quanto à minha intercessão por McAsh: não vou ajudar-vos a enforcar o meu amigo, e bem podeis os dois, os dois, ouvistes, ir à bardamerda!

Sir George ficara demasiado atónito para falar. Havia anos que ninguém se lhe dirigia naqueles termos. Estava cor de beterraba, de olhos protuberantes, abrindo e fechando a boca, sem que saísse uma palavra.

Caspar Gordonson dirigiu-se a Jay:

— Posso fazer uma sugestão?

Jay lançou-lhe um olhar hostil mas disse, secamente:

— Faça.

— Talvez Mrs. Jamisson possa aceitar não depor, com uma condição.

— Qual?

— A de que seja o senhor a interceder por Mack.

— De forma nenhuma — respondeu Jay.

Gordonson continuou:

— O efeito seria o mesmo. Mas pouparia à família a vergonha de uma mulher depor contra o marido em tribunal. — De repente, fez um ar de malícia. — Em vez disso, seria o senhor a mostrar-se magnânimo. Podia dizer que Mack era mineiro nas vossas minas e que, por essa razão, a família deseja ser clemente.

O coração de Lizzie deu um pulo de esperança. Um pedido de clemência interposto por Jay, o oficial que abafara o motim, seria muito mais eficaz.

Via faiscar a hesitação nos olhos de Jay, que media as consequências. Ele disse então com mau humor:

— Suponho que sou forçado a aceitar.

Sem dar tempo a Lizzie para se sentir exultante, Sir George interveio:

— Com uma condição, que sei que Jay há de querer impor.

Lizzie teve o mau pressentimento de saber o que seria.

Sir George olhou para ela:

— Irá esquecer todo esse disparate de viverdes separados. Será uma esposa como deve ser em todos os aspetos.

— Não! — bradou Lizzie. — Jay traiu-me. Como posso confiar nele? Não, isso não farei.

Sir George replicou:

— Nesse caso, Jay não intercede por McAsh.

Gordonson tornou a falar:

— Devo dizer-lhe, Lizzie, que a intercessão de Jay será mais eficaz do que a sua, por ser ele o queixoso.

Lizzie estava fora de si. Não era justo. Estavam a forçá-la a escolher entre a vida de Mack e a sua. Como poderia fazer tal escolha? Sentia-se dolorosamente dividida.

Todos a fitavam: Jay, Sir George, Gordonson, a mãe e York. Sabia que devia ceder, mas qualquer coisa dentro de si não lho permitia.

— Não — disse em tom de desafio. — Não vou trocar a minha vida pela de Mack.

Gordonson pediu:

— Pense melhor.

A mãe disse então:

— Tem de ser.

Lizzie olhou para ela. Claro que a mãe a instava a fazer o convencional. Mas a mãe estava à beira das lágrimas.

— O que é, mãe?

Lady Hallim começou a chorar.

— Tens de ser uma esposa como deve ser para Jay.

— Porquê?

— Porque ides ter um filho.

Lizzie olhou-a fixamente.

— O quê? De que está a falar?

— Estás grávida — respondeu a mãe.

— Como sabe?

A mãe falava através dos soluços.

— Cresceu-te o peito e a comida enjoa-te. Estás casada há dois meses: não é propriamente inesperado.

— Oh, meu Deus! — Lizzie estava abismada. Tudo se virara ao contrário. Um filho! Seria possível? Pensando bem, não lhe viera o incómodo desde o dia do casamento. Portanto era verdade. Fora apanhada na armadilha do seu próprio corpo. Jay era o pai da criança. E a mãe dela percebera que aquilo era a única coisa capaz de a fazer mudar de ideias.

Olhou para o marido. O que lhe viu no rosto foi raiva misturada com um olhar de súplica.

— Porque me mentiste? — perguntou.

— Eu não queria, mas teve de ser — respondeu Jay.

Lizzie tinha um sabor amargo na boca. Sabia que o seu amor por Jay nunca mais seria o mesmo. Mas continuava a ser o seu marido.

— Está bem — assentiu. — Aceito.

Caspar Gordonson rematou:

— Então estamos todos de acordo.

As suas palavras soaram a Lizzie como uma sentença de morte.

— Atenção! Atenção! Atenção! — clamou o pregoeiro real. — Os meus senhores, juízes de el-rei, mandam a todos sem exceção que guardem silêncio enquanto é lida a sentença de morte aos réus, sob pena de detenção.

O juiz vestiu a toga preta e levantou-se.

Mack estremecia de repulsa. Tinham sido julgados dezanove processos e doze réus considerados culpados. Submergiu-o o terror. Lizzie obrigara Jay a pedir clemência para ele, o que

significava que a sua pena de morte seria suspensa. Mas não poderia acontecer que o juiz recusasse o pedido de Jay, ou que simplesmente houvesse um erro?

Lizzie encontrava-se ao fundo da sala. O olhar de Mack cruzou-se com o dela. Estava pálida e abalada. Mack não pudera falar com ela. Lizzie tentou dirigir-lhe um sorriso animador, mas este transformou-se numa careta de medo.

O juiz olhou para os doze prisioneiros, de pé numa linha, e, passados uns instantes, falou:

— Manda a lei que volvais para o lugar de onde viestes e de aí para o lugar da execução, onde pelo pescoço haveis de pender até que o vosso corpo seja morto para todo o sempre, e que o Senhor se apiede da vossa alma!

Fez-se um silêncio terrível. Cora apertou o braço de Mack, e ele sentiu enterrarem-se-lhe na carne os dedos dela, presa da mesma pavorosa ansiedade. Os outros réus pouca esperança tinham de perdão. Ao ouvirem a sentença de morte, uns insultaram o juiz, outros choraram, e um pôs-se a rezar em voz alta.

— Peg Knapp tem pena suspensa e recomenda-se comutação em degredo — disse o juiz em voz monótona. — Cora Higgins tem pena suspensa e recomenda-se comutação em degredo. Malachi McAsh tem pena suspensa e recomenda-se comutação em degredo. Os demais serão enforcados.

Mack abraçou Cora e Peg, e assim ficaram, todos três, abraçados. Tinham-lhes poupado a vida.

Caspar Gordonson abraçou-os também, depois apertou um braço de Mack e disse-lhe em tom solene:

— Tenho notícias muito tristes para lhe dar.

Mack tornou a assustar-se: seria possível ter sido anulada a suspensão das penas?

— Abateu o teto numa mina dos Jamisson — disse. Mack sentiu um aperto no coração, aterrado com o que ali vinha. — Morreram vinte pessoas — continuou Gordonson.

— Esther?...

— Lamento, Mack. A sua irmã está entre os mortos.

— Morreu?

Era difícil assimilar o que ouvia. Vida e morte tinham sido distribuídas num só dia como cartas de um baralho. Esther, morta? Como era possível não ter uma irmã? Sempre tivera a sua gémea, desde que nascera.

— Devia tê-la deixado vir comigo — disse, e os seus olhos marejaram-se de lágrimas. — Porque fui deixá-la para trás?

Peg fitava-o de olhos arregalados. Cora deu-lhe a mão e disse:

— Uma vida salva, outra perdida.

Mack levou as mãos à cara e chorou.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Chegou depressa o dia do embarque.

Certa manhã, sem aviso, disseram a todos os prisioneiros condenados ao degredo que arrumassem os seus pertences e se dirigissem para o pátio.

Mack tinha pouca coisa. Além da roupa, só o *Robinson Crusoe*, a coleira de ferro partida que trouxera de Heugh e a capa de peles que Lizzie lhe dera.

No pátio, um ferreiro acorrentou-os dois a dois com pesadas correntes. Mack sentiu-se humilhado pelos grilhões. O toque do ferro frio no tornozelo abalou-o profundamente. Lutara pela liberdade e perdera a batalha, e ali estava uma vez mais acorrentado como um animal. Desejou que o navio fosse ao fundo para se afogar.

Não era permitido acorrentar homens com mulheres. A Mack, calhou-lhe um velho bêbado sebozo chamado Mad Barney. Cora fez olhinhos ao ferreiro e conseguiu que ele a acorrentasse a Peg.

— Caspar não deve saber que partimos hoje — disse Mack, preocupado. — Talvez não sejam obrigados a avisar ninguém.

Percorreu com os olhos toda a fila de condenados. Eram mais de cem, calculou, um quarto deles mulheres, com meia dúzia de crianças a partir dos seus nove anos. Entre os homens, estava Sidney Lennox.

A perdição de Lennox fora causa de grande júbilo. Depois do seu depoimento contra Peg, ninguém mais confiou nele. Os ladrões que antes vendiam o seu saque no Sun passaram a procurar outros recetadores. E, embora a greve dos estivadores tivesse sido rompida e a maioria dos homens tivesse voltado ao trabalho, já ninguém trabalhava para Lennox por qualquer preço. Lennox tentara coagir uma mulher chamada Gwen Sixpence a roubar para ele, mas ela e dois amigos tinham-no denunciado, acusando-o de receber bens roubados, e ele fora condenado a preceito. Os

Jamisson tinham intercedido por ele, salvando-o da forca, mas não podiam evitar o degredo.

Abriram-se de par em par os grandes portões de madeira da prisão. Um destacamento de oito guardas aguardava no exterior para fazer a escolta. Um carcereiro deu um empurrão violento à primeira parelha da fila e, lentamente, o cortejo saiu para a rua movimentada.

— Não estamos longe de Fleet Street — disse Mack. — Pode ser que Caspar venha a saber da nossa partida.

— Que importa? — perguntou Cora.

— Pode pagar ao capitão do navio para termos tratamento especial.

Mack ficara a saber algumas coisas sobre a travessia do Atlântico fazendo perguntas a prisioneiros, guardas e visitantes da prisão. O único facto indubitável era que a viagem matava muita gente. Fossem escravos, condenados ou criados vinculados a contratos sem paga, as condições por baixo do convés eram mortiferamente insalubres. Na ânsia do lucro, os armadores encafuavam nos porões a maior quantidade de gente que conseguiam. Mas também os capitães eram gananciosos, e um prisioneiro com dinheiro para luvas podia viajar num camarote.

Os londrinos interrompiam o que estivessem a fazer para verem passar os condenados na sua última vergonhosa caminhada pelo centro da cidade. Alguns gritavam-lhes palavras de solidariedade, outros de escárnio e insulto, e havia mesmo quem atirasse pedras ou detritos. Mack pediu a uma mulher de expressão amistosa que levasse uma mensagem a Caspar Gordonson, mas ela recusou-se. Tentou mais duas vezes, com o mesmo resultado.

Os grilhões atrasavam-nos, e demoraram mais de uma hora, arrastando os pés, a chegar ao cais. O rio fervilhava de navios, grandes e pequenos, barçaças e balsas, porque as greves tinham terminado, esmagadas pelo exército. Estava uma manhã quente de primavera. A superfície lamacenta do Tamisa refletia o sol. Um

barco aguardava para os levar até ao navio em que fariam a viagem, que fundeara a meio do rio. Mack leu o nome: era o *Rosebud*.

— É dos Jamisson? — perguntou Cora.

— Acho que é deles a maior parte dos navios de degredados.

Ao subir da margem lodosa para o barco, Mack deu-se conta de que era a última vez que pisava solo britânico por muitos anos, talvez para sempre. Tinha sentimentos contraditórios: receio e apreensão, à mistura com um certo entusiasmo irrefletido perante a perspectiva de uma nova terra e de uma nova vida.

Embarcar era difícil: tinham de subir a escada dois a dois com o peso dos grilhões. Peg e Cora desenvencilharam-se com relativa facilidade, jovens e ágeis como eram, mas Mack teve de carregar Barney. Uma parelha de homens caiu ao rio. Nem os guardas nem os marinheiros mexeram um dedo para os ajudar, e ter-se-iam afogado se outros prisioneiros não lhes tivessem estendido a mão para os puxar de novo para bordo.

O navio tinha uns doze metros de comprimento por uns cinco de largura. Peg comentou:

— Já limpei salas de visitas maiores, caramba!

No convés, havia uma capoeira com galinhas, um pequeno chiqueiro de porcos e uma cabra presa por uma corda. Do outro lado do navio, estavam a içar de um barco um magnífico cavalo branco com a ajuda da extremidade da verga, a servir de guindaste. Um gato escanzelado mostrou as garras a Mack. Este teve um vislumbre de cordas enroladas e velas ferradas, sentiu um cheiro a verniz e um balanço debaixo dos pés; depois empurraram-nos por uma escotilha e fizeram-nos descer uma escada.

Pareceu-lhe que havia três cobertas. Na primeira, quatro marinheiros comiam a refeição do meio do dia, sentados no chão de pernas cruzadas, entre sacas e arcas que provavelmente continham víveres para a viagem. Na terceira, mesmo ao fundo da escada, dois homens empilhavam barris, pregando calços entre eles para os imobilizar durante a travessia. Ao nível da coberta do meio, destinada, era óbvio, aos condenados, um marinheiro tirou Mack e

Barney da escada com modos rudes e empurrou-os pelo vão de uma porta.

Cheirava a alcatrão e a vinagre. Mack olhou em redor na obscuridade. O teto estava dois ou três dedos acima da sua cabeça: um homem alto teria de se inclinar. Por duas grades de escotilha abertas no teto, entrava um pouco de luz e de ar, não do exterior mas do primeiro convés, também fechado, mesmo por cima, e iluminado, por seu turno, somente por escotilhas. De cada lado do porão, corriam duas filas de estrados de madeira, de uns seis palmos de largura, uma pela cintura de uma pessoa e a outra uns dedos acima do chão.

Mack compreendeu com horror que aquelas estruturas se destinavam aos condenados. Iam passar a viagem inteira estendidos naquelas armações nuas. Foram avançando pela estreita coxia entre as duas filas de estrados. Os primeiros beliches já estavam ocupados, com prisioneiros que neles se tinham estendido, ainda acorrentados dois a dois. Mantinham-se em silêncio, aturdidos com o que lhes estava a acontecer. Um marinheiro mandou Peg e Cora deitarem-se ao lado de Mack e Barney, como facas numa gaveta. Ocuparam os seus lugares, e o marinheiro empurrou-os à bruta para se juntarem mais, de tal modo que ficaram encostados uns aos outros. Peg conseguia sentar-se direita mas não os adultos, por causa do teto baixo. O melhor que Mack conseguia era apoiar-se num cotovelo. No extremo da fila de estrados, Mack viu um amplo recipiente de barro, de uns dois palmos de altura, em forma de cone, com a base larga e plana, e com pouco mais de meio palmo de diâmetro no rebordo. Noutros pontos do porão, havia mais três recipientes idênticos. Eram o único mobiliário visível, e Mack percebeu que se tratava das latrinas.

— Quanto tempo levamos até à Virgínia? — perguntou Peg.

— Sete semanas — respondeu Mack. — Com sorte.

Lizzie viu levarem-lhe o baú para o grande camarote à popa do *Rosebud*. Ela e Jay ocupavam os aposentos do armador, um quarto

de dormir e uma sala de estar, e dispunham de mais espaço do que imaginara. Toda a gente falava nos horrores da viagem transatlântica, mas Lizzie estava decidida a aproveitá-la o melhor possível e a tentar tirar partido da nova experiência.

Aproveitar as coisas o melhor possível era agora a sua filosofia de vida. Não conseguia esquecer a traição de Jay — continuava a cerrar os punhos e a morder os lábios sempre que se lembrava da promessa oca que ele lhe fizera no dia do casamento — mas fazia os possíveis por não pensar nisso.

Semanas antes, aquela viagem tê-la-ia encantado. Ir para a América era a sua grande ambição: era uma das razões por que casara com Jay. Sonhara com uma vida nova nas colónias, uma existência ao ar livre mais descontraída, sem saíotes nem cartões de visita, onde uma mulher pudesse sujar as unhas e dizer o que pensava como um homem. Mas o sonho perdera parte do seu brilho quando ela soubera do acordo feito por Jay. Deviam dar à plantação o nome de «Vinte Campas», pensou taciturna.

Tentava fingir que Jay lhe era tão querido como antes, mas o seu corpo dizia a verdade. Quando ele à noite lhe tocava, não reagia como outrora. Beijava-o e acariciava-o, mas os dedos dele não lhe abrasavam a pele, e a língua dele já não parecia chegar tão fundo que lhe atingisse a alma. Antigamente, ver Jay bastava para a humedecer entre as pernas; agora untava-se às escondidas com creme antes de se deitar, para não lhe doer a penetração. Jay acabava sempre a gemer e arfar de prazer quando derramava dentro dela a sua semente, mas para Lizzie já não havia tal clímax. Acabava, isso sim, com um sentimento de frustração. Mais tarde, quando o ouvia rressonar, consolava-se com os dedos, e então o seu espírito enchia-se de estranhas imagens, de homens a lutar e prostitutas com os seios à mostra.

Mas a sua vida era dominada por pensamentos dedicados ao filho. A gravidez parecia retirar importância às decepções. Lizzie ia amar o bebé sem reservas. O filho tornar-se-ia a obra da sua vida. E cresceria, ele ou ela, como natural da Virgínia.

No momento em que tirava o chapéu, ouviu bater à porta do camarote. Um homem seco e nervoso, de casaco azul e tricórnio na cabeça, entrou e fez uma vénia.

— Silas Bone, primeiro-imediato, ao vosso serviço, Mrs. Jamisson, Mr. Jamisson — disse.

— Bom dia, Mr. Bone — respondeu Jay empertigado, assumindo a dignidade de filho do armador.

— Os cumprimentos do capitão para os dois — disse Bone. Já conheciam o capitão Parridge, um homem severo e distante, de Rochester, em Kent. — Largamos amarras ao virar a maré — prosseguiu Bone. Dedicou a Lizzie um sorriso paternalista. — Todavia, estaremos no estuário do Tamisa durante um dia ou dois, por isso Vossa Excelência ainda não precisa de recear mar bravo.

Jay perguntou:

— Os meus cavalos já embarcaram?

— Já, sim, *sir*.

— Vamos lá ver como estão instalados.

— Com certeza. Talvez Mrs. J. prefira ficar a arrumar as suas coisinhas.

Lizzie respondeu:

— Vou convosco. Quero ver as coisas por aí.

Bone aconselhou:

— Melhor será que fique no camarote o mais possível durante a viagem, Mrs. J. Os marinheiros são gente dura, e o tempo é pior ainda.

Lizzie empertigou-se retorquindo, cortante:

— Não tenho a menor intenção de passar as próximas sete semanas engaiolada neste quartinho. Faça favor, Mr. Bone.

— Pois com certeza, Mrs. J.

Saíram do camarote e percorreram o convés até uma escotilha aberta. O imediato desceu rapidamente por uma escada, ágil como um macaco. Jay desceu atrás dele e Lizzie seguiu-os. Desceram até à segunda coberta. Pela escotilha aberta infiltrava-se a luz do

dia, tenuemente reforçada por uma única candeia, pendurada num gancho.

Os cavalos favoritos de Jay, os dois cinzentos, e o presente de aniversário, *Blizzard*, ocupavam baias estreitas. Todos tinham uma linga passada por baixo do abdómen e presa a uma viga do teto, para não caírem caso se desequilibrassem com o balanço do navio. Tinham feno numa manjedoura ao pé das cabeças, e areia no chão para lhes proteger os cascos. Eram animais valiosos e seria difícil substituí-los na América. Estavam nervosos, e Jay ficou algum tempo a afagá-los, falando-lhes em tom tranquilizador.

Lizzie impacientou-se e foi andando até uma porta pesada, que estava aberta. Bone seguiu-a.

— Eu, se fosse à senhora, Mrs. J., não passeava por aí — advertiu o imediato. — Arrisca-se a ver coisas que a incomodem.

Lizzie ignorou-o e continuou a andar. Não era uma donzela sensível.

— Aí à proa é o porão dos condenados — informou Bone. — Não é lugar para uma dama.

Acabava de proferir as palavras mágicas que garantiam a insistência de Lizzie. Esta voltou-se e cravou nele o olhar.

— Mr. Bone, este barco é do meu sogro, e eu vou aonde me apetecer. Entendido?

— Pois com certeza, Mrs. J.

— E vai tratar-me por Mrs. Jamisson.

— Pois com certeza, Mrs. Jamisson.

Queria ver o porão dos condenados porque McAsh podia estar lá: era o primeiro navio com degredados a deixar Londres desde o julgamento dele. Avançou uns passos, baixou a cabeça para não bater numa viga, abriu uma porta e achou-se no porão principal.

O porão estava quente e havia um fedor opressivo a gente apinhada. Perscrutou a obscuridade. Ao princípio não viu ninguém, embora ouvisse o murmúrio de muitas vozes. Encontrava-se num espaço amplo ocupado pelo que pareciam grades para arrumar barris. Na grade mais próxima algo se moveu, com um tinir de

correntes, e Lizzie deu um pulo. Viu então, com horror, que o que se movera era um pé humano com uma argola de ferro. Na grade estava deitado alguém; duas pessoas, aliás, amarradas uma à outra por um tornozelo. Quando os seus olhos se habituaram à escuridão, distinguiu mais duas pessoas, deitadas lado a lado com as primeiras, depois mais duas, e percebeu que havia dúzias delas, amontoadas como arenques na cesta de um peixeiro.

Logo compreendeu, porém, como era absurda aquela esperança. Onde estariam tais beliches? Era aquele o porão principal, que ocupava a maior parte da coberta. Não havia outro lugar para onde aqueles desgraçados pudessem ir. Iam passar pelo menos sete semanas deitados naquelas trevas abafadas.

— Lizzie Jamisson! — chamou uma voz.

Sobressaltou-se. Reconheceu o sotaque escocês: era Mack. Sondou a penumbra, dizendo:

— Mack... Onde está?

— Aqui.

Deu mais uns passos pela estreita coxia entre os estrados. Um braço estendia-se na sua direção, fantasmagoricamente lívido no negrume. Apertou a mão calosa de Mack.

— Isto é horrível — disse. — O que posso fazer?

— Para já, nada — respondeu Mack.

Lizzie viu Cora estendida ao lado dele, com a rapariguinha ao lado. Pelo menos estavam os três juntos. Alguma coisa no olhar de Cora a fez largar a mão de Mack.

— Talvez possa arranjar maneira de que vos deem comida e água suficientes — disse.

— Seria muito bom, obrigado.

Não ocorreu a Lizzie mais nada que dizer. Ali ficou, em silêncio, uns momentos.

— Voltarei cá abaixo todos os dias, se puder — disse por fim.

— Obrigado.

Virou as costas e apressou-se a sair.

Voltou por onde viera, com um protesto indignado nos lábios, mas, ao ver tamanha mofa no olhar de Silas Bone, conteve as palavras. Os condenados estavam a bordo e o navio aprestava-se a partir, e nada que dissesse naquele momento iria alterar as coisas. Um protesto apenas daria razão ao aviso de Bone de que as mulheres não deviam descer à coberta.

— Os cavalos estão bem instalados — declarou Jay satisfeito. Lizzie não resistiu a retorquir:

— Melhor do que os homens!

— Ah, a propósito — disse Jay. — Bone, vai no porão um condenado que dá pelo nome de Sidney Lennox. Queira mandar tirar-lhe os ferros e instalá-lo num camarote, por favor.

— Pois com certeza, *sir*.

— Porque é que Lennox vem connosco? — perguntou Lizzie irritada.

— Foi condenado por receber bens roubados. Mas a nossa família beneficiou com os seus serviços e não pode abandoná-lo agora. No porão, podia morrer.

— Oh, Jay! — exclamou Lizzie desolada. — Ele é tão má pessoa!

— Pelo contrário, é muitíssimo útil.

Lizzie afastou-se. Alegrara-se por deixar Lennox para trás, em Inglaterra. Que azar também ele ter sido degredado! Jay nunca iria escapar à sua influência maligna?

Bone anunciou:

— A maré está de feição, Mr. Jamisson. O capitão estará impaciente por levantar âncora.

— Os meus cumprimentos ao capitão, e ele que prossiga.

Os três subiram a escada.

Instantes depois, Lizzie e Jay achavam-se à proa, enquanto o navio aproveitava a maré e começava a descer o rio. Fustigou as faces de Lizzie a brisa fresca do entardecer. Enquanto a cúpula de St. Paul se afundava no horizonte dos armazéns ribeirinhos, disse:

— Será que tornaremos a ver Londres?

PARTE TRÊS

VIRGÍNIA

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Estendido no porão do *Rosebud*, Mack tremia de febre. Sentia-se um bicho: imundo, quase nu, acorrentado e impotente. Mal conseguia levantar-se, mas o seu espírito conservava lucidez bastante. Jurou a si mesmo não permitir nunca mais que tornassem a agrilhoá-lo. Lutaria, tentaria fugir, faria talvez com que o matassem, mas não mais sofreria tal vileza.

Um grito ansioso vindo de cima penetrou no porão:

— Fundo a trinta e cinco braças, capitão! Areia e algas!

A tripulação deu vivas. Peg perguntou:

— Quanto é uma braça?

— Seis palmos de água — respondeu Mack com um alívio fatigado. — Quer dizer que há terra perto.

Pensara muitas vezes que não sobreviveria. Vinte e cinco prisioneiros tinham morrido na viagem. Mas não de fome: parecia que Lizzie, que não tornara a aparecer na coberta, cumprira ainda assim a promessa de garantir que lhes dessem comida e água suficientes. No entanto, a água não era fresca, e a dieta de carne salgada e pão era de uma monotonia muito pouco saudável, e todos os prisioneiros tinham contraído uma doença a que às vezes chamavam «tifo» e outras vezes «febre das prisões». Mad Barney fora o primeiro a morrer dessa doença: os velhos sucumbiam mais depressa.

A doença não fora a única causa de morte. Cinco pessoas tinham morrido durante uma tempestade medonha, com os prisioneiros atirados de um lado para outro dentro do porão, magoando-se fatalmente, a si mesmos e aos outros, com os seus grilhões de ferro.

Peg sempre fora magra, mas agora parecia feita de varas. Cora envelhecera. Mesmo na penumbra do porão, Mack via-lhe o cabelo a cair, o rosto macilento, e o corpo, antes voluptuoso, agora magro e escalavrado. Mack regozijava-se por ainda estarem os três vivos.

Algum tempo depois, ouviu novo brado:

— Dezoito braças e areia branca! — O anúncio seguinte foi de treze braças e fundo de conchas; e depois, enfim, o grito de «Terra à vista!».

Apesar da sua fraqueza, Mack teve vontade de subir ao convés. América, pensou. Atravessei o mundo até ao outro lado, e ainda estou vivo; quem me dera ver a América!

Nessa noite, o *Rosebud* fundeu em águas calmas. O marinheiro que levou aos prisioneiros a sua ração de porco salgado e água rançosa era um dos mais simpáticos da tripulação. Chamava-se Ezekiel Bell. Era um homem desfigurado — perdera uma orelha, era completamente careca e tinha bócio, um papo como um ovo de galinha no pescoço — a quem ironicamente chamavam Beau Bell¹⁴. Contou-lhes que estavam ao largo de Cape Henry, perto da cidade de Hampton, na Virgínia.

No dia seguinte, o navio continuou ancorado. Mack perguntava-se, irritado, o que estaria a adiar o desembarque. Alguém deve ter ido a terra buscar víveres, porque, nessa noite, emanava da cozinha do navio um aroma a carne fresca grelhada de fazer crescer água na boca. Foi uma tortura para os prisioneiros e deu a Mack dores de estômago.

— Mack, o que vai acontecer quando a gente chegar à Virgínia?
— perguntou Peg.

— Vamos ser vendidos e vamos ter de trabalhar para quem nos comprar — respondeu Mack.

— Vamos ser vendidos juntos?

Mack sabia que isso era pouco provável, mas não o disse.

— Pode ser que sim — respondeu. — Vamos esperar que assim seja.

Fez-se um silêncio enquanto Peg assimilava estas palavras. Quando tornou a falar, foi com uma voz assustada:

— Quem é que nos vai comprar?

— Lavradores, donos de plantações, donas de casa... Alguém que precise de trabalhadores e que os queira baratos.

— Pode ser que alguém nos queira aos três.

Quem ia querer um mineiro e duas ladras? Mack insinuou:

— Ou talvez nos comprem pessoas que vivam perto umas das outras.

— Que trabalho é que vamos fazer?

— O que nos disserem para fazer, acho eu: lavoura, limpezas, construção...

— É como se fôssemos escravos.

— Mas só durante sete anos.

— Sete anos! — repetiu Peg de ânimo quebrado. — Já vou ser adulta!

— E eu vou ter quase trinta anos — retorquiu Mack. Já lhe parecia a meia-idade.

— Vão bater-nos?

Mack sabia que a resposta era sim, mas mentiu:

— Se trabalharmos bem e calarmos a boca, não.

— Quem recebe o dinheiro quando nos comprarem?

— Sir George Jamisson. — A febre fatigara-o, e ele acrescentou impaciente: — Metade destas perguntas, já as tinhas feito.

Peg voltou-se de costas, sentida.

— Ela está com medo, Mack — disse Cora. — Por isso é que está sempre a perguntar o mesmo.

Também eu tenho medo, pensou Mack muito infeliz.

— Não quero chegar à Virgínia — disse Peg. — Quero que a viagem continue para sempre.

Cora riu com amargura.

— Gostas de viver assim?

— É como ter mãe e pai — disse Peg.

Cora abraçou-a e apertou-a contra si.

Levantaram ferro na manhã seguinte, e Mack sentiu o navio singrar com vento favorável pela popa. À noite, chegou-lhe a notícia de que estavam quase a entrar na embocadura do Rappahannock. Ventos contrários mantiveram-nos fundeados durante dois dias, desperdiçados, antes de poderem subir o rio.

A febre de Mack amainou e ele pôde subir ao convés para um dos períodos irregulares de exercício; e foi enquanto o navio orçava rio acima que ele viu a América pela primeira vez.

Espessos bosques e campos cultivados ladeavam as duas margens. De vez em quando, via-se um embarcadouro, uma extensão de margem roçada e um relvado que subia até uma mansão. Aqui e ali, junto dos embarcadouros, havia uns barris enormes, conhecidos como *hogsheads*¹⁵, usados para o transporte do tabaco: Mack vira descarregá-los no porto de Londres, e parecia-lhe agora incrível que tivessem sobrevivido à travessia do Atlântico, tão perigosa e violenta, e chegado à capital do reino. Notou que a maioria das pessoas que trabalhavam os campos era negra. Os cavalos e os cães eram idênticos a quaisquer outros, mas as aves que vinham pousar na amurada do navio eram desconhecidas. No rio, viam-se muitos navios, alguns de mercadorias, como o *Rosebud*, e muitos mais pequenos.

Esta breve imagem foi tudo o que pôde ver durante os quatro dias seguintes, mas guardou-a no espírito como uma lembrança carinhosa, deitado no porão: o sol, as pessoas no ar fresco das ruas, os bosques e os relvados e as mansões. A vontade que sentia de sair do *Rosebud* e caminhar ao ar livre era tão forte que doía.

Quando por fim largaram ferro, disseram-lhe que tinham chegado a Fredericksburg, o seu destino. A viagem demorara oito semanas.

Nessa noite, os prisioneiros receberam comida cozinhada: um caldo de porco fresco com milho e batatas, uma fatia de pão fresco e um quartilho de cerveja. A comida rica, de que já se desabituara, e a cerveja forte deixaram-no tonto e nauseado a noite inteira.

De manhã, levaram-nos para o convés em grupos de dez, e dali viram Fredericksburg.

Tinham ancorado num rio lamacento com ilhotas a meio. Bordejavam-no uma estreita praia de areia, uma faixa arborizada, e a seguir um declive curto e íngreme até à cidade propriamente dita, erigida sobre um promontório. Viveriam ali, talvez, umas duzentas pessoas: não era muito maior do que Heugh, a aldeia onde Mack

nascera, mas parecia um lugar alegre e próspero, com casas de madeira pintadas de branco e verde. Na outra margem, um pouco para montante, ficava outra cidade, que lhe disseram chamar-se Falmouth.

O rio abarrotava de barcos, com mais dois navios do porte do *Rosebud*, várias embarcações mais pequenas, de cabotagem, algumas chatas, e um barco de passageiros que ligava as duas cidades. Toda a frente ribeirinha fervilhava de trabalho, com homens a descarregar navios, a rolar barris e a entrar e a sair de armazéns carregados de caixotes.

Deram sabão aos prisioneiros e obrigaram-nos a tomar banho, e foi a bordo um barbeiro para fazer a barba aos homens e lhes cortar o cabelo. Àqueles cujas roupas estavam tão esfarrapadas que constituíam um atentado ao pudor, foram dadas outras roupas, mas a sua gratidão diminuiu quando nelas reconheceram as dos que tinham morrido durante a viagem. A Mack, calhou o casaco piolhoso de Mad Barney: dobrou-o sobre a amurada e bateu-o com um pau até já não cair nenhum piolho.

O capitão fez uma lista dos prisioneiros sobreviventes e perguntou a cada um qual fora o seu ofício na metrópole. Alguns tinham tido trabalhos esporádicos ou, como Cora e Peg, nunca tinham ganhado a vida de forma honesta: incitaram-nos a exagerar a experiência ou simplesmente a inventar. Peg ficou como aprendiz de costureira, Cora como empregada de balcão. Mack percebeu que era tarde para as fazer parecer produtivas aos olhos dos compradores.

Levaram-nos de novo para o porão e, à tarde, desceram dois homens para os inspecionar. Formavam um duo bem esquisito: um usava a casaca vermelha dos soldados britânicos sobre calções tecidos em casa, o outro um colete amarelo que já fora elegante e calças de pele de tapir toscamente cosidas. Apesar das roupas estranhas, pareciam bem alimentados e tinham o nariz vermelho de homens com dinheiro para pagar as bebidas que quisessem. Beau Bell sussurrou a Mack que eram «condutores de almas» e explicou

o que isso queria dizer: compravam grupos de escravos, condenados ou criados sem paga, e levavam-nos em rebanho para o interior do estado para os venderem a fazendeiros isolados e serranos. Mack não gostou do aspeto deles. Foram-se embora sem comprar ninguém. O dia seguinte era o Dia das Corridas, disse Bell: toda a fidalguia das redondezas vinha à cidade para assistir às corridas de cavalos. Ao fim do dia já a maioria dos condenados teria sido vendida. Os condutores de almas iriam então fazer uma oferta muito inferior pelos que tivessem restado. Mack desejou que Cora e Peg não acabassem nas mãos deles.

Nessa noite, tiveram outra vez uma boa refeição. Mack comeu-a devagar e dormiu profundamente. De manhã, todos tinham um pouco melhor aspeto: voltara-lhes o brilho aos olhos e conseguiam sorrir. Ao longo de toda a viagem, o jantar fora a única refeição diária, mas naquele dia tiveram direito a pequeno-almoço de papas de aveia e melaço e uma ração de rum com água.

Consequentemente, apesar do futuro incerto que os esperava, foi um grupo alegre que subiu a escada e saiu a coxear, ainda agrilhado, para o convés. No cais, o movimento era ainda mais intenso naquele dia, com vários botes a atracarem, inúmeras carroças a passarem na rua principal, e pequenos aglomerados de gente bem vestida a passarem o tempo, tendo obviamente tirado o dia de folga.

Subiu a bordo um homem barrigudo de chapéu de palha acompanhado de um negro alto e grisalho. Puseram-se ambos a examinar os condenados, escolhendo uns e rejeitando outros. Rapidamente Mack percebeu que escolhiam os homens mais novos e mais fortes, e, como não podia deixar de ser, achou-se entre os catorze ou quinze escolhidos. Entre eles não se achava uma única mulher ou criança.

Acabada a escolha, disse o capitão:

— Muito bem, vós todos, ide com este cavalheiro.

— Para onde vamos? — perguntou Mack. Não teve resposta.

Peg começou a chorar.

Mack abraçou-a. Sabia que aquilo ia acontecer, e deixava-o devastado. Todos os adultos em quem Peg confiara lhe tinham sido roubados: a mãe, morta pela doença, o pai, enforcado, e agora ele mesmo, vendido e levado para longe. Abraçou-a com força e ela agarrou-se a ele.

— Leva-me contigo! — choramingou.

Mack soltou-se dos seus braços.

— Tenta ficar com Cora, se puderes — aconselhou.

Cora beijou-o nos lábios com um fervor desesperado. A Mack, custava-lhe acreditar que poderia nunca mais a ver, nunca mais se deitar com ela nem sentir-lhe o corpo nem fazê-la arquejar de prazer. Pelo rosto de Cora corriam lágrimas quentes que lhe desaguavam na boca enquanto se beijavam.

— Vem à nossa procura, Mack, por amor de Deus — implorou.

— Farei o que puder...

— Promete! — insistiu Cora.

— Prometo. Hei de encontrar-vos.

O barrigudo disse:

— Anda lá, ó conquistador — e separou-os com um empurrão. Mack olhou para trás enquanto o homem o empurrava pela prancha de desembarque até ao molhe. Cora e Peg ficaram a vê-lo, abraçadas, chorando. Mack lembrou-se de quando se despedira de Esther. Não vou faltar a Cora e a Peg como faltei a Esther, jurou a si mesmo. E deixou de as ver.

Foi estranho pisar terra firme, depois de oito semanas com o balanço incessante do mar debaixo dos pés. Cambaleando, agrilhado, pela rua principal por calcetar, olhava à sua volta, via a América. O centro da cidade tinha uma igreja, um mercado, um pelourinho e um patíbulo. Dos dois lados da rua, erguiam-se, espaçadas, casas de tijolo e madeira. Galinhas e ovelhas procuravam comida na rua enlameada. Muitos edifícios já pareciam antigos, mas muitos outros tinham um ar novo, mal terminado.

A cidade abarrotava de gente, cavalos, carroças e carruagens, a maioria dos quais devia vir dos campos em redor. As mulheres

tinham chapéus e laços novos, e os homens botinas envernizadas e luvas limpas. Muitas roupas pareciam feitas em casa, embora de tecidos caros. Ouviu várias pessoas falar de corridas e de apostas. Dir-se-ia que os habitantes da Virgínia gostavam muito de jogar.

As gentes da cidade olhavam os condenados com vaga curiosidade, como veriam passar um cavalo a meio-galope, coisa já vista mas que continuava a interessar-lhes.

As casas começaram a rarear ao fim de meia milha. Vadearam o rio e meteram por num trilho agreste que se embrenhava nos bosques. Mack pôs-se ao lado do negro, um homem de meia-idade.

— Sou Malachi McAsh — disse. — Chamam-me Mack.

O homem continuou a olhar em frente, mas não falou com maus modos.

— Sou o Kobe — disse, pronunciando o nome como a rimar com Toby. — Kobe Tambala.

— O gordo do chapéu de palha agora é nosso dono?

— Não. Bill Sowerby é só o capataz. Disseram para ele e eu ir ao *Rosebud* escolher os melhores homens para a lavoura.

— Quem nos comprou?

— Não foi mesmo *comprar*.

— Então o que foi?

— Mr. Jay Jamisson quer ficar contigo para ele, para trabalhar na plantação dele, que é Mockjack Hall.

— Jamisson!

— Sim.

Mack pertencia uma vez mais à família Jamisson. A ideia enraivecía-o. O diabo que os carregue! Volto a fugir, jurou a si mesmo. Serei meu, de mais ninguém.

Kobe perguntou-lhe:

— Qual era o teu trabalho?

— Fui mineiro, numa mina de carvão.

— Carvão? Ouvi falar. Pedra que arde como madeira mas é mais quente?

— Sim. O problema é que é preciso ir ao fundo da terra para o achar. E tu?

— A minha família tinha lavoura em África. O meu pai tinha muita terra, mais que Mr. Jamisson.

Para Mack, foi uma surpresa: nunca pensara que os escravos pudessem vir de famílias ricas.

— O que produziam?

— Várias coisas: trigo, gado, mas tabaco não. Existe lá uma raiz que chamamos inhame. Nunca vi cá.

— Falas bem inglês.

— Já estou cá há quase quarenta anos. — Uma sombra amarga toldou-lhe o rosto. — Era rapaz quando me roubaram.

Mack continuava a pensar em Cora e em Peg.

— Vinham comigo duas pessoas: uma mulher e uma menina — disse. — Conseguirei saber quem as comprou?

Kobe soltou uma gargalhada amarga.

— Toda a gente quer encontrar alguém que foi vendido e separado. Toda a gente está sempre a perguntar. Quando os escravos se encontram, na estrada ou no bosque, só falam disso.

— A menina chama-se Peg — insistiu Mack. — Só tem treze anos. Não tem mãe nem pai.

— Quando te comprou, ninguém tem mãe nem pai.

Mack compreendeu que Kobe já desistira. Acostumara-se a ser escravo e aprendera a viver com isso. Vivia amargurado, mas perdera toda a esperança de ser livre. Juro que nunca hei de perder a esperança, pensou Mack.

Caminharam umas dez milhas. O avanço era lento, porque os prisioneiros iam com grilhões. Alguns continuavam acorrentados a alguém. Aqueles cujo par morrera na viagem tinham sido peados, com correntes a prenderem-lhes os tornozelos um ao outro, para conseguirem andar mas não correr. Ninguém conseguia andar depressa, e poderiam mesmo ter caído para o lado, se tentassem, tão fracos se achavam de terem permanecido deitados durante oito

semanas. Sowerby, o capataz, ia a cavalo, mas parecia não ter pressa e, pelo caminho, ia dando pequenos goles de um frasco.

Os campos lembravam mais a Inglaterra do que a Escócia e não eram tão estranhos como Mack imaginara. O trilho ladeava o rio pedregoso, que coleava por uma floresta frondosa. Mack desejou poder deitar-se um bocado à sombra daquelas árvores altas.

Perguntava-se quando veria a admirável Lizzie. Amargava-lhe ser de novo propriedade de um Jamisson, mas a presença dela dar-lhe-ia algum consolo. Ao contrário do sogro, Lizzie não era cruel, se bem que pudesse ser impulsiva. Os seus modos pouco convencionais e a sua personalidade cheia de vida encantavam-no. E tinha um sentido de justiça que já lhe salvara a vida e poderia tornar a salvar.

Era meio-dia quando chegaram à plantação dos Jamisson. Um carreiro atravessava um pomar onde pastava gado e desembocava num recinto lamacento com uma boa dúzia de barracas. Duas negras idosas cozinhavam em fogueiras, e quatro ou cinco crianças negras brincavam na lama. As barracas eram de construção tosca, feitas de tábuas grosseiramente cortadas, e as janelas tinham persianas mas não tinham vidro.

Sowerby trocou umas palavras com Kobe e desapareceu.

Kobe disse aos condenados:

— Ficais a viver aqui.

Perguntou alguém:

— Temos de viver com os pretos?

Mack riu-se. Depois de oito semanas no buraco infeto do *Rosebud*, era um milagre poderem queixar-se das instalações.

Kobe respondeu:

— Os brancos e os pretos vivem em barracas separadas. Não é da lei, mas parece que funciona sempre bem. Cada barraca é para seis pessoas. Antes de descansar, temos de fazer mais uma coisa. Vinde.

Seguiram por um carreiro que serpenteava entre campos de trigo ainda verde, de milho alto semeado em pequenos outeiros, e de

tabaco, com as suas plantas aromáticas. Em todos os campos havia homens e mulheres a trabalhar, a mondar entre fiadas ou a tirar parasitas das folhas de tabaco.

Desembocaram num amplo relvado e subiram até uma extensa casa de ripas, em mau estado, com a tinta parda a descascar e as persianas fechadas: Mockjack Hall, provavelmente. Contornando-a, chegaram a uns anexos das traseiras. Um deles era uma forja. Trabalhava ali um negro a quem Kobe chamou Cass. Este começou a partir os grilhões dos condenados.

Mack viu-os serem libertados das correntes um por um. Teve um sentimento de libertação, mesmo sabendo que era ilusório. Tinham-lhe posto aqueles grilhões na prisão de Newgate, do outro lado do mundo. Odiara-os cada instante das oito semanas aviltantes em que os tivera nos tornozelos.

Do ponto alto onde a casa se situava, via a cintilação do Rappahannock, a uma meia milha dali, nos seus meandros entre os bosques. Quando me tirarem os ferros, podia fugir, correr para o rio, pensou, mergulhar e nadar para o outro lado e procurar a liberdade.

Teria de se conter. Continuava tão fraco que provavelmente nem conseguiria correr meia milha. Além disso, prometera ir à procura de Peg e Cora, e teria de as encontrar antes de fugir, porque talvez já não pudesse fazê-lo depois. E teria de planejar a fuga cuidadosamente. Nada conhecia da geografia daquela terra. Precisava de saber para onde ir e como lá chegar.

Mesmo assim, quando finalmente sentiu caírem-lhe os grilhões dos tornozelos, teve de fazer um grande esforço para não fugir.

Ainda refreava esse impulso quando Kobe começou a falar:

— Agora que não estais acorrentados, alguns já pensam aonde conseguem chegar antes do pôr do sol. Antes de fugir, é preciso saber uma coisa importante, por isso atenção.

Fez uma pausa para maior impacto e prosseguiu:

— Quem foge, normalmente eles apanham e castigam. Primeiro é o chicote, mas isso é fácil. Depois têm de usar coleira de ferro, e

alguns têm vergonha. Mas o pior é que o tempo que têm de servir aumenta. Se fogem uma semana, têm de servir mais duas semanas. Temos cá pessoas que fogem tantas vezes que só vão ser livres quando têm cem anos. — Olhou em redor e olhou para Mack. — Se alguém quer arriscar — concluiu —, só posso dizer boa sorte.

De manhã, as negras idosas fizeram umas papas de milho cozido chamadas *hominy* para o pequeno-almoço. Condenados e escravos comeram-nas com os dedos numas tigelas de madeira.

Eram ao todo uns quarenta trabalhadores. Sem contar com os prisioneiros recém-chegados, a maioria eram escravos negros. Havia quatro criados sem paga, gente que vendera quatro anos de trabalho não remunerado em troca da passagem para a América. Mantinham-se à parte dos restantes e era óbvio que se consideravam superiores. Assalariados eram apenas três, dois negros livres e uma mulher branca, todos com mais de cinquenta anos. Alguns negros falavam bem inglês, mas muitos falavam as suas línguas africanas e comunicavam com os brancos numa espécie de crioulo infantil. Ao princípio, Mack teve a tendência de os tratar como crianças, mas depois impôs-se-lhe a noção de que eram superiores a ele na medida em falavam uma língua e meia, ao passo que ele só falava uma.

Fizeram-nos caminhar uma ou duas milhas pelo meio de campos vastos até onde o tabaco estava pronto para a safra. Os pés de tabaco cresciam em filas cuidadosamente traçadas, a uns quatro palmos umas das outras e com um quarto de milha de comprimento. As plantas eram mais ou menos da altura de Mack, cada uma com cerca de uma dúzia de largas folhas verdes.

Bill Sowerby e Kobe deram as ordens aos trabalhadores. Dividiram-nos em três grupos. Aos primeiros, entregaram facas afiadas e mandaram-nos cortar as plantas crescidas. O grupo seguinte foi para um campo que tinha sido cortado na véspera. As plantas jaziam no chão, com as enormes folhas murchas ao fim de um dia a

secar ao sol. Aos recém-chegados, foi explicado como dividir os talos das plantas caídas e espetá-los em varas compridas de madeira. Mack ficou no terceiro grupo, cuja tarefa era levar as varas carregadas, através dos campos, até ao celeiro de cura, onde as penduravam no teto alto para as secarem ao ar.

Era um dia de verão, longo e quente. Os homens do *Rosebud* não conseguiam trabalhar tanto como os outros. Mack viu-se constantemente ultrapassado por mulheres e crianças. Enfraqueceram-no a doença, a alimentação pobre e a inatividade. Bill Sowerby andava com um chicote, mas Mack não o viu usá-lo.

Ao meio-dia, deram-lhes uma refeição de um pão grosseiro de milho a que os escravos chamavam *pone*. Enquanto comiam, Mack ficou consternado, mas não completamente surpreendido, ao ver o vulto conhecido de Sidney Lennox, vestido com roupas novas, dar a volta à plantação guiado por Sowerby. Jay achara, sem dúvida, que Lennox lhe fora útil e que podia voltar a sê-lo.

Ao pôr do sol, exaustos, abandonaram os campos; porém, em vez de voltarem para as barracas, levaram-nos para o celeiro de cura, agora iluminado por dúzias de candeias. Depois de uma refeição rápida, continuaram a trabalhar, desfolhando as plantas já curadas, tirando a grossa nervura central de cada folha e prensando as folhas para formar fardos. À medida que a noite avançava, algumas crianças e trabalhadores mais velhos adormeciam a meio da tarefa, e era então que atuava um complexo sistema de alerta, pelo qual os mais fortes encobriam os mais fracos e os acordavam quando Sowerby se aproximava.

Devia passar da meia-noite, calculou Mack, quando enfim apagaram as candeias e autorizaram os trabalhadores a recolher às suas barracas e a deitarem-se nas suas tarimbais de pau. Mack adormeceu instantaneamente.

Pareceu-lhe que apenas tinham passado uns segundos quando foram acordá-lo, com um abanão, para voltar para o trabalho. Pôs-se de pé penosamente e saiu, cambaleante. Comeu a sua tigela de

hominny encostado à barraca. Mal enchera a boca com a última mão-cheia de papas, levaram-nos de novo para os campos.

Ao chegarem, sob a luz do amanhecer, avistou Lizzie.

Não a via desde o dia do embarque no *Rosebud*. Atravessava o campo num cavalo branco a passo. Envergava um vestido largo de linho e um chapéu grande. Estava quase a nascer o sol, e a luz era límpida e aquática. Parecia bem: repousada, confortável, a senhora do domínio a cavalo pelas suas terras. Mack notou que ela engordara um pouco, enquanto ele emagrecera, com a fome. Mas não conseguia querer-lhe mal, porque Lizzie defendia o que era correto e por isso lhe salvara a vida em mais do que uma ocasião.

Lembrou-se de quando a abraçara, numa travessa de Tyburn Street, depois de a salvar de dois rufiões. Apertara contra o seu aquele corpo macio, e sentira o seu cheiro a sabão e a suor de mulher; e, numa loucura repentina, pensara que Lizzie, e não Cora, poderia ser a mulher certa para si. Depois recuperara a lucidez.

Observando-lhe melhor o corpo arredondado, compreendeu que ela não estava a engordar: estava grávida. Ia ter um filho, que viria a tornar-se mais um Jamisson, cruel, ganancioso e desapiedado, pensou Mack. A plantação viria a ser sua, e ele haveria de comprar seres humanos e de os tratar como gado, e de ser rico.

Lizzie captou-lhe o olhar. Mack sentiu-se mal por ter pensado coisas tão duras do filho que ela ainda não tivera. Ela olhou-o, sem perceber quem ele era; depois pareceu reconhecê-lo, com um sobressalto. Talvez a chocasse vê-lo tão mudado pela viagem.

Mack sustentou-lhe o olhar por muito tempo, esperando que ela fosse ter com ele; mas Lizzie desviou o olhar sem uma palavra e, esporeando o cavalo, pô-lo a trote — e passado um instante desaparecera nos bosques.

¹⁴ O Belo Bell. (NT)

¹⁵ Cabeças de porco. (NT)

CAPÍTULO VINTE E SETE

Uma semana depois de chegar a Mockjack Hall, Jay estava a ver duas escravas desembalarem copos e outras peças de vidro que tiravam de uma arca. Belle era uma escrava pesada e de meia-idade, com seios como balões e vastíssimo traseiro; mas Mildred teria dezoito anos, com uma pele perfeita cor de tabaco e olhos lânguidos. Quando ela se esticava para chegar às prateleiras de cima do armário, Jay via moverem-se-lhe os seios sob a camisa parda de feitura caseira. O olhar do patrão deixava as duas mulheres pouco à vontade, e era com mãos pouco firmes que desembrolhavam as peças de delicado cristal. Se partissem alguma coisa, teriam de ser castigadas. Jay perguntava-se se deveria bater-lhes.

Este pensamento deixou-o irrequieto. Levantou-se e saiu. Mockjack Hall era uma casa grande, de extensa fachada, com um pórtico suportado por pilares, sobre um relvado que descia até ao lamacento Rappahannock. Em Inglaterra, qualquer casa daquele tamanho seria feita de pedra ou tijolo, mas aquela era de madeira. Fora pintada de branco com persianas verdes, muitos anos antes, mas agora tinha a tinta a descascar e as cores tinham desmaiado até ganharem um tom pardo uniforme. Nas traseiras e dos dois lados erguiam-se muitos anexos, que incluíam a cozinha, a casa das lavagens e as cavalariças. A casa principal tinha salas de receção amplas — sala de visitas, sala de jantar e até um salão de baile — e quartos espaçosos no primeiro andar, mas todo o interior precisava de uma remodelação. Tinha muita mobília importada e que já perdera a elegância, tapeçarias de seda desbotada nas paredes e carpetes puídas. O ar de opulência perdida era como um cheiro a despejos.

Ainda assim, Jay sentia-se satisfeito ao contemplar, do pórtico, a sua propriedade. Eram mil acres de campos cultivados, colinas arborizadas, regatos cintilantes e vastas lagoas, com quarenta

trabalhadores e três criados de casa; e tanto a terra como as pessoas pertenciam-lhe a ele. Não era à família, não era ao pai, era a ele. Finalmente, era um cavalheiro de pleno direito.

E aquilo era só o princípio. Tencionava destacar-se na sociedade da Virgínia. Não sabia ao certo como funcionava o governo colonial, mas tinha a noção de que tinham chefes locais chamados *vestrymen*, ou membros do conselho paroquial, e de que a assembleia de Williamsburg era composta por *burgesses*, ou representantes de círculos eleitorais, o equivalente aos membros do parlamento. Dado o seu estatuto, julgava poder passar por cima da cena local e candidatar-se na primeira oportunidade às eleições para a Câmara dos Representantes. Queria que todos soubessem que Jay Jamisson era um homem importante.

Lizzie cruzou o relvado montando *Blizzard*, que sobrevivera incólume à viagem. Montava-o bem, pensou Jay, quase como um homem — e foi então que se deu conta, irritado, de que o estava a montar à homem. Era muitíssimo ordinário uma mulher andar assim para cima e para baixo de pernas abertas. Quando ela fez estacar o cavalo, censurou-a:

— Não deves montar assim.

Lizzie pousou uma mão na barriga já arredondada.

— Vou sempre muito devagar, só a passo ou a trote.

— Não estava a falar do bebé. Espero que ninguém te tenha visto montar à homem.

No rosto de Lizzie transpareceu a desilusão, mas a sua resposta, como sempre, foi de desafio:

— Aqui não tenciono montar à amazona.

— Aqui? — repetiu Jay. — Que importa onde estás?

— Aqui não há quem possa ver-me.

— Posso eu. E os criados. E podemos ter visitas. Não ias andar toda nua «aqui», pois não?

— Monto à amazona para ir à igreja e quando estivermos acompanhados, mas sozinha não.

Quando Lizzie estava com aquela disposição, não era possível discutir com ela.

— De qualquer modo, não tarda vais ter de deixar de montar por completo, por causa do bebé — disse Jay num tom amuado.

— Mas ainda não é agora — respondeu ela com vivacidade. Estava grávida de cinco meses: tencionava deixar de montar aos seis. Mudou de assunto:

— Andei a ver a propriedade. A terra está em melhores condições do que a casa. Sowerby é um bêbado, mas tem sabido cuidar da plantação. Penso que nos podemos dar por felizes, tendo em conta que ele não recebe um salário há quase um ano.

— Poderá ter de esperar um pouco mais: o dinheiro é curto.

— O teu pai disse que tínhamos cinquenta trabalhadores, mas na verdade são só vinte e cinco. Ainda bem que temos os quinze condenados do *Rosebud*. — Franziu o sobrolho. — McAsh é um deles?

— É.

— Pareceu-me vê-lo nos campos.

— Eu disse a Sowerby que escolhesse os mais jovens e mais fortes. — Jay não percebera que McAsh ia no navio. Se tivesse pensado um pouco, poderia tê-lo calculado e ter dito a Sowerby para ter o cuidado de não escolher aquele desordeiro. Contudo, agora que ele ali estava, Jay sentia relutância em mandá-lo embora: não queria mostrar-se intimidado por um mero prisioneiro.

— Presumo que não tenhamos pago pelos novos trabalhadores — disse Lizzie.

— Claro que não. Porque haveria de pagar por uma coisa que pertence à minha família?

— O teu pai pode descobrir.

— E vai descobrir. O capitão Parridge pediu-me um recibo por quinze condenados, e eu, naturalmente, fiz-lhe a vontade. Ele há de o entregar ao meu pai.

— E nessa altura?

Jay encolheu os ombros.

— Provavelmente o meu pai há de mandar-me uma nota de cobrança, que eu pagarei... quando puder. — Jay mostrava-se bastante satisfeito com aquele pequeno estratagema de negócios. Recebera quinze homens robustos para trabalhar para ele durante sete anos, e não lhe custara um cêntimo.

— Como irá reagir o teu pai?

Jay sorriu.

— Vai ficar furioso, mas, a esta distância, o que pode fazer?

— Não deve haver problema — disse Lizzie pouco convicta.

Jay não gostava de que ela questionasse as suas decisões.

— Destas coisas, é melhor serem os homens a cuidar.

O reparo irritou-a, como sempre. Passou ao ataque.

— Não gosto nada de ver Lennox por cá. Não compreendo a tua afeição por esse homem.

Jay tinha sentimentos contraditórios a respeito de Lennox. O homem poderia vir a ser-lhe tão útil ali como fora em Londres — mas era uma presença incómoda. No entanto, desde que fora resgatado do porão do *Rosebud*, partira do princípio de que iria viver na plantação dos Jamisson, e Jay nunca arranjava coragem para discutir o assunto.

— Pensei que era útil ter um branco às minhas ordens — disse num tom despreocupado.

— Mas o que irá ele fazer?

— Sowerby precisa de um ajudante.

— Lennox não sabe nada de tabaco, a não ser fumá-lo.

— Pode aprender. Além do mais, trata-se sobretudo de pôr os pretos a trabalhar.

— Para isso, há de ter jeito — respondeu Lizzie num tom cáustico.

Jay não queria falar sobre Lennox.

— É possível que venha a entrar para a vida pública por cá — disse. — Gostava de ser eleito para a Câmara dos Representantes. Com que rapidez o conseguirei preparar?

— Será bom que vás conhecer os nossos vizinhos e falar com eles sobre o assunto.

Jay concordou com um aceno.

— Daqui a um mês, ou coisa assim, quando a casa estiver pronta, damos uma grande festa e convidamos toda a gente de Fredericksburg e arredores que tenha alguma importância. Terei então a oportunidade de tirar as medidas à fidalguia da terra.

— Uma festa? — duvidou Lizzie. — Temos dinheiro para isso?

Lá estava ela uma vez mais a questionar as suas decisões.

— Deixa as finanças comigo — atalhou. — Tenho a certeza de que podemos abastecer-nos fiado. Há pelo menos dez anos que a minha família negocia nestas paragens: o meu nome há de ter grande reputação.

Mas Lizzie continuou a fazer perguntas.

— Não seria melhor concentrares-te em governar a plantação, pelo menos durante um ano ou dois? Nessa altura, podias ter a certeza de uma base sólida para a tua carreira pública.

— Não sejas parva — disse ele. — Não vim para cá para ser lavrador.

O salão de baile era pequeno, mas tinha uma boa área de dança e uma pequena balaustrada para os músicos. Estavam a dançar vinte ou trinta pares, com os seus garridos trajes de cetim, os homens de peruca e as mulheres de chapéu rendado. Dois rabequistas, um tocador de tambor e um trompista tocavam um minuete. Dúzias de velas iluminavam a pintura recente e os ornamentos florais. Nas outras salas da casa, os convidados jogavam às cartas, fumavam, bebiam e namoriscavam.

Jay e Lizzie passaram do salão de baile à sala de jantar, sorrindo e cumprimentando os seus convidados. Jay vestia um fato novo de seda verde-maçã que comprara em Londres antes de embarcarem; Lizzie vestia de roxo, a sua cor favorita. Jay pensara que as suas roupas poderiam ofuscar as dos convidados, mas descobriu, para

seu espanto, que os locais vestiam com tanta elegância como os londrinos.

Bebera bastante vinho e estava bem-disposto. Já tinham servido o jantar, mas havia agora mais alguma coisa na mesa para comer e beber: vinho, geleia, bolo de queijo, *syllabub* — um creme de leite, vinho e canela — e fruta. A festa custara uma pequena fortuna, mas estava a ser um sucesso: toda a gente que era alguém comparecera.

A única nota dissonante fora tocada por Sowerby, o capataz, que escolhera o dia para reclamar a paga em atraso. Quando Jay respondeu que só lhe poderia pagar depois de vender a primeira colheita de tabaco, Sowerby perguntara com insolência como conseguira pagar uma festa para cinquenta convidados. A verdade era que não a pagara — fora tudo fiado — mas o orgulho não o deixava confessá-lo ao seu capataz. Por isso, dissera-lhe para ter cuidado com a língua. Sowerby ficara desiludido e preocupado, e Jay pensara que ele poderia estar com algum problema de dinheiro. Todavia, nada perguntara.

Na sala de jantar, os vizinhos que viviam mais perto dos Jamisson estavam de pé junto da lareira a comer bolo. Eram três casais: o coronel Thumson e a mulher, Bill e Suzy Delahaye, e os irmãos Armstead, dois celibatários. Os Thumson eram de muito elevada condição: o coronel era um *burgess*, membro da assembleia geral, grave e compenetrado da sua importância. Distinguiu-se no exército britânico e na milícia da Virgínia, e em seguida retirara-se para plantar tabaco e contribuir para o governo da colónia. Jay achava que podia tomá-lo por modelo.

Estavam a falar de política, e Thumson explicava:

— O governador da Virgínia morreu em março, e aguardamos que seja substituído.

Jay assumiu o ar de quem está por dentro da corte londrina.

— O rei nomeou Norbone Berkeley, o barão de Botetourt.

John Armstead, que estava bêbado, riu-se alarvemente:

— Que nome!

Jay dirigiu-lhe um olhar gelado.

— Creio que o barão tencionava vir de Londres pouco depois de mim.

Thumson continuou:

— O presidente da assembleia está desempenhar interinamente as funções.

Jay exultava por poder mostrar-se muito conhecedor dos assuntos locais:

— Suponho que tenha sido por isso que os representantes fizeram o disparate de apoiar a Carta de Massachusetts.

A carta em questão era um protesto contra as taxas alfandegárias. Fora enviada ao rei Jorge pelo governo do Massachusetts. Em seguida, o governo da Virgínia aprovara uma resolução de apoio à carta. Jay e a maioria dos conservadores de Londres consideravam desleais tanto a carta como a resolução da Virgínia.

Thumson parecia discordar. Contrapôs empertigado:

— Não me parece que tenha sido disparate.

— Mas foi o que pareceu a Sua Majestade — volveu Jay. Não explicou como sabia o que parecia a Sua Majestade, antes deixando os circunstantes imaginarem que lho dissera o rei em pessoa.

— Pois lamento ouvir isso — disse Thumson, num tom de quem não lamentava coisa nenhuma.

Jay temia estar a pisar terreno perigoso, mas queria impressionar aquela gente com a sua clarividência, pelo que prosseguiu:

— Estou absolutamente seguro de que o novo governador há de exigir que se revogue a resolução. — Decorara aquilo antes de sair de Londres.

Bill Delahaye, mais novo que Thumson, disse acaloradamente:

— Os representantes hão de negar-se. — Suzy, a sua linda mulher, pousou-lhe uma mão no braço a refreá-lo, mas Bill era convicto e acrescentou: — O dever dos representantes é dizer a verdade ao rei, e não palavras ocas para agradar aos conservadores que vivem a bajulá-lo.

— Claro que nem todos os conservadores vivem a bajulá-lo — ripostou Thumson com diplomacia.

Jay continuou:

— Se os representantes se negarem a revogar a resolução, o governador terá de dissolver a assembleia.

Roderick Armstead, mais sóbrio do que o irmão, declarou:

— É curioso como isso hoje em dia tem pouca importância.

Jay estava confuso:

— Porquê?

— Os parlamentos coloniais estão constantemente a ser dissolvidos por qualquer motivo. Depois reconstituem-se, informalmente, nalguma taberna ou em casa de alguém, e continuam a trabalhar.

— Mas nessas circunstâncias não têm legitimidade legal! — protestou Jay.

O coronel Thumson respondeu-lhe.

— Mas têm o assentimento do povo que governam, e isso parece bastar.

Não era a primeira vez que Jay ouvia coisas daquelas, da boca de homens que liam demasiada filosofia. A ideia de que os governantes recebiam a sua autoridade do assentimento do povo era um absurdo perigoso. Implicava que os reis não tinham o direito de governar. Era o género de coisas que John Wilkes andava a dizer na metrópole. Jay começava a irritar-se com Thumson.

— Em Londres, um homem pode ser preso por falar assim, coronel — lembrou.

— Pois — retorquiu Thumson enigmaticamente.

Lizzie interveio então:

— Já provou o *syllabub*, Mrs. Thumson?

A mulher do coronel respondeu com um entusiasmo exagerado:

— Sim, está muito bom, uma delícia.

— Ainda bem. O *syllabub* facilmente sai mal.

Jay sabia que Lizzie não queria saber do *syllabub* para nada: queria apenas desviar a conversa da política. Ele, porém, não

terminara:

— Devo dizer que me surpreendem algumas das suas posições, coronel — observou.

— Ah, está ali o doutor Finch. Preciso de falar com ele — alegou Thomson, e retirou-se discretamente, com a mulher, para junto de outro grupo.

Bill Delahaye afirmou:

— O senhor acabou de chegar, Jamisson. Depois de viver por cá algum tempo, pode acontecer que a sua perspetiva das coisas se altere.

O tom de Delahaye não era hostil, mas o que estava a dizer era que Jay ainda não sabia o suficiente para ter uma opinião própria. Jay ofendeu-se.

— Acredito, caro senhor, que a minha lealdade para com o meu soberano não será abalada, onde quer que eu escolha viver.

O rosto de Delahaye ensombrou-se.

— Decerto que não — respondeu, e também ele se afastou, levando a mulher consigo.

Roderick Armstead declarou:

— Tenho de provar este *syllabub* — e dirigiu-se para a mesa, deixando Jay e Lizzie com o seu irmão embriagado.

— Política e religião — referiu John Armstead. — Nunca fale de política nem de religião numa festa. — E, dizendo isto, inclinou-se para trás, fechou os olhos, e caiu ao comprido no chão.

Jay desceu para tomar o pequeno-almoço ao meio-dia. Doía-lhe a cabeça.

Ainda não vira Lizzie: dormiam em quartos contíguos, luxo que em Londres não podiam pagar. Foi dar com ela a comer presunto assado enquanto as escravas limpavam a casa na sequência da festa.

Recebera uma carta. Sentou-se e abriu-a, mas, antes de a poder ler, Lizzie fulminou-o com o olhar e perguntou:

— Por que diabo foste começar aquela discussão ontem à noite?

— Qual discussão?
— Com Thumson e Delahaye, qual havia de ser?
— Não foi uma discussão, foi um debate de ideias.
— Ofendeste os nossos vizinhos mais próximos.
— Então ofendem-se com pouco.
— Praticamente chamaste traidor ao coronel Thumson!
— A mim, parece-me que ele deve ser um traidor.
— É dono de terras, membro da Câmara dos Representantes, e um oficial na reforma. Por amor de Deus, como queres que seja um traidor?

— Ouviste-o falar.
— Mas isso por cá, obviamente, é coisa normal.
— Pois nunca será normal na minha casa.

Sarah, a cozinheira, entrou nesse momento, interrompendo a discussão. Jay pediu chá com torradas.

Lizzie teve a última palavra, como sempre:

— Depois de gastares o nosso dinheiro todo para conhecer os vizinhos, conseguiste fazer com que não gostassem de ti. — E continuou a comer.

Jay olhou para a carta. Era de um advogado de Williamsburg.

Duke of Gloucester Street
Williamsburg
29 de agosto de 1768

Escrevo-lhe, caro Mr. Jamisson, a pedido de seu pai, Sir George Jamisson. Dou-lhe as boas-vindas à Virgínia, na esperança de que em breve tenhamos o prazer de o ver aqui, na capital da colónia.

Jay estava admirado. Era uma atenção muito pouco característica do pai. Iria começar a ser simpático agora que Jay estava a meio mundo de distância?

Até lá, diga-me, por favor, se eu puder ser-lhe útil de algum modo. Sei que assumiu o encargo de uma plantação em dificuldades e que poderá querer auxílio financeiro. Permita que lhe ofereça os meus préstimos no caso de pedir uma hipoteca. Estou certo de que será fácil encontrar um credor.

Subscrevo-me, seu muito humilde e obediente criado,
Matthew Murchman

Jay sorriu. Era justamente aquilo de que precisava. A reparação e a remodelação da casa, em conjunto com a festa de arromba, tinham-no endividado até ao pescoço junto dos comerciantes locais; e Sowerby não parava de pedir provisões: semente, roupa para os escravos, corda, tinta, a lista não tinha fim.

— Pois bem, já não precisas de te preocupar com o dinheiro — disse ele a Lizzie, pousando a carta. Ela olhou-o cética. — Vou a Williamsburg — anunciou.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Enquanto Jay estava em Williamsburg, Lizzie recebeu uma carta da mãe. A primeira coisa em que reparou foi a morada do remetente: Presbitério da igreja de St. John, Aberdeen.

O que faria a mãe num presbitério de Aberdeen?

15 de agosto de 1768

Tenho tanto para te contar, filha querida! Mas hei de escrever passo a passo como tudo aconteceu.

Pouco depois de eu voltar para High Glen, o teu cunhado, Robert Jamisson, assumiu o governo da nossa propriedade. Sir George é quem paga agora os juros das nossas hipotecas, pelo que não me encontro em posição de falar. Robert pediu que deixasse a casa grande e fosse ocupar o velho pavilhão de caça, por uma questão de poupança. Confesso que não fiquei particularmente satisfeita com o arranjo, mas ele insistiu, e sempre te direi que não foi tão amável nem tão afetuoso como deve ser alguém da mesma família.

Apoderou-se de Lizzie uma onda de raiva impotente. Como se atrevera Robert a expulsar a mãe dela da sua própria casa? Recordou as palavras dele depois de ela o rejeitar e de o trocar por Jay: «mesmo não podendo tê-la a si, High Glen será meu». Parecera-lhe aquilo impossível na altura, mas agora concretizara-se.

Rangendo os dentes, continuou a leitura.

Depois, o reverendo Mr. York anunciou que ia deixar-nos. Havia quinze anos que era pastor em Heugh e era o amigo de mais longa data que eu tinha. Compreendi que, após a morte trágica e precoce da mulher, Mr. York sentisse a necessidade de partir para viver noutro lugar. Mas podes imaginar como fiquei perturbada ao saber que ele partia justamente quando eu mais precisava de amigos.

Foi então que se deu a coisa mais espantosa. Coro, minha querida, ao contar-te que ele me pediu em casamento! E eu aceitei!

— Meu Deus! — exclamou Lizzie em voz alta.

Saberás, pois, que nos casámos, e que me mudei para Aberdeen, de onde te escrevo.

Muitos dirão que casei abaixo da minha condição, viúva como era de Lorde Hallim; eu, porém, bem sei como os títulos são vãos, e a John nada importa o que pensem as gentes da sociedade. Vivemos em paz, sou agora Mrs. York, e acho-me mais feliz do que nunca.

A carta dizia mais — falava dos três enteados, da criadagem, do primeiro sermão de Mr. York, e das senhoras da paróquia — mas o choque era demasiado violento para a deixar perceber o que lia.

Nunca imaginara que a mãe pudesse casar outra vez. Não havia razão para não o fazer, naturalmente: a mãe ainda tinha quarenta anos. Poderia mesmo ter mais filhos, não era impossível.

O que a chocava era a sensação de se ver sem âncora. High Glen sempre fora a sua casa. Se bem que agora a sua vida estivesse ali, na Virgínia, com o marido e o filho, continuara a pensar em High Glen como um sítio para onde poderia sempre voltar se precisasse mesmo de um refúgio. Mas High Glen estava agora nas mãos de Robert.

Lizzie sempre fora o centro da vida da mãe. Nunca lhe ocorrera que isso pudesse mudar. Mas agora a mãe era mulher de um sacerdote e morava em Aberdeen, com três enteados de quem gostar e cuidar, e poderia mesmo vir a esperar um filho.

Significava isto que Lizzie não tinha outra casa além daquela plantação, nem outra família além de Jay.

Pois bem, estava decidida a construir ali uma vida boa.

Tinha privilégios que fariam a inveja de muitas mulheres: uma casa grande, uma propriedade de mil acres, um marido bem-parecido, e escravos para cumprirem a sua vontade. As escravas de casa tinham-se afeiçoado a ela. Sarah era a cozinheira, Belle, a gorda, fazia a maior parte das limpezas, e Mildred era sua criada pessoal, além de por vezes servir à mesa. Belle tinha um filho de doze anos, Jimmy, que era o moço de estrebaria: o pai dele, havia anos que fora vendido a outros senhores. Lizzie praticamente ainda não conhecia os trabalhadores agrícolas, com exceção de Mack, mas gostava de Kobe, o encarregado, e de Cass, o ferreiro, cuja forja ficava nas traseiras da casa.

A casa era espaçosa e imponente, mas tinha qualquer coisa de vazio e abandonado. Era demasiado grande. Daria para uma família com seis crianças e umas quantas tias e avós, e hordas de escravos a acenderem a lareira em todas as divisões e a servirem enormes jantares para todos. Para Lizzie e Jay, era um mausoléu. Mas a plantação era bonita: espessos bosques, vastas encostas cultivadas, e uma centena de pequenos regatos.

Lizzie sabia que Jay não era exatamente o homem que ela imaginara. Não tinha o espírito livre e ousado que parecera ter quando a levara à mina de carvão. E o facto de lhe ter mentido a respeito da extração em High Glen abalara-a: a partir daí, nunca mais sentira o mesmo por ele. Já não faziam malandrices na cama pela manhã como antes. Passavam separados a maior parte do dia. Tomavam juntos o jantar e a ceia, mas nunca se sentavam diante da lareira, de mãos dadas, a falar de tudo e de nada, como antes faziam. Mas talvez também Jay estivesse decepcionado. Era possível que tivesse em relação a ela sentimentos afins: que Lizzie não fosse tão perfeita como outrora lhe parecera. De nada valia ter pena. Tinham de se gostar como eram no presente.

Não obstante, Lizzie sentia muitas vezes um forte impulso para se ir embora. Quando isso acontecia, contudo, lembrava-se do filho que crescia dentro de si. Já não podia pensar apenas em si mesma. O filho precisava do pai.

Jay não falava muito do bebé. Parecia desinteressado. Mas haveria de mudar quando ele nascesse, especialmente se fosse rapaz.

Lizzie guardou a carta numa gaveta.

Depois de distribuir as tarefas pelas escravas de casa, pegou no casaco e saiu.

O ar estava fresco. Outubro ia agora a meio: havia dois meses que tinham chegado. Desceu pelo relvado até ao rio. Ia a pé: já passara os seis meses de gravidez e sentia o bebé a dar pontapés — por vezes dolorosos. Temia magoá-lo se montasse.

Não deixara, porém, de percorrer a propriedade quase todos os dias. A volta tomava-lhe várias horas. Acompanhavam-na normalmente *Roy* e *Rex*, dois galgos escoceses que Jay comprara. Lizzie vigiava de perto os trabalhos na plantação, pelos quais Jay nada se interessava. Seguia a transformação do tabaco e fazia a contagem dos fardos; via os homens cortar árvores e fazer barris; observava as vacas e os cavalos nos prados, e as galinhas e os gansos no pátio. Era domingo, dia de descanso dos trabalhadores, o que lhe dava uma oportunidade especial para enfiar o nariz em todo o lado enquanto Sowerby e Lennox não estavam presentes. *Roy* seguiu-a, mas *Rex* deixou-se ficar, preguiçoso, no alpendre. A colheita estava concluída. Ainda havia muito que fazer para transformar o tabaco: curá-lo, separar as folhas dos caules, tirar a nervura das folhas e prensá-las, antes de as enfardar em *hogsheads* para a viagem até Londres ou Glasgow. Estavam a semear trigo de inverno no campo a que chamavam o Talhão do Arroio, e cevada, centeio e trevo no Carvalho Baixo. Mas chegara ao fim a fase de atividade mais intensa, os dias em que trabalhavam nos campos de sol a sol e em que depois continuavam a trabalhar, à luz das candeias, nos celeiros, até à meia-noite.

Os trabalhadores deviam receber alguma compensação, pensava Lizzie, por tanto esforço. Mesmo escravos e condenados precisavam de motivação. Lembrou-se de lhes oferecer uma festa.

Quanto mais pensava nisso, mais gostava da ideia. Jay podia opor-se, mas ia estar fora umas semanas — Williamsburg ficava a três dias de viagem —, pelo que a festa poderia estar feita e acabada antes de ele voltar.

Caminhou pela margem do Rappahannock, a amadurecer a ideia. O rio era pedregoso e pouco fundo naquele ponto, a montante de Fredericksburg, a partir de onde deixava de ser navegável. Contornou um maciço de arbustos meio submersos e estacou subitamente. No rio lavava-se um homem, com água até à cintura, as costas largas voltadas para ela. Era McAsh.

Roy eriçou-se, depois reconheceu Mack.

Lizzie já o vira nu num rio, quase um ano antes. Lembrou-se de como lhe enxugara a pele com o saíote. Na altura, parecera-lhe natural, mas agora, à distância, a cena ganhava uma tonalidade estranha, como um sonho: o luar, a corrente forte, o homem robusto mas com um aspeto tão vulnerável, e o modo como ela o abraçara e o aquecera com o seu corpo.

Manteve-se oculta pelos arbustos, a observá-lo, a vê-lo sair da água. Estava completamente nu, como da outra vez.

Lizzie recordou-se de outro momento do passado. Certa tarde, em High Glen, surpreendera um veado jovem a beber num regato. A imagem voltou-lhe ao espírito como uma pintura. Ela saíra do arvoredo e achara-se a poucos palmos de um macho com dois ou três anos. O animal erguera a cabeça e fitara-a. Como a outra margem era íngreme, tivera de se aproximar. Ao sair da corrente, a água brilhava no seu dorso musculoso. Lizzie tinha a arma na mão, carregada de bala e pólvora, mas não fora capaz de disparar: dir-se-ia que aquela proximidade a tornava íntima do animal.

Agora, ao ver a água escorrer-lhe da pele, pensou que Mack, apesar de tudo aquilo por que passara, conservava a graça poderosa de um animal jovem. Enquanto vestia os calções, Roy aproximou-se dele em passo vivo. Mack ergueu os olhos, viu Lizzie e imobilizou-se, assustado. Depois disse:

— Podia virar as costas.

— Podia virar as suas! — retorquiu ela.

— Eu estava aqui primeiro.

— E este sítio é propriedade minha! — disparou Lizzie. Era espantosa a rapidez com que Mack conseguia irritá-la. Ele considerava-se, obviamente, a todos os títulos, seu igual. Ela era uma dama e ele um trabalhador degredado, mas nem por isso ele via razão para mostrar respeito: a diferença de condição era fruto de uma providência arbitrária, que em nada a abonava a ela ou lhe dava motivo para vergonha a ele. O atrevimento de Mack era irritante, mas ao menos era honesto. McAsh nunca era manhoso. Jay, pelo contrário, desconcertava-a com frequência. Não sabia o

que lhe ia no espírito e, quando lhe fazia perguntas, Jay punha-se à defesa, como se estivesse a ser acusado de alguma coisa.

Agora, enquanto atava o cordão que lhe prendia os calções, parecia divertido.

— Também eu sou propriedade sua — afirmou.

Lizzie olhava-lhe o peito. Mack estava a recuperar os músculos.

— E eu já o tinha visto despido.

Subitamente, desvanecera-se a tensão, e desataram os dois a rir, como acontecera à porta da igreja quando Esther dissera a Mack para fechar a matraca.

— Vou dar uma festa para os trabalhadores — anunciou Lizzie.

Mack vestiu a camisa.

— Que género de festa?

Lizzie deu por si a lamentar que ele não tivesse esperado um pouco mais para vestir a camisa: gostava de lhe ver o corpo.

— De que género gostaria que fosse?

Mack ficou pensativo.

— Podia fazer uma fogueira nas traseiras. Os trabalhadores gostavam mesmo era de uma boa refeição, com muita carne. Nunca recebem muita comida.

— Que comida gostariam de ter?

— Hum... — Mack lambeu os beiços. — O cheiro a presunto frito que vem da cozinha é tão bom que até dói. E toda a gente adora batata-doce. E pão de trigo: aos trabalhadores, só dão aquela broa de milho tosca a que chamam *pone*.

Lizzie ficou contente por se ter lembrado de falar no assunto a Mack: era uma ajuda.

— E o que gostam de beber?

— Rum. Mas, a alguns homens, dá-lhes para a pancada. Se fosse a si, servia-lhes antes sidra, ou cerveja.

— Boa ideia.

— E que tal um pouco de música? Os pretos adoram dançar e cantar.

Lizzie estava a gostar. Era divertido planejar uma festa com Mack.

— Pode ser. Mas quem iria tocar?

— Há um negro chamado Pepper Jones que toca em Fredericksburg, nos *ordinaries*. Podia contratá-lo. Toca banjo.

Lizzie sabia que *ordinary* era o termo local para designar uma tasca, mas nunca ouvira a palavra «banjo».

— Isso o que é? — perguntou.

— Penso que é um instrumento africano. Menos doce do que uma rabeca, mas com mais ritmo.

— Como soube desse homem? Quando foi a Fredericksburg?

Pelo rosto de Mack passou uma sombra.

— Um vez, num domingo.

— Fazer o quê?

— Procurar Cora.

— Encontrou-a?

— Não.

— Lamento.

Mack encolheu os ombros.

— Toda a gente perdeu alguém. — Desviou o olhar, contristado.

Lizzie teve vontade de o abraçar e confortar, mas conteve-se. Mesmo grávida, não devia abraçar ninguém a não ser o marido. Fez de novo voz alegre.

— Acha que é possível convencer esse Pepper Jones a vir aqui tocar?

— Com certeza que sim. Já o ouvi tocar no pátio dos escravos da plantação do coronel Thumson.

Lizzie estava intrigada.

— O que foi lá fazer?

— Visitar a plantação.

— Nunca pensei que os escravos fizessem coisas assim.

— Precisamos de ter qualquer coisa na vida que não seja só trabalho.

— E o que fazeis?

— Os rapazes adoram lutas de galos: são capazes de andar dez milhas para assistir a uma. As raparigas adoram os rapazes. As

mais velhas só querem ver os filhos umas das outras e falar dos irmãos e irmãs que perderam. E cantar. Os africanos têm umas cantigas tristes que cantam em coro. Não se percebe o que dizem, mas a música deixa a gente toda arrepiada.

— Os mineiros cantavam.

Mack fez um curto silêncio.

— Cantávamos, pois era.

Lizzie percebeu que o entristecera.

— Acha que algum dia vai voltar a High Glen?

— Não. E a senhora?

Os olhos de Lizzie marejaram-se.

— Também não. Penso que nenhum de nós lá voltará.

O bebé deu-lhe um pontapé e ela disse:

— Ai!

— O que foi? — perguntou Mack.

Lizzie pousou uma mão na enorme barriga.

— O bebé está aos pontapés. Não quer que eu tenha saudades de High Glen. Já vai ser um homem da Virgínia. Ai! Outra vez.

— Dói mesmo?

— Sim. Sinta. — Pegou na mão dele e pousou-a na sua barriga.

Mack tinha os dedos rijos e calosos, mas tocava-lhe com suavidade.

O bebé estava quieto. Mack perguntou:

— Para quando é?

— Para daqui a dez semanas.

— Que nome lhe vai dar?

— O meu marido decidiu que será Jonathan se for rapaz, Alicia se for menina.

Novo pontapé.

— Que força! — exclamou Mack, rindo-se. — Não admira que lhe faça doer. — Retirou a mão.

Lizzie teve pena de que não a conservasse ali um pouco mais. Para esconder o que sentia, mudou de assunto.

— É melhor eu ir falar com Bill Sowerby sobre a festa.

— A senhora ainda não sabe?

- O quê?
- Hã... Bill Sowerby foi-se embora.
- Foi-se embora? Embora, como?
- Desapareceu.
- Quando?
- Há duas noites.

Lizzie deu-se conta de que, de facto, haveria uns dois dias que não via o capataz. Não estranhara porque era normal não o ver todos os dias.

- Não disse quando voltava?
- Não sei se falou mesmo com alguém, mas, cá para mim, já não volta.
- Porquê?
- Deve dinheiro a Sidney Lennox, muito dinheiro, e não tem como lho pagar.

Lizzie sentiu-se indignada.

- E calculo que Lennox, desde aí, ande a fazer de capataz.
- Ainda só passou um dia de trabalho, mas, sim, foi isso que que aconteceu.
- Não quero esse bruto a mandar na plantação — disse exaltada.

— Espero bem que não — concordou Mack com veemência. — Nem o quer nenhum trabalhador.

Lizzie franziu o sobrolho, desconfiada. Sowerby tinha a receber muito dinheiro das pagas em atraso. Jay dissera-lhe que lhe pagaria quando vendesse a primeira colheita. Porque não se limitara a esperar? Decerto teria podido liquidar as suas dívidas. O mais certo era ter sido intimidado. Lennox ameaçara-o, Lizzie tinha a certeza. Quanto mais pensava, mais furiosa ficava.

— Penso que Lennox deve ter obrigado Sowerby a ir-se embora — admitiu.

Mack acenou com a cabeça.

— Não sei muito, mas também é o meu palpite. Eu enfrentei Lennox, e veja o que me aconteceu.

Não havia autocomiseração na sua voz, só um duro realismo, mas tocou o coração de Lizzie. Ela agarrou-lhe um braço e disse:

— Deve sentir orgulho. É corajoso e honrado.

— E Lennox é corrupto e cruel, e em que vem isso a dar? Tornasse capataz aqui, depois rouba-vos o suficiente, de uma maneira ou de outra, para abrir uma taberna em Fredericksburg, e não tarda está a viver mais ou menos como vivia em Londres.

— Só se eu não puder evitá-lo — disse Lizzie determinada. — Vou já falar com ele. — Lennox tinha uma pequena casa de duas divisões para os lados dos celeiros de tabaco, perto da casa de Sowerby. — Espero que esteja em casa.

— Agora não está lá. A esta hora, num domingo, há de estar no Ferry House. É um *ordinary* que fica a umas três ou quatro milhas rio acima. Deve ficar por lá até à noite, e bem tarde.

Lizzie não era capaz de esperar pelo dia seguinte: não tinha paciência quando lhe ocupava o espírito uma coisa daquelas.

— Vou até ao Ferry House. Como não posso montar, vou na caleche.

Mack enrugou a testa.

— Não seria melhor resolver isso aqui, onde é a dona da casa? Ele é um homem duro.

Lizzie teve um acesso de medo. Mack tinha razão. Lennox era perigoso. Mas ela não conseguia adiar o confronto. Mack podia protegê-la.

— Viria comigo? — perguntou. — Se lá estivesse, eu sentia-me segura.

— Claro que vou.

— Pode manobrar a caleche.

— Terá de me ensinar.

— Não tem nada que saber.

Subiram o relvado até à casa. Jimmy, o moço de estrebaria, estava a dar de beber aos cavalos. Mack e ele tiraram a caleche da cocheira e atrelaram-lhe o pónei, enquanto Lizzie ia a casa pôr um chapéu.

Saíram da propriedade para a estrada do rio e seguiram-na para montante até ao porto de travessia. O Ferry House era um edifício de madeira pouco maior do que as casas de duas divisões onde viviam Sowerby e Lennox. Lizzie deixou que Mack a ajudasse a descer da caleche e abriu-lhe a porta da taberna.

A sala era escura e fumarenta. Uns dez a doze clientes bebiam em canecas ou copos de barro, sentados em bancos corridos ou cadeiras de madeira. Uns jogavam às cartas ou aos dados, outros fumavam cachimbo. Da sala dos fundos vinha o som de carambolas.

Não havia mulheres nem negros.

Mack entrou atrás de Lizzie mas deixou-se ficar junto da porta, com o rosto na sombra.

Da porta da sala dos fundos veio um homem, a limpar as mãos a uma toalha, e perguntou:

— Então o que vai ser, cavalheiro? Oh! Uma senhora!

— Nada, obrigada — respondeu Lizzie com voz clara, e a sala emudeceu.

Lizzie percorreu com o olhar os rostos voltados para ela. Lennox estava a um canto, inclinado sobre um par de dados e um copo para os fazer rolar. A mesita à sua frente tinha várias pilhas de pequenas moedas. Lia-se-lhe no rosto a contrariedade por ter sido interrompido.

Recolheu com cuidado as suas moedas, sem pressas, antes de se levantar e tirar o chapéu.

— O que faz aqui, Mrs. Jamisson?

— Obviamente, não vim jogar aos dados — respondeu ela em tom cortante. — Onde está Mr. Sowerby?

Ouviu um ou dois murmúrios de aprovação, como se não fosse a única presente a querer saber o que acontecera a Sowerby; e viu um homem grisalho voltar-se na cadeira para olhar para ela.

— Foi-se embora, ao que parece — respondeu Lennox.

— Porque não me informou?

Lennox encolheu os ombros.

— Porque não podia fazer nada.

— Mesmo assim, quero ser informada desse género de coisas.

Não volte a fazê-lo. Entendeu?

Lennox ficou calado.

— Porque é que Sowerby se foi embora?

— Como hei de saber?

O homem grisalho alvitrou:

— Devia dinheiro.

Lizzie virou-se para ele.

— A quem?

O homem apontou com um polegar.

— A Lennox, ora essa.

Lizzie voltou-se de novo para Lennox.

— É verdade?

— É.

— De quê?

— Não percebo a pergunta.

— Porque é que ele lhe pediu dinheiro emprestado?

— Não pediu. Perdeu e ficou-me a dever.

— Ao jogo?

— Sim.

— E ameaçou-o?

O homem grisalho soltou uma gargalhada sarcástica.

— Se o ameaçou? Punha as mãos no fogo.

— Pedi-lhe o meu dinheiro — respondeu Lennox tranquilamente.

— E ele fugiu.

— Já lhe disse que não sei porque é que ele se foi embora.

— Penso que teve medo do senhor.

Pela face de Lennox passou um sorriso maldoso.

— Há muito quem tenha — disse, mal disfarçando a ameaça que pôs na voz.

Lizzie sentiu medo e raiva.

— Vamos esclarecer uma coisa — disse. Tremia-lhe a voz, e engoliu em seco para a controlar. — Sou a dona da plantação e o

senhor faz o que eu lhe disser. Vou encarregar-me pessoalmente da propriedade até ao regresso do meu marido. Ele, depois, decidirá como substituir Mr. Sowerby.

Lennox abanou a cabeça.

— Não, não — respondeu. — Eu sou o substituto de Sowerby. Mr. Jamisson disse-me expressamente que me cabia assumir o cargo se Sowerby adoecesse ou coisa assim. Além disso, o que é que a senhora sabe do cultivo do tabaco?

— Pelo menos tanto como um taberneiro de Londres.

— Pois não é assim que pensa Mr. Jamisson, e é dele que eu recebo ordens.

Lizzie estava capaz de gritar de frustração. Não podia deixar aquele homem dar ordens na sua plantação!

— Estou a avisá-lo, Lennox, é melhor obedecer-me!

— Porque senão? — Deu um passo na direção de Lizzie, com um sorriso irónico, e ela sentiu-lhe o cheiro característico a coisa fermentada. Viu-se forçada a recuar. Os outros clientes ficaram pregados aos assentos. — O que fará, Mrs. Jamisson? — perguntou, continuando a avançar para ela. — Vai bater-me? — Ao dizer isto, levantou uma mão acima da cabeça, num gesto que podia destinar-se a ilustrar as suas palavras mas que, com a mesma facilidade, seria entendido como uma ameaça.

Lizzie soltou um grito de medo e deu um salto para trás. Bateu com as pernas no assento de uma cadeira e sentou-se com um baque.

Num ápice, Mack estava ali, de pé entre Lennox e ela.

— Levantou a mão para uma senhora, Lennox — disse. — Agora vamos vê-lo fazer o mesmo a um homem.

— Tu! — disse Lennox. — Não tinha percebido que eras tu, ali de pé, na sombra, que nem um preto.

— E, agora que já percebeu, o que vai fazer?

— És um idiota, McAsh. Alinhas sempre pelo lado que perde.

— Acabou de insultar a esposa do homem a quem pertence. Não me parece muito inteligente.

— Não vim aqui para discutir. Vim aqui jogar aos dados. —
Lennox deu meia-volta e regressou à sua mesa.

Lizzie sentia-se tão zangada e frustrada como ao chegar. Levantou-se.

— Vamos embora — disse a Mack.

Ele abriu a porta e ela saiu.

Tinha de saber mais sobre a cultura do tabaco, concluiu Lizzie depois de se acalmar. Lennox ia tentar agarrar as rédeas da plantação, e a única maneira de o derrotar era convencer Jay de que ela podia fazer melhor. Já sabia bastante sobre o governo da plantação, mas não compreendia a planta propriamente dita.

No dia seguinte, tirou novamente a caleche da cocheira e foi à plantação do coronel Thomson, com Jimmy a conduzir.

Nas semanas a seguir à festa, os vizinhos tinham-nos tratado com frieza, a ela e a Jay, em especial a Jay. Tinham-nos convidado para grandes funções sociais, um baile e um grande banquete de casamento, mas ninguém os convidara para pequenas comemorações ou jantares íntimos. No entanto, quando Jay partira para Williamsburg, pareciam ter sido informados, porque, depois disso, Mrs. Thomson visitara-a e Suzie Delahaye convidara-a para um chá. Incomodava-a que preferissem estar com ela sozinha, mas era verdade que Jay ofendera toda a gente com as suas opiniões.

Ao atravessar a plantação dos Thomson, impressionou-a o ar próspero de tudo. Havia *hogsheads* no embarcadouro; os escravos tinham um aspeto ativo e robusto; os celeiros estavam pintados e os campos bem cuidados. Avistou o coronel ao fundo de um prado a falar com um pequeno grupo de trabalhadores, apontando para qualquer coisa que lhes queria mostrar. Jay nunca estava nos campos a dar instruções.

Mrs. Thomson era uma mulher gorda e simpática com mais de cinquenta anos. Os dois filhos do casal eram homens feitos e já não viviam ali. Mrs. Thomson serviu-lhe chá e perguntou como corria a gravidez. Lizzie confessou que de vez em quando lhe doíam as

costas e que sofria de azia constante, e teve o consolo de saber que Mrs. Thumson sofrera exatamente do mesmo. Também sangrara um pouco uma ou duas vezes, e Mrs. Thumson, franzindo a testa, disse que isso não lhe acontecera, mas que não era raro, e que ela devia descansar mais.

Mas Lizzie não fora ali para falar da gravidez, e congratulou-se quando o coronel entrou. Teria uns cinquenta anos, era alto e de cabelo branco, e vigoroso para a sua idade. Apertou a mão a Lizzie secamente, mas ela sossegou-o com um sorriso e um elogio:

— Porque é que a vossa plantação parece muito melhor do que qualquer outra?

— Bom, é muita amabilidade sua — respondeu o coronel. — Eu diria que o fator mais importante é eu estar cá. Sabe, é que Bill Delahaye, por exemplo, está sempre a ausentar-se, para ir a corridas de cavalos e a lutas de galos. John Armstead gosta mais de beber do que de trabalhar, e o irmão passa todas as tardes a jogar bilhar e a jogar aos dados no Ferry House.

De Mockjack Hall não falou.

— Porque é que os vossos escravos parecem ter tanta energia?

— Ora bem, isso tem que ver com a comida que se lhes dá. — O coronel estava obviamente a gostar de partilhar os seus conhecimentos com uma jovem atraente. — Com *hominy* e *pone* de milho, sobrevivem, mas trabalham melhor se lhes dermos peixe salgado todos os dias e carne uma vez por semana. Sai caro, mas não tanto como ter de comprar escravos novos de poucos em poucos anos.

— Porque foram à falência tantas plantações nos últimos tempos?

— Tem de se compreender o tabaco. É uma planta que esgota a terra. Ao fim de quatro ou cinco anos, a qualidade piora. Tem de se substituir por trigo ou milho e arranjar terras novas para o tabaco.

— Então, deve estar constantemente a desbravar terra.

— E estou. Todos os invernos desmato bosque e abro campos de cultivo novos.

— Mas o senhor tem a sorte de ter muita terra.

— Na vossa propriedade há bosque suficiente. E, quando acabar, tereis de comprar ou arrendar mais. A única maneira de plantar tabaco é não ficar parado no mesmo sítio.

— Toda a gente faz isso?

— Não. Há quem peça dinheiro emprestado a mercadores e reze para que suba o preço do tabaco para se salvar. Foi esse o caminho de Dick Richards, o antigo dono das vossas terras, e foi assim que elas foram parar às mãos do seu sogro.

Lizzie não lhe contou que Jay fora a Williamsburg pedir um empréstimo.

— Podíamos desmatar Stafford Park a tempo de preparar as terras para a próxima primavera.

Stafford Park era um pedaço de terra agreste separado da propriedade principal, dez milhas para montante. Devido à distância, ficava abandonado, e Jay tentara arrendá-lo ou vendê-lo mas não houvera quem o quisesse.

— E porque não começar por Pond Copse? — sugeriu o coronel.

— Fica perto dos vossos celeiros e o chão é bom. O que me lembra... — Olhou o relógio sobre a cornija da lareira. — Tenho de ir ver os meus celeiros antes que escureça.

Lizzie pôs-se de pé.

— Vou voltar e falar com o meu capataz.

Mrs. Thumson advertiu:

— Não abuse do trabalho, Mrs. Jamisson. Lembre-se do seu bebé.

Lizzie sorriu.

— Também vou repousar muito, prometo.

O coronel Thumson deu um beijo à mulher e saiu com Lizzie. Ajudou-a a subir para o assento da caleche e acompanhou-a a cavalo até aos celeiros.

— Perdoe-me um comentário pessoal, mas a senhora é uma jovem admirável, Mrs. Jamisson.

— Obrigada — disse ela.

— Espero que a vejamos mais vezes. — O coronel sorriu, e os seus olhos azuis brilharam. Tomou-lhe a mão e, ao erguê-la para a beijar, roçou o braço no peito de Lizzie, como se fosse sem querer. — Chame-me sempre que precisar, *seja para o que for*.

Lizzie partiu. Parece-me bem que acabo de receber a minha primeira proposta adúltera, pensou. E grávida de seis meses. Olha o velho devasso! Achava que devia sentir-se ofendida, mas, na verdade, até estava satisfeita. Claro que nunca aceitaria a proposta dele. De facto, teria até o cuidado de o evitar dali em diante. Mas era lisonjeiro sentir-se desejada.

— Mais depressa, Jimmy — disse. — Quero jantar.

De manhã, mandou Jimmy chamar Lennox à sua sala de visitas. Não falara com ele desde o incidente no Ferry House. Tinha medo dele e não era pouco, e ainda pensou em mandar chamar Mack para a proteger. Mas recusava-se a crer que precisasse de um protetor em sua própria casa.

Sentara-se numa grande cadeira esculpida que devia ter sido trazida de Inglaterra um século antes. Lennox chegou duas horas depois, com lama nas botas. Lizzie compreendeu que o atraso era a sua forma de mostrar que não era obrigado a saltar quando ela assobiasse. Se ela o confrontasse, ele teria de certeza alguma desculpa preparada, pelo que Lizzie decidiu agir como se ele tivesse aparecido imediatamente.

— Vamos desmatar Pond Copse para semear tabaco na próxima primavera — disse. — Quero que comece hoje.

Por uma vez, Lennox foi apanhado de surpresa.

— Porquê? — perguntou.

— Quem cultiva tabaco tem de desbravar terras todos os invernos. É a única maneira de continuar a ter lucros altos. Andei a ver as terras, e Pond Copse parece ser o talhão mais promissor. O coronel Thomson concorda comigo.

— Bill Sowerby nunca fez isso.

— Bill Sowerby nunca ganhou dinheiro.

— Os campos que temos estão bons.

— O tabaco esgota a terra.

— Ah, sim — disse Lennox. — Mas nós estrumamos muito.

Lizzie franziu as sobrancelhas. Thumson não falara em estrume.

— Não sei...

A hesitação foi fatal.

— Estas coisas, o melhor é deixá-las para os homens — disse ele.

— Deixe-se de sermões — disparou Lizzie. — Fale-me do estrume.

— À noite, fechamos o gado nos campos de tabaco, para ter estrume. Fica a terra refeita para o ano seguinte.

— Não pode ser tão bom como uma terra nova — replicou Lizzie, mas não tinha a certeza.

— É o mesmo — insistiu Lennox. — Mas, se quer mudar, tem de falar com Mr. Jamisson.

Lizzie detestava deixar Lennox levar a melhor, mesmo temporariamente, mas teria de esperar pelo regresso de Jay. Irritada, disse:

— Pode retirar-se.

Ele teve um sorrisinho de vitória e saiu sem mais uma palavra.

Lizzie obrigou-se a repousar o resto do dia mas, na manhã seguinte, deu a sua volta habitual pela plantação. Nos celeiros, os maços de plantas de tabaco que tinham estado a secar eram agora tirados dos ganchos para se poder separar as folhas dos caules e tirar as nervuras grossas. A seguir, far-se-iam novos fardos, que se cobririam com pano para «suarem».

Alguns trabalhadores andavam nos bosques, a cortar madeira para fazer barris. Outros semeavam trigo de inverno no Talhão do Arroio. Foi aí que Lizzie avistou Mack, a trabalhar ao lado de uma jovem negra. Percorriam em linha o campo arado, deitando a semente de cestos pesados. Lennox seguia-os, apressando os mais lentos com um pontapé ou uma chibatada leve. Era uma chibata

curta, com um cabo rijo e uma haste de uns três ou quatro palmos, feita de alguma madeira flexível. Quando notou que Lizzie o observava, começou a usá-la mais livremente, como para a desafiar a tentar impedi-lo.

Lizzie voltou as costas e pôs-se a caminho de casa. Porém, antes de se afastar o suficiente para os sons se perderem na distância, ouviu um grito e voltou-se.

A trabalhadora ao lado de Mack tombara para a frente. Era Bess, moça de uns quinze anos, alta e magra: a mãe de Lizzie diria que a pequena esgalgara e perdera o viço.

Lizzie correu para o corpo caído de bruços, mas Mack estava mais perto. Pousou o seu cesto e ajoelhou-se ao lado de Bess. Apalpou-lhe a testa e as mãos.

— Acho que desmaiou — disse.

Lennox aproximou-se e, com as suas pesadas botas, deu um pontapé nas costelas de Bess.

O corpo da rapariga teve um espasmo com a pancada mas os seus olhos não se abriram.

Lizzie gritou:

— Pare! Não lhe bata!

— Cabra, preta calona! Eu já lhe dou uma lição! — exclamou Lennox, e levou atrás o braço que empunhava a chibata.

— Não se atreva! — avisou Lizzie furiosa.

Lennox fustigou as costas da moça inconsciente.

Mack pôs-se logo de pé.

— Chega! — gritou Lizzie.

Lennox tornou a levantar a chibata.

Mack interpôs-se entre ele e Bess.

— A sua patroa mandou-o parar — disse.

Lennox mudou o ângulo e aplicou a chibatada na cara de Mack.

Mack cambaleou para o lado e levou a mão à cara. Na sua bochecha apareceu imediatamente um vergão roxo e entre os seus lábios um fio de sangue.

Lennox levantou a mão outra vez, mas não chegou a desferir o golpe.

Lizzie mal viu o que aconteceu, tão rápido foi, mas num ápice Lennox jazia por terra, gemendo, e era Mack quem tinha a chibata. Pegou nela com as duas mãos e partiu-a no joelho. Depois, largou-a com desprezo sobre Lennox.

Lizzie foi tomada de um sentimento de triunfo. O rufião fora vencido.

Em volta, toda a gente ficou parada, a olhar, por muito tempo.

Lizzie declarou:

— Vamos lá trabalhar, toda a gente!

Os trabalhadores afastaram-se e recomeçaram a deitar a semente. Lennox pôs-se de pé, fitando Mack com maldade.

— Consegue levar Bess para a casa? — perguntou Lizzie a Mack.

— Claro.

Mack pegou na rapariga. Atravessaram os campos de volta à casa e Mack levou Bess para o anexo das traseiras onde era a cozinha. Quando a pousou numa cadeira, já ela recuperara os sentidos.

Sarah, a cozinheira, era uma negra de meia-idade sempre transpirada. Lizzie mandou-a ir buscar um pouco do brande de Jay. Depois de beber um gole, Bess afirmou que se sentia bem, que só lhe doíam as costelas, e que não entendia porque desmaiara. Lizzie disse-lhe que comesse alguma coisa e que descansasse até ao dia seguinte.

Ao sair da cozinha, notou que Mack tinha um ar solene.

— O que foi? — perguntou.

— Eu devia estar doido — disse Mack.

— Como pode dizer isso? — protestou Lizzie. — Lennox desobedeceu a uma ordem direta que eu lhe dei!

— É um homem vingativo. Eu não o devia ter humilhado.

— Como poderá vingar-se de si?

— Facilmente. É o capataz.

— Não o permitirei — disse Lizzie com determinação.
— Não pode tomar conta de mim o dia inteiro.
— Demónio! — Lizzie não podia permitir que Mack sofresse pelo que fizera.
— Se soubesse para onde ir, fugia. Alguma vez viu um mapa da Virgínia?
— Não fuja. — Lizzie enrugou a testa, a pensar, até que teve uma ideia. — Já sei. Vai trabalhar cá em casa.
Mack sorriu.
— Adorava. Mas não seria grande mordomo.
— Não, não. Não é como criado. É para fazer reparações. Tem de arranjar e pintar a velha ala das crianças.
Mack parecia não acreditar.
— Está a falar a sério?
— Pois claro!
— Seria... magnífico ficar longe de Lennox.
— Então assim será.
— Não pode compreender como isso é bom para mim.
— Também para mim. Vou sentir-me mais segura com o Mack por perto. Também tenho medo de Lennox.
— E com bons motivos.
— Terei de lhe arranjar uma camisa e um colete, e sapatos de casa. — Lizzie ia ter prazer em dar-lhe roupas boas.
— Que luxo — disse Mack, sorrindo.
— Está decidido — concluiu Lizzie. — Pode começar já.

Ao princípio, as escravas domésticas ficaram um tanto assanhadas com a ideia da festa. Desprezavam os trabalhadores do campo. Sarah, em especial, não gostava de ter de cozinhar para «escumalha que come *hominy* e *pone*». Mas Lizzie ria-se do seu pretensiosismo e ia-as animando, e elas acabaram por entrar no espírito.

No sábado, ao anoitecer, o pessoal da cozinha estava a preparar um verdadeiro banquete. Pepper Jones, o tocador de banjo,

chegara, bêbado, ao meio-dia. McAsh obrigara-o a beber galões de chá e pusera-o a dormir num anexo, e o homem já estava de novo sóbrio. O instrumento dele tinha quatro cordas de tripa esticadas sobre uma cabaça, e o som que produzia, quando o músico o afinou, era qualquer coisa a meio caminho entre um piano e um tambor.

Ao passar o pátio em revista, para verificar os preparativos, Lizzie sentia grande excitação. Ansiava pelo festejo. Não iria juntar-se ao folgado, naturalmente: tinha de desempenhar o seu papel de grande dama benfeitora, serena e distante. Mas ia gostar de ver os outros descontraírem-se.

Caída a noite, tudo estava pronto. Fora encetado um barril de sidra; sobre fogueiras ao ar livre assavam várias pernas de presunto; quanto à batata-doce, cozia às centenas em caldeirões; e eram de quatro libras os pães de farinha branca que aguardavam a sua vez de serem cortados às fatias.

Lizzie andava de cá para lá impaciente, enquanto os escravos não vinham dos campos. Tinha esperança de que cantassem. Já acontecera ouvi-los cantar, ao longe, lamentos plangentes ou cantigas de trabalho cadenciadas, mas calavam-se sempre quando um dos patrões se aproximava.

Quando a lua nasceu, as mulheres mais velhas chegaram das barracas trazendo os bebés à ilharga e agarradas às saias as crianças que já andavam. Não sabiam onde andavam os trabalhadores: tinham-nos alimentado pela manhã e não mais os tinham visto.

Os trabalhadores sabiam que deviam ir até à casa ao fim do dia. Lizzie dissera a Kobe para ter a certeza de que todos compreendiam, e Kobe era de confiança. Lizzie estivera demasiado atarefada para ir aos campos, mas calculava que eles tivessem estado a trabalhar nas zonas da plantação mais distantes e que, por isso, demorassem mais a voltar. Temia que a batata-doce cozesse de mais e se desfizesse em papas.

O tempo foi passando sem ninguém aparecer. Já havia uma hora que se fizera noite quando Lizzie se convenceu de que alguma coisa acontecera. Com a raiva a crescer dentro de si, chamou Mack e disse:

— Traga-me cá o Lennox.

Ao fim de quase uma hora, McAsh regressou com Lennox, que, era evidente, já começara a beber. Nessa altura, Lizzie já estava furiosa.

— Onde estão os trabalhadores? — perguntou. — Já cá deviam estar!

— Ah, sim — respondeu Lennox, com uma lentidão deliberada. — Hoje não pôde ser.

A insolência preveniu-a de que ele arranjava maneira segura de lhe frustrar os planos.

— Não pôde ser? Que diabo quer dizer com isso? — perguntou.

— Estiveram a cortar madeira para os barris em Stafford Park.

Stafford Park ficava dez milhas a montante.

— São uns quantos dias de trabalho, por isso acampámos. Os trabalhadores vão ficar por lá, com Kobe, até acabarmos.

— Não precisava de cortar a madeira hoje.

— Não deixes para amanhã...

Lennox fizera de propósito para a provocar. Era o bastante para a deixar louca de raiva. Todavia, enquanto Jay não chegasse, não podia fazer nada.

Lennox olhou para a comida sobre as mesas improvisadas em cavaletes.

— Realmente, é uma pena — disse, mal disfarçando o contentamento. Estendeu uma mão suja e tirou um pedaço de presunto.

Sem pensar, Lizzie pegou num garfo de trinchar, de cabo comprido, e enterrou-lho nas costas da mão, dizendo:

— Largue!

Lennox guinchou de dor e deixou cair a carne.

Lizzie arrancou os dentes do garfo da mão de Lennox.

O homem tornou a rugir de dor.

— Vaca tresloucada! — berrou.

— Saia daqui, e não me apareça à frente até chegar o meu marido — disse Lizzie.

Ele fulminou-a com o olhar, por muito tempo, como se estivesse prestes a atacá-la. Depois, apertou no sovaco a mão a sangrar e apressou-se a sair.

Lizzie sentiu subirem-lhe as lágrimas aos olhos. Como não queria que o pessoal a visse chorar, voltou as costas e correu para dentro de casa. Mal se viu só na sala de visitas, começou a soluçar de frustração. Sentia-se infeliz e sozinha.

Passado um minuto, ouviu abrir-se a porta. A voz de Mack proferiu:

— Lamento muito.

A solidariedade de Mack transformou os seus soluços em lágrimas vivas. De seguida sentiu os braços dele à sua volta. Era profundamente reconfortante. Encostou a cabeça ao ombro de Mack e chorou à vontade. Ele afagava-lhe o cabelo e beijava-lhe as lágrimas. Aos poucos, foi-se acalmando o choro e aliviando a sua dor. Desejou que ele a abraçasse assim o resto da noite.

Então, deu-se conta do que estava a fazer.

Desprendeuse dele com horror. Era uma mulher casada, grávida de seis meses, e deixava que um criado a beijasse!

— Onde tinha eu a cabeça? — perguntou, incrédula.

— Em lugar nenhum — respondeu Mack.

— Pois agora já a tenho no sítio — tornou Lizzie. — Vá-se embora!

Entristecido, Mack voltou as costas e saiu.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

No dia a seguir à festa gorada de Lizzie, Mack teve notícias de Cora.

Era domingo, e foi a Fredericksburg com as suas roupas novas. Precisava de não pensar em Lizzie Jamisson, nos seus ondulados cabelos negros, nas suas faces macias, no sal das suas lágrimas. Pepper Jones, que passara a noite nas barracas dos escravos, acompanhou-o, com o seu banjo.

Pepper era um homem magro, enérgico, de cerca de cinquenta anos. A fluência do seu inglês indicava que estava na América havia muito. Mack perguntou-lhe:

— Como foi que ganhaste a alforria?

— Já nasci livre — respondeu Pepper. — A 'nha mãe era branca, apesar de isso não se notar. O meu pai era fugido e foi apanhado antes de eu nascer. Nunca o vi.

Sempre que tinha essa oportunidade, Mack fazia perguntas acerca das fugas.

— É verdade o que diz Kobe, que os que fogem são todos apanhados?

Pepper riu-se.

— Não, caramba! A maioria são apanhados, mas a maioria são burros. Por isso é que eles são apanhados.

— Então, se um homem não for burro...

Pepper encolheu os ombros.

— Não é fácil. Um homem foge, e o dono põe logo anúncio no jornal, a dizer como ele é e as roupas que ele tem.

A roupa era tão cara que seria difícil um foragido trocar a que tinha.

— Mas podia esconder-se.

— Pois, mas precisa de comer. Quer dizer que precisa de trabalho, se ficar nas colónias, e quem vai dar trabalho com certeza leu no jornal sobre ele.

— Estes donos das plantações têm tudo bem montado, não há dúvida.

— Não admira. Quem trabalha nas plantações é só escravos, condenados e criados sem paga. Se não houvesse um sistema de apanhar os fugidos, os donos já tinham morrido há muito tempo.

Mack estava pensativo.

— Mas tu disseste «se ficar nas colónias». O que queres dizer com isso?

— Para oeste é as serras e, do outro lado das serras, é terra bravia. Lá não há jornais. E também não há regedor, não há juiz, não há carrasco.

— É grande, o território?

— Não sei. Diz que é centenas de milhas antes de chegar outra vez ao mar, mas não conheço ninguém que lá esteve.

Mack ouvira muita gente falar das regiões desabitadas, mas Pepper era o primeiro em quem se sentia tentado a acreditar. Os outros contavam histórias que eram obviamente fantasiosas em vez de lhe darem factos concretos: Pepper, ao menos, admitia não saber tudo. Como sempre, era um assunto de conversa que o entusiasmava.

— De certeza que um homem podia desaparecer para lá das serras e nunca mais darem com ele!

— É verdade. E também pode vir os índios e tirar-lhe o escalpe, ou ser morto pelos leões da montanha. E o mais fácil era morrer de fome.

— Como sabes isso?

— Conheci pioneiros que voltaram. Matam-se a trabalhar alguns anos, fazem de uma terra boa um pedaço de lama que não serve para nada, e depois desistem.

— Mas tem de haver quem consiga, não?

— Tem de haver, acho eu, senão não havia um lugar como a América.

— Para oeste, dizes tu... — disse Mack pensativo. — E são longe, essas serras?

- Cem milhas daqui, mais ou menos, dizem.
- Tão perto!
- É mais longe do que tu pensas.

Ofereceu-lhes boleia um escravo do coronel Thumson que conduzia uma carroça até à cidade. Escravos e condenados davam sempre boleia uns aos outros nas estradas da Virgínia.

A cidade estava movimentada: domingo era o dia em que os trabalhadores das plantações dos arredores iam a Fredericksburg para assistir à missa, ou para se embebedarem, ou as duas coisas. Alguns condenados desprezavam os escravos, mas Mack pensava que não tinha razão para se sentir superior. Consequentemente, tinha muitos amigos e conhecidos, e era saudado a cada esquina.

Entraram no *ordinary* de Whitey Jones. Chamavam-lhe Whitey por causa da cor da sua pele, uma mistura de negro e branco¹⁶; e Whitey vendia bebidas aos negros apesar de ser ilegal. Conversava tão bem no crioulo falado pela maioria dos escravos como dialeto dos americanos já nascidos na Virgínia. A sua taberna era um salão de teto baixo que cheirava a fumo de lenha, cheio de negros e de brancos pobres que jogavam às cartas e bebiam. Mack não tinha dinheiro, mas Pepper Jones recebera a paga de Lizzie e ofereceu-lhe um quartilho de cerveja.

Mack saboreou a cerveja, iguaria rara para ele naqueles tempos. Enquanto bebiam, perguntou Pepper:

— Eh, Whitey, conheceste alguém que passou as serras?

— Pois claro — respondeu Whitey. — Uma vez, entrou aí um homem que armava laços e disse que nunca tinha visto caça tão boa como lá. Parece que todos os anos vai lá uma grande malta e volta carregadinha de peles.

— E ele disse por onde ia? — perguntou Mack.

— Parece-me a mim que ele disse que havia uma passagem que se chamava Cumberland Gap.

— Cumberland Gap — repetiu Mack.

Whitey perguntou-lhe então:

— Olha lá, Mack, não andavas à procura de uma branca chamada Cora?

O coração de Mack deu um salto.

— Sim. Ouviste notícias dela?

— Vi-a. E percebo muito bem porque é que estás doidinho por ela. — Whitey rolou os olhos nas órbitas.

— É bonita, é, Mack? — provocou-o Pepper.

— Mais bonita do que tu, Pepper. Diz lá, Whitey, onde foi que a viste?

— Ao pé do rio. De casaco verde, com uma cesta na mão. Estava a apanhar o barco para Falmouth.

Mack sorriu. O casaco, tal como o facto de estar a apanhar o barco em vez de passar o rio a vau, indicavam que caíra outra vez de pé. Devia ter sido vendida a alguém bondoso.

— Como soubeste quem era?

— O barqueiro chamou-a pelo nome.

— Deve viver do lado de Falmouth, e por isso é que eu não soube nada dela quando andei a perguntar aqui em Fredericksburg.

— Pois sabes agora.

Mack engoliu o resto da cerveja.

— E vou encontrá-la. És um amigo, Whitey. Obrigado pela cerveja, Pepper.

— Boa sorte!

Mack saiu da cidade. Fredericksburg fora erigida logo abaixo do limite de navegabilidade do Rappahannock. Os navios que cruzavam o oceano chegavam à cidade, mas, menos de meia milha a montante, o rio tornava-se pedregoso, e só barcas de fundo chato conseguiam passar. Mack subiu até onde o fundo era suficientemente baixo para passar a vau.

Estava excitadíssimo. Quem teria comprado Cora? Como estaria ela a viver? E saberia o que era feito de Peg? Se ele conseguisse encontrar as duas e, assim, cumprir a sua promessa, poderia fazer planos sérios para fugir. Ao longo dos três meses anteriores, contivera a sua ânsia de liberdade, enquanto procurava Cora e Peg,

mas as palavras de Pepper acerca das vastidões selvagens para lá das serras tinham reavivado essa ânsia, e agora o seu desejo era fugir. Sonhava acordado com o momento de deixar a plantação atrás de si ao anoitecer, caminhar para oeste, nunca mais trabalhar para um capataz de chibata na mão.

Queria muito ver Cora. Provavelmente não estaria a trabalhar: talvez pudesse sair com ele. Talvez pudessem ir a algum sítio resguardado de olhares. Pensando em beijá-la, sentiu remorsos. Acordara a pensar em beijar Lizzie Jamisson, e agora tinha os mesmos pensamentos em relação a Cora. Mas era uma parvoíce ter remorsos a respeito de Lizzie: era casada com outro, e não havia futuro possível com ela. Ainda assim, a sua excitação ficou manchada de algum desconforto.

Falmouth era uma versão mais pequena de Fredericksburg: tinham os mesmos cais, armazéns, tabernas e casas de madeira pintada. Mack decerto teria conseguido bater a todas as portas em menos de duas horas. Mas Cora podia viver fora da cidade, naturalmente.

Mack entrou na primeira taberna que viu e falou com o dono.

— Procuo uma mulher nova chamada Cora Higgins.

— Cora? Mora na casa branca ali à equina. Devem estar três gatos a dormir no alpendre.

Mack estava com sorte.

— Obrigado!

O homem tirou um relógio do bolso do colete e consultou-o.

— Mas não há de estar em casa agora. Há de estar na igreja.

— Já vi onde é. Vou até lá.

Cora nunca fora muito de ir à igreja, mas talvez quem a comprara a obrigasse a ir, pensou Mack ao sair. Atravessou a rua e percorreu dois quarteirões até à pequena igreja de madeira.

A missa terminara e os fiéis iam saindo, com as suas roupas domingueiras, cumprimentando-se e tagarelando.

Mack avistou Cora imediatamente.

Rasgou um grande sorriso ao vê-la. Não havia dúvida de que ela tivera sorte. A mulher famélica e imunda que ele deixara no *Rosebud* poderia ter sido outra pessoa. Cora voltara ao que era dantes: pele lisa, cabelo lustroso, formas arredondadas. Estava tão bem vestida como antigamente, com um casaco castanho-escuro e uma saia de lã, e calçava botas boas. Mack congratulou-se, de súbito, por ter a camisa e o colete novos que Lizzie lhe dera.

Cora falava animadamente com uma mulher idosa apoiada numa bengala. Interrompeu a conversa quando ele se aproximou.

— Mack! — disse encantada. — É um milagre!

Mack abriu os braços para a abraçar mas Cora estendeu-lhe a mão, e ele calculou que ela não quisesse dar nas vistas à porta da igreja. Mack tomou-lhe a mão nas suas e disse:

— Estás magnífica.

Cora, além do mais, cheirava bem: não era o sândalo picante que ela escolhia em Londres, era um aroma floral, menos intenso, mais próprio de uma dama.

— O que te aconteceu? — perguntou Cora, retirando a mão. — Quem te comprou?

— Estou na plantação dos Jamisson. E Lennox é o capataz.

— Foi ele que te bateu na cara?

Mack levou a mão ao sítio magoado onde Lennox lhe acertara com a chibata.

— Foi, mas eu tirei-lhe a chibata e parti-a ao meio.

Cora sorriu.

— É mesmo teu, Mack: sempre metido em sarilhos.

— Pois é. Tens notícias de Peg?

— Levaram-na os condutores de almas, Bates e Makepiece.

Mack ficou com o coração apertado.

— Raios, vai ser difícil encontrá-la.

— Passo a vida a perguntar por ela, mas nunca soube de nada.

— E a ti, quem te comprou? Alguém bondoso, a julgar pelo teu aspeto!

Enquanto Mack falava, aproximou-se um homem roliço, ricamente vestido, com os seus cinquenta anos. Cora disse-lhe quem era:

— Alexander Rowley, negociante de tabaco.

— Obviamente, trata-te bem! — murmurou Mack.

Rowley apertou a mão da senhora idosa, falou-lhe brevemente, e voltou-se para Mack.

Cora fez as apresentações:

— Malachi McAsh, um velho amigo de Londres. Mack, apresento-te Mr. Rowley, o meu marido.

Mack pasmou, emudecido.

Rowley passou um braço possessivo pelos ombros de Cora ao mesmo tempo que apertava a mão de Mack.

— Muito prazer, McAsh — disse, e, sem mais, levou Cora dali.

Porque não?, ia pensando Mack durante a longa caminhada de regresso à plantação. Cora não sabia se voltaria a vê-lo. Era evidente que Rowley a comprara e que ela o fizera apaixonar-se. Devia ter sido um belo escândalo, um negociante desposar uma condenada, mesmo numa cidadezinha colonial como Falmouth. Não obstante, a atração sexual acabava por falar mais alto do que as convenções sociais, e Mack não tinha dificuldade em imaginar como Cora seduzira Rowley. Podia ter sido difícil convencer gente como a senhora da bengala a aceitar Cora como uma esposa respeitável, mas Cora tinha fibra para tudo e era óbvio que fora bem-sucedida. Ainda bem. Provavelmente ia dar filhos a Rowley.

Mack arranjava-lhe desculpas mas não deixava de se sentir desiludido. Num momento de pânico, fizera-o prometer que iria à sua procura; mas esquecera-o à primeira oportunidade de ter uma vida confortável.

Era estranho: tivera duas namoradas, Annie e Cora, e ambas tinham casado com outra pessoa. Cora deitava-se todas as noites com um negociante de tabaco, um homem gordo com o dobro da idade dela, e Annie tinha na barriga o filho de Jimmy Lee. Mack

perguntava-se se alguma vez teria uma vida normal, com uma mulher e filhos.

Sacudiu tais pensamentos. Podia ter tido isso mesmo se o tivesse realmente querido. Mas recusara assentar e receber o que o mundo tinha para lhe oferecer. Queria mais.

Queria ser livre.

¹⁶ *Whitey*: esbranquiçado. (NT)

CAPÍTULO TRINTA

Jay partira para Williamsburg com grandes expectativas.

Fora uma consternação saber as simpatias políticas dos seus vizinhos — todos liberais, nem um único conservador — mas tinha a certeza de que, na capital da colônia, acharia homens leais ao rei, homens que o receberiam como um aliado precioso e que dariam um impulso à sua carreira política.

Williamsburg era pequena mas imponente. A rua principal, Duke of Gloucester Street, tinha uma milha de comprimento e uns trinta passos de largura. O capitólio ficava num extremo, e a universidade de William e Mary no outro — dois edifícios majestosos de tijolo cuja arquitetura de estilo inglês dava a Jay uma sensação reconfortante do poder da monarquia. Havia um teatro e várias lojas, com artesãos a fabricarem castiçais de prata e mesas de jantar de mogno. Na tipografia de Purdie & Dixon, Jay comprou o *Virginia Gazette*, um jornal cheio de anúncios sobre escravos fugidos.

Os abastados donos das plantações, que constituíam a elite governante da colônia, residiam nas suas propriedades, mas acorriam a Williamsburg quando o parlamento reunia, no capitólio, e, conseqüentemente, a cidade estava cheia de albergues com quartos para alugar. Jay dirigiu-se para o Raleigh Tavern, um edifício baixo, de ripas brancas, com quartos no sótão.

Deixou o seu cartão e um bilhete no palácio, mas teve de esperar três dias para ser recebido pelo novo governador, o barão de Botetourt. Quando, por fim, chegou o seu convite, não era para uma audiência privada, como esperava, mas para uma receção com outros cinquenta convidados. Era claro que o governador ainda não compreendera que Jay era um aliado importante num ambiente hostil.

O palácio do governador erguia-se no extremo de uma comprida estrada de acesso que, do meio de Duke of Gloucester Street, abria para norte. Era mais um edifício de tijolo de aparência inglesa, com

chaminés altas e janelas salientes no telhado, como uma casa de campo. O imponente vestíbulo estava decorado com facas, pistolas e mosquetes, dispostos em complicados padrões, como a sublinhar o poder militar do rei.

Infelizmente, Botetourt era precisamente o contrário do que Jay desejava. A Virgínia precisava de um governador duro, severo, que imprimisse o medo nos corações dos colonos rebeldes, mas Botetourt era afinal um gordo simpático com ar de próspero mercador de vinhos que dava as boas-vindas aos seus clientes num encontro de apreciadores.

Jay viu-o receber os convidados no comprido salão de baile. O sujeito não fazia a menor ideia das conspirações subversivas que podiam incubar nas cabeças dos donos das plantações.

Bill Delahaye estava lá e foi apertar a mão a Jay.

— Que tal lhe parece o nosso novo governador?

— Não estou seguro de que compreenda a gravidade do cargo que assumiu — respondeu Jay.

— Pode ser mais esperto do que parece.

— Assim espero.

— Amanhã à noite vai haver um grande jogo de cartas, Jamisson. Quer que o apresente?

Jay não passara um único serão a jogar desde que saíra de Londres.

— Com todo o gosto.

Na sala de jantar, contígua ao salão de baile, foram servidos bolos e vinho. Delahaye apresentou Jay a vários cavalheiros. Um homem encorpado e de aspeto próspero, com cerca de cinquenta anos, perguntou:

— Jamisson? Dos Jamisson de Edimburgo? — O seu tom era um pouco hostil.

As feições tinham qualquer coisa de familiar, embora Jay tivesse a certeza de nunca ter visto o homem.

— A casa da nossa família é Castle Jamisson, em Fife — respondeu.

— O castelo que era de William McClyde?

— Esse mesmo. — Jay deu-se conta de que era Robert quem o homem lhe fazia lembrar: tinha os mesmos olhos claros e a mesma boca resoluta. — Julgo não ter ouvido o seu nome...

— Sou Hamish Drome. Esse castelo devia ser meu.

Jay teve um sobressalto. Drome era o apelido da mãe de Robert, Olive.

— Nesse caso, o senhor é o parente que veio para a Virgínia e de quem nunca mais se ouviu falar.

— E o senhor será o filho de George e Olive.

— Não, esse é meu meio-irmão, Robert. Olive morreu e o meu pai tornou a casar. Eu sou o filho mais novo.

— Ah. E Robert enxotou-o do ninho, como a mãe dele fez comigo.

Os reparos de Drome tinham uma insolência velada, mas Jay estava intrigado com o que ele estaria a insinuar. Lembrou-se das revelações alcoólicas feitas por Peter McKay no seu casamento.

— Ouvi dizer que Olive tinha falsificado o testamento.

— Pois foi. E assassinou o tio William.

— O quê?

— Sem a mínima dúvida. William não estava doente. Simplesmente, era hipocondríaco: adorava imaginar que estava doente. Teria morrido muito velho. Mas, seis semanas depois de Olive chegar, já tinha mudado o testamento e morrido. Mulher perversa!

— Ah. — Jay sentia uma satisfação estranha. Olive, a sacrossanta, cujo retrato ocupava o lugar de honra no vestíbulo de Castle Jamisson, era uma assassina que deveria ter sido enforcada. Jay nunca gostara do tom reverente em que se falava dela, e era com satisfação que agora vinha a saber que Olive fora uma megera cruel.

— O senhor não recebeu nada? — perguntou a Drome.

— Nem um acre. Vim para cá com seis dúzias de pares de meias de lã de Shetland e agora sou o maior capelista da Virgínia. Mas

nunca escrevi para lá. Tinha medo de que Olive arranjasse maneira de também me tirar isto.

— Mas como?

— Não sei. Talvez seja só superstição. Folgo em saber que morreu. Mas parece que o filho é como ela.

— Sempre o achei parecido com o meu pai. Tem uma ambição insaciável, seja a quem for que tenha saído.

— No seu lugar, não lhe dizia a minha morada.

— Ele vai herdar todos os negócios do meu pai. Não creio que também queira a minha pequena plantação.

— Não tenha demasiada certeza disso — avisou-o Drome; mas Jay achou que ele estava a dramatizar.

Jay só conseguiu a atenção do governador Botetourt no fim da festa, quando os convidados iam saindo pelo vestíbulo do jardim. Tomou-o pela manga e disse-lhe em voz baixa:

— Quero que saiba que sou completamente leal a Vossa Excelência e à coroa.

— Esplêndido, esplêndido — respondeu Botetourt em voz alta. — É muito amável da sua parte.

— Cheguei há pouco e fiquei escandalizado com a atitude da maioria dos notáveis da colónia, escandalizado! Quando Vossa Excelência estiver pronta para aniquilar a traição e esmagar a oposição desleal, estarei ao lado de Vossa Excelência.

Botetourt fitou-o, levando-o finalmente a sério, e Jay compreendeu que, por trás do exterior afável, se escondia um político astuto.

— É muito amável, mas esperemos que não haja grande necessidade de aniquilar nem de esmagar. Tenho para mim que é bem melhor persuadir e negociar: os efeitos são mais duradouros, sabe? Adeus, major Wilkinson! Foi muito amável em ter vindo, Mrs. Wilkinson.

Persuadir e negociar, pensava Jay saindo para o jardim. Botetourt fora cair num ninho de vespas e queria negociar com elas. Disse a Delahaye:

— Pergunto-me de quanto tempo irá precisar para perceber a realidade por estas bandas.

— Creio que já a percebe — retorquiu Delahaye. — Todavia, não acredita em mostrar os dentes sem ser para morder de seguida.

Se dúvidas houvesse, no dia seguinte o novo governador, tão bonacheirão, dissolveu a assembleia geral.

Matthew Murchman morava numa casa de ripas verdes ao lado da livraria de Duke of Gloucester Street. Fazia negócio na saleta da frente, rodeado de livros de leis e de documentos. Era um homenzinho pequeno e nervoso, parecia um esquilo, sempre a correr pela divisão para ir buscar um documento a uma pilha e o esconder noutra.

Jay assinou os documentos da hipoteca da plantação. Estava dececionado com a quantia do empréstimo: apenas quatrocentas libras esterlinas.

— E tive sorte em conseguir tanto — pipilou Murchman. — Com o tabaco tão em baixo, nem sei se se conseguia vender a propriedade por esse preço.

— Quem é o credor? — perguntou Jay.

— É um consórcio, capitão Jamisson. Hoje em dia, as coisas passam-se assim. Há algumas dívidas que deseje que eu liquide já?

Jay levava consigo um maço de contas, todas as dívidas que contraíra desde a sua chegada à Virgínia quase três meses antes. Entregou-as a Murchman, que as folheou rapidamente e disse:

— Estão aqui cerca de cem libras. Dou-lhe a quitação de tudo isto antes de voltar para Mockjack Hall. E, se comprar alguma coisa enquanto cá está, diga-me.

— É provável que compre — disse Jay. — Um certo Mr. Smythe está a vender uma carruagem com uma bela parelha de cavalos cinzentos. E preciso de dois ou três escravos.

— Farei constar que tem crédito comigo.

Jay não gostava muito da ideia de pedir tanto dinheiro emprestado e de o deixar todo nas mãos do advogado.

— Dê-me cem libras em ouro — disse. — Hoje à noite há um jogo de cartas no Raleigh.

— Com certeza, capitão Jamisson. O dinheiro é seu.

Quando Jay chegou à plantação na sua carruagem nova, não sobrava muito das quatrocentas libras. Perdera ao jogo, comprara quatro escravas novinhas, e não conseguira que Mr. Smythe abatesse nada no preço da carruagem com os cavalos.

No entanto, pagara todas as dívidas. Iria simplesmente voltar a obter crédito dos comerciantes locais, como até aí. A primeira colheita de tabaco estaria pronta para vender pouco depois do Natal, e nessa altura pagaria as contas com os lucros.

Afligia-o o que Lizzie pudesse dizer sobre a carruagem nova, mas, para seu alívio, ela quase não tocou no assunto. A mulher tinha obviamente outra coisa na cabeça que mal podia esperar por lhe dizer.

Como sempre, ficava ainda mais atraente quando estava agitada: faiscavam-lhe os olhos negros e a sua pele ganhava um brilho rosado. Contudo, Jay já não sentia a urgência do desejo sempre que a via. Desde que ela engravidara, ele tornara-se hesitante. Imaginava que fosse mau para o bebé que a mãe tivesse sexo durante a gravidez. Mas não era essa a verdadeira razão. De algum modo, o facto de Lizzie ser mãe cortava-lhe a excitação. Desagradava-lhe a ideia de que uma mãe tivesse prazer na cama. Fosse como fosse, era coisa que estava rapidamente a ficar impraticável: o volume que Lizzie carregava à sua frente ia-se tornando demasiado grande.

Assim que a beijou, ela disse:

— Bill Sowerby foi-se embora.

— A sério? — Jay estava admirado. O homem partira sem a sua paga. — Ainda bem que temos Lennox para o substituir.

— Penso que foi Lennox quem o afugentou. Parece que Sowerby lhe devia muito dinheiro de jogos de cartas.

Fazia sentido.

— Lennox é um bom jogador.

— Lennox quer ser capataz.

Estavam de pé no pátio da frente e, nesse momento, Lennox apareceu contornando a esquina da casa. Com a sua falta de delicadeza habitual, não deu as boas-vindas a Jay. Em vez disso, limitou-se a dizer:

— Chegou uma remessa de barris de bacalhau salgado.

— Fui eu quem a encomendou — esclareceu Lizzie. — É para os trabalhadores.

Jay ficou aborrecido.

— Porque queres dar-lhes peixe?

— O coronel Thumson diz que trabalham melhor. Dá aos dele peixe salgado todos os dias e carne uma vez por semana.

— O coronel Thumson é mais rico do que eu. Mande tudo para trás, Lennox.

— Vão ter de trabalhar muito este inverno, Jay — protestou Lizzie. — Vamos ter de desmatar todo o arvoredo de Pond Copse para preparar a terra para semear tabaco na primavera.

Lennox disse logo:

— Não é preciso. Com bom estrume, os campos ainda têm muito para dar.

— Não se pode estar sempre a estrumar — retorquiu Lizzie. — O coronel Thumson desbrava terra todos os invernos.

Jay compreendeu que era uma discussão que Lizzie e Lennox já tinham tido.

Lennox replicou:

— Não temos trabalhadores que cheguem. Mesmo com os homens do *Rosebud*, são à justa para trabalhar os campos que há agora. O coronel Thumson tem mais escravos do que nós.

— Isso é porque ganha mais dinheiro, porque tem métodos melhores — disse Lizzie triunfante.

Lennox desdenhou:

— As mulheres não conseguem entender estas coisas.

Lizzie disparou:

— Queira retirar-se, Mr. Lennox. Imediatamente.

Lennox ficou claramente zangado, mas afastou-se.

— Tens de te livrar dele, Jay — disse Lizzie.

— Não vejo porquê...

— Não é só por ser um bruto. Meter medo às pessoas é a única coisa que ele sabe fazer. Não percebe de lavoura, e de tabaco ainda menos. E o pior é que não quer aprender.

— Sabe pôr o pessoal a trabalhar como deve ser.

— Não vale a pena pô-los a trabalhar muito se estiverem a fazer a tarefa errada!

— De repente, tornaste-te conhecedora de tabaco.

— Jay, eu cresci numa grande herdade e vi-a falir. E não foi pela preguiça dos camponeses, foi porque o meu pai morreu e a minha mãe não soube governar a terra. Agora estou a ver-te a ti repetir todos os erros que tão bem conheço: ficar longe muito tempo, confundir brutalidade com disciplina, deixar outras pessoas tomarem as decisões mais importantes. Se fosse um regimento, não o comandavas assim!

— Tu não sabes nada sobre como comandar um regimento.

— E tu não sabes nada sobre como governar uma plantação!

Jay estava a ficar irritado mas conteve-se.

— Então o que é que me estás a pedir?

— Despede Lennox.

— E quem é que ficava encarregado?

— Podíamos ficar nós os dois, juntos.

— Eu não quero ser agricultor!

— Então deixa-me ficar a mim.

Jay acenou com a cabeça.

— Bem me parecia.

— O que queres dizer com isso?

— Tudo isto só para poderes ficar tu a mandar, não é?

Jay receou que ela fosse explodir, mas, em vez disso, Lizzie baixou a voz.

— É mesmo isso que pensas?

— Por acaso, é.

— Estou a tentar salvar-te. Estás a caminho de te perderes. Eu estou a lutar para que isso não aconteça, e tu achas que só quero dar ordens. Se é isso que pensas de mim, por que raio casaste comigo?

Jay não gostava de a ouvir usar linguagem menos própria: era demasiado masculino.

— Nessa altura eras bonita — respondeu.

Lizzie deitava chamuscas pelos olhos, mas não disse uma palavra. Deu meia-volta e entrou em casa.

Jay soltou um suspiro de alívio. Não era frequente ter a última palavra com a mulher.

Passado um instante, seguiu-a. Surpreendeu-o ver McAsh no vestíbulo, de colete e sapatos de dentro, a colocar um vidro novo numa janela. Que diabo estava ele a fazer ali dentro?

— Lizzie! — chamou. Foi à sala de visitas e encontrou-a lá. — Lizzie, acabo de ver McAsh na entrada.

— Encarreguei-o da manutenção da casa. Tem estado a pintar a ala das crianças.

— Não quero aquele homem na minha casa.

Aquela reação apanhou-a de surpresa.

— Então terás de ter paciência! — exclamou, furiosa.

— Mas...

— Não vou ficar aqui sozinha enquanto Lennox cá estiver. Recuso-me, entendeste?

— Está bem...

— Se McAsh sai, eu também saio! — Saiu da sala como um furacão.

— Está bem! — gritou Jay na direção da porta no momento em que esta batia. Não ia comprar uma guerra por causa de um reles condenado. Se ela queria que ele pintasse o quarto, pois que o pintasse.

Sobre o aparador, viu uma carta por abrir, para si. Pegou nela e reconheceu a letra da mãe. Sentou-se à janela e abriu a carta.

Grosvenor Square, 7
Londres

15 de setembro de 1768

Meu querido filho,

A mina nova, de High Glen, foi restaurada depois do acidente e recomeçou a extração.

Jay sorriu. A mãe conseguia ser muito pragmática.

Robert passou lá várias semanas, a reforçar as duas propriedades e a prepará-las para serem governadas como uma só.

Eu disse ao teu pai que te devia caber uma percentagem dos lucros do carvão, sendo tua a terra. A resposta foi que está a pagar os juros das hipotecas. Porém, julgo que o fator decisivo foi o modo como te apropriaste dos melhores homens entre os condenados do *Rosebud*. O teu pai ficou furioso e Robert também.

Jay sentiu-se um idiota e ficou furioso. Pensara que poderia apoderar-se daqueles homens impunemente. Já devia conhecer melhor o pai.

Continuarei a pressionar o teu pai com esta questão. A seu tempo, estou segura de que cederá.

— Deus te abençoe, mãe — disse Jay. A mãe continuava a cuidar zelosamente dos interesses dele embora estivesse tão longe que poderia nunca mais a ver.

Tendo arrumado os assuntos importantes, a mãe falava de si mesma, de familiares e amigos, e da vida social de Londres. Depois, já no fim, voltava aos negócios.

Robert foi para Barbados. Não sei bem porquê. Diz-me o instinto que ele anda a tramar alguma coisa contra ti. Não consigo imaginar como poderia ele prejudicar-te, mas o certo é que é engenhoso e implacável. Nunca baixes a guarda, meu filho.

A tua mãe que te adora,
Alicia Jamisson

Jay pousou a carta pensativo. Tinha o mais profundo respeito pela intuição da mãe, mas, ainda assim, parecia-lhe que ela estava

a ser demasiado receosa. Barbados ficava muito longe. E, mesmo que Robert fosse para a Virgínia, já não havia nada que pudesse fazer para o prejudicar — ou havia?

CAPÍTULO TRINTA E UM

Na ala das crianças, Mack encontrou um mapa.

Já restaurara duas das três divisões e estava a esvaziar a sala de estudos. A tarde ia no fim e ele tencionava começar no dia seguinte o trabalho propriamente dito. Havia uma arca cheia de livros bafientos e tinteiros vazios, e Mack vasculhara o conteúdo dessa arca para ver o que valeria a pena salvar. O mapa estava ali, cuidadosamente dobrado num estojo de couro. Abriu-o e examinou-o.

Era um mapa da Virgínia.

Teve uma vontade instantânea de saltar de alegria, mas o entusiasmo murchou quando se deu conta de que não conseguia entender nada do mapa.

Os nomes intrigaram-no, até compreender que o mapa estava numa língua estrangeira — calculou que em francês. Em vez de «Virgínia» dizia «Virginie», à região a nordeste dava o nome de «Partie de New Jersey», e todo o território a oeste das serras recebia o nome de «Louisiane», embora, no mais, essa parte do mapa permanecesse em branco.

Pouco a pouco, começou a entendê-lo melhor. Linhas finas eram rios, linhas mais grossas indicavam fronteira entre colónias, e as linhas mesmo grossas eram serras. Olhou-o intensamente, fascinado e ansioso: era o seu passaporte para a liberdade.

Descobriu que o Rappahannock era um de vários rios que atravessavam a Virgínia correndo das serras situadas a oeste para a baía de Chesapeake a leste. Encontrou Fredericksburg na margem sul do Rappahannock. Não tinha como calcular distâncias, mas Pepper Jones dizia que era uma centena de milhas até às serras. Se o mapa estivesse certo, seria a mesma distância até ao outro lado das serras. Mas não havia indicação de qualquer estrada que as atravessasse.

Sentia um misto de júbilo e de frustração. Sabia onde se encontrava, finalmente, mas o mapa parecia dizer-lhe que não tinha por onde fugir.

A serra estreitava para sul, e Mack examinou essa parte do mapa, seguindo as linhas dos rios até à nascente, à procura de uma passagem. Muito para sul, deparou com o que lhe pareceu ser um desfiladeiro, onde nascia o Cumberland.

Lembrou-se de como Whitey lhe falara de uma passagem chamada Cumberland Gap.

Aí estava: era ali a saída.

Era uma longa viagem. Calculou que fossem quatrocentas milhas, o mesmo que entre Edimburgo e Londres. *Essa* viagem demorava duas semanas na mala-posta — mais do que isso para um homem sozinho a cavalo. E levaria mais tempo ainda pelas estradas rudimentares e pelos trilhos de caça da Virgínia.

Mas do outro lado dessas serras um homem podia ser livre.

Dobrou o mapa cuidadosamente e guardou-o no estojo, após o que continuou o seu trabalho. Voltaria a olhar para o mapa mais tarde.

Ah, se conseguisse encontrar Peg, pensava enquanto varria a sala. Antes de fugir, tinha de saber se ela estava bem. Se Peg estivesse feliz, deixá-la-ia ficar, mas, se tivesse um senhor cruel, teria de a levar consigo.

Escureceu demasiado para trabalhar.

Deixou a ala das crianças e desceu as escadas. De um gancho junto da porta das traseiras tirou a sua velha capa de peles e embrulhou-se nela: lá fora estava frio. Ao sair, viu vir direito a si um grupo de escravos em grande agitação. No meio vinha Kobe, com uma mulher nos braços: um instante depois, Mack reconhecia Bess, a escrava novinha que desmaiara no campo semanas antes. Tinha os olhos fechados e sangue na camisa. A moça era atreita a acidentes.

Mack segurou a porta e, a seguir, entrou atrás de Kobe. Os Jamisson estariam decerto na sala de jantar, a acabar de comer.

— Ponha-a na sala de visitas, que eu vou chamar Mrs. Jamisson — disse.

— Na sala de visitas? — duvidou Kobe.

Era a única divisão, além da sala de jantar, onde o lume ardia na lareira.

— Acredite em mim. Há de ser assim que Mrs. Jamisson quer — respondeu Mack.

Kobe assentiu.

Mack bateu à porta da sala de jantar e entrou.

Lizzie e Jay jantavam sentados a uma pequena mesa redonda, com os rostos iluminados por um candelabro pousado no centro. Lizzie estava roliça e bonita, com um vestido de amplo decote que deixava ver o relevo dos seios e em seguida se espraiava como uma tenda sobre a barriga crescida. Comia uvas-passas enquanto Jay partia nozes. Mildred, a escrava de casa que tinha uma pele perfeita cor de tabaco, servia vinho a Jay. Na lareira ardia um lume forte. Era uma cena doméstica tranquila e, por um momento, Mack foi apanhado desprevenido ao ver-se confrontado tão indesmentivelmente com o facto de que Jay e Lizzie eram marido e mulher.

Depois olhou melhor. Jay estava sentado de esguelha em relação à mesa, com o corpo desviado de Lizzie: olhava pela janela, vendo cair a noite sobre o rio. Lizzie estava virada em sentido contrário, vendo Mildred servir o vinho. Nem Jay nem Lizzie sorriam. Poderiam ser estranhos numa taberna, forçados a partilhar uma mesa mas sem interesse um pelo outro.

Jay viu Mack e perguntou:

— Que raio queres tu?

Mack falou para Lizzie.

— Bess teve um acidente. Kobe pô-la na sala de visitas.

— Vou a caminho — disse Lizzie, afastando a cadeira.

Jay pediu:

— Não a deixes sujar de sangue os estofos amarelos!

Mack segurou na porta e saiu atrás de Lizzie.

Kobe estava a acender velas. Lizzie debruçou-se sobre a moça ferida. A pele escura de Bess empalidecera e os seus lábios não tinham pinga de sangue. Os olhos estavam fechados e a respiração parecia débil.

— O que aconteceu? — perguntou Lizzie.

— Cortou-se — respondeu Kobe, ainda ofegante do esforço de a carregar. — Estava a cortar uma corda com um machete. A lâmina fugiu e cortou-lhe a barriga.

Mack estremeceu. Viu Lizzie abrir mais o rasgão na camisa de Bess e cravou os olhos no golpe que ficou à vista. Tinha mau aspeto. Sangrava muito e o corte parecia fundo.

— Vá um de vós à cozinha e traga-me panos limpos e uma tigela com água morna.

Mack admirava a segurança de Lizzie.

— Vou eu — disse.

Correu para o anexo. Sarah e Mildred lavavam a louça do jantar. Sarah, transpirada como sempre, perguntou:

— A moça está bem?

— Não sei. Mrs. Jamisson pediu panos limpos e água morna.

Sarah deu-lhe uma tigela.

— Toma, vai buscar água à lareira. Já trago os panos.

Instantes depois, Mack regressara à sala de visitas. Lizzie cortara a camisa de Bess à volta da ferida. Embebeu um pano em água e lavou a pele. Quando a ferida se tornou mais visível, o seu aspeto era pior. Mack temeu que tivesse atingido os órgãos internos.

Lizzie pensava o mesmo.

— Não consigo ajudá-la — admitiu. — Ela precisa de um médico.

Jay entrou na sala, olhou e empalideceu.

Lizzie disse-lhe:

— Vou ter de chamar o doutor Finch.

— Como quiseses — respondeu Jay. — Eu vou ao Ferry House. Há luta de galos. — E saiu.

Boa viagem, pensou Mack com desdém.

Lizzie olhou para Kobe e para Mack.

— Um de vós terá de ir a cavalo a Fredericksburg, e está escuro.
Kobe declarou:

— Mack não monta muito bem. Eu vou.

— É verdade — admitiu Mack. — Eu podia levar a caleche, mas é mais lenta.

— Então, está decidido — disse Lizzie. — Não corras riscos, Kobe, mas vai o mais depressa que puderes. A moça pode morrer.

Fredericksburg ficava a dez milhas, mas Kobe conhecia o caminho e estava de volta duas horas depois.

Quando entrou na sala de visitas, parecia que deitava fumo. Mack nunca o vira tão zangado.

— O médico? — perguntou Lizzie.

— O doutor Finch não vem a esta hora para ver uma preta — respondeu Kobe com a voz a tremer.

— Idiota dos diabos! — exclamou Lizzie furiosa.

Todos olharam para Bess. Cobriam-lhe a pele gotas de suor, e sua respiração tornara-se irregular. De vez em quando, gemia, mas não abria os olhos. O sofá de seda amarela estava vermelho do seu sangue. Era evidente que estava a morrer.

— Não podemos ficar aqui sem fazer nada — disse Lizzie. — Ainda se pode salvar!

Kobe opinou:

— Acho que já não vive muito.

— Se o médico não vem, temos de a levar lá nós — decidiu Lizzie. — Pomo-la na caleche.

Mack contrapôs:

— Não é bom mexer-lhe.

— Se não lhe mexermos, morre à mesma! — gritou Lizzie.

— Está bem, está bem, vou tirar a caleche.

— Kobe, tira o colchão da minha cama e estende-o atrás para a deitarmos em cima. E traz cobertores.

Mack correu para as cavalariças. Os moços de estrebaria tinham todos ido dormir, mas rapidamente Mack conseguiu atrelar *Stripe*, o

pônei. Do fogão da cozinha tirou um morrão e acendeu as candeias da caleche. Quando a levou para a frente da casa, Kobe esperava-o.

Enquanto Kobe preparava o colchão, Mack entrou na casa. Lizzie estava a vestir o casaco.

— Também vem? — perguntou Mack.

— Vou.

— Acha que é aconselhável, no seu estado?

— Tenho medo de que o estafermo do médico se recuse a tratá-la se eu não for.

Mack sabia que não valia a pena argumentar estando ela naquele estado de espírito. Pegou em Bess com delicadeza e saiu de casa. Estendeu-a com cuidado no colchão e Kobe tapou-a com os cobertores. Lizzie subiu e instalou-se ao lado dela, amparando-lhe a cabeça nos braços.

Mack subiu para a boleia e tomou as rédeas. Três pessoas era peso a mais para o pônei, pelo que Kobe deu um empurrão à caleche para a pôr em marcha. Mack governou-a até à estrada e virou na direção de Fredericksburg.

Não havia lua, mas a luz das estrelas permitia-lhe ver o caminho. A estrada era pedregosa e cheia de sulcos, e a caleche avançava aos baldões. Mack receava sacudir Bess, mas Lizzie não parava de o apressar:

— Mais depressa! Mais depressa!

A estrada serpenteava pela margem do rio, atravessando a floresta densa e as extremas de plantações como a dos Jamisson. Não viam viva alma: ninguém viajava de noite, se não tivesse mesmo de ser.

Com o incitamento de Lizzie, Mack impôs um bom andamento e chegaram a Fredericksburg pela hora da ceia. Havia gente nas ruas e luz às janelas. Mack estacionou à porta do Dr. Finch. Lizzie foi bater à porta enquanto Mack enrolava Bess em cobertores e pegava nela com cuidado. A rapariga continuava sem sentidos, mas ainda vivia.

Veio abrir a porta Mrs. Finch, uma mulher de rosto aguçado como um rato, na casa dos quarenta anos. Mandou entrar Lizzie para uma saleta e Mack seguiu-a com Bess nos braços. O médico, um homem atarracado e de ar ameaçador, teve um claro acesso de culpa ao perceber que fizera uma mulher grávida viajar de noite para lhe levar uma paciente. Disfarçou o embaraço com uma grande azáfama, pontuada por ordens ásperas que dava à mulher.

Depois de olhar para a ferida, disse a Lizzie que fosse para a sala contígua e ficasse à vontade. Mack acompanhou-a e Mrs. Finch ficou a ajudar o marido.

Sobre uma mesa viam-se restos da ceia. Lizzie sentou-se com grandes cautelas.

— O que foi? — perguntou Mack.

— A viagem deu-me umas dores nas costas terríveis. Acha que Bess se vai salvar?

— Não sei. Não é muito robusta.

Entrou uma criada e ofereceu a Lizzie chá e bolo, que ela aceitou. A criada olhou Mack de alto a baixo, viu que era um criado e disse:

— Se quiser chá, pode vir à cozinha.

— Primeiro tenho de ir tratar do cavalo — respondeu Mack.

Saiu e conduziu o pônei até ao estábulo do Dr. Finch, onde lhe deu água e um pouco de cereal; depois, esperou na cozinha. A casa era pequena, e ele ouvia o médico e a mulher conversarem enquanto trabalhavam. A criada, uma negra de meia-idade, levantou a mesa da sala de jantar e trouxe a chávena de Lizzie. Mack pensou que era estúpido ficar na cozinha e deixar Lizzie na sala, e então foi ter com ela, indiferente à carranca da criada. Lizzie estava pálida, e Mack pensou que tinha de a levar para casa o mais depressa possível.

O Dr. Finch entrou por fim, a secar as mãos.

— É um golpe feio, mas julgo ter feito tudo o que era possível — disse. — Estanquei a hemorragia, cosi-a, e dei-lhe uma bebida. É nova e há de curar-se.

— Graças a Deus — suspirou Lizzie.

O médico acenou com a cabeça.

— Sim, acredito que seja uma escrava muito útil. Esta noite, não devia viajar grande distância. Pode ficar cá e dormir no quarto da criada, e a senhora pode mandar buscá-la amanhã ou depois. Quando a ferida fechar, tiro-lhe os pontos. Até lá, não deve fazer trabalho pesado.

— Com certeza.

— A senhora ceou, Mrs. Jamisson? Posso oferecer-lhe alguma coisa?

— Não, obrigado. Só quero ir para casa e deitar-me.

Mack declarou:

— Vou buscar a caleche.

Minutos depois, estavam a caminho. Lizzie ia sentada à frente enquanto rodavam pela cidade, mas, assim que deixaram para trás a última casa, deitou-se no colchão.

Mack avançava devagar, desta vez sem brados de impaciência nas suas costas. Ao fim de uma meia hora de viagem, Mack perguntou:

— Está a dormir?

Como não houve resposta, concluiu que sim.

De vez em quando, olhava para trás. Lizzie estava irrequieta, sempre a mudar de posição e a resmonear enquanto dormia.

Atravessavam um troço deserto a duas ou três milhas da plantação quando um grito rompeu a calma da noite.

Era Lizzie.

— O que foi? O que foi? — perguntou Mack desvairado puxando as rédeas. Ainda o pônei não estacara e já Mack galgava para a traseira.

— Oh, Mack, está-me a doer! — queixou-se Lizzie.

Mack passou-lhe um braço pelos ombros e soergueu-a um pouco.

— O que é? Onde é que dói?

— Oh, meu Deus, acho que é o bebé que vem aí.

— Mas ainda não...

— Faltam dois meses.

Mack pouco sabia daquelas coisas, mas calculava que tivesse sido a tensão com o acidente de Bess ou a estrada esburacada — ou as duas coisas — a provocar o parto.

— Quanto tempo temos?

Lizzie soltou um gemido prolongado e sonoro, e depois respondeu:

— Pouco.

— Pensei que levava horas.

— Não sei. Acho que as dores das costas já eram trabalho de parto. Se calhar, o bebé já vem a caminho desde aí.

— Sigo em frente? Chegamos dentro de um quarto de hora.

— É demasiado. Fique onde está e ampare-me.

Mack notou que o colchão estava molhado e viscoso.

— Porque é que o colchão está molhado?

— Creio que me rebentaram as águas. Quem me dera que a minha mãe aqui estivesse.

Pareceu a Mack que era sangue o que ensopava o colchão, mas não disse nada.

Lizzie tornou a gemer. Quando a dor passou, ela teve um arrepio. Mack cobriu-a com a sua capa de peles.

— Devolvo-lhe a sua capa — disse, e ela sorriu um instante, antes de ser tomada por mais um espasmo.

Quando conseguiu falar de novo, avisou:

— Quando o bebé sair, tem de o agarrar.

— Está bem — respondeu Mack, mas não percebia bem o que ela queria dizer.

— Ponha-se entre as minhas pernas — disse Lizzie.

Mack ajoelhou-se a seus pés e levantou-lhe as saias. Tinha os culotes empapados. Mack só despira duas mulheres na vida, Annie e Cora, e nenhuma delas usava culotes, pelo que não sabia muito bem como desatá-los, mas, mal ou bem, acabou por conseguir

despir-lhos. Lizzie levantou as pernas e apoiou os pés nos ombros dele.

Mack olhou os densos pelos negros entre as pernas de Lizzie, e assaltou-o uma sensação de pânico. Como era possível que saísse por ali um bebé? Não fazia ideia de como aquilo era. Depois, disse a si mesmo para manter a calma: era uma coisa que acontecia milhares de vezes por dia em todo o mundo. Não precisava de compreender. O bebé nasceria sem a sua ajuda.

— Tenho medo — admitiu Lizzie durante uma trégua.

— Eu olho por si — disse Mack, e afagou-lhe as pernas, a única parte do corpo dela ao seu alcance.

O bebé nasceu muito depressa.

Mack não via muito bem à luz das estrelas, mas, quando Lizzie soltou um grito especialmente forte, algo começou a sair de dentro dela. Mack estendeu as mãos a tremer e sentiu uma coisa quente e escorregadia a querer sair. Um instante depois, tinha nas mãos a cabeça do bebé. Lizzie pareceu repousar um momento, mas logo recomeçou a fazer força. Mack apoiou a cabeça do bebé com uma mão e passou a outra por baixo dos pequenos ombros, que agora chegavam ao mundo. Passado outro instante, saía todo o bebé.

Pegou nele e olhou-o: viu os olhos fechados, os cabelos negros, as perninhas minúsculas.

— É uma menina — anunciou.

— Tem de a fazer chorar — disse Lizzie inquieta.

Mack já ouvira falar da prática de dar palmadas aos recém-nascidos para os fazer respirar. Custava-lhe, mas sabia que tinha de ser. Virou a bebé na palma da mão e deu-lhe uma palmada com força no rabo.

Nada aconteceu.

Com o peito minúsculo apoiado na palma da sua mão enorme, percebeu que alguma coisa estava a correr muito mal. Não sentia a pulsação da bebé.

Lizzie tentou sentar-se.

— Dê-ma cá! — ordenou.

Mack passou-lha para as mãos.

Lizzie pegou na filha e observou-lhe o rosto. Encostou os lábios aos da criança como se a fosse beijar, e então soprou-lhe para a boca.

Mack desejou que a bebé inspirasse e chorasse, mas nada aconteceu.

— Morreu — disse Lizzie. Apertou a bebé contra o peito e envolveu-lhe na capa o corpinho nu. — A minha menina morreu. — E começou a chorar.

Mack abraçou as duas e assim ficou, enquanto Lizzie chorava perdidamente.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Depois de a filha lhe nascer morta, Lizzie passou a viver num mundo cinzento, de gente muda, de chuva e nevoeiro. Deixava os escravos de casa fazerem o que quisessem, dando-se conta vagamente, ao fim de algum tempo, de que Mack se encarregara de os dirigir. Deixara de dar a sua volta diária à plantação: deixava os campos de tabaco ao cuidado de Lennox. Por vezes, visitava Mrs. Thumson ou Suzy Delahaye, porque elas não se importavam de falar da bebé o tempo que ela quisesse; mas não ia a festas nem a bailes. Todos os domingos ia à missa a Fredericksburg e, a seguir, passava uma hora ou duas no cemitério, de pé, a olhar a pequena campa, a pensar em tudo o que não chegara a acontecer.

Tinha a certeza absoluta de que a culpa era sua. Continuara a montar até ao quarto ou quinto mês de gravidez; não repousara quanto lhe diziam que era recomendável; e viajara dez milhas na caleche, dizendo a Mack para ir mais depressa, na noite em que a bebé nascera morta.

Estava zangada com Jay por ter saído nessa noite; com o Dr. Finch por se ter recusado a ir a Mockjack Hall ver uma escrava; e com Mack por lhe ter obedecido e acelerado a marcha da caleche. Mas sobretudo estava zangada consigo mesma. Odiava-se e desprezava-se por ter sido uma grávida tão desastrosa, pela sua impulsividade, pela sua impaciência e pela sua incapacidade para ouvir conselhos. Se eu não fosse assim, pensava, se fosse uma pessoa normal, ajuizada e racional e prudente, teria agora a minha menina.

Com Jay, não podia falar do assunto. Ao princípio, ele zangara-se. Gritara com Lizzie, jurara matar o Dr. Finch e ameaçara chicotear Mack; mas a sua raiva desvanecera-se ao saber que o bebé era uma menina, e agora agia como se a mulher nunca tivesse estado grávida.

Durante algum tempo, conversou com Mack. O parto aproximara-os muito. Mack embrulhara-a na sua capa e segurara-lhe os joelhos e cuidara ternamente da pobre bebé. De início, Mack foi para ela grande conforto, mas, ao cabo de umas semanas, Lizzie sentiu-o começar a tornar-se impaciente. A filha não era dele, pensou Lizzie, portanto não podia partilhar verdadeiramente a dor dela. Ninguém podia. Por isso, fechou-se em si mesma.

Certo dia, passados três meses, Lizzie foi à antiga ala das crianças, ainda luminosa da tinta fresca, e ali se sentou sozinha. Imaginou uma menina num berço, a palrar feliz ou a chorar com fome, vestida em lindas roupinhas brancas e com sapatinhos de malha nos pés, a mamar nos seus mamilos, ou metida numa selha e ela a dar-lhe banho. Tão intensa foi a visão que as lágrimas lhe encheram os olhos e rolaram pelas faces, embora não fizesse um som.

Mack entrou estava ela assim. Tinham caído detritos da chaminé durante uma tempestade, e ele agachou-se para os apanhar. Não comentou as lágrimas dela.

— Estou tão infeliz — confessou Lizzie.

Mack não interrompeu o que estava a fazer.

— Isso não lhe vai fazer bem nenhum — respondeu Mack com uma voz dura.

— Esperava um pouco mais de compaixão da sua parte — queixou-se ela desolada.

— Não pode passar a vida nestes quartos a chorar. Mais cedo ou mais tarde, toda a gente morre. Quem fica tem de andar para a frente.

— Mas eu realmente não quero. Que tenho eu por que viver?

— Não seja tão dramática, Lizzie. Nem é essa a sua maneira de ser.

Lizzie estava chocada. Ninguém lhe falara com maus modos desde que perdera a filha. Que direito tinha Mack de a fazer ainda mais infeliz?

— Não tem o direito de me falar assim — disse.

Mack surpreendeu-a investindo contra ela. Largando a vassoura, agarrou-lhe ambos os braços e obrigou-a a levantar-se.

— Não me venha falar dos meus direitos — exclamou. Estava tão zangado que Lizzie receou que ele lhe fizesse mal.

— Deixe-me em paz!

— Já tem demasiada gente a deixá-la em paz — respondeu Mack, mas largou-a.

— O que devo fazer? — perguntou Lizzie.

— O que quiser. Apanhe um barco de volta e vá viver com a sua mãe em Aberdeen. Tenha um caso amoroso com o coronel Thomson. Fuja para a fronteira com um zé-ninguém. — Fez uma pausa e olhou-a intensamente. — Ou, então, resolva-se a ser a mulher de Jay e engravide outra vez.

Aquilo surpreendeu-a.

— Pensava que...

— Pensava o quê?

— Nada. — Lizzie sabia, havia algum tempo, que Mack estava pelo menos meio apaixonado por ela. Quando fracassara a festa para os trabalhadores, ele tocara-lhe e afagara-a com meiguice, de uma maneira que só podia ser amor. Beijara-lhe as lágrimas vivas nas faces. Naquele enleio, houvera mais do que mera compaixão.

Do mesmo modo, houvera mais, na resposta dela, do que a mera necessidade de uma mão amiga. Lizzie colara-se àquele corpo rijo e saboreara o toque dos lábios dele na sua pele, e não fora apenas pela desolação que sentia.

Mas todos esses sentimentos se tinham esvaído desde a desgraça da filha. O seu coração esvaziara-se. Não tinha paixões, só pesar.

Sentia culpa e vergonha por ter tido tais desejos. A esposa lasciva que tentava seduzir o lacaio belo e jovem era figura recorrente na literatura satírica.

Mack não era apenas um lacaio belo e jovem, naturalmente. Lizzie viera pouco a pouco a descobrir que era o homem mais notável que ela conhecera. Também era arrogante e opinioso, bem

o sabia. A noção que ele tinha da sua própria importância era grotescamente exagerada e impelia-o para a asneira. Mas Lizzie não conseguia deixar de admirar a forma como ele se insurgia contra a autoridade tirânica, das minas de carvão da Escócia às plantações da Virgínia. E, quando se metia em sarilhos, era muitas vezes por defender outrem.

Mas Jay era o seu marido. Era fraco e insensato, e mentira-lhe, mas Lizzie casara com ele e devia-lhe fidelidade.

Mack continuava a fitá-la. Lizzie perguntava-se o que lhe estaria a passar pela cabeça. Pensara que estava a referir-se a si mesmo quando dissera «Fuja para a fronteira com um zé-ninguém».

Mack estendeu a mão a medo e acariciou-lhe a face. Lizzie fechou os olhos. Se a mãe a visse, saberia exatamente o que dizer. «Casaste com Jay e prometeste ser-lhe fiel. És uma mulher ou uma criança? Uma mulher cumpre com a sua palavra quando é difícil e não apenas quando é fácil. Uma promessa é isso mesmo.»

E ali estava ela a permitir que outro homem lhe acariciasse a face. Abriu os olhos e fitou Mack por muito tempo. Nos olhos verdes de Mack havia desejo. Lizzie fez das tripas coração. Tomada de um impulso repentino, esbofeteou-o com toda a sua força.

Foi como bater numa rocha. Mack não se moveu. Mas a sua expressão alterou-se. Não o magoara na face mas ferira-lhe o coração. Tal era o choque e o desânimo que se lhe liam no rosto que Lizzie sentiu um ímpeto avassalador de lhe pedir desculpa e de o abraçar. Resistiu com todas as suas forças. Com voz trémula, disse:

— Não se atreva a tocar-me!

Mack não respondeu, apenas olhou para ela, cheio de horror e desgosto. Lizzie era incapaz de continuar a ver a sua expressão magoada, por isso levantou-se e saiu do quarto.

Mack dissera «resolva-se a ser a mulher de Jay e engravide outra vez». Pensou muito nisso um dia inteiro. A ideia de receber Jay na sua cama tornara-se-lhe desagradável, mas era o seu dever

de esposa. Se se furtasse a tal dever, não seria digna de ter um marido.

Nessa tarde, tomou um banho. Era uma tarefa complicada, que envolvia ter uma selha de latão no quarto e cinco ou seis moças fortes a transportarem jarros de água quente pelas escadas acima, desde a cozinha. Finda a tarefa, vestiu roupa lavada antes de descer para o jantar.

Era uma tarde fria de janeiro e o fogo ardia forte na lareira. Lizzie bebeu um pouco de vinho e esforçou-se por conversar alegremente com Jay como antes de casarem. Jay não correspondeu. Isso, porém, já era de esperar, pensou Lizzie, tendo ela sido tão má companhia durante tanto tempo.

Terminada a refeição Lizzie disse:

— Passaram três meses desde a bebé. Agora já estou bem.

— Bem, como?

— O meu corpo voltou ao normal. — Não ia dar-lhe pormenores. Deixara de ter leite dias depois do parto. Durante bastante mais tempo, sangrara um pouco todos os dias, mas também isso acabara. — Quer dizer, a minha barriga nunca mais será tão lisa como antes, mas... quanto ao resto, estou curada.

Jay continuava a não entender.

— Porque me estás a dizer isso?

Tentando que a exasperação não lhe afetasse a voz, Lizzie respondeu:

— Já podemos fazer amor outra vez, é isso que estou a dizer.

Jay soltou um resmungo e acendeu o cachimbo.

Não era a reação que uma mulher desejaria.

— Queres vir hoje ao meu quarto? — insistiu.

Jay pareceu aborrecido.

— Deve ser o homem a fazer essas propostas — respondeu irritado.

Lizzie levantou-se.

— Só queria que soubesses que estou pronta — retorquiu. Magoada, subiu ao seu quarto.

Mildred foi ajudá-la a despir-se. Enquanto despia os saíotes, perguntou, com a voz mais indiferente que conseguiu fazer:

— Mr. Jamisson já se foi deitar?

— Não, penso que não.

— Está lá em baixo?

— Penso que saiu.

Lizzie olhou para o rosto bonito da criada. Havia na sua expressão qualquer coisa de intrigante.

— Mildred, estás a esconder-me alguma coisa?

Mildred era novinha, teria uns dezoito anos, e pouco dotada para a dissimulação. Desviou o olhar.

— Não, Mrs. Jamisson.

Lizzie teve a certeza de que ela estava a mentir. Mas porquê?

Mildred começou a escovar-lhe o cabelo. Lizzie perguntou-se aonde teria ido Jay. Saía com frequência depois de jantar. Às vezes, dizia que ia jogar às cartas ou ver uma luta de galos; outras vezes, não dizia nada. Lizzie calculava vagamente que fosse beber rum a tabernas com outros homens. Todavia, se fosse apenas isso, Mildred di-lo-ia. Lizzie pensou então noutra possibilidade.

O marido teria outra mulher?

Passada uma semana, Jay ainda não fora ter com ela ao quarto.

Lizzie ficou obcecada com a ideia de que ele andasse a ter um caso. A única pessoa que lhe ocorria era Suzie Delahaye. Era nova e bonita, e o marido dela passava a vida a ausentar-se — como tantos cidadãos da Virgínia, vivia a pensar em corridas de cavalos e era capaz de fazer uma viagem de dois dias só para assistir a uma. Andaria Jay a escapar de casa a seguir ao jantar, a cavalgar até à plantação dos Delahaye e a meter-se na cama com Suzie?

Dizia a si mesma que estava a imaginar coisas, mas a ideia não desaparecia.

À sétima noite, espreitou pela janela do seu quarto e viu atravessar o relvado às escuras o bruxulear de uma candeia.

Resolveu segui-la.

Estava frio e escuro, mas não perdeu tempo a vestir-se. Pegou num xaile e passou-o pelos ombros ao correr escada abaixo.

Esgueirou-se de casa. Os dois galgos, que dormiam no alpendre, olharam-na curiosos.

— Anda, *Roy*, anda, *Rex* — disse. Correu pela relva atrás da luz da candeia, com os cães colados a ela. Pouco depois, a luz desaparecia no bosque, mas, a essa altura, já Lizzie estava suficientemente perto para discernir que Jay — se era ele — metera pelo carreiro que conduzia aos celeiros do tabaco e às casas do capataz.

Talvez Lennox tivesse um cavalo selado e pronto para ir à plantação dos Delahaye. Lizzie não sabia como, mas Lennox tinha de estar metido naquilo até ao pescoço: sempre que Jay saía dos trilhos, o homem estava envolvido.

Não tornou a avistar a candeia, mas deu com as casas facilmente. Eram duas. Lennox morava numa delas. A outra fora de Sowerby e agora estava vazia.

Mas tinha alguém lá dentro.

As janelas estavam fechadas por causa do frio, mas pelas frestas coava-se luz.

Lizzie parou, a dar tempo ao coração para se acalmar, mas era o medo, e não o esforço, que o fazia bater tão depressa. Temia o que pudesse encontrar lá dentro. A ideia de Jay tomar nos braços Suzie Delahaye como fizera com ela, e de a beijar com os mesmos lábios que ela beijara, deixava-a louca de raiva. Chegou a pensar em voltar atrás. Mas ficar sem saber seria o pior. Experimentou a porta. Não estava trancada. Abriu-a e entrou.

A casa tinha duas divisões. A cozinha, da parte da frente, estava vazia, mas Lizzie ouviu uma voz a falar baixo vinda do quarto, na parte de trás. Já estariam na cama? Avançou para o quarto na ponta dos pés, agarrou a maçaneta, inspirou fundo, e escancarou a porta.

Suzy Delahaye não estava lá dentro.

Estava Jay. Deitado na cama, de camisa e calções, descalço e sem casaco.

Ao fundo da cama estava de pé uma escrava.

Lizzie não sabia o nome da rapariga: era uma das quatro que Jay comprara em Williamsburg. Teria a idade de Lizzie, era magra e muito bonita, com meigos olhos castanhos. Estava completamente nua, e Lizzie via-lhe os seios orgulhosos, de escuros mamilos, e os pelos negros do ventre, espessos e encaracolados.

Enquanto a olhava, a rapariga lançou-lhe um olhar que Lizzie jamais esqueceria: um olhar altivo, de desprezo e triunfo. Podes ser a senhora da casa, dizia esse olhar, mas é para a minha cama que ele vem todas as noites, não é para a tua.

A voz de Jay chegou até Lizzie como de muito longe:

— Lizzie, oh, meu Deus!

Voltou para ele o rosto e viu-o estremecer sob o seu olhar. Mas o medo de Jay não lhe dava satisfação: que ele era fraco, já ela sabia havia muito tempo.

Recuperou a sua própria voz:

— Vai para o diabo, Jay — disse calmamente. Virou as costas e saiu.

Foi para o seu quarto, tirou as suas chaves da gaveta e desceu à sala das armas.

As suas Griffin estavam no armário ao lado das armas de Jay, mas Lizzie pegou antes num par de pistolas de bolso guardadas num estojo de cabedal. Verificou o conteúdo do estojo e encontrou um polvorinho cheio, pano de linho abundante, a fazer cama, e algumas pederneiras, mas balas não. Vascularizou a sala mas não havia munições, só uma pequena pilha de lingotes de chumbo. Pegou num dos lingotes e numa forma para balas — uma ferramenta pequena semelhante a uma tenaz — e saiu da sala, trancando de novo a porta.

Na cozinha, Sarah e Mildred fitaram-na com os olhos arregalados de medo quando ela entrou com o estojo das pistolas debaixo do

braço. Sem uma palavra, dirigiu-se ao aparador e tirou uma faca grande e uma caçarola pequena com bico. Depois foi para o seu quarto e trancou a porta.

Espevitou o lume até as chamas serem tão fortes que não conseguia aproximar-se por mais de alguns segundos. Então pôs a caçarola ao lume com o lingote de chumbo lá dentro.

Lembrou-se de quando Jay voltara de Williamsburg com quatro escravas novinhas. Lizzie perguntara-lhe porque não trouxera antes homens, e ele respondera que as moças eram mais baratas e mais obedientes. Na altura, não pensara mais no assunto: preocupara-a mais a extravagância da carruagem nova. Agora, amargamente, compreendia.

Bateram à porta, e a voz de Jay chamou:

— Lizzie? — A maçaneta rodou e a porta vibrou com um empurrão. Achando-a trancada, Jay perguntou: — Lizzie, deixas-me entrar?

Ela ignorou-o. De momento, ele sentia medo e culpa. Mais tarde, acharia maneira de se convencer de que não fizera nada de mal e ficaria irritado, mas, por enquanto, era inofensivo.

Jay continuou a bater à porta e chamá-la durante cerca de um minuto; depois desistiu e foi-se embora.

Derretido o chumbo, tirou a caçarola do lume. Sem perder tempo, verteu um pouco de chumbo na forma através de um bocal. No interior da cabeça da ferramenta, uma cavidade esférica encheu-se de chumbo fundido. Lizzie mergulhou a forma na bacia de água do seu lavatório, para arrefecer e endurecer o chumbo. Quando apertou os dois braços da ferramenta, a cabeça abriu-se deixando cair uma bala redonda acabada. Pegou nela. Era perfeita, com exceção de uma pequena cauda formada pelo chumbo que ficara no bocal. Lizzie aparou-a com a faca da cozinha.

Continuou a fabricar projéteis até gastar todo o chumbo. Então carregou as duas pistolas e pousou-as ao lado da cama. Verificou que porta estava bem trancada.

E foi-se deitar.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Mack ficou furioso com Lizzie por causa daquela bofetada. Sempre que pensava nisso, a raiva voltava. Ela dera-lhe sinais errados e castigara-o quando ele correspondera. Era uma cabra, disse para consigo; uma sedutora rica e cruel que brincara com os seus sentimentos.

Mas Mack sabia que isso não era verdade e, ao fim de algum tempo, mudou de opinião. Refletindo, acabou por se dar conta de que ela estava refém de emoções contraditórias. Sentia-se atraída por ele mas era casada com outro. Tinha um sentido do dever consolidado mas sentia-se assustada porque esse sentido do dever estava a abrir brechas. Em desespero, tentara acabar de vez com o dilema brigando com ele.

Mack queria ter-lhe dito que a sua fidelidade para com Jay era deslocada. Todos os escravos sabiam, havia meses, que Jay passava as noites numa cabana com Felia, uma rapariga bela e ferosa do Senegal. Mas Mack tinha a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, Lizzie haveria de o descobrir por si mesma, e de facto assim fora, duas noites antes. A sua reação fora extrema, como era habitual nela: trancara a porta do seu quarto e armara-se de pistolas.

Quanto tempo mais iria ela prolongar aquilo? Como iria acabar tudo? «Fuja para a fronteira com um zé-ninguém», dissera-lhe ele, pensando em si mesmo. Mas ela não dera resposta à insinuação. Claro que nunca lhe ocorreria passar a sua vida ao lado de Mack. Era certo que gostava dele; Mack fora para ela mais do que um simples criado; fizera-lhe o parto; e ela gostara do seu abraço. Mas tudo isso ficava a léguas de deixar o marido e fugir com ele.

Permanecia deitado na cama antes de nascer o dia, a remoer irrequieto aqueles pensamentos, quando ouviu um cavalo relinchar baixinho.

Quem poderia ser, àquela hora? De sobrolho franzido, desceu da tarimba e saiu da sua barraca de calções e camisa.

O ar estava frio e Mack arrepiou-se ao abrir a porta. Era uma madrugada de nevoeiro com uma chuva miúda, mas o dia não tardava e ele conseguiu ver, sob a luz de prata, duas mulheres a entrarem no recinto, uma delas com um pónei pela arreata.

Passado um instante, reconheceu a mais velha, que era Cora. Porque teria feito a viagem durante a noite até ali? Deviam ser más notícias.

Depois reconheceu a outra mulher.

— Peg! — exclamou encantado.

A rapariga viu-o e correu para ele. Crescera, pensou Mack: estava uns dedos mais alta e as suas formas tinham-se alterado. Mas o rosto era o mesmo, e ela lançou-se-lhe nos braços.

— Mack! — disse. — Oh, Mack, tive tanto medo!

— Julguei que nunca mais te via — disse ele. — O que te aconteceu?

Foi Cora quem respondeu:

— Está metida em sarilhos. Comprou-a um lavrador da serra chamado Burgo Marler. Ele tentou violá-la, e ela esfaqueou-o com uma faca da cozinha.

— Pobrezinha — disse Mack, e abraçou-a. — E o homem morreu?

Peg disse que sim com a cabeça.

Cora contou:

— A história veio no *Virginia Gazette*, e agora todos os regedores da colónia andam atrás dela.

Mack ficou aterrado. Se Peg fosse apanhada, iam decerto enforcá-la.

Os outros escravos acordaram com a conversa. Alguns condenados saíram das barracas e reconheceram Peg e Cora, e festejou-se o reencontro.

Mack perguntou a Peg:

— Como chegaste a Fredericksburg?

— A pé — respondeu ela com um toque lacônico da sua velha personalidade provocadora. — Sabia que tinha de ir para leste e chegar ao Rappahannock. Viajei quando estava escuro e fui perguntando a gente que anda de noite: escravos, foragidos, desertores, índios...

Cora acrescentou:

— Escondi-a lá em casa por uns dias: o meu marido foi a Williamsburg em negócios. Mas depois ouvi dizer que o regedor ia revistar todos os sítios onde houvesse gente que veio no *Rosebud*.

— Mas isso quer dizer que também vem aqui! — exclamou Mack.

— Sim. Não deve tardar.

— O quê?

— Estou convencida de que ele já vem a caminho. Estava a reunir um grupo de revista quando saí de lá.

— Então porque a trouxeste para aqui?

O rosto de Cora endureceu.

— Porque ela é problema teu. Eu tenho um marido rico e uma boa casa e um lugar na igreja com o meu nome, e não quero que o regedor vá dar com uma assassina no meu celeiro!

Os outros condenados resmungaram dando voz à sua reprovação. Mack fitava-a consternado. Chegara a pensar em passar a sua vida ao lado daquela mulher.

— Meu Deus, que falta de coração! — disse zangado.

— Eu salvei-a, não foi? — perguntou Cora indignada. — Agora tenho de me salvar a mim!

Peg agradeceu:

— Obrigado por tudo, Cora. Sim, tu salvaste-me.

Kobe observara-os em silêncio. Mack voltou-se naturalmente para ele para discutir o problema.

— Podíamos escondê-la na plantação dos Thumson — propôs.

— Pode ser, se o regedor não revistar lá também — disse Kobe.

— Diabo, não tinha pensado nisso. — Onde poderia ela esconder-se? — Eles vão revistar cada bocadinho das barracas, das

cavaliças, dos celeiros...

Cora perguntou-lhe então:

— Já comeste a Lizzie Jamisson?

Mack foi apanhado de surpresa pela pergunta.

— Que é isso de «já»? Claro que não!

— Não te faças de parvo. Aposto que ela bem queria.

Mack não gostou da atitude pouco romântica de Cora, mas não podia armar-se em inocente.

— E se quisesse?

— Achas que ela escondia Peg, pelos teus lindos olhos?

Mack não tinha a certeza. Como posso, antes de mais, pedir-lho?, pensou. Seria incapaz de amar uma mulher que se recusasse a proteger uma criança naquela situação. Contudo, persistia no seu espírito a dúvida de saber se Lizzie aceitaria. Não sabia porquê, mas aquilo irritava-o.

— Talvez o faça por ter bom coração — admitiu, frisando as palavras.

— Talvez. Mas o egoísmo da carne é um motivo mais seguro.

Mack ouviu cães a ladrar. Pareceu-lhe que eram os galgos no alpendre da casa grande. O que os teria desassossegado? Então, vindo do rio, ouviu-se, em resposta, outro ladrido.

— Cães de fora — disse Kobe. — Por isso *Roy* e *Rex* ladraram.

— Já será o grupo do regedor? — perguntou Mack com redobrada ansiedade.

— Penso que sim — disse Kobe.

— Esperava ter tempo para pensar num plano!

Cora virou as costas e montou o seu pônei.

— Vou-me embora antes que me vejam. — Saiu do recinto com o pônei a passo. — Boa sorte — disse em voz baixa. A seguir, desapareceu na névoa dos bosques como um mensageiro do outro mundo.

Mack voltou-se para Peg:

— O nosso tempo está a esgotar-se. Vem comigo para a casa. É o melhor que podemos fazer.

Peg estava assustada.

— Faço o que tu disseres.

Disse Kobe:

— Vou ver quem vem lá. Se é o grupo do regedor, tento demorar.

Peg deu a mão a Mack e correram pelos campos frios e pelo relvado húmido que a luz pardacenta iluminava. Os galgos desceram do alpendre a trote largo para os cumprimentar. Roy lambeu a mão a Mack, e Rex farejou Peg, curioso, mas não fizeram barulho.

Ali as portas nunca estavam trancadas, e Mack fez Peg entrar pelas traseiras. Subiram as escadas silenciosamente. Mack espreitou pela janela do patamar e viu, nos matizes incolores da madrugada, aproximarem-se cinco ou seis homens com cães, vindos das bandas do rio. Enquanto os observava, o grupo dividiu-se: dois homens dirigiram-se para a casa grande, e os restantes, acompanhados dos cães, para as barracas dos escravos.

Mack foi direito à porta do quarto de Lizzie. Não me desiludas agora, pensou. Tentou abrir a porta.

Estava trancada.

Bateu de mansinho, com receio de acordar Jay, que dormia no quarto ao lado.

Não houve resposta.

Bateu com mais força.

Ouviu passos leves, e logo a voz de Lizzie, nítida, do outro lado da porta.

— Quem é?

— Chiu! É o Mack! — sussurrou.

— Que raio anda a fazer?

— Não é o que pensa. Abra a porta!

Ouviu rodar uma chave, e a porta abriu-se. Na obscuridade, mal a via. Lizzie recuou, e Mack entrou, arrastando Peg atrás de si. O quarto estava às escuras.

Os passos de Lizzie cruzaram o quarto, e ergueu-se uma persiana. Na luz pálida que entrou, Mack viu-a então, com uma

espécie de camisa de noite, deliciosamente desgrenhada.

— Explique-se depressa — disse Lizzie. — E espero que a explicação seja boa. — Só então viu Peg, e a sua atitude mudou. — Não vem só.

— Peg Knapp — apresentou Mack.

— Eu lembro-me — disse Lizzie. — Como estás, Peggy?

— Metida em sarilhos outra vez — respondeu Peg.

Mack explicou:

— Foi vendida a um lavrador da serra que tentou violá-la.

— Meu Deus!

— E matou-o.

— Pobrezinha! — exclamou Lizzie, e abraçou a rapariga. — Pobrezinha!

— O regedor anda atrás dela. Está lá fora, a revistar as barracas dos escravos. — Mack olhou para o rosto esguio de Peg e viu, em espírito, a força de Fredericksburg. — Temos de a esconder! — disse.

Lizzie respondeu:

— Deixe o regedor comigo.

— O que vai fazer? — perguntou Mack. Ficava nervoso quando ela tentava assumir o comando.

— Vou explicar-lhe que Peg tentou defender-se para não ser violada.

Quando Lizzie tinha uma certeza, muitas vezes supunha que ninguém pudesse discordar. Era um traço incómodo. Mack abanou a cabeça impaciente.

— Não resulta, Lizzie. O regedor vai dizer que é o tribunal que tem de decidir se ela é culpada, e mais ninguém.

— Então pode ficar cá até ao julgamento.

O irrealismo das ideias de Lizzie era de dar qualquer um em doido, e Mack teve de se conter para falar com calma e discernimento.

— Não se pode impedir um regedor de prender alguém acusado de assassínio, independentemente do que se pensar sobre o que o

caso tem de certo ou de errado.

— Talvez seja melhor ela ir a julgamento. Se está inocente, não podem condená-la...

— Lizzie, seja realista! — disse Mack exasperado. — Que tribunal da Virgínia iria ilibar uma condenada que matou o proprietário? Vivem todos no terror de serem atacados pelos seus escravos. Mesmo que acreditem na versão dela, enforcam-na para meter medo aos outros.

Lizzie estava a ficar irritada e preparava-se para dar uma resposta torta, quando Peg começou a chorar. Aquilo fez Lizzie hesitar. Conteve-se e perguntou:

— O que acha que devemos fazer?

Um dos cães rosnou lá fora, e Mack ouviu a voz de um homem acalmá-lo.

— Esconda Peg aqui enquanto eles revistam tudo — respondeu Mack. — Fará isto?

Observou-lhe a face. Se dizes que não, pensou, apaixonei-me pela mulher errada.

— Claro que sim — respondeu Lizzie. — Por quem me toma?

Mack sorriu feliz, banhado num grande alívio. Amava-a tanto que teve de reprimir as lágrimas. Engoliu em seco.

— Acho que é maravilhosa — disse com a voz embargada.

Tinham estado a falar baixo e, de repente, Mack ouviu barulho no quarto de Jay, do outro lado da parede. Ainda tinha muito a fazer antes de Peg estar a salvo.

— Tenho de ir — disse. — Boa sorte! — E saiu.

Cruzou o patamar e desceu as escadas ligeiro. Chegado ao vestíbulo, julgou ouvir abrir-se a porta do quarto de Jay, mas não olhou para trás.

Parou no vestíbulo e inspirou fundo. Sou um criado de casa e não faço a menor ideia do que poderá querer o regedor, disse para consigo. Colou no rosto um sorriso educado e abriu a porta.

No alpendre estavam dois homens. Vestiam a indumentária dos cidadãos abastados da Virgínia: botas de montar, colete comprido e

tricórnio. Ambos traziam pistolas em coldres de couro. Cheiravam a rum: tinham estado a proteger-se contra o ar frio da noite.

Mack plantou-se no vão da porta, para os dissuadir de entrar.

— Bom dia, cavalheiros — saudou-os. Percebeu que tinha o coração acelerado. Esforçou-se por manter a voz indiferente e descontraída. — Isto tem ar de ser uma revista.

O mais alto dos dois disse:

— Sou o regedor de Spotsylvania County e ando à procura de uma rapariga que dá pelo nome de Peggy Knapp.

— Eu vi os cães. Mandou-os às casas dos escravos?

— Sim.

— Bem pensado, regedor. Assim vai apanhar os pretos a dormir e eles não conseguem esconder a fugitiva.

— Ainda bem que aprovas — disse o regedor com um laivo de sarcasmo. — Vamos entrar.

Um condenado tinha de obedecer quando um homem livre lhe dava ordens, e Mack teve de se afastar para os deixar entrar no vestíbulo. Ainda tinha esperança de que não julgassem necessário revistar a casa.

— Porque é que estás acordado? — perguntou o regedor com uma ponta de desconfiança na voz. — Pensávamos que íamos acordar toda a gente.

— Acordo sempre cedo.

O homem soltou um resmungo de intenção indecifrável.

— O teu amo está?

— Sim.

— Leva-nos junto dele.

Mack não queria que subissem: estariam perigosamente perto de Peg.

— Creio ter ouvido Mr. Jamisson a pé — disse. — Devo pedir-lhe desça?

— Não. Não quero dar-lhe o trabalho de se vestir.

Mack praguejou entre dentes. Era evidente que o regedor estava decidido a apanhar desprevenida toda a gente, se pudesse. Mas

Mack não podia opor-se. Disse, pois:

— Por aqui, por favor — e conduziu-os ao primeiro andar.

Bateu à porta de Jay. Um momento depois, Jay abria, com um agasalho por cima da camisa de dormir.

— Que diabo vem a ser isto? — perguntou irritado.

— Sou o regedor Abraham Barton, Mr. Jamisson. Peço desculpa pelo incómodo, mas andamos à procura da assassina de Burgo Marler. O nome de Peggy Knapp diz-lhe alguma coisa?

Jay olhou fixamente para Mack.

— Se diz! Foi sempre uma ladra e não me admira que se tenha feito assassina. Perguntou a McAsh se sabe onde ela está?

Barton olhou surpreendido para Mack.

— Então McAsh és tu! Não disseste nada.

— O senhor não perguntou — disse Mack.

Barton não ficou satisfeito.

— Sabias que eu cá vinha?

— Não.

Jay, desconfiado, perguntou:

— Então porque estás a pé tão cedo?

— Quando trabalhava na mina de carvão do seu pai, pegava às duas da manhã. Agora acordo sempre cedo.

— Nunca tinha reparado.

— O senhor nunca acorda cedo.

— Menos insolência, maldito!

Barton perguntou a Mack:

— Quando foi a última vez que viste Peggy Knapp?

— Quando desembarquei do *Rosebud*, há seis meses.

O regedor voltou-se para Jay:

— Talvez os pretos estejam a escondê-la. Trouxemos cães.

Jay fez com a mão um gesto magnânimo.

— Vá lá, então, e faça o que for preciso.

— Também temos de revistar a casa.

Mack susteve a respiração. Tinha esperado que não achassem necessário fazê-lo.

Jay franziu a testa.

— Não é provável que a rapariga aqui esteja.

— Mesmo assim, por uma questão de rigor...

Jay hesitou, e Mack desejou que ele puxasse dos galões e dissesse ao regedor que fosse para o diabo. Porém, passado um instante, Jay encolheu os ombros e disse:

— Com certeza.

Mack ficou sem pinga de sangue.

Jay continuou:

— Só cá estamos a minha mulher e eu. O resto da casa está vazio. Mas reviste tudo o que quiser, faça favor. Com vossa licença... — Fechou a porta do quarto.

Barton perguntou a Mack:

— Qual é o quarto de Mrs. Jamisson?

Mack engoliu em seco.

— Aqui ao lado. — Avançou pelo patamar e bateu à porta de leve. Com o coração na boca, disse: — Mrs. Jamisson? Está acordada?

Houve uma pausa, e em seguida Lizzie abriu a porta. Fingindo-se sonolenta, perguntou:

— Que diabo queres tu a esta hora?

— O regedor anda à procura de uma fugitiva.

Lizzie abriu completamente a porta.

— Pois aqui não está nenhuma.

Mack olhou para dentro do quarto, a pensar onde se teria escondido Peg.

Barton perguntou:

— Podemos entrar um instante?

Passou pelo olhar de Lizzie uma centelha quase impercetível de terror, e Mack perguntou-se se Barton se teria apercebido. Lizzie encolheu os ombros com uma expressão de apatia e disse:

— À vontade.

Os dois homens entraram, embaraçados. Lizzie deixou que o penteador se abrisse um pouco, como por acaso. Mack não pôde

deixar de reparar na forma como a camisa de noite lhe moldava os seios redondos. Os outros dois homens reagiram da mesma maneira. Lizzie olhou o regedor nos olhos, que desviou os seus com um ar culpado. Ela estava deliberadamente a fazê-los sentirem-se pouco à vontade, para que abreviassem a revista.

O regedor deitou-se no chão e espreitou debaixo da cama, enquanto o seu ajudante abria o guarda-fato. Lizzie sentou-se na cama. Com um gesto rápido, pegou numa ponta da coberta e puxou-a. Mack divisou um pé pequenino e sujo, numa fração de segundo, antes de a coberta o ocultar.

Peg estava na cama.

Era tão magra que mal fazia volume entre os cobertores amontoados.

O regedor abriu uma arca com cobertores, e o outro homem espreitou atrás de um biombo. Não havia muito onde procurar. Iriam tirar os cobertores da cama?

Isso mesmo terá pensado Lizzie, pois disse:

— Bom, se já terminastes, vou dormir mais um pouco — e enfiou-se na cama.

Barton olhou fixamente para Lizzie e para a cama. Teria o atrevimento de lhe pedir que tornasse a levantar-se? Mas Barton não pensava verdadeiramente que o dono e a dona da casa estivessem a esconder a assassina — revistava a casa somente para ficar descansado por eliminar essa possibilidade. Após um instante de hesitação, disse:

— Obrigado, Mrs. Jamisson. Peço que nos desculpe por termos perturbado o seu repouso. Vamos revistar as cabanas dos escravos.

Mack ia desmaiando de alívio. Segurou na porta para eles saírem, escondendo o contentamento.

— Boa sorte — disse Lizzie. — E quando tiver terminado, regedor, traga cá os seus homens para tomarem o pequeno-almoço!

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Lizzie permaneceu no seu quarto enquanto homens e cães revistavam a plantação. Ia conversando baixinho com Peg, que lhe contou a história da sua vida, enchendo-a de horror e comoção. Peg era só uma menina, magrinha e bonita e atrevida. Também o bebê que nascera morto a Lizzie era uma menina.

Partilharam sonhos. Lizzie revelou que queria viver ao ar livre e usar roupa de homem e passar o dia inteiro em cima de um cavalo com uma arma na mão. Peg tirou da camisa um papel dobrado e muito estragado. Era um desenho a cores que representava um pai, uma mãe e uma criança ao lado de uma casa no campo.

— Sempre quis ser a menina do desenho — disse. — Mas agora às vezes quero ser a mãe.

À hora habitual, Sarah, a cozinheira, apareceu com o pequeno-almoço de Lizzie numa bandeja. Peg escondeu-se debaixo dos cobertores, mas a mulher entrou e disse a Lizzie:

— Eu sei tudo, não se preocupe.

Peg saiu de sob os cobertores e perguntou assombrada:

— Quem é que *não* sabe?

— Mr. Jamisson e Mr. Lennox.

Lizzie partilhou o pequeno-almoço com Peg. A rapariga devorou presunto grelhado com ovos mexidos como se não comesse há um mês.

O regedor e os seus homens foram-se embora enquanto Peg acabava de comer. Lizzie e ela foram à janela e viram-nos atravessar o relvado e descer na direção do rio. Iam desiludidos e sem ânimo, de ombros vergados, e os cães, contagiados pelo seu estado de espírito, seguiam-nos numa moleza obediente.

Viram o grupo desaparecer ao longe, e Lizzie, suspirando de alívio, disse:

— Estás salva.

Abraçaram-se alegremente. A magreza de Peg era pungente, e Lizzie foi assaltada por um sentimento maternal para com aquela pobre criança.

Peg disse então:

— Com Mack, estou sempre salva.

— Terás de ficar neste quarto até termos a certeza de que Jay e Lennox saíam.

— Não tem medo de que Mr. Jamisson entre? — perguntou Peg.

— Não, ele nunca entra aqui.

Peg fez um ar intrigado, mas não perguntou mais nada. Acrescentou apenas:

— Quando for mais crescida, vou casar com Mack.

Lizzie teve a estranhíssima sensação de estar a ouvir um aviso para sair da frente.

Mack instalou-se na antiga ala das crianças — onde sabia que não seria surpreendido — a rever a sua trousse de sobrevivência. Tinha um rolo de guita roubado e seis anzóis, que lhe fizera Cass, o ferreiro, para ele poder pescar. Tinha um púcaro de estanho e um prato dos que davam aos escravos. Tinha uma caixa de mechas, para poder fazer fogueiras, e uma caçarola de ferro para cozinhar. Tinha um machado e uma faca robusta que ele desviara enquanto os escravos cortavam árvores e faziam barris.

No fundo do saco, embrulhada num trapo de linho, estava uma chave da sala das armas. A última coisa a fazer antes de fugir seria roubar uma espingarda e munições.

No saco de lona, tinha ainda a sua cópia do *Robinson Crusoe* e a coleira de ferro que trouxera da Escócia. Pegou na coleira, recordando como a partira na oficina da mina na noite em que fugira de Heugh. Lembrou-se de como dançara ao luar uma dança de roda, a dança da liberdade. Ao fim de mais de um ano, ainda não era livre. Mas não desistira.

O regresso de Peg afastara o último obstáculo que o impedia de fugir de Mockjack Hall. Peg mudara-se para junto dos escravos e

dormia agora numa barraca de raparigas solteiras. Todas elas guardariam o segredo. Nunca deixariam de proteger um dos seus. Não era a primeira vez que alguém se refugiava ali: qualquer fugitivo acharia uma tigela de *hominy* e uma cama dura para passar a noite em qualquer plantação da Virgínia.

Durante o dia, vagueava pela floresta, escondida dos olhares até ser escuro outra vez. Depois voltava para as barracas, para comer com os trabalhadores. Mack sabia que aquilo não podia prolongar-se por muito tempo. Em breve, o tédio haveria de a tornar imprudente, e ela acabaria por ser apanhada. Mas Peg não teria de viver assim muitos mais dias.

Mack sentia na pele um formigueiro de expectativa. Cora estava casada, Peg estava a salvo, e o mapa mostrara-lhe para onde tinha de ir. A liberdade era o seu anseio mais profundo. Logo que quisessem, Peg e ele podiam simplesmente sair da plantação ao fim do dia. Pela madrugada, estariam a trinta milhas dali. Esconder-se-iam enquanto houvesse luz do dia, e continuariam a andar à noite. Como todos os fugitivos, pediriam comida nas barracas dos escravos das plantações mais próximas a cada manhã e a cada fim de dia.

Ao contrário da maioria dos fugitivos, Mack não iria procurar trabalho quando se tivesse afastado cem milhas. Era assim que os apanhavam sempre. Mack iria para mais longe. O seu destino era a terra despovoada do outro lado da serra. Aí, sim, seria livre.

Mas Peg já voltara uma semana antes e ele ainda estava em Mockjack Hall.

Olhou longamente o mapa e os anzóis e caixa de mechas. Estava a um passo da liberdade, mas não conseguia dar esse passo.

Enamorara-se de Lizzie e não suportava a ideia de a deixar.

Lizzie estava nua, de pé diante do espelho alto do seu quarto, a observar o seu corpo.

Dissera a Jay que voltara ao normal depois da gravidez, mas a verdade era que nunca voltaria a ser a mesma. Os seios tinham regressado ao seu tamanho anterior, mas não possuíam a mesma firmeza e pareciam descair um pouco mais. A barriga, notava agora, jamais voltaria ao que fora: a leve protuberância e a frouxidão da pele tinham vindo para ficar. Onde a pele esticara, viam-se agora vagas linhas lustrosas, que se tinham atenuado, mas não por completo, e algo lhe dizia que ali ficariam para sempre. Mais abaixo, também o sítio por onde o bebé saíra estava diferente. Dantes, era tão apertado que ela mal conseguia lá introduzir um dedo. Agora, estava igualmente mais lasso.

Perguntava-se se seria por esse motivo que Jay já não a queria. Ele ainda não a vira nua desde o parto, mas talvez soubesse como era, ou calculasse, e achasse isso repulsivo. Felia, a escrava dele, obviamente nunca dera à luz. O seu corpo ainda era perfeito. Jay iria engravidá-la, mais cedo ou mais tarde. Nessa altura, porém, podia ser que a deixasse como a deixara a ela, e que arranjasse outra mulher. Seria assim que ele queria viver a vida? Seriam assim todos os homens? Lizzie teve vontade de o perguntar à mãe.

Jay estava a tratá-la como uma coisa gasta, que já não presta, como um par de sapatos velhos ou um prato rachado. Isso indignava-a. A bebé que crescera dentro de si e que lhe fizera aumentar a barriga e alargar a vagina era filha dele. Jay não tinha o direito de a rejeitar a seguir. Lizzie suspirou. Para quê indignar-se? Fora ela quem o escolhera, e fora uma pateta.

Alguém tornaria a achar atraente o seu corpo? Tinha saudades da sensação das mãos de um homem a percorrerem-lhe a pele como se ele não pudesse saciar-se nunca. Queria que alguém a beijasse com ternura e lhe apertasse os seios e a penetrasse com os dedos. Não suportava a ideia de que isso pudesse nunca mais acontecer.

Respirou fundo, encolhendo a barriga e endireitando o peito. Pronto: assim era quase como antes da gravidez. Apalpou os seios,

depois tocou os pelos entre as pernas e brincou com o botão do seu desejo.

A porta abriu-se.

Mack tinha de reparar um tijolo partido na lareira do quarto de Lizzie. Perguntara a Mildred:

— Mrs. Jamisson já se levantou?

Mildred respondera:

— Foi às cavalariças. — Tê-lo-ia certamente ouvido dizer «*Mr. Jamisson*».

Tudo isso lhe passou pela cabeça numa fração de segundo. Depois, já só pensou em Lizzie.

Era extraordinariamente bela. Como se achava diante do espelho, Mack conseguia vê-la de trás e de frente. Estava de costas, e a Mack ardiam-lhe as mãos por lhe afagar a curva das ancas. No espelho, via-lhe os seios cheios e os mamilos rosados e suaves. Os pelos entre as pernas condiziam com os caracóis escuros e rebeldes do cabelo.

Mack ali ficou, aturdido, sem falar. Sabia que devia articular um pedido desculpas e apressar-se a sair, mas parecia ter os pés pregados ao chão.

Lizzie voltou-se para ele. Tinha o rosto alterado, Mack não percebeu porquê. Sem roupa, parecia vulnerável, quase assustada.

Por fim, Mack recuperou a voz:

— Oh, é linda! — sussurrou.

O rosto dela transformou-se, como se ele tivesse respondido a uma pergunta.

— Feche a porta — disse ela.

Mack empurrou a porta atrás de si e em três passadas atravessou o quarto. Um instante depois, Lizzie estava nos seus braços. Mack apertou-lhe com força o corpo nu contra o seu, sentindo no peito os seus seios macios. Beijou-lhe os lábios e logo a boca dela se abriu. Uniram-se as duas línguas, e Mack exultou na

húmida sofreguidão do beijo dela. Quando ele endureceu, Lizzie puxou-o pelas ancas e esfregou-se contra ele.

Mack desprendeuse-se, ofegante, para não ejacular. Ela puxou-lhe o colete e a camisa, tentando chegar à pele por baixo da roupa. Mack atirou o colete para trás e despiu a camisa pela cabeça. Lizzie inclinou a cabeça e colou-lhe a boca a um mamilo. Os seus lábios fecharam-se sobre ele num beijo, depois lambeu-o com a ponta da língua, e por fim mordeu-o ao de leve com os belos dentes da frente. Mack sentiu uma dor aguda e arquejou de prazer.

— Faz-me o mesmo — disse ela, e arqueou as costas, oferecendo-lhe os seios. Mack tomou-lhe um seio na mão e beijou-lhe o mamilo. Achou-o duro de desejo. Saboreou o momento.

— Com mais força — murmurou Lizzie.

Mack chupou-lhe o mamilo vigorosamente e depois mordeu-o como ela lhe fizera a ele. Ouviu-a inspirar de um só trago. Tinha receio de lhe magoar o corpo macio, mas Lizzie insistiu:

— Mais força. Quero que doa. — Mack cravou-lhe os dentes. — Isso! — disse ela, e puxou-lhe a cabeça para si, o rosto de Mack a esmagar-lhe o seio.

Mack parou, com medo de lhe fazer sangue. Quando se endireitou, Lizzie inclinou-se sobre a sua cintura, puxou o cordão que lhe prendia os calções, e tirou-lhos. O pénis dele libertou-se. Ela tomou-o nas duas mãos, esfregou-o nas suas faces macias e beijou-o. O prazer que ele sentiu era avassalador e mais uma vez Mack se desprende dela, para não terminar demasiado cedo.

Olhou para a cama.

— Ali não — disse Lizzie. — Aqui. — Deitou-se no tapete diante do espelho.

Mack ajoelhou-se entre as pernas dela, regalando os olhos.

— Vá, depressa — suspirou Lizzie.

Mack deitou-se sobre ela, apoiando o peso nos cotovelos, e ela guiou-o para dentro de si. Mack olhou-lhe o belo rosto. Lizzie tinha as faces afogueadas e a boca ligeiramente aberta, deixando ver os

lábios húmidos e os dentes pequenos. Fitava-o com os olhos muito abertos, enquanto ele se movia sobre ela.

— Mack — gemia. — Oh, Mack. — O corpo dela acompanhava-o no movimento, e os seus dedos cravaram-se com força nos músculos das costas dele.

Mack beijava-a e movia-se devagar, mas, de novo, Lizzie queria mais. Cravou os dentes no lábio de baixo de Mack e mordeu-o com força. Mack sentiu o sabor a sangue.

— Mais depressa! — pedia ela desvairada. Aquela urgência venceu-o e ele acelerou, investindo dentro dela quase brutalmente. Lizzie gostou: — Isso, assim! — Fechou os olhos, entregando-se à sensação, até que soltou um grito. Mack tapou-lhe a boca com a mão para a silenciar, e ela mordeu-lhe o dedo ferozmente. Puxou-lhe os quadris para si com toda a força e contorceu-se debaixo do seu corpo, abafados os seus gritos pela mão dele, alçando as ancas ao encontro das de Mack uma e outra vez, até que parou e se deixou cair para trás, exausta.

Mack beijou-lhe os olhos e o nariz e o queixo, sem parar de se mover devagar dentro dela. Quando a respiração de Lizzie serenou, ela reabriu os olhos e disse:

— Olha para o espelho.

Mack olhou e viu outro Mack em cima de outra Lizzie, com os corpos unidos pelos quadris. Viu o seu pénis entrar nela e dela sair.

— É bonito — murmurou Lizzie.

Mack olhou-a. Como tinha escuros os olhos, quase negros!

— Amas-me? — perguntou-lhe.

— Oh, Mack, como podes não saber! — Vieram-lhe as lágrimas aos olhos. — Claro que te amo. Amo-te, amo-te!

E foi então que, enfim, ele ejaculou.

Quando a primeira parte da colheita de tabaco finalmente ficou pronta para vender, Lennox levou quatro *hogsheads* para Fredericksburg numa barçaça. Jay esperou impaciente pelo seu regresso. Ansiava por saber que preço conseguiria pelo tabaco.

Não iria receber em dinheiro: não era assim que o mercado funcionava. Lennox levaria o tabaco para um armazém público onde o inspetor oficial emitiria um certificado a atestar que era «mercadejável». Tais certificados, conhecidos como «notas de tabaco», eram usados como dinheiro em toda a Virgínia. A seu tempo, o último portador da nota resgatá-la-ia entregando-a ao capitão de um navio a troco de dinheiro ou, mais provavelmente, de bens importados da Grã-Bretanha. O capitão do navio levaria então a nota a um armazém público para a trocar por tabaco.

Entretanto, Jay usaria a nota para pagar as dívidas mais prementes. Havia um mês que a forja estava parada porque não tinham ferro para fazer alfaías e ferraduras.

Felizmente, Lizzie não se dera conta de que estavam sem um cêntimo. Depois de lhe nascer morta a filha, Lizzie vivera três meses numa névoa indistinta. Depois, quando o apanhara com Felia, fechara-se num silêncio furioso.

Naquele dia, estava diferente outra vez. Tinha um ar mais feliz e mostrava-se quase afável.

— Quais são as novidades? — perguntou-lhe ela ao jantar.

— Há problemas no Massachusetts — respondeu Jay. — Um grupo de exaltados, que se apresentam como «Filhos da Liberdade», até tiveram a ousadia de mandar dinheiro para Londres, para aquele maldito John Wilkes.

— Admira-me que saibam quem ele é.

— Pensam que ele defende a liberdade. Entretanto, os comissários da Alfândega ganharam medo de entrar em Boston. Refugiaram-se a bordo do HMS *Romney*.

— Parece que os colonos estão preparados para se revoltarem.

Jay abanou a cabeça.

— Estão é a precisar de uma dose do remédio que demos aos estivadores: uns pozinhos de pólvora e uns bons enforcamentos.

Lizzie estremeceu e não fez mais perguntas.

Terminaram a refeição em silêncio. Enquanto Jay acendia o cachimbo, Lennox entrou.

Jay viu que ele fora a Fredericksburg não apenas fazer negócio mas também beber.

— Está tudo bem, Lennox?

— Não propriamente — respondeu Lennox no seu tom de insolência costumeiro.

Lizzie perguntou impaciente:

— O que aconteceu?

Lennox respondeu sem olhar para ela:

— O nosso tabaco foi queimado, foi o que aconteceu.

— Queimado! — exclamou Jay.

— Como? — perguntou Lizzie.

— Queimou-o o inspetor. Por não prestar. Não é mercadejável.

Jay sentiu uma náusea na boca do estômago. Engoliu em seco e disse:

— Não sabia que podiam fazer isso.

Lizzie perguntou:

— Porque é que não prestava?

Lennox, coisa rara, parecia nervoso. Por instantes, ficou calado.

— Vamos lá, desembuche — disse Lizzie irritada.

— Dizem que é terra de gado — respondeu Lennox por fim.

— Eu sabia! — exclamou Lizzie.

Jay não sabia minimamente de que estariam a falar.

— Terra de gado? O que é isso?

Lizzie respondeu com frieza:

— É um campo de tabaco onde se guardou gado. Quando a terra leva estrume a mais, o tabaco ganha mau sabor intenso.

Jay perguntou zangado:

— Quem vêm a ser esses inspetores que têm o direito de queimar a minha colheita?

— São nomeados pela Câmara dos Representantes — explicou-lhe Lizzie.

— É um escândalo!

— Têm de manter a qualidade do tabaco da Virgínia.

— Vou pô-los em tribunal!

Lizzie disse então:

— Jay, em vez de os pores em tribunal, porque não governas a plantação como deve ser? Podes ter aqui tabaco excelente se te deres a esse trabalho.

— Não preciso de nenhuma mulher para me dizer como hei de governar os meus assuntos! — gritou Jay.

Lizzie olhou para Lennox.

— Nem de um palerma — acrescentou.

Jay foi então assaltado por uma ideia assustadora.

— Que partes da nossa colheita é que foram tratadas assim?

Lennox não respondeu.

— Então? — insistiu Jay.

Foi Lizzie quem respondeu:

— Todas.

Jay compreendeu então que estava arruinado.

A plantação estava hipotecada, ele tinha dívidas até ao pescoço, e a colheita de tabaco não valia nada.

De repente, percebeu que mal conseguia respirar. Parecia que lhe apertavam a garganta. Abria a boca como um peixe mas não entrava ar.

Por fim conseguiu inspirar, como um afogado que vem à tona pela última vez.

— Valha-me Deus! — exclamou, e afundou a cara nas mãos.

Nessa noite, foi bater à porta do quarto de Lizzie.

Ela estava sentada à lareira com a sua camisa de dormir, a pensar em Mack. Num êxtase de felicidade. Amava-o e ele amava-a a ela. Mas o que iriam fazer? Fixava o olhar nas chamas. Procurava ser pragmática, mas o seu espírito não cessava de resvalar para a lembrança de como tinham feito amor ali mesmo, sobre o tapete, diante do espelho. Queria fazê-lo outra vez.

As pancadas na porta sobressaltaram-na. Levantou-se de um pulo e olhou para a porta trancada.

A maçaneta rodava, mas ela trancava a porta todas as noites desde que apanhara Jay com Felia. Ouviu a voz do marido:

— Lizzie, abre esta porta!

Não respondeu.

— Vou de manhã a Williamsburg para tentar que me emprestem mais dinheiro — disse ele. — Quero ver-te antes de ir.

Continuou sem responder.

— Sei que estás aí, abre! — Parecia um pouco bêbado.

Passado um instante ouviu-se um baque, como se ele tivesse tentado arrombar a porta com o ombro. Lizzie sabia que ele não conseguiria: os gonzos eram de bronze e o ferrolho era pesado.

Ouviu passos a afastarem-se, mas calculou que ele não tivesse desistido, e assim era. Três ou quatro minutos depois, Jay voltou e disse:

— Se não abres a porta, deito-a abaixo.

Ouviu-se um estrondo, de qualquer coisa a cravar-se na porta. Lizzie calculou que ele tivesse ido buscar um machado. Outra pancada estilhaçou a madeira e ela viu aparecer a lâmina do seu lado.

Começou a sentir-se assustada. Desejou ter Mack por perto, mas ele estava nas barracas dos escravos, a dormir numa tarimba dura. Teria de se defender sozinha.

A tremer, dirigiu-se à mesa de cabeceira e pegou nas pistolas.

Jay continuava o seu assalto, enterrando o machado na porta com uma série de golpes ensurdecedores, despedaçando a madeira e fazendo tremer toda a estrutura da casa. Lizzie verificou se as pistolas estavam carregadas. Com as mãos pouco firmes, deitou um pouco de pólvora na escorva de cada uma. Soltou a patilha de segurança da pederneira e armou o cão de ambas.

Agora já não importa, pensou, fatalista. O que for será.

A porta cedeu feita em estilhaços, e Jay irrompeu no quarto, muito vermelho e ofegante. Com o machado na mão, avançou para ela.

Lizzie estendeu a mão esquerda e disparou por cima da cabeça dele.

Naquele espaço fechado, foi como o tiro de um canhão. Jay estacou e levantou as mãos num gesto defensivo, com o medo estampado no rosto.

— Sabes que tenho pontaria — disse-lhe ela. — Mas só me resta uma bala. Por isso, a próxima é para o teu coração. — Enquanto falava, mal conseguia acreditar que era capaz de dizer coisas tão violentas ao homem cujo corpo amara. Tinha vontade de chorar, mas cerrou os dentes e fitou-o sem pestanejar.

— Cabra sem sentimentos — rosnou Jay.

Fora uma farpa inteligente. Era de não ter sentimentos que Lizzie se acusava a si mesma. Lentamente, baixou a pistola. Claro que não o ia matar.

— O que queres? — perguntou.

Jay largou o machado.

— Ir para a cama contigo antes de partir — respondeu.

Lizzie sentiu náuseas. Veio-lhe ao espírito a imagem de Mack. Agora só ele podia fazer amor com ela. A ideia de ir para a cama com Jay era medonha.

Jay agarrou nas pistolas pelo cano e ela deixou que ele lhas tirasse. Jay baixou o cão da que ela não disparara e pousou as duas.

Lizzie olhava-o horrorizada. Não acreditava que aquilo ia acontecer.

Ele aproximou-se e deu-lhe um murro na barriga.

Lizzie soltou um grito de indignação e dor, e dobrou-se sobre si mesma.

— Nunca mais me apontas uma arma! — gritou Jay.

Esmurrou-a na cara, e Lizzie caiu no chão.

Pontapeou-a na cabeça, e ela desmaiou.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

No dia seguinte, Lizzie passou a manhã inteira na cama, com uma dor de cabeça tão forte que mal conseguia falar.

Sarah levou-lhe o pequeno-almoço, com um ar assustado. Lizzie bebeu uns goles de chá e tornou a fechar os olhos.

Quando a cozinheira foi buscar a bandeja, Lizzie perguntou:

— Mr. Jamisson já foi?

— Sim, minha senhora. Foi para Williamsburg muito cedo. Mr. Lennox foi também.

Lizzie sentiu-se um pouco melhor.

Minutos depois, Mack irrompia no quarto. Imobilizou-se ao lado da cama e olhou-a, a tremer de raiva. Estendeu a mão e tocou-lhe no rosto com os dedos trémulos.

Embora as pisaduras estivessem muito sensíveis, Mack tocou-lhe ao de leve e não a magoou; na verdade, Lizzie até achou reconfortante o seu toque. Pegou-lhe na mão e beijou-a na palma. Ficaram muito tempo juntos, sem falar. As dores de Lizzie começaram a abrandar. Passado um pouco, adormeceu. Quando acordou, Mack saíra.

De tarde, Mildred entrou e abriu as persianas. Lizzie sentou-se na cama enquanto Mildred a penteava. Mack entrou então com o Dr. Finch.

— Não o mandei chamar — disse Lizzie.

— Fui eu buscar o doutor.

Lizzie não sabia porquê, mas sentia vergonha pelo que lhe acontecera e preferia que Mack não tivesse ido chamar o médico.

— O que o leva a pensar que não estou bem?

— Passou a manhã na cama.

— Se calhar é só preguiça.

— E se calhar eu sou o governador da Virgínia.

Lizzie baixou a guarda e sorriu. Mack preocupava-se com ela, e isso fazia-a feliz.

— Obrigada — agradeceu.

O médico declarou:

— Disseram-me que lhe dói a cabeça.

— Mas eu estou bem — respondeu Lizzie. Ora, que diabo, pensou ela, porque não hei de dizer a verdade? — Dói-me a cabeça por causa do pontapé que o meu marido lhe deu.

— Humm... — Finch estava embaraçado. — Tem a visão enevoada?

— Não.

O médico encostou as mãos às têmporas de Lizzie e tateou-lhe a cabeça suavemente com os dedos.

— Sente-se confusa?

— Sim, acerca do amor e do casamento, mas não tem nada que ver com a cabeça. Ai!

— Foi aqui a pancada?

— Foi, diacho!

— A sua sorte foi ter tanto cabelo encaracolado. Amorteceu o impacto. Sente náuseas?

— Só quando penso no meu marido. — Apercebeu-se de que estava a ser azeda. — Mas isso não tem nada que ver consigo, doutor.

— Vou dar-lhe um remédio para aliviar as dores. Não se habitue demasiado a tomá-lo, que é viciante. Mande-me chamar se tiver algum problema com a visão.

Depois de o médico sair, Mack sentou-se na beira da cama e pegou-lhe na mão. Pouco depois, disse:

— Se não queres que ele te dê pontapés na cabeça, tens de o deixar.

Lizzie procurou uma razão para ficar. O marido não a amava. Não tinham filhos e provavelmente nunca os teriam. A sua casa ia com certeza ser confiscada. Nada havia que a retivesse.

— Não saberia para onde ir — respondeu.

— Saberia eu. — O rosto de Mack revelava uma emoção profunda. — Eu vou fugir.

O coração de Lizzie parou por um segundo. Não suportava a perspectiva de o perder.

— Peg vai comigo — acrescentou.

Lizzie fitava-o, sem dizer uma palavra.

— Vem connosco — sugeriu Mack.

Pronto: aí estava. Já antes Mack o insinuara — «Fuja para a fronteira com um zé-ninguém», dissera — mas agora não era uma insinuação. Lizzie tinha vontade de dizer: «Sim, sim, vou, hoje, já!» Mas conteve-se. Tinha medo.

— Para onde irás? — perguntou.

Mack tirou do bolso um estojo de couro e desdobrou um mapa.

— Umas cem milhas a oeste daqui, há uma grande serra. Começa lá no norte, na Pensilvânia, e estende-se para sul, ninguém sabe até onde. É grande e alta. Mas dizem que há uma passagem, chamam-lhe Cumberland Gap; é aqui, onde nasce o rio Cumberland. Para lá das serras, é terra deserta. Dizem que nem índios lá vivem, porque há várias gerações que os Sioux e os Cherokee lutam pela terra mas nem uns nem os outros conseguem levar a melhor o tempo suficiente para lá se instalarem.

Lizzie começava a entusiasmar-se.

— Como tencionas ir?

— Peg e eu vamos a pé. Daqui, sigo sempre para oeste até ao sopé da serra. Pepper Jones diz que há um caminho que corre para sudoeste, paralelo aos montes. Vou por aí até ao rio Holston, que se vê aqui no mapa. Depois meto pela serra.

— E... se não fosses sozinho?

— Se vieres comigo, podemos levar uma carroça e mais provisões: ferramenta, sementes e comida. Se vieres comigo, não serei um fugitivo, serei um criado a viajar com a sua senhora e com a criada dela. Nesse caso, iremos antes pelo Sul, por Richmond, e de lá para oeste até Staunton. É mais longe, mas Pepper diz que as estradas são melhores. Ele pode estar enganado, mas é a melhor informação que tenho.

Lizzie sentia receio e excitação.

— E quando chegares à serra?

Mack sorriu.

— Procuramos um vale que tenha peixe no rio e veados nos bosques, e talvez um ninho de águias nas árvores mais altas. E aí construímos uma casa.

Lizzie empacotou cobertores, meias de lã, uma tesoura, agulhas e linha. Enquanto trabalhava, balançavam os seus sentimentos, entre a exaltação e o terror. Delirava de felicidade ante a perspectiva de fugir com Mack. Imaginava-se a atravessar florestas ao seu lado numa carroça e a dormir com ele num cobertor debaixo das árvores. Depois pensava nos riscos. Teriam de caçar para comer dia após dia; de construir uma casa; de semear milho; de tratar dos cavalos. Os índios podiam ser hostis. Podiam cruzar-se com malfeitores pelo caminho. E se ficassem presos em casa pela neve? Podiam morrer de fome!

Olhando de relance pela janela do quarto, viu a caleche do MacLaine, uma taberna de Fredericksburg. Trazia bagagem na traseira e um único passageiro. Era evidente que o cocheiro, um bêbado velho chamado Simmins, se enganara na plantação. Desceu para o orientar.

No entanto, ao sair para o alpendre, reconheceu o passageiro.

Era Alicia, a mãe de Jay.

Tajava de negro.

— Lady Jamisson! — exclamou Lizzie horrorizada. — Fazia-a em Londres!

— Olá, Lizzie — cumprimentou-a a sogra. — Sir George morreu.

— Foi o coração — informou Lady Jamisson minutos depois, na sala de visitas, diante de uma chávena de chá. — Estava no escritório quando se sentiu mal. Levaram-no para Grosvenor Square mas morreu pelo caminho. — Não tinha um soluço na voz, o vestígio de uma lágrima nos olhos, ao falar da morte do marido.

Lizzie lembrava-se de Alicia, em jovem, mais engraçada do que bela, mas pouco restava desse encanto juvenil. Alicia não passava

agora de uma mulher de meia-idade chegada ao fim de um casamento falhado. Lizzie sentia pena. Jamais serei como ela, jurou.

— Sente a falta dele? — perguntou a medo.

Alicia lançou-lhe um olhar penetrante.

— Casei por dinheiro e estatuto, e foi o que tive. Olive foi a única mulher que ele amou, e nunca permitiu que eu me esquecesse disso. Não peço que me lamentem! Tive o destino que tracei, e suportei-o por vinte e quatro anos. Mas não me peçam que chore a sua morte. Não sinto senão alívio.

— É horrível — murmurou Lizzie. Destino idêntico estivera escrito para ela, pensou com um arrepio de pavor. Mas não o ia aceitar. Ia fugir. Teria, porém, de ter cautela com Alicia.

— Onde está Jay? — perguntou a sogra.

— Foi a Williamsburg tentar que lhe emprestem dinheiro.

— Quer dizer que a plantação não prosperou...

— Perdemos a colheita de tabaco.

Pelo semblante de Alicia passou a sombra da tristeza. Lizzie percebeu que Jay era uma desilusão para a mãe, como era para a mulher — se bem que Alicia jamais o fosse admitir.

— Calculo que esteja a perguntar-se o que deixou Sir George em testamento — disse Alicia.

O testamento não passara pela cabeça de Lizzie.

— Tinha muito para deixar? Pensava que os negócios andavam mal.

— Salvou-os o carvão de High Glen. Sir George morreu muito rico.

Lizzie perguntou-se se ele teria deixado alguma coisa a Alicia. De outro modo, era possível que ela esperasse viver com o filho e a nora.

— Sir George deixou-a salvaguardada?

— Oh, sim! A minha legítima, felizmente, ficou definida antes de casarmos.

— E Robert herdou o resto?

— Era o que todos esperávamos. Mas o meu marido deixou um quarto da fortuna para dividir por todos os netos legítimos vivos um ano após a sua morte. Por isso, o vosso filho está rico. Quando vou vê-lo? Ou vê-la? Foi rapaz ou menina?

Obviamente, Alicia saíra de Londres antes de chegar a carta de Jay.

— Foi menina — disse Lizzie.

— Que bom. Vai ser uma mulher rica.

— Nasceu morta.

Alicia não mostrou compaixão.

— Raios — praguejou. — Tratai de ter outro, depressa.

Mack carregara a carroça com sementes, ferramenta, cordas, pregos, milho e sal. Abrira a sala das armas com a chave de Lizzie e tirara todas as armas e munições. Também pusera na carroça uma relha. Quando chegassem ao destino, transformaria a carroça numa charrua.

Decidiu atrelar quatro éguas e levar mais dois machos, para poderem fazer criação. Jay Jamisson ficaria furioso com o roubo dos seus preciosos cavalos: Mack tinha a certeza de que lhe importaria mais a falta dos animais que a de Lizzie.

Enquanto amarrava as provisões, Lizzie apareceu.

— Quem é a visita? — perguntou.

— Alicia, a mãe de Jay.

— Meu Deus! Não sabia que ela vinha.

— Nem eu.

Mack franziu a testa. Alicia não era ameaça para os seus planos, mas o marido podia sê-lo.

— Sir George também veio?

— Morreu.

Era um alívio.

— Melhor. O mundo não lhe vai sentir a falta.

— Podemos partir à mesma?

— Não vejo porque não. Alicia não pode impedir-nos.

— E se ela for ter com o regedor e disser que fugimos e roubámos tudo isto? — Lizzie apontou para as provisões que enchiam a carroça.

— Lembra-te da história que inventámos: vais visitar um primo que acabou de se instalar na Carolina do Norte, e levas-lhe presentes.

— Mesmo estando nós falidos.

— A gente da Virgínia é conhecida por ser generosa sem ter dinheiro para isso.

Lizzie acenou com a cabeça.

— Vou fazer com que o coronel Thumson e Suzie Delahaye saibam dos meus planos.

— Diz-lhes que a tua sogra não concorda e que pode tentar arranjar-te problemas.

— Boa ideia. O regedor não vai querer meter-se numa questão de família. — Lizzie fez um silêncio. O seu olhar fez bater mais depressa o coração de Mack. A medo, perguntou:

— Quando... quando partimos?

Mack sorriu.

— Antes de ser dia. Vou mandar levar a carroça hoje à noite para ao pé das barracas dos escravos, para não fazermos muito barulho quando partirmos. Quando Alicia acordar, já cá não estaremos.

Lizzie apertou-lhe o braço brevemente e correu de volta para casa.

Nessa noite, Mack foi ter com Lizzie à cama.

Estava deitada, sem dormir, cheia de medo e excitação, a pensar na aventura que ia começar de madrugada, quando ele entrou em silêncio no quarto. Beijou-a nos lábios, despiu-se resolutamente e enfiou-se na cama ao lado dela.

Fizeram amor, depois ficaram a falar baixinho sobre o dia seguinte, depois fizeram amor outra vez. Já perto da madrugada, Mack acabou por dormitar, mas Lizzie permaneceu acordada, a observar-lhe as feições à luz da lareira, a pensar na viagem, no

espaço e no tempo, que os fizera sair da remota High Glen para chegar àquela cama.

Pouco depois, ele moveu-se. De novo se beijaram, um beijo pleno e prolongado, antes de se levantarem.

Mack foi às cavalariças enquanto Lizzie se aprontava. Vestiu-se com o coração acelerado. Apanhou o cabelo, vestiu calções, botas de montar, uma camisa e um colete. Emalou um vestido, que poderia vestir rapidamente se precisasse de voltar a ser uma senhora abastada. Assustava-a a jornada que se preparavam para empreender, mas não tinha quaisquer dúvidas a respeito de Mack. Sentia-se tão próxima dele que lhe confiaria a sua vida.

Quando Mack veio buscá-la, estava sentada à janela, com o seu casaco e o seu tricórnio. Mack sorriu ao vê-la com a roupa de que ela mais gostava. Deram as mãos, desceram a escada na ponta dos pés e assim saíram de casa.

A carroça esperava-os mais abaixo, invisível da casa. Peg já estava sentada no banco, embrulhada num cobertor. Jimmy, o moço de estrebaria, pusera as quatro éguas aos tirantes e prendera mais dois cavalos atrás. Todos os escravos estavam presentes para dizer adeus. Lizzie deu um beijo a Mildred e a Sarah, e Mack apertou a mão a Kobe e a Cass. Bess, a trabalhadora que se ferira na noite em que Lizzie perdera a filha, abraçou-a a soluçar. Todos permaneceram em silêncio, à luz das estrelas, a ver Mack e Lizzie subir para a carroça.

Mack deu um impulso às rédeas e disse:

— Eia! Anda!

As éguas puxaram, a carroça estremeceu, e partiram.

Chegados à estrada, Mack virou na direção de Fredericksburg. Lizzie olhou para trás. Os trabalhadores continuavam de pé, em absoluto silêncio, a acenar.

Passado um momento, já não se viam.

Lizzie olhou para a frente. Ao longe, rompia a madrugada.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Matthew Murchman não estava na cidade quando Jay e Lennox chegaram a Williamsburg. Talvez voltasse no dia seguinte, informou o criado. Jay escreveu um bilhete a dizer que precisava de mais dinheiro emprestado e que gostaria de falar com o advogado logo que este pudesse. Saiu do escritório de mau humor. Tinha os negócios na mais completa desordem e ardia de impaciência por fazer qualquer coisa a esse respeito.

No dia seguinte, forçado a matar o tempo, foi até ao edifício de tijolo cinzento e vermelho do capitólio. Dissolvida pelo governador no ano anterior, a assembleia formara-se de novo a seguir às eleições. A Câmara dos Representantes era uma sala modesta e escura com filas de bancos corridos dos dois lados e uma espécie de guarita no meio para o presidente da assembleia. Jay e mais um punhado de observadores ficavam de pé, ao fundo, atrás de uma balaustrada.

Jay compreendeu rapidamente que a política da colónia estava em alvoroço. A Virgínia, a mais antiga das colónias britânicas no continente americano, parecia pronta para pôr em causa a autoridade do seu legítimo soberano.

Os representantes discutiam a mais recente ameaça chegada de Westminster: reclamava o parlamento inglês que alguém acusado de traição pudesse ser obrigado a regressar a Londres para responder em tribunal, ao abrigo de um decreto datado de Henrique VIII.

Na sala, os ânimos estavam exaltados. Jay viu com aversão os honrados proprietários porem-se de pé, um após outro, e atacar o rei. No fim, aprovaram uma resolução em que afirmavam que o decreto sobre a traição violava o direito dos súbditos britânicos de serem julgados por um júri composto pelos seus pares. Em seguida, passaram às queixas de sempre por terem de pagar impostos sem terem voz no parlamento de Westminster. «Sem representação, não queremos taxaço» era o estribilho. Desta vez, porém, tinham ido

mais longe, afirmando o direito a cooperar com outras assembleias coloniais na oposição às régias exigências.

Jay tinha a certeza de que não era possível o governador deixar passar aquilo, e o curso dos acontecimentos deu-lhe razão. Antes da hora de jantar, enquanto os representantes discutiam um assunto local de menor importância, o beleguim interrompeu os trabalhos para anunciar:

— Senhor presidente, uma mensagem do governador.

Entregou uma folha de papel ao secretário, que a leu e disse:

— Senhor presidente, o governador requer a presença imediata da sua Câmara na sala do conselho.

Agora estão em apuros, pensou Jay com satisfação.

Seguiu os representantes, que em grupo subiram as escadas e atravessaram o corredor. Os assistentes ficaram no vestíbulo à entrada da sala do conselho, a espreitar pelas portas abertas. O governador Botetourt, imagem viva de um punho de ferro em luva de veludo, estava sentado à cabeceira de uma mesa oval. Foram breves as suas palavras.

— Soube dos vossos propósitos — disse. — Fizestes que fosse meu dever dissolver-vos. Estais, portanto, dissolvidos.

Fez-se um silêncio estupefacto.

— É tudo — acrescentou, impaciente.

Jay dissimulou o seu contentamento enquanto os representantes, em fila, saíam da sala. Em seguida, desceram as escadas para irem buscar os seus papéis, e foram saindo para o pátio.

Jay encaminhou-se para o Raleigh Tavern e sentou-se ao balcão. Pediu o seu almoço e namoriscou com a empregada, que estava a apaixonar-se por ele. Enquanto esperava, surpreendeu-o ver passar muitos dos representantes, que se dirigiam para uma das salas mais amplas das traseiras. Pensou que poderiam estar a tramar novas traições.

Depois de comer, foi investigar.

Como supusera, os representantes estavam reunidos. Não procuravam sequer esconder a aleivosia. Estavam cegamente

convencidos da justiça da sua causa, o que lhes conferia uma segurança insensata. Não compreenderão, pensava Jay, que estão a provocar a ira de uma das maiores monarquias do mundo? Julgarão que podem sair impunes de uma coisa assim? Não verão que o poder do exército britânico mais cedo ou mais tarde os vai arrasar a todos?

Era evidente que não, e a tanto chegava a sua arrogância que ninguém protestou quando Jay se sentou ao fundo da sala, embora muitos dos presentes soubessem que era leal à coroa.

Um dos exaltados estava a falar, e Jay reconheceu George Washington, um antigo oficial do exército que ganhara muito dinheiro na especulação fundiária. Não era grande orador, mas tinha uma determinação férrea, que não deixava de impressionar. Washington tinha um plano. Nas colónias do Norte, contou, os homens ilustres tinham formado associações cujos membros se comprometiam a não importar bens britânicos. Se os cidadãos da Virgínia quisessem realmente pressionar o governo de Londres, deveriam fazer o mesmo.

Se alguma vez ouvi um discurso de traição, pensou Jay irritado, foi este.

Os negócios do pai iriam ser ainda mais afetados se Washington conseguisse convencer os representantes. Além dos condenados, Sir George transportava para a América chá, móveis, cordas, maquinaria e uma série de bens de luxo que os colonos não produziam. O comércio com as colónias do Norte já se reduzira a uma fração do que era — daí a crise que atingira os seus negócios um ano antes.

Nem todos concordavam com Washington. Alguns representantes faziam notar que as colónias do Norte tinham mais indústria e conseguiam produzir muitos bens essenciais, ao passo que o Sul dependia mais das importações. Como faremos, perguntavam, sem linha de coser nem tecidos?

Washington disse que poderia haver exceções, e a assembleia começou a discutir pormenores. Alguém propôs que se proibisse o

abate de ovelhas, para aumentar a produção local de lã. Washington não tardou a propor a formação de um pequeno comité com a missão de debater as questões técnicas. A proposta foi aprovada, tendo sido escolhidos em seguida os membros desse comité.

Jay saiu da sala indignado. Ao atravessar a sala da frente, aproximou-se Lennox com uma mensagem. Era de Murchman. Já regressara, lera o bilhete de Mr. Jamisson e teria todo o gosto em recebê-lo às nove da manhã.

A crise política distraíra Jay brevemente, mas naquele momento voltaram-lhe ao espírito os problemas pessoais e não o deixaram dormir a noite inteira. Ora culpava o pai por lhe pôr nas mãos uma plantação que não podia dar dinheiro, ora maldizia Lennox por estrumar de mais os campos em vez de desbravar novos terrenos. Punha a hipótese de a sua colheita de tabaco estar afinal em perfeitas condições e de os inspetores a terem queimado simplesmente como castigo pela sua lealdade para com o rei inglês. Virando-se e tornando a virar-se na cama estreita, chegou a pensar que Lizzie tivesse desejado que a bebé nascesse morta por puro rancor contra ele.

Chegou cedo a casa de Murchman. Não tinha outra saída. Fosse a culpa de quem fosse, o certo era que não conseguira tornar rendível a plantação. Se não conseguisse novo empréstimo, os credores iriam executar a hipoteca e ele ficaria não apenas sem dinheiro mas também sem casa.

Murchman parecia nervoso.

— Combinei com o seu credor que vos encontraríeis aqui os dois — disse.

— O meu credor? O senhor disse-me que era um consórcio.

— Ah, sim... Foi um pequeno engano, peço que me perdoe. A pessoa em causa queria permanecer anónima.

— Então porque decidiu revelar-se agora?

— Não... não sei dizer-lhe.

— Bom, calculo que tencione emprestar-me o dinheiro de que preciso. Se assim não fosse, para que se daria ao trabalho de falar comigo?

— Presumo que o senhor tenha razão, mas ele não me confiou os seus motivos.

Jay ouviu bater à porta da rua e, em seguida, vozes baixas, alguém a entrar.

— Mas então quem é?

— Creio que deixarei que seja ele a apresentar-se.

A porta abriu-se e entrou Robert, o irmão de Jay.

Jay levantou-se de um pulo, abismado.

— Tu! — exclamou. — Quando chegaste?

— Há uns dias — disse Robert.

Jay estendeu a mão e Robert apertou-a de fugida. Passara quase um ano desde a última vez que Jay o vira, e o irmão estava cada vez mais parecido com o pai: bojudo, carrancudo, brusco.

— Então foste tu quem me emprestastou o dinheiro? — perguntou Jay.

— Foi o pai — respondeu Robert.

— Graças a Deus! Estava com receio de não conseguir que um estranho me emprestasse mais.

— Mas o pai já não é o teu credor — informou Robert. — Morreu.

— Morreu? — Jay tornou a sentar-se, abruptamente. O choque era violento. O pai ainda nem tinha cinquenta anos. — Como é que...?

— Do coração.

Para Jay, era como se lhe tivessem tirado o chão de debaixo dos pés. O pai tratara-o mal, mas sempre ali estivera, firme e aparentemente indestrutível. De repente, o mundo tornara-se um sítio mais inseguro. Embora já estivesse sentado, Jay teve vontade de se encostar a qualquer coisa.

Olhou de novo para o irmão. Tinha na cara uma expressão de triunfo vingativo. De onde lhe vinha aquela satisfação?

— Há aí mais qualquer coisa — notou. — Porquê esse ar todo enfatuado?

— O teu credor agora sou eu — declarou Robert.

Jay viu o que lá vinha. Foi como se lhe tivessem dado um murro no estômago.

— Canalha! — murmurou.

Robert acenou com a cabeça.

— Vou executar a hipoteca. A plantação de tabaco é minha. Fiz o mesmo com High Glen: comprei as hipotecas e executei-as. High Glen agora também é meu.

Jay mal conseguia falar.

— Isto só pode ter sido planeado — falou a custo.

Robert tornou a acenar.

Jay reprimiu as lágrimas.

— Tu e o pai...

— Sim.

— A minha própria família arruinou-me.

— Arruinaste-te tu mesmo. És preguiçoso e és palerma e és fraco.

Jay ignorou os insultos. Só conseguia pensar no modo como o seu próprio pai conspirara para o desgraçar. Lembrou-se de como a carta de Murchman chegara poucos dias depois de ele desembarcar na Virgínia. O pai devia ter escrito antecipadamente ao advogado, a dar-lhe instruções para que oferecesse uma hipoteca. Previra que a plantação ia passar por dificuldades e planeara tirar-lha. O pai estava morto, mas enviava-lhe de além-túmulo aquela mensagem de rejeição.

Pôs-se de pé com um esforço doloroso, como se fosse um velho. Robert ficou calado, com um ar de troça e altivez. Murchman teve o bom gosto de se mostrar culpado. Com ar de grande embaraço, correu para a porta e abriu-a a Jay. Lentamente, este atravessou o vestíbulo e saiu para a rua lamacenta.

À hora de jantar, Jay estava bêbado.

Estava tão bêbado que mesmo Mandy, a empregada que estava a apaixonar-se por ele, pareceu perder o interesse. Nessa noite, desmaiou ao balcão do Raleigh. Lennox deve tê-lo levado para a cama, pois acordou no seu quarto na manhã seguinte.

Pensou em matar-se. Não tinha nada que o prendesse à vida: nem casa nem futuro nem filhos. Nunca chegaria a ser ninguém na Virgínia, agora que ficara na penúria, e não suportava a ideia de voltar para a Grã-Bretanha. A mulher odiava-o e até Felia pertencia ao irmão. A única dúvida era enfiar uma bala na cabeça, ou beber até morrer.

Estava de novo a beber brande, às onze da manhã, quando a mãe entrou na taberna.

Ao vê-la, pensou que talvez já estivesse a enlouquecer. Levantou-se e fitou-a, assustado. A mãe, que, como sempre, lhe leu o pensamento, disse:

— Não, não sou um fantasma. — Deu-lhe um beijo e sentou-se.

Quando se recompôs, Jay perguntou:

— Como é que me encontrou?

— Fui a Fredericksburg e disseram-me que estavas aqui. Prepara-te para um choque. O teu pai morreu.

— Eu sei.

Alicia admirou-se.

— Como?

— Robert está cá.

— Porquê?

Jay contou-lhe a história e explicou que Robert era agora o dono quer da plantação quer de High Glen.

— Tinha medo de que eles andassem os dois a tramar uma coisa dessas — desabafou a mãe com amargura.

— Estou arruinado — confessou. — Estava a pensar em matar-me.

Alicia abriu muito os olhos.

— Isso quer dizer que Robert não te falou do testamento do teu pai.

Jay viu de repente um clarão de esperança.

— Deixou-me alguma coisa?

— A ti, não. Ao teu filho.

Jay voltou a desanimar.

— A minha filha nasceu morta.

— Um quarto da herança vai para os netos do teu pai que estejam vivos um ano depois da morte dele. Se, ao fim de um ano, não houver netos, Robert herda tudo.

— Um quarto? É uma fortuna!

— Só tens de engravidar Lizzie outra vez.

Jay conseguiu sorrir.

— Bom, isso eu sei como fazer.

— Não tenhas tanta certeza disso. Lizzie fugiu com o mineiro.

— O quê?

— Foi-se embora com McAsh.

— Meu Deus! Deixou-me? E para fugir com um condenado? — Era profundamente humilhante. Jay desviou o olhar. — Jamais conseguirei ultrapassar esta vergonha. Meu Deus!

— Aquela catraia, Peggy Knapp, foi com eles. Levaram uma carroça e seis cavalos teus, e provisões que chegam para criar várias herdades.

— Malditos ladrões! — Jay sentia-se indignado e impotente. — Não conseguia impedi-los?

— Falei com o regedor, mas Lizzie foi esperta. Fez correr que ia à Carolina do Norte levar presentes a um primo. Os vizinhos disseram ao regedor que eu era só uma sogra conflituosa a querer arranjar problemas.

— Todos eles me odeiam porque sou leal ao rei. — Os altos e baixos de esperança e desespero tornaram-se demasiado fortes para Jay, que se afundou em letargia.

— Não há nada a fazer — admitiu. — O destino está contra mim.

— Não desistas ainda!

Mandy, a empregada, interrompeu-os para perguntar a Alicia o que queria. Alicia pediu chá. Mandy dirigiu a Jay um sorriso sedutor.

— Podia ter um filho de outra mulher — disse Jay enquanto Mandy se afastava. Alicia olhou desdenhosamente para o traseiro bamboleante da empregada e disse:

— Não serve. O neto tem de ser legítimo.

— Posso divorciar-me de Lizzie?

— Não. Só com uma autorização especial do parlamento e uma fortuna em dinheiro. E, de qualquer modo, não temos tempo para isso. Enquanto Lizzie estiver viva, tem de ser ela.

— Não faço ideia de onde estará.

— Faço eu.

Jay olhou para a mãe. A esperteza dela nunca deixava de o surpreender.

— Como?

— Segui-os.

Jay abanou a cabeça numa admiração incrédula.

— Como fez isso?

— Não foi difícil. Fui perguntando às pessoas se tinham visto uma carroça de quatro cavalos com um homem, uma mulher e uma rapariga. Não passam assim tantas que as pessoas se esqueçam.

— Para onde foram?

— Para sul até Richmond. Aí, meteram por um caminho chamado Pista dos Três Entalhes e seguiram para oeste, na direção das montanhas. Eu voltei para leste e vim para cá. Se partires já, só te levam três dias de avanço.

Jay ficou a pensar. Abominava a ideia de ir atrás de uma esposa em fuga: faria uma triste figura. Mas era a sua única possibilidade de herdar. E um quarto do legado do pai era uma fortuna imensa.

O que faria quando a alcançasse?

— E se ela não voltar? — perguntou.

O rosto da mãe endureceu em linhas implacáveis de determinação.

— Há outra possibilidade, naturalmente — respondeu. — Olhou para Mandy e depois voltou de novo para Jay o seu olhar frio. —

Podes engravidar outra mulher e casar com ela... se Lizzie, de repente, morrer.

Jay fitou a mãe longamente.

Alicia continuou:

— Eles vão para terras desertas, onde não há lei. Por lá, tudo pode acontecer. Não há regedores nem juízes. Por lá, é normal morrer-se de repente, e ninguém faz perguntas.

Jay engoliu em seco e estendeu a mão para a bebida. A mãe pousou a mão sobre o copo para o impedir de beber.

— Já chega — ordenou. — Tens de te pôr a caminho.

Com relutância, Jay retirou a mão.

— Leva Lennox contigo — aconselhou a mãe. — Se as coisas correrem pelo pior e não conseguires convencê-la nem obrigá-la a voltar contigo, ele saberá o que fazer.

Jay acenou com a cabeça.

— Está bem — disse. — Eu vou.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

A antiga pista de caça ao búfalo conhecida como Pista dos Três Entalhes seguia para oeste milha após milha através do relevo ondulado da Virgínia. Estendia-se paralela ao rio James, como podia ver Lizzie no mapa de Mack. A estrada transpunha uma sequência infindável de cristas e vales formada por centenas de ribeiras que corriam para sul e desaguavam no James. Ao princípio, passaram por muitas herdades grandes como as que havia nos arredores de Fredericksburg, mas, à medida que avançavam para oeste, as casas e os campos iam-se tornando mais pequenos e as extensões de floresta maiores.

Lizzie estava feliz. Sentia medo e ansiedade e culpa, mas não conseguia deixar de sorrir. Estava ao ar livre, montada num cavalo, ao lado do homem que amava, a começar uma grande aventura. A cabeça temia pelo que pudesse acontecer, mas o coração rejubilava.

Não paravam de instigar os cavalos, pois receavam ser seguidos. Alicia Jamisson não ia ficar parada em Fredericksburg à espera de que Jay voltasse. Teria enviado uma mensagem para Williamsburg, ou ido lá em pessoa, para avisar o filho do que se passara. Não fossem as notícias acerca do testamento de Sir George, Jay bem poderia encolher os ombros e deixá-los partir. Mas agora precisava da mulher para lhe dar o neto indispensável. Era quase certo que iria atrás dela.

Tinham vários dias de avanço sobre ele, mas Jay avançaria mais depressa, pois não precisava de uma carroça de víveres. Como faria para seguir a pista deles? Teria de ir perguntando, pelo caminho, em casas e tabernas, na esperança de que as pessoas tivessem reparado em quem passara. Havia poucos viajantes e a carroça não seria difícil de recordar.

Ao terceiro dia, a paisagem tornou-se mais acidentada. Os campos cultivados deram lugar a pastagens e, na névoa longínqua,

desenhou-se o perfil azul de uma serra. Com o passar das milhas, os cavalos foram ficando cansados, começaram a tropeçar no chão agreste e a abrandar teimosamente o passo. Nas subidas, Mack, Lizzie e Peg desciam da carroça e iam pé, para aliviar a carga, mas isso não era suficiente. Os animais baixavam a cabeça, abrandavam ainda mais o passo, e deixavam de reagir ao chicote.

— O que se passa com eles? — perguntou Mack ansioso.

— Temos de lhes dar melhor ração — respondeu Lizzie. — Só têm comido o que pastam durante a noite. Para um trabalho destes, puxar uma carroça o dia inteiro, precisam de aveia.

— Devia ter trazido — lamentou Mack. — Não me lembrei disso. Não percebo muito de cavalos.

Nessa tarde, chegaram a Charlottesville, um novo povoado que estava a crescer no cruzamento da Pista dos Três Entalhes com a Pista Seminole, um velho caminho índio com orientação norte-sul. A cidade estendia-se em ruas paralelas que subiam em socacos a partir da estrada, mas a maioria dos talhões estavam por construir, e não haveria mais do que uma dúzia de casas. Lizzie viu um tribunal com um poste a fazer de pelourinho, e uma taberna, identificada por uma tabuleta com um cisne grosseiramente pintado.

— Aqui arranjam aveia — considerou.

— Não podemos parar — disse Mack. — Não quero que as pessoas se lembrem de nós.

Lizzie compreendeu o raciocínio de Mack. O cruzamento seria um problema para Jay. Teria de descobrir se eles tinham virado para sul ou continuado para oeste. Se chamassem a atenção sobre si parando a abastecerem-se numa taberna, estariam a facilitar-lhe a tarefa. Os cavalos teriam mesmo de sofrer um pouco mais.

Umas milhas para lá de Charlottesville, pararam no lugar onde a estrada era cruzada por um trilho que mal se via. Mack fez uma fogueira e Peg cozinhou *hominy*. Havia sem dúvida peixe nos rios e veados nos bosques, mas os fugitivos não tinham tempo para pescar ou caçar, pelo que comiam papas.

Lizzie percebeu que a comida não sabia a nada, e a textura viscosa era repugnante. Obrigou-se a comer umas colheradas, mas ficou nauseada e deitou fora o resto. Sentiu vergonha ao pensar que era aquilo que os seus trabalhadores tinham comido todos os dias.

Enquanto Mack lavava as tigelas num regato, Lizzie peou os cavalos de modo a poderem pastar durante a noite sem fugir. Depois embrulharam-se os três em mantas e deitaram-se por baixo da carroça, lado a lado. Lizzie contraiu-se antes de se deitar, e Mack perguntou:

— O que foi?

— Doem-me as costas — respondeu ela.

— Estás habituada a colchão de penas.

— Antes dormir no chão frio contigo que num colchão de penas sozinha.

Não fizeram amor, com Peg ao lado, mas, quando a julgaram adormecida, conversaram, em voz baixa, sobre tudo aquilo por que já tinham passado juntos.

— Quando te tirei do rio e te esfreguei com o meu saiote — disse Lizzie —, lembras-te?

— Claro. Como podia esquecer?

— Sequei-te as costas e, depois, quando te viraste... — Hesitou, subitamente acanhada. — Estavas... excitado.

— Muito. Estava tão cansado que mal me tinha nas pernas, mas, mesmo assim, tive vontade de fazer amor contigo.

— Eu nunca tinha visto um homem naquele estado. Fiquei deslumbrada. Depois sonhei com isso. Até sinto vergonha quando me lembro de que gostei tanto...

— Estás muito mudada. Dantes, eras arrogante.

Lizzie riu baixinho.

— Penso o mesmo de ti!

— Eu era arrogante?

— Claro que eras! Pores-te de pé na igreja a ler uma carta ao *laird*!

— Pois, acho que tens razão.

— Se calhar, estamos mudados os dois.

— Ainda bem. — Mack acariciou-lhe a face. — Acho que foi aí que me enamorei de ti: à porta da igreja, quando me foste descompor.

— Eu já te amava há muito tempo sem saber. Lembras-te do combate? Os murros que levavas doíam-me a mim. Foi horrível ver estragarem-te o teu lindo corpo. Depois, quando ainda estavas sem sentidos, fiz-te festas. Toquei-te no peito. Acho que já nessa altura te desejava, mesmo antes de casar. Mas não o confessava a mim mesma.

— Eu digo-te quando é que começou para mim. Foi na mina, quando me caíste nos braços, e eu, sem querer, te apalpei a mama e percebi quem tu eras.

Lizzie riu-se.

— Não me agarraste um bocadinho mais do que era preciso?

À luz da fogueira, viu-se que estava envergonhado.

— Não. Mas depois tive pena de não ter aproveitado.

— Agora podes agarrar-me quanto te apetecer.

— Sim. — Abraçou-a e puxou-a mais para si. Ficaram muito tempo em silêncio, e foi naquela posição que adormeceram.

No dia seguinte, atravessaram uma passagem na serra e começaram a descer à planície do outro lado dos montes. Lizzie e Peg conduziam a carroça, com Mack à frente a reconhecer o caminho num dos cavalos de sobra. Lizzie estava dorida de dormir no chão e começava a acusar a falta de boa comida. Mas teria de se habituar: ainda tinham um longo caminho pela frente. Cerrou os dentes e pensou no futuro.

Percebia que Peg trazia qualquer coisa na cabeça. Gostava da rapariga. Quando olhava para ela, lembrava-se da filha que lhe morrera. Também Peg fora um dia uma bebé pequenina, amada por uma mãe. Em honra dessa mãe, Lizzie ia amá-la e tomar conta dela.

— O que te preocupa? — perguntou.

— Estas herdades nos montes fazem-me lembrar o sítio de Burgo Marler.

Deve ser terrível, pensou Lizzie, ter matado alguém; mas parecia-lhe que havia mais qualquer coisa, e não tardou muito que Peg desembuchasse.

— Porque decidiu fugir com a gente?

Era difícil encontrar uma resposta simples para aquela pergunta. Lizzie refletiu e acabou por responder:

— Principalmente, penso eu, porque o meu marido já não me ama. — Qualquer coisa na expressão de Peg a fez acrescentar: — Se calhar preferias que eu não tivesse vindo...

— É que não come a nossa comida e não gosta de dormir no chão, e, se não estivesse com a gente, não tínhamos a carroça e podíamos ir mais depressa.

— Eu habituo-me às condições. E, com as provisões que trazemos na carroça, vai ser muito mais fácil montarmos uma casa nas terras desertas.

Peg continuava carrancuda, e Lizzie percebeu que ainda lá vinha mais qualquer coisa. De facto, passados uns momentos de silêncio, Peg perguntou:

— Está enamorada de Mack, não está?

— Claro que sim!

— Mas ainda agora se livrou do seu marido... Não é um bocadinho cedo?

Lizzie retraiu-se. Ela mesma pensava que sim, nos momentos em que era assaltada por dúvidas; mas era vexante ouvi-lo da boca de uma criança.

— Há seis meses que o meu marido não me toca. Quanto tempo pensas que devia esperar?

— Mack gosta de mim.

Estava a ficar complicado.

— Gosta de nós as duas, penso eu — respondeu Lizzie. — Mas de maneiras diferentes.

Peg abanou a cabeça.

— Gosta mesmo de mim, que eu sei.

— Mack tem sido como um pai para ti. E eu tentarei ser como uma mãe, se tu deixares.

— Não! — disse Peg zangada. — Não vai ser assim!

Lizzie não sabia o que lhe dizer. Adiante, avistou um ribeiro pouco fundo com um edifício baixo, de madeira, ao lado. Obviamente, havia ali um vau, e o edifício era uma taberna frequentada por viajantes. Mack prendia o cavalo à porta da taberna.

Lizzie parou a carroça por seu turno junto dele. Da taberna saiu um homem grande e mal vestido, com umas calças de anta, sem camisa, e com um tricórnio velho na cabeça.

— Precisamos de comprar aveia para os cavalos — disse Mack.

O homem respondeu com uma pergunta:

— Ides repousar e entrar para beber um copo?

De repente, pareceu a Lizzie que uma caneca de cerveja era a coisa mais apetecível à face da Terra. Trouxera dinheiro de Mock-jack Hall — não muito, mas o bastante para compras essenciais durante a viagem.

— Sim — respondeu decidida, e saltou da carroça.

— Sou Barney Tobold. Chamam-me Baz — disse o taberneiro. Olhou intrigado para Lizzie, que vestia roupa de homem mas que não completara o disfarce, pelo que o seu rosto era obviamente feminino. O homem, porém, não fez comentários e conduziu-os para dentro.

Quando os seus olhos se habituaram à penumbra, Lizzie viu que a taberna era uma sala única, de chão de terra batida, com dois bancos corridos e um balcão, e meia dúzia de canecas de madeira numa prateleira. Baz dirigiu-se a um barril de rum, mas Lizzie deteve-o dizendo:

— Rum, não. Só cerveja, por favor.

— Eu quero rum — disse Peg desejosa.

— Enquanto for eu a pagar, não queres — contrariou-a Lizzie. — Cerveja também para ela, Baz, se faz favor.

O taberneiro serviu a cerveja de um pipo em canecas de madeiras. Mack entrou com o mapa na mão e perguntou:

— Que rio é este?

— Chamamos-lhe rio do Sul.

— Do outro lado, aonde vai dar a estrada?

— A uma cidade chamada Staunton, a umas vinte milhas daqui. Depois, já não há muito mais: uns caminhitos, uns fortes de fronteira, e depois montanhas a sério, que nunca ninguém passou. E vós, para onde ides, já agora?

Mack hesitou, e foi Lizzie quem respondeu:

— Vou visitar um primo.

— Em Staunton?

A pergunta desorientou Lizzie.

— Hã... Perto.

— Ah, sim? Como é que ele se chama?

Lizzie disse o primeiro nome que lhe veio à cabeça.

— Angus... Angus James.

Baz franziu a testa.

— Tem piada, julgava que conhecia toda a gente em Staunton, mas não estou a ver quem é.

Lizzie improvisou:

— Pode ser que a herdade seja longe da cidade, não sei, nunca lá fui.

De fora, chegou o som de cascos de cavalo. Lizzie pensou que fosse Jay. Teria conseguido recuperar o atraso tão depressa? O som também enervou Mack, que lembrou:

— Se queremos chegar a Staunton antes da noite...

— ... não podemos demorar — concluiu Lizzie, e esvaziou a caneca.

— Mal molhastes a garganta — disse Baz. — Bebei mais um copo.

— Não — respondeu Lizzie resoluta. Tirou a carteira. — Quero pagar, faz favor.

Entraram dois homens, a piscar os olhos na obscuridade. Pareciam ser gente da terra: ambos traziam calças de anta e botas feitas em casa. Pelo canto do olho, Lizzie viu Peg sobressaltar-se e logo voltar-se de costas para os recém-chegados, como se não quisesse que lhe vissem a cara.

Um dos homens cumprimentou alegremente.

— Viva, forasteiros! — Era um homem feio, com o nariz partido e um olho fechado. — Sou Chris Dobbs, e chamam-me Deadeye Dobbo¹⁷. Prazer em conhecer. Então e novas do Leste? Lá os representantes continuam a gastar os nossos impostos em palácios novos e jantaradas finas? Esta pago eu: uma rodada de rum, faz favor!

— Já estamos a sair — agradeceu Lizzie. — Mas obrigado na mesma.

Dobbo olhou melhor para ela e exclamou:

— Uma mulher de calças de anta!

Lizzie não respondeu e apenas disse:

— Adeus, Baz, e obrigado pelas informações.

Mack saiu, e Lizzie e Peg dirigiram-se para a porta. Dobbs olhou para Peg e mostrou surpresa.

— Eu conheço-te — disse. — ‘Tavas com Burgo Marler, que Deus tem.

— Nunca ouvi falar — respondeu Peg despachada, e apressou-se a passar por ele.

Imediatamente Dobbo tirou a conclusão lógica:

— Jesus Cristo, tu deves ser a cabrinha que o matou!

— Alto lá — exclamou Lizzie, lamentando que Mack tivesse saído tão depressa. — Não sei que raio de ideia lhe passou pela cabeça, Mr. Dobbs, mas Jenny está ao serviço da minha família desde os dez anos e nunca conheceu ninguém com esse nome, quanto mais matá-lo.

Dobbs não se deixou levar tão facilmente.

— Não é Jenny, mas é parecido: é Betty, ou Milly, ou Peggy. É isso: Peggy Knapp.

Lizzie sentiu uma náusea de medo.

Dobbs virou-se para o companheiro a pedir apoio.

— É ela, ou não é?

O outro encolheu os ombros.

— Só vi uma ou duas vezes a miúda que matou Burgo, e as catraias são todas mais ou menos iguais — respondeu sem segurança.

Baz interveio:

— Corresponde à descrição do *Virginia Gazette*, lá isso é verdade.

De trás do balcão tirou um mosquete.

Dentro de Lizzie, o medo deu lugar à raiva.

— Espero que não tencione ameaçar-me, Barney Tobold — disse, e a voz surpreendeu-a pelo seu poder.

Tobold respondeu:

— Talvez seja melhor ficardes todos por aqui enquanto a gente manda uma mensagem ao regedor de Staunton. Ele não está nada satisfeito por ainda não ter apanhado a assassina de Burgo. Tenho a certeza de que há de querer confirmar a vossa história.

— Não vou ficar à espera de que descubra que está enganado.

O taberneiro apontou-lhe a arma.

— Acho que vai ter de ser.

— Deixe que lhe explique uma coisa. Eu vou sair daqui com esta pequena, e só precisa de saber isto: se matar a mulher de um rico cavalheiro da Virgínia, não há desculpa que o livre da forca. — Pousou as mãos nos ombros de Peg, interpôs-se entre ela e a arma, e conduziu-a para a porta.

Baz armou o cão com um estalido ensurdecador.

Peg estremeceu sob as mãos de Lizzie, que a agarrou com mais força, sentindo que ela queria desatar a fugir.

A porta estava a quatro passos, mas pareceu-lhe levar uma hora a chegar lá.

Não houve disparo.

Lizzie sentiu o sol na cara.

Não conseguiu conter-se mais tempo. Empurrando Peg, começou a correr.

Mack já estava sentado na sela. Peg saltou para o assento da carroça e Lizzie fez o mesmo.

— O que foi? — perguntou Mack. — Parece que viste um fantasma.

— Vamos embora! — disse Lizzie. — O zarolho reconheceu Peg!

Voltou a carroça para leste. Se fossem para Staunton, teriam de passar a vau o rio, o que iria demorar muito, e acabariam por cair nas mãos do regedor. Tinham de fazer meia-volta.

Olhando para trás, Lizzie viu os três homens à porta da taberna, Baz ainda com o mosquete na mão. Fazendo estalar o chicote, pôs as éguas a trote.

Baz não disparou.

Segundos depois, estavam fora de alcance.

— Deus seja louvado! — exclamou Lizzie com gratidão. — Que grande aperto!

A estrada fazia uma curva e penetrava no bosque, e a taberna deixou de se ver. Pouco depois, Lizzie punha as éguas a passo. Mack pôs-se ao lado, no seu cavalo.

— Esquecemo-nos da aveia — lamentou.

Mack sentia alívio por terem escapado, mas lamentava a decisão de Lizzie de voltar para trás. Deviam ter passado a vau o rio e seguido em frente. Era em Staunton, evidentemente, que ficava a herdade de Burgo Marler, mas poderiam ter encontrado um trilho que contornasse a cidade, ou tê-la atravessado durante a noite. No entanto, não a censurava, pois Lizzie nem tivera tempo pensar.

Pararam onde tinham pernoitado na véspera, no sítio onde a Pista dos Três Entalhes era cruzada por um trilho secundário. Afastaram a carroça da estrada e esconderam-na no bosque: agora andavam a fugir à justiça.

Mack consultou o mapa e concluiu que teriam de voltar a Charlottesville e meter pela Pista Seminole, para sul. Poderiam

voltar de novo para oeste, ao fim de um ou dois dias, e passar a mais de cinquenta milhas de Staunton.

De manhã, contudo, Mack pensou que Dobbs poderia ter ido para Charlottesville. Podia ter passado durante a noite pelo seu acampamento oculto e chegar à cidade antes deles. Partilhou este receio com Lizzie e propôs ir ele sozinho a Charlottesville para ter a certeza de que não havia perigo. Lizzie concordou.

Cavalgou depressa e chegou à cidade antes de nascer o sol. Pôs o cavalo a passo ao chegar à primeira casa. Tudo estava tranquilo: nada bulia a não ser um cão que se coçava no meio da estrada. A porta do Swan, a taberna com o cisne pintado na tabuleta, estava aberta, e da sua chaminé saía fumo. Mack desmontou e prendeu o cavalo a um arbusto, antes de se aproximar, com toda a cautela, da taberna.

Não estava ninguém ao balcão.

Talvez Dobbs e o parceiro tivessem ido em sentido contrário, até Staunton.

Chegava de algures um cheiro de fazer crescer água na boca. Foi até às traseiras e viu uma mulher de meia-idade a fritar toucinho.

— Preciso de comprar aveia — disse Mack.

Sem erguer os olhos da sua tarefa, a mulher respondeu:

— Há uma loja em frente do tribunal.

— Obrigado. Por acaso não viu Deadeye Dobbo?

— Quem é esse?

— Deixe lá.

— Não quer pequeno-almoço antes de se ir embora?

— Não, obrigado, não tenho tempo.

Deixando o cavalo no mesmo sítio, subiu a ladeira até ao edifício de madeira do tribunal. Do outro lado da praça, um edifício mais pequeno exibia uma tabuleta mal pintada onde se lia «Vende-se semente». Estava fechado, mas, num anexo das traseiras, foi dar com um homem meio despido a barbear-se.

— Preciso de comprar aveia — disse outra vez.

— E eu preciso de fazer a barba.

— Não vou esperar. Se não me vender agora duas sacas de aveia, vou comprá-las no vau do rio do Sul.

A resmungar, o homem enxugou a cara e levou Mack para a loja.

— Forasteiros na cidade? — perguntou Mack.

— Você — respondeu o homem.

Parecia que Dobbs não fora a Charlottesville.

Mack pagou com o dinheiro de Lizzie e pôs às costas as duas enormes sacas. Ao sair, ouviu tropel de cavalos. Olhou e viu três cavaleiros vindos de leste a grande velocidade.

O seu coração parou um segundo.

— Amigos seus? — perguntou o vendedor de sementes.

— Não.

Desceu depressa a ladeira. Os cavaleiros apearam-se no Swan. Mack abrandou o passo ao aproximar-se, e enterrou o chapéu na testa a esconder os olhos. Quando eles desmontaram, observou-lhes a cara.

Um deles era Jay Jamisson.

Mack praguejou por dentro. Por causa do problema da véspera no rio do Sul, Jay quase os apanhara.

Ainda bem que tivera o cuidado de ir a Charlottesville: agora estava prevenido. Tinha era de chegar ao pé do seu cavalo e fugir sem ser visto.

De repente, lembrou-se de que o «seu» cavalo fora roubado a Jay, e de que estava preso a um arbusto a menos de quatro passos de onde Jay se encontrava.

Jay adorava os seus cavalos. Bastaria que pousasse os olhos neste um instante para o reconhecer. E para compreender imediatamente que os fugitivos não estavam longe.

Mack saltou uma cerca velha que delimitava um terreno com mato crescido e ficou à espreita atrás de uns arbustos. Lennox estava com Jay, e havia um terceiro homem, que Mack não reconheceu. Lennox prendeu o seu cavalo ao lado do de Mack, ocultando-o parcialmente do olhar de Jay. Lennox não tinha amor

aos cavalos e não o reconheceria. Jay prendeu o seu ao lado do de Lennox. «Entra na taberna, entra na taberna!», gritou Mack em pensamento, mas Jay voltou-se e disse qualquer coisa a Lennox. Este respondeu, e o outro homem soltou uma gargalhada áspera. Um pingo de suor escorreu pela testa de Mack e entrou-lhe num olho, e ele pestanejou a limpá-lo. Quando conseguiu ver de novo com nitidez, estavam os três homens a entrar no Swan.

Suspirou de alívio. Mas ainda não estava a salvo.

Saiu dos arbustos, ainda vergado sob o peso das duas sacas de aveia, e atravessou a estrada rapidamente na direção da taberna. Passou as sacas para o cavalo.

Ouviu alguém atrás de si.

Não se atreveu a olhar. Pôs um pé no estribo, e ouviu uma voz dizer:

— Eh, tu!

Voltou-se lentamente. Quem falara era um desconhecido.

Inspirou fundo e perguntou:

— Sim?

— Queremos pequeno-almoço.

— Ide lá atrás falar com a mulher. — Mack montou.

— Eh!

— Que foi agora?

— Passou aqui alguma carroça de quatro cavalos, com uma mulher, uma rapariga e um homem?

Mack fingiu pensar.

— Nos últimos tempos não — respondeu.

Esporeou o cavalo e partiu.

Não se atreveu a olhar para trás.

Passado um instante, deixara a cidade.

Estava ansioso por reencontrar Lizzie e Peg, mas via-se forçado a avançar mais devagar por causa do peso da aveia, e o sol já aquecia quando chegou ao cruzamento. Meteu pelo trilho secundário até ao acampamento escondido.

— Jay está em Charlottesville — disse assim que viu Lizzie.

Ela empalideceu.

— Tão perto!

— Provavelmente, mais logo vai seguir a Pista dos Três Entalhes, pela serra. Mas, quando chegar ao vau do rio do Sul, vai descobrir que fizemos meia-volta. Assim, fica só com um dia e meio de atraso. Vamos ter de abandonar a carroça.

— E as nossas provisões todas!

— Quase todas. Sobram-nos três cavalos: podemos levar o que eles puderem carregar. — Mack olhou para o trilho estreito que seguia para sul. — Em vez de voltar para Charlottesville, podíamos experimentar este carreiro. Provavelmente é um atalho que vai dar à Pista Seminole a umas milhas da cidade. E parece aceitável para os cavalos.

Lizzie não era de lamúrias. A sua boca desenhou uma linha resoluta.

— Está bem — disse com veemência. — Vamos lá descarregar.

Tiveram de abandonar a relha, a arca de Lizzie, cheia de roupa interior quente, e uma parte do milho, mas conseguiram levar as armas, a ferramenta e as sementes. Amarraram uns aos outros os cavalos de carga e montaram.

A meio da manhã, estavam a caminho.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Durante três dias, seguiram para sudoeste, pela pista primitiva dos índios Seminole, que serpenteava por entre exuberantes florestas de montanha, atravessando uma série majestosa de vales e gargantas. Passaram por herdades isoladas, mas viram pouca gente e não viram nenhum povoado. Cavalgavam os três lado a lado, com os cavalos de carga atrás, em fila indiana. Mack estava dorido da sela, mas, apesar disso, sentia-se animado. A serrania era magnífica, o sol brilhava, e ele era um homem livre.

Na manhã do quarto dia, subiram uma colina e avistaram, no vale do outro lado, um rio largo e castanho com uma série de ilhotas. Na outra margem, erguia-se um aglomerado de edifícios de madeira. Atracado num embarcadouro estava um barco de passageiros de fundo chato. Mack fez parar o cavalo.

— Deve ser o rio James, e aquilo deve ser uma povoação chamada Lynch's Ferry.

Lizzie adivinhou-lhe os pensamentos:

— Queres voltar outra vez para oeste.

Jay confirmou com a cabeça.

— Há três dias que quase não vemos ninguém. Vai ser mais difícil Jay seguir-nos o rasto. Mas, se apanharmos o barco para o outro lado, o barqueiro vai ver-nos, e é capaz de não ser fácil evitar o taberneiro, o merceeiro e os curiosos da terra.

— Bem pensado — concordou Lizzie. — Se sairmos da estrada aqui, ele não tem como saber por onde fomos.

Mack consultou o mapa.

— Este vale sobe para noroeste e vai dar a uma passagem. Do outro lado, devemos conseguir apanhar a pista que vai de Staunton para sudoeste.

— Ótimo.

Mack sorriu a Peg, que se mantinha calada e indiferente.

— Estás de acordo? — perguntou, tentando incluí-la na decisão.

— Como quiseses — respondeu ela.

Peg parecia infeliz, e Mack pensou que fosse por medo de ser apanhada. Além disso, devia estar cansada: às vezes, Mack esquecia-se de que ela era tão novinha.

— Anima-te — disse. — Vamos conseguir!

Peg desviou os olhos. Mack trocou um olhar com Lizzie, que fez um gesto de impotência.

Saíram do trilho numa linha oblíqua, desceram pela vertente arborizada e foram dar ao rio, cerca de meia milha a montante do povoado. Pareceu a Mack que ninguém os vira.

Paralelo à margem, corria um trilho plano que se estendia por várias milhas. A certa altura, desviava-se do rio e contornava um espinhaço de montes. O caminho era mau, e tinham de desmontar com frequência para ajudarem os cavalos a galgar penedos, mas Mack não perdeu em momento nenhum a sensação inebriante da liberdade.

Acabaram o dia junto de uma rápida corrente de montanha. Lizzie matou um pequeno veado que fora beber a uma poça rochosa. Mack esquartejou-o e fez um espeto para assar uma perna. Deixou Peg a tomar conta do fogo e foi lavar as mãos, que tinha cheias de sangue.

Desceu pela margem no sentido da corrente até ao ponto onde uma pequena queda-d'água formava um lago profundo. Ajoelhou-se numa saliência rochosa a lavar as mãos na água que caía. Então resolveu banhar-se — e despiu-se. Quando tirou os calções, levantou os olhos e viu Lizzie.

— Sempre que me dispo e entro num rio...

— ... vês-me à espreita!

Riram-se os dois.

— Vem ao banho comigo — convidou ele.

Começou a bater mais depressa o coração de Mack enquanto ela se despia. Contemplava-lhe amorosamente o corpo. Lizzie estava nua à sua frente com uma expressão de para-o-inferno-tudo-o-resto na cara. Enlaçaram-se e beijaram-se.

Quando pararam para respirar, Mack foi assaltado por uma ideia disparatada. Olhou para o lago fundo uns dez palmos mais abaixo e disse:

— Vamos saltar!

— Não! — respondeu Lizzie. Depois, porém, emendou: — Pronto, está bem.

Deram as mãos, de pé na beira da laje, e saltaram, a rir perdidamente. Atingiram a água de mãos dadas. Mack foi ao fundo e largou-a. Quando voltou à superfície, viu-a a uns palmos de si, a refolegar e a cuspinhar e a rir ao mesmo tempo. Nadaram juntos para a margem até terem pé, e então pararam a descansar.

Mack puxou-a para si. Num estremecimento de excitação, sentiu-lhe as coxas nuas contra as suas. Agora não queria beijá-la, queria ver-lhe o rosto. Afagou-lhe as ancas. A mão dela fechou-se sobre o seu pénis ereto, e ela olhou-o nos olhos, sorrindo feliz. Mack sentia-se a ponto de explodir.

Lizzie abraçou-o pelo pescoço e ergueu as pernas para lhe apertar a cintura com as coxas. Mack fincou os pés com firmeza no leito do rio para receber o seu peso. Ergueu-a um pouco mais. Lizzie meneou-se brevemente e descaiu sobre ele. Mack penetrou-a com tal facilidade que se diria que tinham anos de prática.

Em contraste com a água fria, as entranhas de Lizzie eram como um óleo quente a envolver-lhe a pele. De súbito, julgou estar a sonhar. Fazia amor com a filha de Lady Hallim numa queda-d'água da Virgínia: como podia ser verdade?

Lizzie introduziu a língua na boca de Mack e ele sugou-a. Lizzie deu uma gargalhada, depois o seu rosto fez-se novamente sério, e envolveu-a uma expressão concentrada. Apoiou-se no pescoço dele, soerguendo-se, e deixou descair de novo o corpo, uma e outra vez. Soltou um gemido do fundo da garganta e semicerrou os olhos. Mack fitava-lhe o rosto, hipnotizado.

Pelo canto do olho, viu mover-se qualquer coisa na margem. Virou a cabeça e distinguiu um clarão de cor — depois nada. Alguém estivera a observá-los. Peg tê-los-ia surpreendido por

acaso, ou seria um desconhecido? Mack sabia que deveria preocupar-se, mas Lizzie gemia cada vez mais alto e a preocupação escapou-lhe do espírito. Lizzie começou a gritar, apertando-o com as coxas num ritmo cada vez mais rápido, até que esmagou o corpo contra o dele e soltou um berro, e Mack agarrou-a com mais força e estremeceu de paixão até se esvair.

Quando voltaram, Peg desaparecera.

Mack teve um mau pressentimento.

— Penso que vi alguém ao pé do lago enquanto fazíamos amor. Foi só um instante, e nem percebi se era um homem, uma mulher ou uma criança.

— Tenho a certeza de que era Peg — disse Lizzie. — Penso que fugiu.

Mack semicerrou os olhos.

— Porque tens tanta certeza?

— Ela tem ciúmes porque tu me amas.

— O quê?

— Ela ama-te, Mack. Disse-me que ia casar contigo. Claro que é só fantasia de garota, mas ela não sabe. Há dias que anda infeliz, e acho que agora nos viu fazer amor e fugiu.

Mack teve a intuição terrível de que aquilo era a verdade. Imaginou como se sentiria Peg, e a ideia era aflitiva. Agora, a pobre pequena vagueava sozinha de noite pela serra.

— Oh, meu Deus, o que vamos fazer? — perguntou.

— Procurá-la.

— Sim. — Mack obrigou-se a reagir. — Ao menos não levou nenhum cavalo. Não pode ter ido muito longe. Vamos procurá-la juntos. Fazemos archotes. Deve ter voltado por onde viemos. Vais ver que damos com ela a dormir debaixo de um arbusto.

Procuraram-na a noite inteira.

Seguiram em sentido contrário o caminho que tinham feito, iluminando os bosques, com os archotes, dos dois lados do tortuoso carreiro. Voltaram depois ao acampamento, fizeram novos archotes,

e seguiram a corrente para montante, trepando os rochedos. Não viram sinal de Peg.

De madrugada, comeram um pouco da perna do veado, carregaram os víveres nos cavalos e partiram.

Era possível que Peg tivesse ido para oeste, e Mack tinha esperança de que dessem com ela algures ao longo do trilho, mas avançaram toda a manhã sem a encontrar.

A meio do dia, depararam com outro trilho. Não passava de um caminho de terra, mas era mais largo do que uma carroça e tinha marcas de cascos na lama. Ia de nordeste para sudoeste e, ao longe, deixava ver um maciço de montanhas imponentes erguidas contra o céu azul.

Era a estrada que vinham procurando, a que levava a Cumberland Gap.

Com um peso no coração, viraram para sudoeste e seguiram caminho.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Na manhã seguinte, Jay Jamisson desceu no seu cavalo até ao rio James e olhou para a povoação chamada Lynch's Ferry, na outra margem.

Estava exausto, dorido e desanimado. Antipatizava profundamente com Binns, o rufião contratado por Lennox em Williamsburg. Estava farto de má comida, de roupas imundas, de longos dias sobre a sela e noites curtas sobre o chão duro. Nos últimos dias, as suas esperanças tinham conhecido altos e baixos, como os infindáveis caminhos da serra que vinha trilhando.

Ficara tremendamente agitado ao chegar ao rio do Sul e saber que Lizzie e os seus comparsas tinham sido obrigados a voltar para trás. Contudo, intrigava-o a maneira como se teriam cruzado com ele na estrada.

— Saíram do caminho algures — dissera, confiante, Deadeye Dobbo quando se sentaram na taberna junto do vau. Dobbs vira os três fugitivos na véspera e reconhecera em Peg Knapp a condenada que andava a monte depois de matar Burgo Marler.

Jay calculava que ele tivesse razão.

— Mas foram para norte ou para sul? — perguntou inquieto.

— Para quem anda a fugir à lei, o sul é a direção certa: longe de regedores e tribunais e juízes.

Jay não tinha tanta certeza. Poderia haver muitíssimos lugares nas treze colónias onde uma família de aspeto respeitável — marido, esposa e criada — pudesse instalar-se tranquilamente e desaparecer capazmente. Mas o palpite de Dobbs parecia mais provável.

Jay disse a Dobbs, como dizia a toda a gente, que pagaria uma recompensa de cinquenta libras inglesas a quem apanhasse os fugitivos. O dinheiro — que chegava para comprar uma pequena herdade por aquelas bandas — viera-lhe da mãe. Quando partiram da taberna do vau, Dobbs foi para oeste, na direção de Staunton.

Jay tinha esperança de que ele passasse a palavra acerca da recompensa. Se por acaso os fugitivos conseguissem escapar a Jay, podia ser que outros os apanhassem.

Jay regressou a Charlottesville, esperando descobrir que Lizzie passara por ali e virara para sul. No entanto, a carroça não tornara a ser vista. Jay era forçado a supor que tivessem arranjado maneira de evitar Charlottesville e descoberto outro caminho para a Pista Seminole, que ia para sul. Apostando nessa suposição, conduziu os homens pela pista índia. Mas a paisagem ia-se tornando mais desolada, e não encontraram ninguém que dissesse ter visto um homem, uma mulher e uma rapariga pela estrada.

Tinha, porém, grandes esperanças de obter alguma informação em Lynch's Ferry.

Chegaram à margem e gritaram por sobre a água veloz do rio. De um edifício saiu um vulto que subiu para um barco. Uma corda estendida unia as duas margens, e o barco estava amarrado à corda de forma tão engenhosa que era a própria força da corrente a impeli-lo para a outra margem. Quando lá chegaram, Jay e os companheiros embarcaram com os cavalos. O barqueiro ajustou a corda e o barco iniciou a travessia em sentido contrário.

O homem tinha a roupa escura e os modos sóbrios de um *quaker*. Jay pagou-lhe e começou a fazer-lhe perguntas enquanto atravessavam o rio.

— Procuramos um grupo de três pessoas: uma mulher nova, um escocês mais ou menos da mesma idade, e uma rapariga de catorze anos. Passaram aqui o rio?

O homem abanou a cabeça.

Jay tornou a desanimar. Estaria a seguir um rasto completamente errado?

— Poderia alguém ter passado aqui o rio sem ser visto?

O homem levou tempo a responder.

— Teria de ser um belíssimo nadador.

— E se passaram o rio noutro lado?

Nova pausa, antes de o homem responder:

— Nesse caso, não foi por aqui que passaram.

Binns riu-se à socapa, mas Lennox fê-lo calar-se com um olhar que fuzilava.

Jay olhou o rio e praguejou para dentro. Havia seis dias que ninguém a via. Escapara-lhe não sabia como. Podia estar em qualquer parte. Podia estar na Pensilvânia. Podia ter voltado para o Leste e embarcado de regresso a Londres. Ele perdera-a. Lizzie fora mais esperta — e privara-o da herança. Se alguma vez tornar a vê-la, pensou, juro por Deus que lhe dou um tiro na cabeça.

Na realidade, não sabia o que faria se a apanhasse. Era uma dúvida que o atormentava constantemente enquanto cavalgava pelos trilhos irregulares. Sabia que Lizzie não voltaria de livre vontade. Teria de a levar para casa de mãos e pés amarrados. Mesmo depois disso, Lizzie poderia não lhe ceder: provavelmente teria de a violar. A ideia excitava-o estranhamente. Pelo caminho, perturbaram-no recordações lascivas: como se tinham acariciado no sótão da casa vazia de Chapel Street, com as mãos do outro lado da porta; Lizzie em cabriolas na cama, nua e desavergonhada; Lizzie por cima, a menear-se e a gemer. Mas, quando engravidasse, como a obrigaria a ficar com ele? Poderia trancá-la até dar à luz?

Seria tudo muito mais simples se ela morresse. Não era improvável: ela e McAsh iam certamente dar luta. Jay não acreditava que conseguisse assassinar a mulher a sangue-frio. Mas podia ter esperança de que ela fosse morta durante uma luta. Nessa altura, ele poderia casar com uma empregada de balcão saudável, engravidá-la e embarcar para Londres para reclamar a herança.

Mas isso era um sonho cor-de-rosa. A realidade era que, quando por fim a tivesse pela frente, teria de tomar uma decisão. Ou a levava para casa viva, dando-lhe amplas oportunidades para lhe frustrar os planos, ou teria de a matar.

Como faria para a despachar? Jay nunca matara ninguém, e só uma vez usara a espada para magoar gente — no motim do

depósito de carvão, quando capturara McAsh. Nem nos momentos em que mais odiava Lizzie conseguia imaginar-se a enterrar uma espada no corpo com que fizera amor. Uma vez apontara a espingarda ao irmão e puxara o gatilho. Se tinha de matar Lizzie, poderia ser melhor disparar de longe, como quem caça um veado. Mas não tinha a certeza, mesmo assim, de o conseguir.

O barco chegou à outra margem. Ao longo do embarcadouro estendia-se um grande edifício de madeira, com dois andares e um sótão. Dispostas com aprumo na vertente íngreme que subia do rio, viam-se várias outras casas bem construídas. O povoado tinha o ar de uma comunidade comercial pequena mas próspera. Quando desembarcaram, o barqueiro disse com a maior naturalidade:

— Está uma pessoa à vossa espera na taberna.

— À nossa espera? — repetiu Jay espantado. — Como pôde alguém saber que vínhamos a caminho?

O barqueiro respondeu a uma pergunta diferente.

— Um sujeito de má catadura com um olho fechado.

— Dobbs! Como é que chegou cá antes de nós?

Lennox acrescentou:

— E porquê?

— É perguntar-lhe — disse o barqueiro.

A notícia levantou o moral de Jay, que ficou ansioso por saber as respostas.

— Cuidai vós dos cavalos — ordenou. — Eu vou ter com Dobbs.

A taberna era o edifício de dois andares paralelo ao embarcadouro. Jay entrou e viu Dobbs sentado a uma mesa a comer guisado de uma tigela.

— Dobbs, que raio faz você aqui?

Dobbs ergueu o olho bom e falou com a boca cheia.

— Vim receber a recompensa, capitão Jamisson.

— De que está a falar?

— Olhe para ali. — Com a cabeça indicou um canto.

Nesse canto, amarrada a uma cadeira, estava Peg Knapp.

Jay fitou-a. Que sorte!

— De onde raio veio ela?

— Encontrei-a na estrada a sul de Staunton.

Jay fez uma careta.

— Em que direção ia?

— Para norte, para a cidade. Vinha eu de lá, a caminho de Miller's Mill.

— Como terá ali ido parar?

— Já lhe perguntei, mas ela não diz.

Jay tornou a olhar para a rapariga e viu-lhe a cara pisada. Dobbs não fora meigo.

— Vou dizer-lhe o que eu acho — disse Dobbs. — Vieram até aqui mas não chegaram a passar o rio. Viraram foi para oeste. Devem ter largado a carroça para aí, e seguiram a cavalo pelo vale até apanhar a estrada de Staunton.

— Mas ela estava sozinha.

— Sim.

— E então você agarrou-a.

— Não foi assim tão fácil — protestou Dobbs. — Correu que nem uma lebre e, de cada vez que eu a agarrava, escapava-se outra vez entre os meus dedos. Mas eu estava a cavalo e ela a pé, e lá acabou por se cansar.

Uma mulher *quaker* apareceu e perguntou a Jay se queria comer alguma coisa.

Jay mandou-a embora com um gesto impaciente: só queria fazer perguntas a Dobbs.

— Mas como conseguiu cá chegar antes de nós?

Dobbs sorriu.

— Desci o rio numa jangada.

— Eles devem ter-se zangado — disse Jay em grande excitação.

— Esta cabra assassina deixou os outros e foi para norte. Portanto, os outros devem ter vindo para sul. — Franziu a testa. — Para onde julgarão que vão?

— A estrada vai dar a Fort Chiswell. Para lá do forte, já pouco povoamento há. Para sul, há um lugar chamado Wolf Hills e, a

seguir, é território Cherokee. Como eles não vão fazer-se índios, palpita-me que hão de virar para oeste em Wolf Hills e meter direitos às montanhas. Os caçadores falam de uma passagem chamada Cumberland Gap, mas eu nunca lá estive.

— Do outro lado o que há?

— Diz que é terra selvagem. Boa para caçar. Uma espécie de terra de ninguém entre o território Cherokee e o território Sioux. Chamam-lhe *bluegrass country*.

Jay compreendia agora. Lizzie queria começar uma vida nova numa terra desconhecida. Mas não ia conseguir, pensou exaltado. Ele ia apanhá-la e trazê-la de volta — viva ou morta.

— A rapariga, só por si, não vale muito — disse a Dobbs. — Tem de nos ajudar a apanhar os outros dois, se quer as suas cinquenta libras.

— Quer que vos sirva de guia?

— Quero.

— Eles já têm uns dois dias de avanço, e agora, sem a carroça, vão mais depressa. Ainda vai levar uma semana ou mais para os apanhar, capitão Jamisson.

— Se conseguirmos, as cinquenta libras são todas suas.

— Espero que a gente os apanhe antes de eles saírem da estrada e se meterem pelo mato.

— Deus o ouça — disse Jay.

CAPÍTULO QUARENTA

Dez dias depois de Peg fugir, Mack e Lizzie atravessavam uma vasta planície e chegavam ao poderoso rio Holston.

Mack ficou radiante. Tinham transposto vários regatos e ribeiros mas agora não lhe restava dúvida de que era aquele o rio que procuravam. Era muito mais largo do que os outros, com uma ilhota comprida a meio.

— Cá está — disse a Lizzie. — A fronteira da civilização.

Havia vários dias que se sentiam quase sós no mundo. Na véspera, apenas tinham visto um branco, que andava a montar armadilhas para caça, e três índios, numa colina distante; naquele dia, nem um branco, mas vários grupos de índios. Os índios não eram amigáveis nem hostis: mantinham-se à distância.

Mack e Lizzie havia muito que não passavam por nenhum campo cultivado. À medida que rareavam as herdades, ia sendo a caça mais abundante: bisonte, veado, coelho, e milhões de aves comestíveis — perus, patos, pica-paus e codornizes. Lizzie caçava mais do que os dois conseguiam comer.

O tempo fora clemente. Chovera uma vez, obrigando-os a patinhar na lama o dia inteiro e a tiritar, encharcados, toda a noite; mas, na manhã seguinte, secara-os o sol. Estavam doridos da sela e completamente extenuados, mas os cavalos iam-se aguentando, robustecidos pela erva viçosa que crescia por toda a parte e pela aveia que Mack comprara em Charlottesville.

Não tinham visto sinal de Jay, mas isso não queria dizer muito: Mack tinha de partir do princípio de que Jay continuava a segui-los.

Deram de beber aos cavalos no Holston e sentaram-se a descansar na margem rochosa. O trilho fora-se sumindo enquanto atravessavam a planície e, do outro lado do rio, não se via a menor pista. Para norte, o terreno subia regularmente e, ao longe, talvez a umas dez milhas, erguia-se ameaçadora, recortada no céu, a alta crista dos montes. Era esse o seu rumo.

Mack declarou:

— Tem de haver uma passagem.

— Não vejo onde — respondeu Lizzie.

— Nem eu.

— Se não for ali...

— ... procuramos noutro lado — concluiu, decidido, Mack.

Falava com confiança mas no seu íntimo tinha receio. Estavam a penetrar em terra incógnita. Podiam ser atacados por leões da montanha ou por ursos. Os índios podiam tornar-se hostis. De momento, abundava a comida para quem tivesse uma arma, mas como seria no inverno?

Pegou no mapa, embora este se revelasse cada vez menos exato.

— Quem me dera encontrar uma pessoa que conhecesse o caminho — confessou Lizzie.

— Já encontrámos várias — lembrou Mack.

— E cada uma nos disse uma coisa diferente.

— Mas todas fizeram a mesma descrição — tornou Mack. — As encostas são viradas a sudeste, como mostra o mapa, e nós temos de ir para noroeste, deixando os rios nas nossas costas, e passar uma data de montes altos.

— O problema vai ser encontrar as passagens para o outro lado dos montes.

— Vamos ter de andar em ziguezague. Onde virmos uma passagem para norte, metemos por lá. Quando chegarmos a um monte que pareça impossível de passar, viramos para oeste e seguimos o vale, até à próxima passagem para norte. As passagens podem não ser onde o mapa diz que são, mas em algum lado hão de ser.

— Bom, agora só nos resta tentar — disse Lizzie.

— Se nos metermos em becos sem saída, teremos de voltar para trás e experimentar outro caminho, é só isso.

Lizzie sorriu.

— Prefiro isto a retribuir visitas em Berkeley Square.

Mack correspondeu ao seu sorriso. Lizzie estava pronta para tudo: era uma coisa que adorava nela.

— Também é melhor do que andar ao carvão.

O rosto de Lizzie fez-se de novo solene.

— Só queria que Peg estivesse conosco.

Mack sentia o mesmo. Não tinham visto sinal de Peg desde que ela se fora embora. Tinham tido esperança de a alcançar no primeiro dia, mas isso não acontecera.

Lizzie chorara a noite toda: sentia que perdera duas filhas, primeiro a sua bebé e depois Peg. Não imaginavam onde poderia estar ou até se estaria viva. Tinham feito tudo para a encontrar, mas saber isso era fraco consolo. Depois de tudo o que Mack e Peg tinham passado juntos, ele acabara por perdê-la. Vinham-lhe lágrimas aos olhos sempre que pensava nela.

Agora, contudo, ele e Lizzie podiam fazer amor todas as noites, debaixo das estrelas. Era primavera e o tempo estava ameno. Em breve construiriam a sua casa e fariam amor debaixo de um teto. Construída a casa, teriam de armazenar carne salgada e peixe fumado para o inverno. Entretanto, ele haveria de desmatar um campo e deitar as sementes...

Levantou-se.

— Curto descanso — disse Lizzie ao vê-lo pôr-se de pé.

— Fico mais tranquilo quando já não nos virem do rio — disse Mack. — Até aqui, Jay pode adivinhar o nosso rasto, mas aqui livramo-nos dele.

Por reflexo, ambos olharam para trás, para o caminho por onde ali tinham chegado. Não se via ninguém. Mas Jay estava algures naquela pista, disso tinha Mack a certeza.

Foi então que percebeu que estavam a ser observados.

Tinha captado um movimento pelo canto do olho e isso agora repetiu-se. Contraindo-se, voltou lentamente a cabeça.

Dois índios estavam de pé a poucos passos.

Era o extremo norte do território Cherokee, e havia três dias que avistavam os nativos à distância, mas nenhum se aproximara.

Estes dois eram rapazes de uns dezassete anos. Tinham o cabelo negro e liso e a pele escura e avermelhada característicos dos indígenas americanos, e vestiam as calças e a túnica de pele de veado que os imigrantes tinham copiado.

O mais alto trazia nas mãos estendidas um grande peixe semelhante a um salmão.

— Quero uma faca — disse.

Mack calculou que tivessem estado os dois a pescar no rio.

— Queres trocar? — perguntou.

O rapaz sorriu.

— Quero uma faca.

Lizzie disse:

— Não precisamos de peixe, mas dava-nos jeito um guia. Aposto que ele sabe onde é a passagem.

Era uma boa ideia. Seria um alívio tremendo saber por onde ir. Mack perguntou cheio de esperança:

— Queres guiar-nos?

O rapaz sorriu, mas era evidente que não compreendera. O companheiro permanecia calado e imóvel.

Mack tentou outra vez:

— Queres ser nosso guia?

O rapaz começou a ficar inquieto.

— Não trocar hoje — disse sem convicção.

Mack suspirou de frustração, e disse a Lizzie:

— É um moço vivaço que aprendeu umas palavras mas não sabe falar inglês. — Seria exasperante perderem-se só por não conseguirem comunicar com os nativos.

Disse Lizzie:

— Deixa-me tentar.

Dirigiu-se a um dos cavalos de carga, abriu uma sacola de couro e tirou uma faca de lâmina comprida. Fora feita na forja da plantação e tinha um «J» de «Jamisson» gravado a fogo na madeira do cabo. Era uma faca grosseira em comparação com as que se podiam comprar em Londres, mas era sem dúvida superior a

qualquer uma que os Cherokee conseguissem fabricar. Mostrou-a ao rapaz.

Ele rasgou um grande sorriso.

— Compro — disse, e estendeu a mão para a faca.

Lizzie não o deixou agarrá-la.

O rapaz ofereceu o peixe e ela rejeitou-o. O rapaz ficou de novo inquieto.

— Olha — disse Lizzie. Agachou-se sobre uma pedra grande e lisa. Com a ponta da faca, começou a gravar um desenho. Primeiro, traçou uma linha em ziguezague. Apontou para os montes distantes e depois para a linha. — Isto é a montanha — disse.

Mack conseguiu perceber se o rapaz compreendera.

Por baixo da linha, Lizzie desenhou duas pessoas feitas de pauzinhos e apontou para si e para Mack.

— Estes somos nós — explicou. — Agora presta atenção. — Desenhou uma segunda montanha, depois um «V» cavado a unir as duas. — Aqui é a passagem — disse. Por fim, desenhou uma pessoa no «V». — Precisamos de encontrar a passagem — concluiu, e olhou o rapaz com ansiedade.

Mack sustinha a respiração.

— Compro — disse o rapaz, e ofereceu novamente o peixe a Lizzie.

Mack gemeu de desconsolo.

— Não percas a esperança — disse-lhe Lizzie imediatamente, e tornou a falar com o índio. — Isto é a montanha. Isto somos nós. Aqui é a passagem. Precisamos de encontrar a passagem. — Apontou então para o rapaz. — Vós levais-nos à passagem. E recebeis a faca.

O rapaz olhou para as montanhas, depois para o desenho, depois para Lizzie.

— Passagem — disse.

Lizzie apontou para as montanhas.

O índio desenhou no ar um «V» e fez o gesto de o atravessar.

— Passagem — repetiu.

— Compro — disse Lizzie.

O rapaz rasgou de novo um grande sorriso e acenou vigorosamente com a cabeça.

Mack perguntou:

— Achas que percebeu?

— Não sei. — Lizzie hesitou, depois pegou na brida do seu cavalo e começou a andar. — Vamos? — disse ao rapaz com um gesto de convite.

O índio começou a andar ao lado dela.

— Aleluia! — exclamou Mack.

O outro índio acompanhou-os.

Puseram-se em marcha pela margem de um ribeiro. Os cavalos ganharam o passo regular que os fizera percorrer quinhentas milhas em vinte e dois dias. Pouco a pouco, os montes distantes foram crescendo no horizonte, mas Mack não via sinal de qualquer passagem.

O terreno subia sem piedade, mas o chão parecia menos áspero, e os cavalos andavam um pouco mais depressa. Mack compreendeu que os rapazes iam por um trilho que só eles conseguiam ver. Deixando os índios ir à frente, continuavam a avançar direitos à serra.

Chegaram mesmo ao sopé da serra e viraram de repente para leste, e então, para enorme alívio de Mack, viram a passagem.

— Bom trabalho, Rapaz do Peixe! — exclamou exultante.

Passaram a vau um rio e contornaram o monte até desembocarem do outro lado. Com o sol a pôr-se, acharam-se num vale estreito com uma torrente veloz de uns oito passos de largura, que corria para nordeste. Diante deles, erguia-se outro monte.

— Vamos acampar — disse Mack. — De manhã, subimos o vale e procuramos outra passagem.

Mack sentia-se bem. Não tinham seguido nenhum trilho evidente, e a passagem não se via do rio Holston: Jay não conseguiria segui-los até ali. Mack começava a acreditar que finalmente escapara.

Lizzie entregou a faca ao rapaz mais alto.

— Obrigado, Rapaz do Peixe — disse.

Mack desejou que os índios os acompanhassem. Poderiam ficar com as facas que quisessem se os guiassem através da montanha. Mas eles voltaram para trás, o mais alto ainda com o peixe na mão.

Momentos depois, tinham desaparecido no crepúsculo.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Jay estava convencido de que iam apanhar Lizzie naquele dia. Manteve um andamento veloz, apertando com os cavalos.

— Já não podem estar longe — ia repetindo.

No entanto, ainda não havia sinal dos fugitivos quando, ao anoitecer, chegou ao rio Holston. Irritou-se.

— Não podemos avançar às escuras — disse enquanto os homens davam de beber aos cavalos. — Pensei que a esta hora já os tivéssemos apanhado.

— Já não estamos longe, tenha calma — disse Lennox de mau humor. À medida que o grupo se afastava da civilização, ia ficando ainda mais insolente.

Dobbs interveio:

— Mas a partir daqui não sabemos por onde foram. Não há pista pela montanha: qualquer palerma que queira passar tem de descobrir por onde.

Pearam os cavalos e amarraram Peg a uma árvore enquanto Lennox preparava *hominy* para o jantar. Havia quatro dias que não viam uma taberna, e Jay estava enjoado de comer as papas com que alimentava os escravos, mas já era tarde para caçar.

Estavam todos exaustos e cheios de bolhas. Binns desistira em Fort Chiswell, e agora Dobbs estava a desanimar.

— Eu devia era voltar para trás — disse. — Um homem perder-se na montanha e morrer não vale cinquenta libras.

Jay não queria que ele se fosse embora: era o único que tinha algum conhecimento daquelas paragens.

— Mas ainda não apanhámos a minha mulher — retorquiu Jay.

— Não quero saber da sua mulher.

— Dê-me mais um dia. Toda a gente diz que o caminho para atravessar a montanha fica a norte daqui. Vamos tentar encontrar a passagem. Pode ser que a apanhemos já amanhã.

— E também pode ser só perda de tempo.

Lennox serviu as papas grumosas em tigelas. Dobbs afrouxou as cordas que prendiam as mãos de Peg o suficiente para ela conseguir comer, após o que tornou a apertar os nós e tapou-a com um cobertor. Ninguém se importava muito com o bem-estar dela, mas Dobbs queria entregá-la ao regedor de Staunton: parecia crer que o iam admirar por tê-la capturado.

Lennox pegou numa garrafa de rum. Embrulharam-se nos cobertores e foram passando a garrafa enquanto faziam conversa de circunstância. Passaram as horas e nasceu a lua. Jay dormitava a espaços. A certa altura, abriu os olhos e viu um rosto desconhecido no perímetro do círculo de luz da fogueira.

Tamanho foi o susto que não conseguiu soltar um som. Era um rosto estranho, jovem mas diferente, e Jay entendeu, momentos depois, que era de um índio.

O rosto sorria, mas não para Jay. Jay seguiu o olhar e viu que estava pousado em Peg. A rapariga fazia caretas ao índio e, passado um pouco, Jay compreendeu que ela tentava que ele a desamarrasse.

Jay permaneceu completamente imóvel a observá-los.

Eram dois índios, reparou então. Ainda rapazes. Um deles penetrou em silêncio no círculo de luz. Tinha nas mãos um grande peixe. Pousou-o com cuidado no chão, sacou de uma faca e inclinou-se sobre Peg.

Lennox foi rápido como uma cobra. Jay mal viu o que aconteceu. Houve uma mancha em movimento e Lennox tinha o rapaz imobilizado por um braço, a ponto de lho partir. A faca caiu no chão. Peg soltou um grito de desapontamento.

O segundo índio desapareceu.

Jay pôs-se de pé.

— Que temos nós aqui?

Dobbs esfregou os olhos e olhou.

— É só um moço índio, a tentar roubar a gente. Devíamos enforcá-lo para servir de exemplo aos outros.

— Ainda não — disse Lennox. — Pode ser que ele tenha visto quem nós procuramos.

A possibilidade animou Jay. Pôs-se à frente do rapaz.

— Diz qualquer coisa, selvagem.

Lennox torceu-lhe o braço com mais força. Ele gritou e protestou na sua língua.

— Em inglês! — rosnou Lennox.

— Ouve cá — disse Jay muito alto. — Viste duas pessoas neste caminho? Um homem e uma mulher?

— Não trocar hoje — disse o rapaz.

— Ele fala mesmo inglês! — admirou-se Dobbs.

— Mas acho que não tem nada para nos dizer — disse Jay de novo desanimado.

— Ah, isso é que tem — contrapôs Lennox. — Segure-o aqui, Dobbo. — Dobbs substituiu-o e Lennox apanhou a faca que o índio deixara cair. — Veja. É uma das nossas facas: tem a letra «J» no cabo.

Jay olhou. Era verdade. A faca tinha sido feita na sua plantação!

— Então ele deve ter estado com Lizzie!

— Nem mais — disse Lennox.

Renasceram as esperanças de Jay.

Lennox segurou na faca diante dos olhos do índio e perguntou:

— Por onde é que eles foram, rapaz?

O índio debateu-se, mas Dobbs tinha-o bem preso.

— Não trocar hoje — disse com terror.

Lennox pegou na mão esquerda do índio. Enfiou a ponta da faca por baixo da unha do indicador.

— Para onde é que foram? — repetiu, e arrancou-lhe a unha.

O rapaz e Peg berraram ao mesmo tempo.

— Pare! — gritou Peg. — Deixe-o em paz!

Lennox arrancou-lhe outra unha. O rapaz começou a chorar.

— Onde é a passagem? — perguntou Lennox.

— Passagem — disse o rapaz, apontando para norte com a mão a sangrar.

Jay suspirou satisfeito.
— Vais levar-nos lá — disse.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS.

Mack sonhou que passava a vau um rio para uma terra chamada Liberdade. A água era fria, o fundo irregular e forte a corrente. Mack avançava sem parar, penosamente, mas a margem nunca mais se aproximava, e o rio ia ficando mais fundo a cada passo. Mesmo assim, ele sabia que, se conseguisse continuar a andar, acabaria por chegar ao outro lado. Mas a água era cada vez mais funda, e acabou por lhe cobrir a cabeça.

Com uma sensação de asfixia, acordou.

Ouvira relinchar um dos cavalos.

— Alguma coisa os inquietou — disse. Não teve resposta. Voltou-se e viu que Lizzie não estava ao seu lado.

Talvez tivesse ido aliviar-se atrás de algum arbusto, mas Mack teve um mau pressentimento. Saiu rapidamente do cobertor e levantou-se.

O céu já se raiava de cinzento, e Mack viu as quatro éguas e os dois machos muito quietos, como se tivessem ouvido outros cavalos ao longe. Aproximava-se alguém.

— Lizzie! — chamou.

Foi então que Jay saiu de trás de um arbusto com uma espingarda apontada ao coração de Mack.

Mack gelou.

Um instante depois, aparecia Sidney Lennox com uma pistola em cada mão.

Mack continuava de pé, impotente. Submergia-o o desespero como o rio do seu sonho. Acabara por não conseguir fugir: tinham-no apanhado.

Mas onde estava Lizzie?

O zarolho do vau do rio do Sul, Deadeye Dobbo, apareceu então a cavalo, também com uma espingarda, trazendo Peg atrás de si noutro cavalo, com os pés amarrados um ao outro por baixo da barriga do animal para não poder fugir. Não parecia magoada, mas

tinha o ar mais infeliz do mundo, e Mack percebeu que ela se culpava pelo que acontecera. O Rapaz do Peixe caminhava ao lado do cavalo de Dobbs, preso à sela por uma corda comprida. Devia ter sido a ele guiá-los até ali. O índio tinha as mãos cobertas de sangue. Por um momento, Mack ficou confuso: da primeira vez que o vira, o rapaz não apresentava qualquer sinal de estar ferido. Depois, compreendeu que ele fora torturado. Assaltou-o um sentimento de nojo por Jay e Lennox.

Jay fitava os cobertores no chão. Era óbvio que Mack e Lizzie dormiam juntos.

— Porco nojento! — disse, com espasmos de raiva na cara. — Onde está a minha mulher? — Fez girar a espingarda e dirigiu uma coronhada à cabeça de Mack, acertando-lhe com toda a força numa face. Mack cambaleou e caiu. — Onde é que ela está, mineiro ranhoso, onde está a minha mulher?

Mack sentiu na boca o sabor a sangue.

— Não sei.

— Se não sabes, mais vale ter o prazer de te rebentar os miolos!

Mack percebeu que Jay estava a falar a sério. Começou a transpirar como uma fonte. Sentiu o impulso de implorar misericórdia, mas cerrou os dentes.

Peg gritou:

— Não! Não dispare! Por favor!

Jay apontou a espingarda à cabeça de Mack. A sua voz esganiçou-se num registo histérico.

— Isto é por todas as vezes em que me desafiaste! — guinchou.

Mack olhou para ele e viu-lhe no olhar um furor assassino.

Lizzie estava deitada de bruços sobre um tufo de erva atrás de um rochedo, com a espingarda na mão, à espera.

Escolhera a sua atalaia na noite anterior, depois de examinar a margem do ribeiro e de ver pegadas e excrementos de veado. Ia clareando, e Lizzie continuava à espreita, completamente imóvel, à espera de que os animais ali fossem beber.

A sua perícia de caçadora iria sustentá-los, pensava. Mack iria construir uma casa, desbravar campos e deitar semente, mas haveria de passar pelo menos um ano antes de conseguirem colher o bastante para os alimentar durante o inverno. Todavia, tinham três sacas grandes de sal. Lizzie sentara-se muitas vezes na cozinha de High Glen a ver Jeannie, a cozinheira, salgar presunto e pernis de veado em grandes barricas. Além disso, sabia defumar peixe. Iam precisar de muita comida: com o que ela e Mack andavam a fazer, em menos de um ano seriam três bocas para alimentar. Sorriu contente.

Captou movimento entre as árvores. Logo um veado jovem saiu do arvoredor e avançou graciosamente até à beira da água. Baixando a cabeça, estendeu a língua e começou a beber.

Lizzie armou o cão da espingarda silenciosamente.

Antes de poder fazer pontaria, outro veado seguiu o primeiro e, momentos depois, juntara-se uma manada de mais de uma dúzia de animais. Se esta terra for toda assim, pensou Lizzie, vamos engordar!

Não queria um veado grande. Os cavalos estavam muito carregados e não poderiam levar a carne que sobrasse; e, de qualquer modo, os animais mais novos eram mais tenros. Escolheu o alvo e fez pontaria ao quarto dianteiro do veado, mesmo acima do coração. Respirava regularmente e ficou muito quieta, como aprendera na Escócia.

Como sempre, teve um instante de pena pelo belo animal que ia abater.

Em seguida, puxou o gatilho.

O tiro veio de cima, de uns duzentos a trezentos passos a montante do ribeiro.

Jay estacou, ainda com a arma apontada a Mack. Os cavalos assustaram-se, mas não muito, pois o tiro fora distante.

Dobbs controlou a sua montada e disse com voz arrastada:

— Se disparar agora, Jamisson, vai chamar a atenção dela e ela pode fugir.

Jay hesitou; depois, lentamente, baixou a arma.

De alívio, Mack abandonou-se, sem forças, no chão.

Jay anunciou:

— Eu vou atrás dela. Ficai vós aqui.

Mack pensou que, se conseguisse avisá-la, Lizzie ainda poderia escapar. Quase desejou que Jay o tivesse matado. Poderia ter sido a salvação de Lizzie.

Jay saiu da clareira e começou a subir a margem do ribeiro, com a arma pronta a disparar.

Tenho de fazer com que um deles dispare, pensou Mack.

Havia uma maneira fácil: fugir.

E se me atingem?

Não faz mal, prefiro morrer a ser apanhado outra vez.

Antes que a prudência pudesse enfraquecer-lhe a determinação, largou a correr.

Houve um momento de silêncio estupefacto antes de alguém compreender o que se estava a passar.

Então Peg gritou.

Mack correu para as árvores, à espera de uma bala nas costas.

Ouviu um tiro e logo outro.

Não sentiu nada. Tinham falhado.

Antes que disparassem outra vez, parou de súbito com as mãos no ar.

Conseguira. Avisara Lizzie.

Voltou-se devagar, sempre com as mãos levantadas. Agora é contigo, Lizzie, pensou. Boa sorte, meu amor.

Jay parou ao ouvir os disparos. Tinham vindo de trás. Não fora Lizzie: fora alguém na clareira. Ficou à espera mas não se ouviram mais tiros.

O que significava aquilo? Não era possível McAsh ter-se apoderado de uma arma e tê-la carregado. De qualquer modo, o

homem era um mineiro, não sabia nada de armas. Calculou que Dobbs ou Lennox o tivessem matado.

Fosse como fosse, o importante era apanhar Lizzie.

Infelizmente, os disparos tinham-na posto de sobreaviso.

Jay conhecia a mulher. O que faria ela?

Paciência e cautela eram coisas que Lizzie desconhecia. Raramente hesitava. Reagia rápida e decidida. Naquele momento, estaria a correr na direção dele. Pouco faltaria para chegar à clareira antes de lhe ocorrer abrandar, olhar em frente e traçar um plano.

Jay encontrou um lugar de onde conseguiria ver bem uns trinta a quarenta passos da margem do ribeiro. Escondeu-se nos arbustos. Depois, armou o cão da espingarda.

Dominou-o então a indecisão como uma dor repentina. O que faria quando Lizzie aparecesse? Se a matasse, acabavam-se todos os seus problemas. Tentou imaginar que esperava um veado. Apontaria ao coração, logo abaixo do quarto dianteiro, para uma morte limpa.

Lizzie apareceu.

Vinha meio a andar, meio a correr, tropeçando no solo irregular. Vestia uma vez mais roupa de homem, mas Jay via-lhe o peito palpitante do esforço. Trazia duas espingardas debaixo do braço.

Apontou ao coração, mas reviu-a nua, a cavalgá-lo na cama da casa de Chapel House, com os seios a tremer enquanto faziam amor; e não foi capaz de disparar.

Quando Lizzie estava a dez passos, Jay saiu dos arbustos.

Ela estacou e soltou um grito de horror.

— Olá, querida — disse ele.

Lizzie lançou-lhe um olhar de ódio.

— Porque é que não me deixaste em paz? — perguntou. — Tu não me amas!

— Pois não, mas preciso de um neto — replicou.

Lizzie fez uma cara de desdém.

— Antes morrer.

— Também serve — disse Jay.

Houve um momento de caos depois de Lennox disparar as duas pistolas.

Os cavalos espantaram-se com os tiros disparados tão perto. O de Peg debandou. Ela não caiu, mesmo amarrada, e puxou as rédeas com as mãos atadas, mas não conseguiu fazer parar o cavalo, e desapareceram os dois entre as árvores. O cavalo de Dobbs empinou-se, e homem esforçava-se por controlá-lo. Lennox começou à pressa a recarregar as pistolas.

Foi então que o Rapaz do Peixe agiu.

Correu para o cavalo de Dobbs, saltou para a garupa atrás dele e começou a tentar atirá-lo ao chão.

Num acesso de alegria, Mack percebeu que ainda não estava derrotado.

Lennox largou as pistolas e correu para ajudar Dobbs.

Mack estendeu um pé e passou-lhe uma rasteira.

Dobbs caiu do cavalo, mas ficou com um pé preso na corda com que tinham amarrado à sela o Rapaz do Peixe. O cavalo, agora aterrorizado, partiu à desfilada. O Rapaz do Peixe agarrou-se-lhe ao pescoço com toda a força. O animal desapareceu de vista, arrastando Dobbs pelo chão.

Com uma alegria selvagem, Mack voltou-se para Lennox. Na clareira, restavam os dois. Finalmente chegara a hora de se defrontarem com as mãos nuas. Eu mato-o, pensou Mack.

Lennox rebolou no chão e levantou-se empunhando uma faca.

Tentou atingir Mack, mas este esquivou-se, deu-lhe um pontapé num joelho e saiu agilmente do seu alcance.

Lennox avançou para ele a coxear. Desta vez, fingiu atacá-lo por um lado, deixou-o esquivar-se, e atacou-o então a sério. Mack sentiu uma dor aguda no flanco esquerdo. Com o punho direito assentou um murro poderoso na cabeça de Lennox, que pestanejou e ergueu a faca.

Mack recuou. Era mais novo e mais forte que Lennox, mas o taberneiro devia ter grande experiência em luta com facas. Com uma pontada de pânico, compreendeu que o combate corpo a corpo não era maneira de derrotar um homem armado de uma faca. Tinha de mudar de tática.

Virou as costas e afastou-se a correr alguns metros, à procura de uma arma. Os seus olhos pousaram numa pedra que teria o tamanho do seu punho. Baixou-se, apanhou-a e voltou-se.

Lennox carregou sobre ele.

Mack atirou a pedra. Acertou-lhe em cheio na testa, e Mack deu um grito de triunfo. Lennox vacilou, atordado. Mack tinha de aproveitar o melhor possível aquela vantagem. Era o momento certo para desarmar Lennox. Deu-lhe um pontapé no cotovelo direito.

Lennox largou a faca e soltou um grito de desânimo.

Mack apanhara-o.

Acertou-lhe no queixo com toda a força. O soco fez-lhe doer a mão mas deu-lhe um grande prazer. Lennox recuou, com o medo no olhar, mas Mack foi atrás dele depressa. Assentou-lhe um murro na barriga, depois dos dois lados da cabeça. Aturdido e cheio de pavor, Lennox cambaleou. Estava acabado, mas Mack não conseguia parar. Queria matá-lo. Agarrou-o pelos cabelos, puxou-lhe a cabeça para baixo e assentou-lhe uma joelhada na cara. Lennox gritou e começou a sangrar do nariz. Caiu de joelhos, tossiu e vomitou. Mack preparava-se para lhe bater outra vez quando ouviu a voz de Jay:

— Para, senão mato-a.

Lizzie penetrou na clareira e Jay seguiu-a, com o cano da espingarda encostado à cabeça dela.

Mack olhou-os, paralisado. Viu que a espingarda tinha o cão armado. Bastava que Jay tropeçasse para rebentar a cabeça a Lizzie. Mack afastou-se de Lennox e avançou para Jay. Continuava louco de ferocidade.

— Só tens um tiro — rosnou a Jay. — Se matas Lizzie, eu mato-te a ti.

— Nesse caso, talvez te mate antes a ti — disse Jay.

— Sim — respondeu Mack furibundo, sem parar de avançar para ele. — Mata-me a mim.

Jay desviou a espingarda.

Mack sentiu um júbilo delirante: a arma já não estava apontada a Lizzie. Continuou a caminhar a passo firme na direção de Jay.

Jay apontou-lhe a arma meticulosamente.

Ouviram-se um ruído estranho e, de repente, saía da bochecha de Jay um fino cilindro de madeira.

Jay urrou de dor e deixou cair a espingarda. A arma disparou com estrondo e a bala passou por cima da cabeça de Mack. Jay fora atingido por uma flecha na cara.

Mack sentiu os joelhos fracos.

Ouviram-se de novo o ruído, e uma segunda flecha perfurou o pescoço de Jay.

Jay tombou.

Entraram então na clareira o Rapaz do Peixe, o amigo dele e Peg, seguidos por cinco ou seis índios adultos, todos armados com arcos.

Mack começou a tremer de alívio. Calculou que, quando Jay capturara o Rapaz do Peixe, o outro rapaz tivesse ido buscar ajuda. O grupo de índios devia ter-se cruzado com os cavalos espantados. Não sabia o que teria acontecido a Dobbs, mas um dos índios trazia nos pés as botas dele.

Lizzie estava debruçada sobre Jay, fitando-o, com a mão a tapar a boca. Mack aproximou-se e abraçou-a. Olhou para o homem estendido no chão. Escorria-lhe sangue da boca. A segunda flecha abrira-lhe uma veia no pescoço.

— Está a morrer — disse Lizzie com a voz trémula.

Mack confirmou com a cabeça.

O Rapaz do Peixe apontou para Lennox, que continuava de joelhos. Os outros índios agarraram-no, estenderam-no ao

comprido e imobilizaram-no. O Rapaz do Peixe esteve a conversar algum tempo com o mais velho dos índios. Não parava de mostrar os dedos. Dir-se-ia que as unhas tinham sido arrancadas, e Mack deduziu que fora dessa maneira que Lennox o torturara.

O índio mais velho tirou um machado do cinto. Com um golpe rápido e poderoso, cortou pelo pulso a mão direita de Lennox.

— Meu Deus! — exclamou Mack.

Do coto jorrou sangue, e Lennox perdeu os sentidos.

O homem pegou na mão decepada e, com uma expressão formal, entregou-a ao Rapaz do Peixe.

O rapaz recebeu-a com solenidade. Depois, deu meia-volta e arremessou-a com força. A mão voou pelo ar, passou por cima das árvores e foi cair algures na folhagem.

Do grupo de índios veio um murmúrio de aprovação.

— Mão por mão — declarou Mack baixinho.

— Deus lhes perdoe — disse Lizzie.

Mas os índios não tinham terminado. Pegaram em Lennox e pousaram-no por baixo de uma árvore. Ataram-lhe uma corda a um tornozelo, fizeram-na passar por cima de um tronco, e içaram-no até ficar suspenso de cabeça para baixo. Do punho cortado jorrava sangue às golfadas, formando uma poça no chão. Os índios permaneciam numa roda a assistir àquele espetáculo macabro. Aparentemente, iam ficar a vê-lo morrer. Fizeram lembrar a Mack a multidão que em Londres assistia a um enforcamento.

Peg aproximou-se de Mack e de Lizzie e disse:

— Devíamos fazer qualquer coisa aos dedos do rapaz índio.

Lizzie desviou os olhos do marido moribundo.

Peg perguntou:

— Tendes alguma coisa para lhe ligar a mão?

Lizzie pestanejou e disse que sim com a cabeça.

— Tenho uma pomada, e podemos usar um lenço como ligadura. Vou fazer-lhe um curativo.

— Não — disse Peg com firmeza. — Faço eu.

— Está bem.

Lizzie trouxe um boião de pomada e um lenço de seda e deu-os a Peg.

Peg separou o Rapaz do Peixe do grupo reunido em redor da árvore. Embora não falasse a língua dos nativos, parecia conseguir comunicar com ele. Levou-o até ao ribeiro e começou a lavar-lhe as feridas.

— Mack — chamou Lizzie.

Mack voltou-se para ela. Lizzie estava a chorar.

— Jay morreu — disse.

Mack olhou para ele. Jay estava completamente branco. A hemorragia parara, e ele já não se mexia. Mack agachou-se e procurou-lhe a pulsação. Não tinha.

— Houve um tempo em que o amei — disse Lizzie.

— Eu sei.

— Quero enterrá-lo.

Mack foi buscar uma pá. Enquanto os índios viam Lennox esvair-se em sangue, Mack cavou uma sepultura pouco funda. Com a ajuda de Lizzie, pegou no corpo de Jay e pô-lo na cova. Lizzie baixou-se e, com cuidado, tirou as flechas do corpo. Mack cobriu-o com terra e Lizzie começou a pôr pedras sobre a sepultura.

De repente, Mack quis sair daquele lugar sangrento.

Reuniu os cavalos. Eram agora dez: os seis da plantação, mais os quatro trazidos por Jay e pelo seu grupo. Ocorreu-lhe a ideia bizarra de que era rico. Tinha dez cavalos. Começou a carregar as provisões.

Os índios moveram-se. Lennox estaria morto. Afastaram-se da árvore e dirigiram-se para onde Mack carregava os cavalos. Falou-lhe o mais velho. Mack não compreendeu nem uma palavra, mas o tom era formal. Calculou que o homem estivesse a dizer que fora feita justiça.

Estavam prontos para partir. O Rapaz do Peixe e Peg voltaram do ribeiro. Mack olhou para a mão do rapaz: Peg saíra-se bem com o curativo.

O Rapaz do Peixe disse qualquer coisa, a que se seguiu uma troca de palavras, que pareceu muito exaltada, na língua indígena. Por fim, todos os índios se afastaram, exceto o Rapaz do Peixe.

— Ele fica? — perguntou Mack a Peg.

Ela encolheu os ombros.

Os outros índios encaminharam-se para leste, pelo vale, na direção do sol nascente, e desapareceram no arvoredos.

Mack montou o seu cavalo. O Rapaz do Peixe desamarrou um dos cavalos de reserva da corda que o prendia aos outros e montou-o. Partiu à frente. Peg pôs-se ao seu lado. Mack e Lizzie iam atrás.

— Achas que o Rapaz do Peixe nos vai guiar? — perguntou Mack a Lizzie.

— Parece que sim.

— Mas não pediu nada em troca.

— Pois não.

— O que será que ele quer?

Lizzie olhou para os dois jovens que cavalgavam lado a lado.

— Não adivinhas?

— Oh! — exclamou Mack. — Achas que se enamorou de Peg?

— Acho que quer passar mais algum tempo com ela.

— Ora essa... — Mack ficou pensativo.

Enquanto cavalgavam para oeste, seguindo o ribeiro, o sol nasceu por trás deles, projetando as suas sombras no chão à sua frente.

Era um vale amplo, para lá do monte mais alto mas ainda na serra. Corria por ele uma torrente veloz de água pura e fria, que borbulhava no seu leito, onde os peixes abundavam. As encostas tinham um denso arvoredos, exuberante de caça. Sobre o monte mais alto, ia e vinha um casal de águias-reais, a levar comida para o ninho, para alimentar as crias.

— Lembra-me a nossa terra — disse Lizzie.

— Então vamos chamar-lhe High Glen — respondeu Mack.

Descarregaram os cavalos na zona mais plana do fundo do vale, onde iam construir uma casa e desbravar um campo para lavoura. Acamparam num tufo de erva seca por baixo de uma árvore de larga copa.

Peg e o Rapaz do Peixe vasculhavam um saco à procura de uma serra, quando Peg encontrou a coleira de ferro partida. Tirou-a do saco e olhou-a intrigada. Observava as letras sem compreender: jamais aprendera a ler.

— Porque trouxeste isto? — perguntou.

Mack trocou um olhar com Lizzie. Ambos recordavam o momento em que, na margem do rio, na velha High Glen, na Escócia, Lizzie fizera a Mack a mesma pergunta.

Agora, Mack deu a Peg a mesma resposta, mas desta vez sem amargura na voz, só esperança:

— Para nunca me esquecer — respondeu sorrindo. — Nunca.

AGRADECIMENTOS

Pela ajuda inestimável que me foi prestada ao escrever este livro, agradeço às seguintes pessoas:

As minhas editoras, Suzanne Baboneau e Ann Patty;
Os investigadores Nicholas Courtney e Daniel Starer;
Os historiadores Anne Goldgar e Thad Tate;
Ramsey Dow e John Brown-Wright, da Longannet Colliery;
Lawrence Lambert, do Scottish Mining Museum;
Gordon e Dorothy Grant, da Glen Lyon;
Os deputados escoceses Gordon Brown e Martin O'Neill, e o falecido John Smith;
Ann Duncombe;
Colin Tett;
Barbara Follett, Emanuele Follett, Katya Follett e Kim Turner;
E, como sempre, Al Zuckerman.